D. M. RIET offerece á Digna
Associação Nacional de Agricultura
DOCUMENTO MICROFILMADO
Em 27-6-1918
Est. 6 - Gav.

O CAVALLO CRIOULO

PROBLEMA DA DEFESA NACIONAL

PORTO ALEGRE — 1918



EDITORES:
„LIVRARIA DO GLOBO"
BARCELLOS, BERTASO & C.
Suc. de L. P. Barcellos & C.
Alegre, S. Maria e Cruz Alta

OBRMMN
5120
L10
RIE
636.1
K563
BRG008155

AOS LEITORES

Publicamos este modesto folheto como merecida homenagem aos inestimaveis serviços prestados pelo nosso infatigavel cavallo crioulo.

Não somos litteratos; empregamos a singela linguagem da gente de campo.

Sem o necessario preparo para desenvolver o assumpto de que nos occupamos, offerecemos apenas a observação colhida na experiencia de meio seculo na vida pecuaria.

O único merito, que, acaso, possa conter este trabalho, é a collecção de opiniões, que julgamos autorisadas, proclamando a superioridade do cavallo crioulo, injustamente despresado pelos Poderes Públicos.

Ha mais de dois annos estamos colhendo as notas contidas neste folheto, nas quaes não existe verdadeira ordem chronologica, e em que, sendo commentadas separadamente, foi-nos difficil evitar repetições, para cuja falta contamos com a benevolencia dos leitores.

Em taes commentarios, no andar da defesa das nossas opiniões, com a rudeza peculiar aos gaúchos, quiçá tenhamos ultrapassado a linha das normas cavalheirescas, e, em tal caso, nos apressamos a declarar que não entrou no nosso proposito a intenção de roçar susceptibilidades.

Para iniciar o nosso folheto damos a seguir uma bella pagina da lavra do illustrado uruguayo, o Snr. Constancio C. Vigil, verdadeiro hymno ao cavallo crioulo, sob o titulo — Um heróe de quatro patas —, traduzido pelo nosso distincto patricio, o Snr. Dinarte Ribeiro.

O Autor.

RPm: 22195

A um heróe de quatro patas

Ninguem te entôa hymnos, nem te tributa louvores; ninguem pensa, quiçá, que te relacionas com a epopéa que se rememora.

Em tua silente humildade, crucificado no jaez plebeu, presenciarás a brilhante desfilada militar... preterido por vistosos adventicios, proscrito das fileiras, daquellas fileiras que honrastes com o teu heroismo incomparavel. Oh! ver passar assim todos os esquadrões, de todos repudiado, degradado sem merecel-o! Até o regimento de granadeiros a cavallo de São Lourenço!...

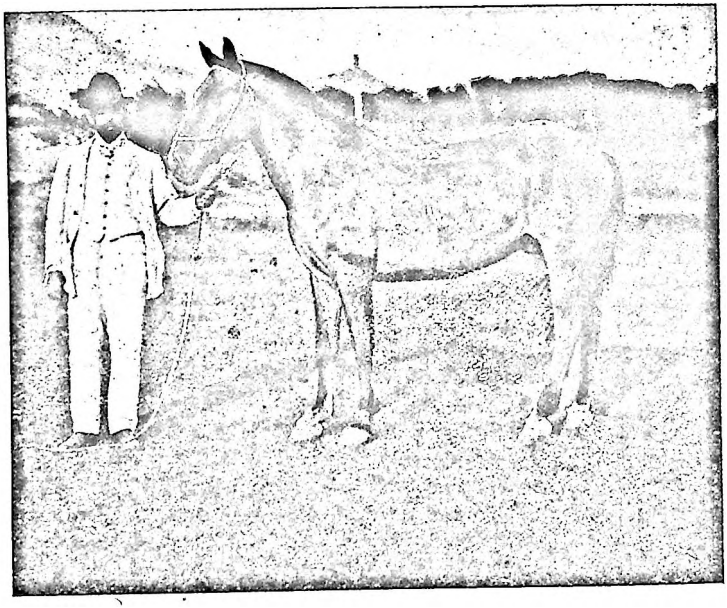
Tempo houve em que só tu te aventuravas com o homem no deserto; foste a carruagem, a deligencia, a carreta, o único vehiculo, o único meio de transporte. Teu casco lançou o baptismo ás planuras da America, ao sólo mysterioso de seus bosques, ás suas asperas cochilhas; tua crina foi o primeiro penacho da civilização eriçado pelo halito do pampeiro.

E's o vivo symbolo do ideal libertador na America, e por isto o Uruguay fez figurar a tua effigie em seu escudo.

Cruzaste aligero os campos para levar outro heróe armado aos campos de combate; tomaste parte nas cargas de sabre com o delirio do Charrúa; resistente á metralha, transpuzeste os rios, bosques, montanhas, através da Argentina, do Uruguay, do Paraguay, do Chile e do Perú,... levando desfraldada sobre a tua garupa a bandeira da America. Pelejaste — porque pelejavas bravamente — em Suipacha, em Las Piedras, em Ituzaingó, em Chacabuco, em Maipú... Arrastavas os canhões para que elles se fizessem ouvir em toda a parte em que perigava a causa da liberdade, e com carinhosa presteza conduzias os feridos longe... do perigo — com quanta bondade intelligente! com quanta celeridade! sem precisar de excitação, como si fosse teu irmão o ferido que sangrava.

Quantos mezes, quantos annos formaste nos exercitos patriotas! Quantas noites sem estrellas caminhastes em pról daquelle ideal luminoso, transformado hoje em realidade triumphante! E, nos momentos rapidos de descanço, teu alimento era o pasto, si pasto havia tapizando o acampamento; teu box era o campo aberto, sem outro abrigo além do sol, quando havia sol... Mordendo o freio em silencio, em numero infinito de noites velastes o somno do soldado.

Glorioso veterano! Soldado inerme! Tuas condecorações são as multiplas feridas que pela causa da independencia americana recebéste! Foste verdadeiramente um bravo! O



Creoulo — 1,m54
Propriedade do Capitão Raul Soveral, de S. Maria

estrepito de teus cascos na veloz carreira semelhava o espocar das balas e o rufo do tambor; teu sangue corria mesclado ao sangue dos libertadores; o resfolegar leonino de tuas narinas empanava o brilho das bayonetas imperiaes; teu nitrido marcial vigorizava o coração dos patriotas e saudava cada victoria.

És tão formoso quanto bravo com tua estructura symetrica, tua anca arredondada, teu pescoço erguido, firmado sobre o largo peito, tua cabeça soberba e esses olhos brilhantes como o olhar da mulher. E quão bizarro no galope gaúcho, vôo distendido de condôr, também substituido actualmente no exercito por esse salto germanico indigno dos filhos dos centauros!

Nobre corcel crioulo! Tua resistencia é incomparavel, tua identificação com o gaúcho, tua actuação decisiva na independencia, tuas qualidades valiosas justificarão tua selecção. Quanto vales mais que esses cavallos actuaes que tremem sem as suas mantas acolchoadas e se resfriam com o ar da noite!

Nem ao menos haverá um artista que eternise o teu abandono até o olvido, bem como o do teu ginete gaúcho, que comtigo desapparece?

Ah! Comprehendes as minhas caricias... Quem sabe si não comprehendes tambem as minhas lagrimas...

Salta, corre pelos vales e serras, até te confundires com a poeira do deserto... Ah! A escravidão não foi feita para ti, nem para mim... Upa! Corre! vamos! leva-me comtigo!

Constancio C. Vigil.

Ao Senhor Coronel Delfino M. Riet

Muito digno Vice-Presidente da União dos Criadores

Li com a attenção que merece o vosso inestimavel trabalho sobre os meritos do cavallo crioulo americano; e peço venia ao seu distincto autor para deixar aqui exarada a excellente impressão que me produziu o seu bom e util livrinho, destinado, com exito manifesto, a exalçar as incomparaveis qualidades do cavallo crioulo americano e a derribar de seu pedestal o velho prejuizo d'aquelles cuja myopia deprime systematicamente a excellencia dos productos nacionaes para affirmar que os extrangeiros são sempre melhores.

Filho de estancieiro em grande escala na República do Uruguay; criado, posso assim dizer, no lombo do cavallo desde pequenino, e conhecendo a fundo todo o serviço das grandes estancias, por tel-o praticado durante muitos annos, julgo opportuno addicionar ao vosso bello trabalho a razão mais plausivel e mais convincente que, a meu vêr, milita em favôr da preferencia que deve ter o cavallo crioulo a qualquer raça européa importada, e em favôr do seu melhoramento constante, por uma selecção intelligente, operada na mesma raça crioula, ou ainda pelo seu cruzamento com a arabe, que infiltrará sem dúvida bôas qualidades no sangue da raça que actualmente podemos chamar americana.

As especies animaes não são fixas ou immutaveis em seus caracteres distinctivos; ellas alteram-se constantemente; umas, para melhorar, e outras, para degenerar, conforme as condições de vida lhes fôrem favoraveis ou desfavoraveis na região que ellas habitam; e esse phenomeno dá-se como se a propria natureza escolhesse os individuos mais aptos e mais apropriados ás condições climatericas locaes para se reproduzirem e perpetuarem a raça.

Todo o estancieiro sabe que o cavallo criado em uma região secca, áspera e pedregosa fica com os cascos duros e tão resistentes que chega a dispensar a ferradura; ao passo que,

se os irmãos desse mesmo cavallo fôrem criados em um terreno baixo, molle e sem pedras, os seus cascos ficam sempre molles; e, sem ferraduras, elles não pódem supportar os terrenos pedregosos, ficando logo estropiados e impossibilitados de prestarem o minimo serviço. Citamos este facto como exemplo de adaptação ás condições especiaes do terreno; e só isso basta para que o leitor veja que muitas outras condições especiaes do terreno e do ambiente em geral, que escapam commummente á nossa observação superficial, produzem outras tantas modificações, que escapam igualmente á observação superficial, por serem quasi imperceptiveis; mas, que se accumulam pouco a pouco, através de muitas gerações consecutivas, e que chegam a constituir as differenças caracteristicas das variedades, das raças e, finalmente, até mesmo das especies, com o perpassar dos milhares de seculos.

Os individuos que se adaptam mais facilmente ao meio ambiente são os eleitos; elles sobrevivem, se reproduzem e perpetuam a raça com as novas modificações ou caracteres adquiridos, que, sob a influencia constante do meio, se vão accentuando cada vez mais.

Os individuos menos aptos ou refractarios ás exigencias do meio-ambiente, não resistem ás variações, ás vicissitudes, ao rigôr d'esse meio, e são pouco a pouco destruidos sem deixarem descendencia.

Ha, por assim dizer, uma verdadeira escolha por parte da natureza, que prefere os que mais facilmente se amoldam ou aceitam as condições locaes; e d'esse facto veio o termo — selecção —, que fizeram derivar da palavra latina — *selectio, selectionis,* que significa escolha.

A selecção póde ser natural ou artificial.

E' natural quando é feita pela natureza; isto é: Quando na luta pela vida só se reproduzem e se perpetuam, em uma especie animal qualquer, os individuos que resistem melhor e se adaptam mais facilmente ás intemperies, ás variações climatericas, ao rigôr do tempo, ás condições locaes da alimentação, das pastagens, ou, finalmente, ao ambiente, ao meio, á influencia mesologica, que é o termo que exprime todo esse conjuncto de condições locaes em que vive uma especie animal, qualquer que ella seja.

A selecção é artificial quando é feita pelo homem; que, escolhendo, para se reproduzirem, sómente os individuos que possuem em mais alto grão as qualidades que elle quer desen-

volver e aperfeiçoar, consegue formar, depois de um certo número de gerações e em lapso de tempo relativamente curto, verdadeiras raças, que se vão especialisando e differençando cada vez mais dos individuos que lhes serviram de ponto de partida.

Foi assim que pacientemente os inglezes conseguiram obter o seu puro-sangue de corrida; que os francezes obtiveram o seu normando de tracção; que o celebre naturalista Darwin obteve as diversas variedades de pombas, que tanto celebrisaram os seus trabalhos; e pelo mesmo processo foram conseguidas as raças actualmente apuradas de lanigeros, de caprinos, de suinos, de caninos, etc., etc.

O processo da selecção natural é muito lento; demanda longos periodos de tempo para que se possa manifestar uma pequenina e insignificante alteração nos caracteres distinctivos de uma raça animal qualquer; mas, em compensação, as alterações ou modificações adquiridas pelos individuos em virtude da adaptação ao meio, e, portanto, em virtude da selecção natural, são muito mais firmes, mais constantes e mais resistentes á acção ou á influencia de um outro meio qualquer. Ellas resistem por muito mais tempo á acção dos agentes modificadores.

Devemos, porém, lembrar que apresentam-se raras vezes algumas excepções a essa regra, quanto ao espaço de tempo exigido para uma variação notavel. No decurso de uma só geração apparecem ás vezes variações consideraveis só em alguns individuos de uma mesma descendencia; e essas variações perpetuam-se ás vezes pela reproducção; mas, esses casos são excepcionaes, e as excepções não constituem regra.

Como dissemos pouco acima, o processo da selecção natural é muito lento e exige periodos de tempo muito longos para que se possa produzir uma modificação insignificante nos individuos; mas, mesmo assim, qualquer variação se torna apreciavel se um grupo de individuos da mesma especie mudar de habitaculo para outra região, para outro meio muito differente.

Se fôr, por exemplo, do continente para uma ilha longinqua ou de uma ilha para o continente, notar-se-ha que desde a primeira geração os individuos começam a apresentar certas modificações physicas ou morphologicas, que, se bem que insignificantes a principio, já os distinguem ou differenciam dos contemporaneos ou dos irmãos que elles deixaram no primeiro habitaculo.

Um naturalista allemão, referindo-se ás modificações rapidas de um grupo de animaes levados do continente para uma ilha, attribuiu essas modificações á segregação, ao isolamento em que ficou esse grupo de animaes, separados dos seus companheiros e levados para a ilha; e, com essa idéa fixa, julgou ter descoberto um novo processo de formação das especies animaes, e publicou um opusculo intitulado — A formação das especies pela segregação —. Mas, convém notar que as modificações dos referidos individuos foram produzidas pela mudança do meio-ambiente, pois que as condições climatericas da ilha eram muito diversas das do continente, e não pela sua segregação ou pelo facto de se terem isolado dos seus companheiros do continente.

Esboçadas essas rapidas noções sobre o processo da selecção, de que se servem a natureza e o homem, para a formação das variedades, das raças e até mesmo das especies animaes, (pela accumulação das variações que se produzem através de immensos periodos de milhares de seculos), inclusive o pretencioso vertebrado, o vaidoso mammifero que constitue a especie humana, passemos a fazer applicação dessas noções ao nosso cavallo crioulo:

O cavallo crioulo ou cavallo americano, póde-se dizer sem medo de errar, é o resultado, é a consequencia, é o producto do meio-ambiente, do conjuncto mesologico americano; o que equivale a dizer que elle é uma creação do clima, do rigôr das intemperies, do demasiado serviço que delle se tem exigido e até mesmo das alternativas de abundancia e de carestia de alimentação.

Os climas sul-americanos, longe de serem depauperantes, são, ao contrario, fortificantes e regeneradores; e o cavallo hespanhol, mórmente o andaluz, que para cá foi importado na época da conquista, ha 4 seculos, longe estava de possuir as variadas energias do actual cavallo americano; mas, submettido por tanto tempo ás exigencias locaes do ambiente americano, que d'entre todos foi escolhendo ou seleccionando os mais aptos, os que mais facilmente se afaziam ás exigencias locaes e especiaes do novo habitaculo, foi adaptando-se pouco a pouco ao conjuncto de condições que constituem o meio americano, e actualmente podemos affirmar que elle é o producto desse meio, que elle é filho desse conjuncto de condições especiaes; e, como tal, nenhum outro se lhe avantaja em folego, em resistencia, em sobriedade, em brio, em docilidade, em intelligencia

e no bom e facil governo, que os nossos gaúchos qualificam de — *bôa rédea*.

Qualquer outra raça cavallar européa, que para cá seja importada, não poderá competir com o nosso cavallo crioulo em serviço algum, a não ser o cavallo inglez de corrida e o normando de tracção; porque em todo e qualquer outro serviço o nosso cavallo crioulo lhes é sobejamente superior; mas tanto o inglez como o normando constituem especialisações que só se puderam obter depois de uma selecção prolongada e paciente de alguns seculos.

Em resumo: tanto o inglez como o normando só servem para a especialidade de serviço para o qual foram criados; e para nada mais elles prestam; ao passo que o nosso cavallo crioulo presta-se perfeitamente a todo e qualquer genero de serviço que delle se possa exigir.

Accresce ainda outra circumstancia que poucos dos nossos criadores conhecem: E' que todo o cavallo importado degenera rapidamente, uma vez que não seja tratado em estabulo, e que seja solto ao campo, como os cavallos crioulos; e esta circumstancia concorre ainda mais para tornal-o inferior ao cavallo crioulo, que já está perfeitamente aclimatado e adaptado ao meio americano; ao passo que o cavallo importado, não estando ainda afeito ao novo clima, soffre com essa mudança e vae perdendo pouco a pouco algumas das suas bôas qualidades; o que equivale a dizer que elle degenera.

Nem todos os nossos criadores conhecem estas circumstancias, e d'ahi vem que se admiram de que os animaes importados degenerem pouco a pouco nos nossos campos, até que no fim de algumas gerações o producto do cruzamento se assemelha mais ao nosso crioulo do que ao importado; mas isso, só physicamente, porque em resistencia, docilidade, brio, sobriedade e aptidão, o mestiço é muito inferior ao cavallo crioulo; e isso, pelos motivos que acima expuzemos; isto é:

1.º — pela degeneração devido á mudança de clima, de meio-ambiente;

2.º — porque o cavallo importado, exceptuando a sua especialisação, é inferior ao nosso em tudo mais.

3.º — Ha ainda um outro factor de degeneração das raças importadas e que é preciso levar em conta. Os animaes importados são sempre em numero diminutissimo em relação aos crioulos existentes na mesma localidade, e essa circumstancia influe poderosamente para a degeneração da raça importada, porque,

vivendo a campo, os cruzamentos dos productos já cruzados ou mestiços são muito mais numerosos com os individuos crioulos do que com os finos, que são em muito menor número, e essa circumstancia faz com que vá predominando pouco a pouco o sangue crioulo, e as descendencias successivas se vão assemelhando cada vez mais ao typo crioulo; fazendo-as perder, pouco a pouco o porte e as demais qualidades que herdaram do cavallo importado e fazendo-as voltar no fim de algumas gerações ao typo primitivo do cavallo crioulo.

Essa circumstancia, como se vê, vae fazendo degenerar o producto dos cruzamentos successivos. Diz-se então que a raça mais numerosa e mais bem adaptada ao meio-ambiente absorve a outra, muito menos numerosa e menos apta para reproduzir-se e perpetuar-se com as qualidades que trouxe. Este phenomeno nota-se mesmo com as raças humanas e constitúe um dos capitulos mais bem estudados da anthropologia.

Esse phenomeno de degeneração a que acabamos de referir-nos é tão conhecido dos centros expeditores de animaes finos para a America do Sul, que elles recommendam sempre aos compradores que tratem os animaes a estabulo, para não morrerem, dizem elles; mas o verdadeiro motivo é que o animal fino importado, sendo solto ao campo, perde não só a corpulencia como a belleza physica que adquiriu nos estabulos europeus á custa de trato e de socego. Todo o mundo sabe que o animal que caminha muito engorda pouco; e além d'isso o animal não póde encontrar no campo as forragens succulentas e nutritivas que elle receberia no estabulo.

Eis ahi a melhor razão ou o melhor argumento que se poderia invocar para comprovar a superioridade do cavallo crioulo sobre qualquer raça importada. Elle já está completamente aclimatado, adaptado ao meio, e tem todas as energias que d'elle possamos exigir; ao passo que outra raça qualquer só vem aqui degenerar e fazer degenerar pelo cruzamento o nosso cavallo crioulo, que é fortissimo e que só póde melhorar por uma selecção intelligente e constante ou pelo cruzamento com outra raça mais apropriada ao meio americano, como seja a raça arabe, da qual já descendia o cavallo hespanhol que para cá foi importado na época da conquista e que, depois de uma adaptação de 4 seculos ao ambiente americano, produziu a raça crioula actual, que é o nosso puro-sangue americano.

O nosso valente cavallo crioulo só não apresenta bonita figura, porque é sobrecarregado de serviço; nunca descança e

é muito mal tratado, a ponto de passar fome, porque não lhe dão tempo para comer; além d'isso nunca houve quem se lembrasse de melhorar a raça crioula pela selecção, que ainda não era conhecida, e de perpetual-a nos seus typos bellissimos e excepcionaes, como tantas e tantas vêzes vimos nas estancias.

A nossa raça crioula está muito desfructada, como costumam dizer os nossos patricios camponezes; pois, quando tem um bonito reproductor, castram-no, para domal-o, e impedem assim que elle se reproduza; de modo que só ficam os feios para perpetuarem a raça; e isso fal-a degenerar constantemente, como estamos vendo; mas criem-se centros de producção, com reproductores bons e escolhidos sómente na raça crioula, e verão como o nosso cavallo américano não terá competidor, nem mesmo para o serviço de guerra.

Na Europa não se costuma castrar o animal para amansal-o; e desse modo elle póde reproduzir-se durante todo o tempo em que estiver prestando os seus bons serviços; ao passo que castrado, não acontece o mesmo.

Qualquer que seja a raça importada, ella está sujeita ás vicissitudes do meio-ambiente, como acabamos de vêr, e tem que degenerar forçosamente. E se a raça importada já é inferior á crioula, sob muitos pontos de vista, é clarissimo que o cruzamento do cavallo importado, que só tem uma especialisação de serviço, com o nosso resistente cavallo crioulo, que em tudo mais é superior áquelle, só póde dar um producto inferior ao nosso cavallo indigena, como tem sido sobejamente comprovado em toda parte; e, portanto, esse cruzamento só vem fazer degenerar o nosso valente, sóbrio e brioso cavallo americano.

O cavallo indigena já está afeito ás vicissitudes do clima e, portanto, já adquiriu as energias capazes de resistir impunemente ás variações bruscas do seu clima, ao rigôr das intemperies, ás enfermidades endemicas, etc.; e isso tudo constitúe uma superioridade incontestavel sobre o cavallo importado, que, fóra dos seus elementos e do meio-ambiente em que foi criado e educado, acha-se assim deslocado completamente e incapaz de resistir efficazmente ás vicissitudes do novo meio para o qual o trouxeram e ao esforço que d'elle se possa exigir; e, por conseguinte, é incontestavel que esse animal importado acha-se assim em condições de inferioridade ao lado do cavallo crioulo, que tem, além de tudo mais, o privilegio de ser refractario ou de achar-se immunisado contra as pestes e enfermi-

dades endemicas da região em que vive; o que não acontece ao cavallo importado, que não resiste nem ao contagio, nem aos effeitos destruidores de taes enfermidades.

4.º — A selecção natural ou adaptação ao meio-ambiente traz ainda outra vantagem de grande importancia, que apresenta o cavallo indigena sobre o cavallo fino importado: E' que as excellentes qualidades physicas e moraes do cavallo americano, sendo o resultado de uma prolongada adaptação de 4 seculos, (desde os tempos da conquista hespanhola e portugueza), são qualidades firmes, bem caracterisadas e que perduram inalteraveis por muito tempo; e isto, pela simples razão de que as propriedades ou modificações adquiridas por uma longa e vagarosa adaptação ao meio, e, portanto, pela prolongada acção do tempo, são muito mais firmes, mais duradouras e muito mais resistentes á qualquer acção modificadora, ao passo que as modificações obtidas em pouco tempo pela selecção artificial, e, portanto, pela acção do homem, longe de apresentarem o mesmo cunho de firmeza das obtidas pela acção do tempo, ou por um prolongado processo de adaptação, são, ao contrario, de muito pouca firmeza e alteram-se muito facilmente a uma simples mudança do meio-ambiente.

Como se vê, as modificações physicas e moraes obtidas pela selecção artificial são facilmente alteraveis e não apresentam o mesmo cunho de firmeza e de persistencia das modificações produzidas pela prolongada acção do tempo e do meio, que constitúe a selecção natural e que se opera por uma adaptação lenta, pouco sensivel, mas firme, prolongada e constante, ao meio-ambiente.

Esta circumstancia se exprime mais facilmente dizendo que as modificações obtidas pela selecção natural levam tanto tempo para alterar-se quanto levaram para se produzirem; e, do mesmo modo se diz das modificações obtidas pela selecção artificial, que ellas se alteram com a mesma rapidez e facilidade com que foram obtidas.

Recapitulando agóra resumidamente o que temos exposto, e que é o resultado dos conhecimentos que temos das leis que regulam o processo da selecção natural e artificial, vê-se que, ao passo que o cavallo crioulo tem uma adaptação de 4 seculos ao meio-ambiente americano, e é, portanto, dotado vantajosamente de todas as energias que delle possamos exigir, o cavallo puro-sangue europeu apresenta a grande desvantagem de ser um producto, uma criação artificial, cujas propriedades, não

tendo a firmeza, nem a constancia das do cavallo crioulo, pódem alterar-se ou degenerar rapidamente; além de que, tendo mudado de clima, de meio-ambiente, e ficando, portanto, deslocado e fóra do meio em que foi criado, esta ultima circumstancia contribúe ainda mais para que o cavallo importado, tendo de concorrer com o nosso cavallo crioulo, fique em um plano muito secundario, com excepção única da especialisação particular para a qual elle foi criado e aperfeiçoado.

Assim, por exemplo: O nosso parelheiro crioulo ainda não póde concorrer com o cavallo inglez de corrida, porque, o nosso criador, atrasado e rotineiro, como o é na sua grande generalidade, ainda não soube aperfeiçoal-o n'essa especialidade, por meio de uma selecção intelligente e adequada. Do mesmo modo, o cavallo crioulo de tracção não póde concorrer com o normando, porque ainda não foi especialisado para esse mister. Entre nós, quando é preciso puchar alguma cousa, qualquer cavallo serve; é o primeiro que se agarrar. Por isso, exceptuando-se essas poucas adaptações ou especialisações do puro-sangue inglez de corrida, do normando de tracção e uma ou outra mais, o nosso cavallo crioulo é muito superior a tudo quanto é-puro-sangue. estrangeiro que vem para a America; porque, se aquelle é puro-sangue inglez, normando ou outra variedade qualquer, o nosso cavallo crioulo é muito bom puro-sangue americano; porque puro-sangue quer dizer sem mistura, sem cruzamento; e o nosso cavallo crioulo americano não tem mistura, nem cruzamento com outra raça qualquer; e além d'isso, a superioridade das suas variadas e excepcionaes energias sobre os cavallos importados é tão notoria, é tão patente, que, se elle fôr intelligentemente cuidado e seleccionado para os diversos e multiplos misteres que d'elle exigimos diariamente, é indubitavel que nós não precisariamos importar nem o puro-sangue inglez de corrida, nem o normando de tracção; porque o nosso cavallo crioulo, mesmo maltratado, sobrecarregado de serviço e ralado de fome, já desempenha satisfactoriamente todos esses misteres, mesmo sem haver sido cuidado, nem especialisado de modo algum; e se elle é geralmente feio e sem fórmas attrahentes, é porque a deshumanidade dos seus proprietarios, em geral, e dos seus empregados, ignorantes na sua totalidade, o abarrota de serviço e de máos tratos e não lhe dá siquer o tempo necessario para alimentar-se sufficientemente; mas até mesmo essa circumstancia é um argumento que testemunha em favôr do nosso valente cavallo crioulo; pois, se o seu

dono o sobrecarrega de serviço, é porque sabe de antemão e tem a prova de que elle aguentará todo o esforço que d'elle exigir.

Quanto ao cavallo de tracção, devemos dizer que na America não precisamos especialisar o cavallo para esse mister: pois, já temos a mula, que lhe é muito superior, não só por ser mais resistente como por ser muito mais dextra, mais leve e, portanto, muito mais rapida na sua movimentação, mais economica no seu custo e muito mais ainda na sua manutenção.

Na guerra actual os exercitos belligerantes estão empregando a mulla em grande escala, com extraordinaria vantagem sobre os cavallos de tracção, e especialmente nos carrinhos que distribuem munição de guerra ás forças em combate; pois, como já dissemos, a mula, além do pequeno alvo que offerece aos projectís inimigos, é muito mais rapida e activa na sua movimentação.

Além de todas essas vantagens a mula é de uma firmeza e segurança de cascos como nenhum outro animal. N'um precipicio, por onde qualquer outro animal se recusaria a passar e cahiria infallivelmente, a mula passa com uma presença de espirito e uma serenidade admiraveis.

Quanto ao cavallo de guerra, seria mais consentaneo e mais criterioso que não macaqueassemos os europeus, adoptando cavallos muito altos e muito corpulentos, só porque são mais vistosos e mais imponentes; e a razão d'isso elles proprios a tem patenteado por diversas vêzes nas suas guerras e expedições militares, em que o nosso humilde e despresado cavallo americano tem-se mostrado em tudo superior aos seus proprios cavallos de guerra.

A questão de tamanho e altura no cavallo de guerra só tem um valôr esthetico; é só bonito, e nada mais.

Realmente é imponente um esquadrão montado em cavallos altos, corpulentos, parelhos e luzidíos; mas isso só tem a propriedade de agradar a vista em tempo de paz e dentro de uma cidade. Em campanha, na guerra, em combate, isso que agrada a vista em tempo de paz é até prejudicial ao bom exito de uma acção. Em um choque, em uma carga de cavallaria, o cavallo mais dextro, mais agil e mais leve apresenta sempre grande vantagem sobre o cavallo alto, corpulento, pesadão e tardío nos seus movimentos e resoluções, que exigem certa promptidão.

Devemos mesmo dizer que o cavallo grande é duplamente prejudicial na guerra:

1.º — porque, quanto maior fôr a montaria do soldado, mais alvo offerece ás balas inimigas; e esta circumstancia não é para desprezar; pois, é sabido que, nos combates em que entram mulas e cavallos, quasi sómente estes são attingidos pelos projectís inimigos; e a razão d'isso é a pequenez da mula; 2.º — porque os cavallos muito altos e muito corpulentos não têm agilidade, nem promptidão nos seus movimentos; ao passo que o nosso pequeno cavallo crioulo é maravilhosamente dextro; e todos sabem que, nas multiplas peripecias de um combate, o soldado que monta um cavallo pequeno, ligeiro e dextro, tem 80 probabilidades de victoria sobre o que monta um cavallo corpulento e pesadão, que, como já dissemos, não póde ter a promptidão de movimentos, nem a destreza necessaria em taes circumstancias; 3.º — o soldado que cahe ferido ou mesmo são de um cavallo muito alto tem muito mais probabilidade de quebrar os ossos ou a cabeça do que o que cahe do nosso pequeno cavallo crioulo; accrescendo ainda que, se o cavallo corpulento cahe em uma corrida qualquer, e se o soldado tem a infelicidade de ficar por baixo d'elle, fica de ossos quebrados, se não morrer esmagado; ao passo que dos nossos cavallos crioulos o autor destas linhas cahiu muitas vêzes, e anda aqui são como um pero. Quem trabalha em estancia sabe perfeitamente do que aqui digo.

Além de todas essas razões que militam em favôr do nosso bom e fiel companheiro de trabalhos, perguntamos ainda: Qual é o cavallo importado ou mestiço capaz de fazer n'um rodeio as proezas maravilhosas do cavallo crioulo das nossas estancias?

Qual é o puro-sangue ou mestiço que ao minimo serrar de pernas e de um arranco repentino se une ao costado, ás costellas de um touro bravio, que se quer apartar de um rodeio, e que sabe livrar-se das suas aguçadas pontas, sentando bruscamente para traz, quando o touro faz menção de querer passar-lhe repentinamente pela retaguarda?

Qual é o cavallo importado que comprehende tão rapidamente as intenções do seu ginete em um serviço de aparte, em rodeio de gado chucro, e que no costado de uma rez dextra e ligeira executa todos os movimentos rapidos ao minimo signal de rédeas, ao minimo signal de pernas do seu ginete?

Qual é o puro-sangue ou mestiço capaz de percorrer 18 leguas em 12 horas consecutivas sem cançar? e começando apenas a ficar menos voluntario no fim d'essa jornada, como fez o autor destas linhas, de Sant'Anna para o Quarahy, e acompanhado de dous filhos?

Qual é o cavallo importado que, cançado de uma longa jornada, basta soltal-o para que elle se rebolque e paste um pouco, e que 2 horas depois póde continuar a viagem, bom, fresco e voluntario como á principio?

Finalmente, as provas cabaes e convincentes da indiscutivel superioridade do cavallo americano, sobre o cavallo europeu importado, a tem dado os proprios exercitos europeus, que já preferem, sem reserva, o nosso cavallo crioulo e que por varias vezes já o tem empregado nas suas guerras e expedições militares, com absoluta e real vantagem sobre os proprios cavallos europeus que elles especialisaram para esse mister.

Portanto, caros patricios, não desprezeis o nosso brioso e valente cavallo crioulo. Cuidai-o, tratai de melhoral-o por uma selecção intelligente ou pelo cruzamento com o cavallo arabe, do qual elle já descende, poisque o cavallo hespanhol provinha do arabe, e vereis que lindos e vistosos cavallos obtereis, sem fazel-os degenerar pela infiltração de um sangue inferior no seu organismo e sem a desgraciosa anca de vacca que caracterisa em geral o cavallo europeu.

Para terminar permittam-me os leitores que eu diga ainda duas palavras sobre os que imitam a todo transe e adoptam cegamente e sem criterio o que nos vem do estrangeiro, despresando systematicamente o que temos em casa, mesmo sendo muito superior ao estrangeiro; o que tem dado motivo a que os nossos visinhos argentinos nos appellidem de macaquitos.

A imitação é um dos meios praticos de progresso. Uma nação progride muito mais rapidamente imitando as mais adeantadas. Um homem atrasado progride imitando outro mais adeantado; mas essa imitação tem um limite além do qual não se deve passar; só se deve imitar o que é comprovadamente util e bom. Além deste limite cahe-se no ridiculo e, em lugar de progredir, se retrocede. E é justamente esse abuso desordenado que por ahi se nota em grande escala, principalmente nas pessôas pouco letradas. Aqui imita-se tudo; imita-se o bom e o máo, o util e o prejudicial, o ridiculo e o grotesco; mas tudo isso, sem o minimo exame, sem o minimo criterio, na supposição erronea e atrasada de que só é bom o que nos

vem do estrangeiro. E é doloroso dizer-se que essa macaqueação imbecil e ridicula nos colloca n'um plano inferior, quasi ao nivel das tribus de botocudos, e faz de nós uns verdadeiros *tupinambás de casaca.*

Foi essa macaqueação grotesca que nos fez despresar o nosso excellente cavallo crioulo, o nosso puro-sangue americano, comprovadamente resistente, sóbrio, docil e intelligente, pelo cavallo europeu, que, com excepção de uma ou outra especialisação, muito lhe falta para equiparar-se ao cavallo americano; além de custar-nos os cabellos da cabeça, o que absolutamente elle não vale.

Foi ainda essa deprimente macaqueação que originou a corrente de não pequenos capitaes brazileiros para a Europa, em troca dos frageis productos artificiaes que de lá nos impingem com o pomposo rótulo de puro-sangue e que só vieram fazer degenerar o nosso puro-sangue americano, pela infiltração de um sangue fraco, sem energia e que só dá um aspecto bonito e um pello luzidio emquanto o puro-sangue europeu está commodamente installado no seu estabulo, comendo fartamente as mais succulentas forragens e sem prestar serviço algum a quem o pagou pelo que elle não vale.

Em resumo: Podemos dizer, sem medo de commetter grande erro, que o puro-sangue europeu, com excepção do cavallo inglez de corrida, não bebe champagne, como disse jocosamente um certo autor, mas traja casaca de flanella á européa e é simplesmente um objecto de luxo, só destinado a lisongear a vaidade do seu dono; que, em lugar de dar-lhe algum serviço, mesmo pouco, não faz mais que exhibil-o publicamente, para que o vulgo, estupefacto e boquiaberto, veja e admire que elle não é tão pouca cousa, pois que possúe aquella joia que não vale o que custou.

Porto Alegre, 19 de Fevereiro de 1918.

Major *Jeronymo Teixeira França.*

O cavallo de guerra

O cavallo destinado a remonta do exercito nos differentes paizes não depende de tal ou qual raça, sendo em todos os casos utilisado aquelle que melhores condições offerece para esse fim. São condições indispensaveis a resistencia, velocidade e sobriedade; perfeita adaptação ao meio; agilidade nos movimentos rapidos de ambos os lados ou seja bôa rédea; mansidão, bom commodo, etc.

São estas justamente as condições também para o cavallo que utilizamos nos nossos serviços de campo, na vida pecuaria, em que nos criamos e temos vivido. Talvez com a vaidosa pretenção de contribuir com o nosso modesto concurso em pról do melhoramento do cavallo crioulo, publicamos estas humildes paginas que, embora despidas de mérito, testemunharão nossa bôa vontade em pról da defesa nacional.

Não temos regimentos de couraceiros e já se foram os tempos dos cavalleiros andantes que, usando pesadas armaduras, tinham difficuldade no manejo das armas, utilisando o poder da inercia dos seus ginetes na investida contra o inimigo.

Vejamos quaes os cavallos empregados nos exercitos europeus, os quaes se pretende imitar.

O Sul da Inglaterra, o Norte da França e os Paizes Baixos foram o berço do cavallo de elevada estatura nos tempos primitivos. Por mais que a civilisação fizesse differentes cruzamentos, sendo o ambiente favoravel a corpulencia da especie, não é de admirar que nos exercitos desses paizes se adoptem elevadas alturas para as remontas; tanto mais que taes alturas são as médias dos cavallos alli existentes.

Aqui, porém, que dispomos do nosso cavallo crioulo, com uma média de 1m,40, porque exigiremos para remonta a altura minima de 1m,48?

Não sabemos, francamente, qual a razão desta exigencia, a não ser o espirito de imitação: Ignoramos o que possa fazer um individuo em cavallo de 1m,50, que não o faça igualmente outro, num de 1m,40; e ainda mais, nos nossos serviços de apartes e refugos notamos nos últimos mais agilidade e mais prestesa; o que, aliás, é difficil obter-se nos cavallos altos.

Temos felizmente adaptado ao ambiente o nosso cavallo, que, a despeito do estrangeirismo, possúe as condições inherentes ao serviço do exercito.

Além dos arabes e puro-sangue de corrida, consta-nos que em Saycan empregam-se garanhões Normandos e Bolonhezes, para producção de cavallos de tracção. Vejamos, em rapido exame sobre as raças, o provavel resultado do cruzamento com as eguas crioulas.

RAÇA ARABE

Todos os hippologistas estão de accôrdo em affirmar que esta é a raça ideal do cavallo, na harmonia das fórmas, elegancia, resistencia, sobriedade, mansidão, velocidade e suavidade no commodo, no tranco, trote e galope; e que é a raça por excellencia capaz de regenerar e melhorar qualquer outra da mesma especie.

Taes affirmações justificam plenamente o emprego de garanhões dessa raça na criação de Saycan, cujo resultado será sem dúvida favoravel e proveitoso para a nossa criação equina.

O PURO-SANGUE DE CORRIDA

O notavel esforço dos inglezes através de dois seculos e com perseverante intelligencia conseguiu imprimir caracteres proprios aos productos de um cruzamento methodico das raças grandes com a Arabe; productos esses representados pelo cavallo de corrida, com potencia hereditaria, constituindo hoje uma raça.

O cavallo de corrida é uma machina de velocidade; alto, pescoço comprido, delgado de corpo, extremidades finas e com-

pridas, esqueleto fino e delicado, um tanto baixo de cruzes, defeito que se tem tratado ultimamente de corrigir; exigente para as forragens e abrigo; em geral de máo commodo; tróte e galope asperos; um animal irascivel, de difficil ensino e longe de possuir a intelligencia do nosso cavallo crioulo.

Pela debilidade de seus membros e apesar do assiduo cuidado dos seus possuidores, é raro que o cavallo de corrida possa chegar aos seis annos sem que lhe resulte algum defeito, como por exemplo: frouxidão da espinha ou das cadeiras, ovas, exostoses, etc.; e tanto assim, que, pelos regulamentos dos prados, não são admittidos para corridas desde que tenham mais de oito annos.

Para utilisar o cruzamento deste cavallo, afim de obter altura nos nossos crioulos, corre-se o perigo de transmittir aos productos algumas das condições desfavoraveis; sobretudo a falta de rusticidade, que é a principal condição para o cavallo no exercito.

O CAVALLO CRIOULO

O cavallo ibérico, que deu origem ao nosso cavallo crioulo, é attribuido á raças descendentes da Arabe ou de suas variedades, se bem seja isso contestado por alguns autores, que affirmam existir cruzamento de raças saxonias; porém o caso é que hoje mesmo o nosso cavallo apresenta, em suas fórmas e condições, muita semelhança com os representantes da nobre raça Arabe.

Fosse qual fosse a origem do nosso cavallo, a realidade é que o longo espaço de quatro séculos dotou-o de caracteres proprios, adaptando-o perfeitamente ao nosso meio, e realisando com vigoroso esforço o serviço que delle exigimos tanto na paz como na guerra.

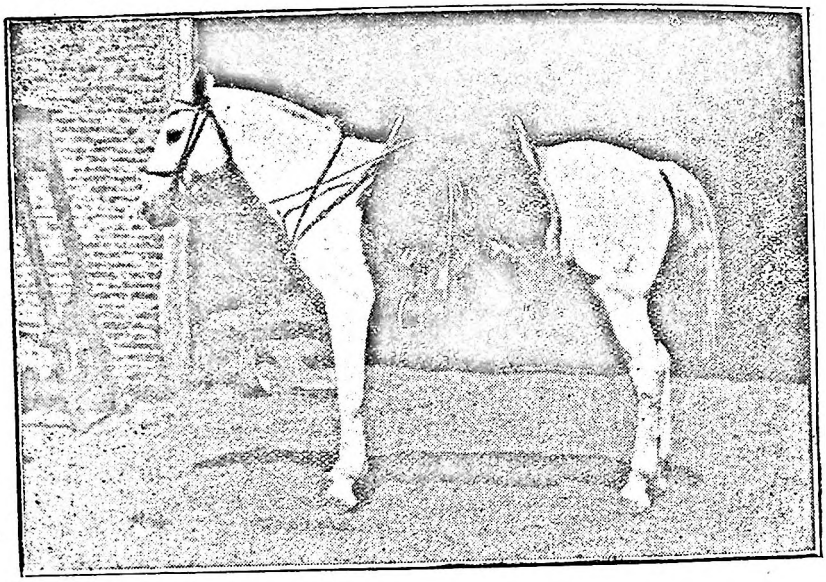
Foi sobre os resistentes cavallos crioulos que os gloriosos bandeirantes, transpondo enormes difficuldades por caminhos escabrosos, vieram de S. Paulo á colonia do Sacramento.

E poderiam os bandeirantes fazer esse percurso em productos do puro sangue de corrida? apesar da sua boa altura?

Opinamos que não.

Enfadonho seria recordar a imponderavel resistencia do cavallo crioulo nas multiplas lutas que tivemos na epocha colonial; os exemplos fornecidos pelas campanhas do Prata, na

luta pela independencia, em que varias vêzes os exercitos transpuzeram os Andes; a nossa prolongada guerra dos farrapos e ultimamente a campanha de Gomercindo, da fronteira do Uruguay até o Paraná, e o seu regresso, cujo trajecto não fariam



Creoulo – 1, 48
Propriedade da firma D. y F. Riet

sem dúvida os cavallos anglo-arabes do exercito francez, nas mesmas condições em que o fizeram os nossos cavallos crioulos.

Sobre este ponto convêm recordar que o nosso governo, pelo amor á esthética, pagou a bom dinheiro no Prata cavallos altos, para os regimentos que faziam serviço na Capital e que, bem alimentados, offereciam bello aspecto.

A' noticia de achar-se Gomercindo no Paraná, o governo determinou enviar aquelles regimentos para o campo de acção.

Aos tres dias de marcha aquelles bonitos cavallos tornavam-se imprestaveis, e em poucos dias os regimentos ficaram a pé absolutamente, tendo o governo de comprar nas immediações os nossos cavallos crioulos, com os quaes poude seguir a campanha.

E' bastante caracteristico o despreso que temos pelo que

é nacional, preferindo o que vem de longe, e sobretudo se é muito caro, o que justamente succedeu a principio e mesmo agóra com o cruzamento do puro sangue de corrida.

A introducção destes animaes em Buenos Aires, quando ali estabeleceu-se o primeiro prado, provocou uma modificação na criação equina: Pretensa autoridade, na ancia de lucro, pela venda de potrilhos ou simplesmente por novidade, pelo orgulho e vaidade de possuir productos de um garanhão que custava muito dinheiro, a maioria dos criadores, como em parte succede aqui no Rio Grande agóra, lançaram-se ao cruzamento; porêm, descuidando as exigencias da raça quanto ao abrigo e alimentação, o resultado foi desfavoravel. Vieram logo outras raças, que foram igualmente utilisadas sem methodo e sem orientação; dando origem áquelles *cavallos grandes* comprados pelo nosso governo e dos quaes, não ha muito, o governo argentino fez presente de um lote ao governo francez, por motivo da estatua de San Martin; tendo fracassado nas provas feitas, como se recordará e que deu ensejo a que distinctos criadores argentinos publicassem um folheto defendendo as bondades do cavallo crioulo argentino; affirmando que os que foram enviados á França eram o producto de um cruzamento sem ordem e sem methodo; cousa semelhante a uma *salada russa*.

No dito folheto citavam varios factos que evidenciavam a enorme resistencia dos cavallos crioulos; inegualavel em qualquer outra raça ou cruzamento; excepto a nobre raça arabe.

Sobre o cruzamento com os garanhões de tracção pesada, affirmaram aquelles criadores que nas zonas coloniaes em que eram utilisados os productos daquelle cruzamento, para puxar o arado, ultimamente os agricultores os estavam substituindo pelos cavallos crioulos, que, embóra de menos força, eram de mais resistencia e mais sóbrios.

No Uruguay e aqui no Estado do Rio Grande do Sul observa-se o mesmo phenomeno.

Movidos pelo interesse de grandes lucros, na venda de productos para corridas, numerosos são os criadores que inverteram importantes sommas na compra de reproductores de puro sangue, para cruzar com eguas crioulas. Taes garanhões eram mais ou menos cuidados, ao passo que a sua producção era abandonada á natureza.

Qual o resultado?

Na maioria dos casos, um verdadeiro fracasso: Os mestiços, despojados do conforto e da boa alimentação, indispensavel

á raça de corrida, não dispunham das condições exigidas na pista; ganhavam na altura, o que nem sempre succedia, conforme a qualidade do campo, adquirindo também a falta de resistencia, a debilidade do esqueleto e outros defeitos.

Ha 40 e tantos annos o senhor Luiz Giacomo de Abreu, em sua permanencia aqui no Estado, iniciou uma campanha em pról do emprego do puro sangue de corrida, para melhorar a nossa raça equina, que, ao seu juizo, achava-se degenerada e pouco ou quasi nada valia. Em tal sentido publicou elle varios folhetos que tiveram regular aceitação. Mais tarde o Senhor Alexandre Brandão contestou com vantagem aquelles folhetos, fazendo varias publicações em defesa do nosso cavallo crioulo. Para que se fórme uma idéa da autoridade e competencia destes senhores, sobre o conhecimento do cavallo crioulo, basta informar que o primeiro era filho do Rio; autor de um systema racional para domar potros; apreciador de corridas e amante das provas de saltos de barreiras e de vallos, assim como de passeios a cavallo. Como se sabe, estes exercicios são feitos em pouco tempo, e para os quaes o cavallo inglez se presta, devido a sua velocidade e altura para os saltos.

O senhor Alexandre Brandão, além de riograndense, era agrimensor, e devido á sua profissão conhecia grande parte da nossa campanha e, mais que tudo, foi criador no municipio de Uruguayana, fazendo parte da classe que mais motivos tem para conhecer as excellentes condições do cavallo crioulo, de resistencia e sobriedade.

Este senhor era homem de campanha, e o outro, de cidade.

Alêm d'isso, fazendo elle a apologia do cavallo crioulo, não visava interesse de especie alguma, ao passo que o Snr. Abreu, elevando o cavallo de corridas, o fazia interessadamente, pois, pretendia que o governo fundasse uma coudelaria, da qual então seria o director.

A gente de cidade aprecia, sem dúvida, a elegancia de bôas parelhas de carro e de cavallos grandes para passeio; não succedendo o mesmo na campanha, onde o cavallo é apreciado, não tanto pela sua elegancia ou belleza, como pelas qualidades proprias a que é destinado: o bom commodo e resistencia para viagem; bôa rédea e velocidade para os trabalhos de rodeio; bôa cincha para serviços de tracção, etc.

Julgamos de opportunidade reproduzir o debate havido por occasião do Congresso Agro-Pecuario de 1910.

Congresso Agro-Pecuario

No congresso realisado pela Patriotica Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, em Junho de 1910, ao tratar-se da raça do gado cavallar, o Snr. Oscar Canteiro, precedendo á justificação de motivos, apresentou as seguintes conclusões:

1) a raça cavallar indigena precisa ser aperfeiçoada;

2) prefiram-se as raças — *Arabe* — *Percheron* — e Puro Inglez de corridas;

3) estabeleça o Estado o seu HARAS official e os Municipios criadores, suas coudelarias regionaes, — como bases seguras para methodizar as cruzas;

4) confie-se a esses centros de aperfeiçoamento a direcção dos cuidados precisos para evitar a mestiçagem infructifera e desordenada;

5) todos os Paizes cultos do mundo, mantendo e ampliando seus HARAS, dão-nos as mais seguras provas de que, sem a intervenção directa do poder publico, é nullo o aperfeiçoamento rapido e proveitoso das raças equinas."

O Dr. Guilherme Minssen, depois de longas considerações sobre o assumpto, apresentou as conclusões que seguem:

I

Que de futuro, nos congressos que a Federação organisar, as memorias sejam publicadas com antecedencia e distribuidas aos congressistas.

II

A que consta do estudo do Snr. Oscar Canteiro.

III

Que sejam preferidas nos cruzamentos as raças:

a) arabe, para o cavallo criado a campo, para o serviço de campo e para o exercito;

b) o inglez puro de corrida, para corridas e serviços de luxo;

c) o percheron, para o cavallo agricola ou industrial.

IV

Como na memoria Oscar Canteiro.

V e VI

Idem.

O Dr. Eurico de Oliveira Santos, relator da commissão incumbida do parecer sobre as moções expostas apresentou as seguintes considerações:

"Snr. Presidente, como membro e relator da commissão que deu o parecer sobre a these — *Raças equinas* —, tive occasião de expender o meu modo de pensar relativamente á conclusão apresentada pelo nosso illustre collega, o Snr. Oscar Canteiro, condemnando, e convencidamente, o puro sangue inglez de corridas, ao qual nego condições para o melhoramento, que tanto necessitamos, da raça cavallar nacional.

No desdobramento do meu parecer tive ensejo de significar os motivos porque julgava não dever aceitar a conclusão proposta por esse illustre congressista.

Simples amador neste ramo especial da Zootechnia, com alguma pratica do assumpto, não pretendo, — fique consignado —, impôr como dogma a minha opinião; mas, tendo feito um estudo aprofundado e procurado haurir nos ensinamentos das lições dos especialistas, base solida para minha opinião, esta nada mais é que o fructo, o resultado desses estudos e do exercicio de minha profissão de criador. Começarei lendo alguma cousa escripta sobre esse particular por uma verdadeira competencia, o distincto hippologo portuguez, o Snr. Conde de Fornos D'Algodres. "O único, o verdadeiro PURO SANGUE é o arabe, proto-typo da especie hippica, o nobre animal dotado de energia incomparavel, fortaleza, mansidão, sobriedade, reunidas ás mais bellas fórmas e harmonia de proporção que possa desejar-se.

A este sim, deverão as raças, que pretendem melhorar-se, ir pedir o sangue regenerador, porque é o cavallo primitivo que conserva talvez ainda todas as perfeições com que sahiu das mãos do Creador para servir e ajudar lentamente o homem nas necessidades e trabalhos da vida."

"O PURO SANGUE INGLEZ, oriundo do arabe, é já o producto industrial fabricado pela perseverança ingleza para servir um fim único — as corridas; que seriam no seu princi-

pio passatempo agradavel e util, mas que se transformaram em banca de jogo apaixonado e vicioso, e nenhum resultado pratico e benefico trazem ao melhoramento das raças cavallares, taes como ellas são necessarias ao uso da vida."

"O inglez tratou de crear uma locomotiva animal, que em alguns minutos vencesse um certo numero de kilometros, causando sensação e enthusiasmo aos espectadores; mas, para isso sacrificou, modificando-as por meio de successivos e estudados cruzamentos, as bellas fórmas e qualidades do cavallo arabe, do qual aproveitou pouco mais do que a velocidade, e produziu um animal irritavel e aspero de genio, exigente e dispendioso no trato, incommodo para quem o monta em simples passeio, e muito mais em qualquer jornada, derrubado do terço dianteiro e mais alto do posterior; peito e tronco estreitos, pescoço direito e inteiriço, sem a flexibilidade, nem a cadencia nos andamentos, tão necessaria para a commodidade e prazer do cavalleiro; ao passo que se exigir-se do vencedor de quatro kilometros em cinco minutos e cinco segundos, que percorra uma marcha de resistencia, soffrivelmente carregado, 80 kilometros em algumas horas, não aguentará, ou pelo menos, fica estropiado e incapaz de prestar a seu dono novos serviços em termo breve."

"Outro typo da mesma origem arabe possuem os inglezes — O CAVALLO DE CAÇA, HUNTER? que na verdade reune muitos e bons predicados para os serviços de sella, sem a maior parte dos defeitos e contracções dos de CORRIDAS; mas quem tiver a fortuna de poder adquirir um dos nobres filhos do deserto, quer seja para o uso de sella, quer para reproductor, a todos o deve preferir."

No parecer que relatei e que mereceu o assentimento de alguns membros da commissão, não fiz allusão alguma ás corridas, ao jogo; o criterio por mim adoptado foi muito outro.

O SNR. A. MOREIRA: — Assignei com restricções o parecer formulado pela commissão e darei as razões disso.

O SR. DR. EURICO SANTOS . . . isto é, que o cavallo PURO SANGUE INGLEZ, de corridas, não podia concorrer para o melhoramento da raça cavallar nacional, por lhe faltarem as precisas qualidades para tal fim. No meu conceito elle só serve para corridas; nada mais. (*Apoiados e não apoiados*).

Ora, si nós estamos reunidos num congresso agricola e, portanto, procurando utilisar o cavallo para fins industriaes...

O SNR. A. MOREIRA: — Para fins industriaes sómente, não.

O SNR. DR. EURICO SANTOS . . . e outros, indiquei, como relator da commissão, o cavallo arabe como o único apropriado ao fim visado.

UM SNR. CONGRESSISTA: — No entretanto, o cavallo que entre nós tem mais procura é o cavallo de corridas.

O SNR. DR. EURICO SANTOS: — No Brasil não ha mercado de cavallos de corridas.

O SNR. OSCAR CANTEIRO: — Não apoiado. Invoco o testemunho de tantos quantos se interessam por estas coisas, submettendo-me sem protesto ao seu *veredictum*.

Entre nós não ha criador de cavallos que tenha obtido melhores resultados pecuniarios do que o de cavallos de corridas.

Citarei, entre outros, o coronel Kraeff, o coronel Saturnino Velho e Dr. Assis Brazil.

O SNR. DR. EURICO SANTOS: — Eu estou informado do contrario. Muitos criadores têm tido avultados prejuizos, entre elles o Dr. Assis Brasil.

(Cruzam-se muitos apartes. O Snr. Presidente reclama attenção.)

Não estou fazendo insinuações, mas defendendo o criterio com que formulei o meu parecer, o qual, versando sobre inquerir-se qual a raça apropriada ao aperfeiçoamento do equino nacional, excluiu o PURO SANGUE inglez, que eu considero, de accôrdo com os competentes tratadistas a que recorri, adequado exclusivamente a corridas.

Abundando nas mesmas considerações, um outro hippologo, o Snr. Santini, official da Academia, antigo director da *École des enfants de troupe et de la remonte de jeunes chevaux au 2.e régiment de chasseurs d'Afrique*, diz o seguinte:

"Cabe aqui dizer alguma cousa sobre o melhoramento das raças pelos diversos cruzamentos e sobretudo pelos diversos regimens. Que deve-se pedir ao cavallo?

VELOCIDADE E RESISTENCIA. VELOCIDADE para percorrer em um tempo dado o maior espaço possivel de terreno; RESISTENCIA, para continuar esse exercicio no maior tempo possivel.

Ora, é preciso notar que nestes ultimos tempos existe a preoccupação de inventar-se um cavallo especial, dotado de uma velocidade realmente vertiginosa, mas absolutamente desprovido das qualidades mais elementares que possúe ordinariamente este animal.

"Conseguiu-se actualmente um typo de cavallos que percorrem muitos kilometros em um ou dous minutos, como se fossem uma locomotiva, e que é preciso em seguida deixar descançar alguns dias, tratando-os como se faria a uma bella mulher.

"São cavallos grandes, compridos, magros, desgraciosos, desvirilhados, cavallos realisando o typo daquelle do Apocalypse; CAVALLOS QUE BEBEM CHAMPAGNE E VESTEM FLANELLA."

Tudo quanto aqui vem consignado tive occasião de ver confirmado na experiencia, que fiz no meu modesto estabelecimento pastoril. (*Apartes*).

E' como diz o Snr. Congressista. Os cavallos de luxo, os cavallos de corridas têm todo o conforto, bebem champagne, ao passo que o pobre criador entre nós lucta para viver!!

Muitos dos Snrs. congressistas é possivel que não tenham conhecimento de um facto: é que no exercito francez foi adoptado o cruzamento do PURO SANGUE inglez, para obter-se o cavallo de guerra, e os resultados foram os mais deploraveis possiveis, (*continuam os apartes*) e entre nós é coisa indiscutivel: o cavallo que tem satisfeito a todas as nossas necessidades é o cavallo crioulo. O cavallo inglez, não me cançarei de repetir, só serve para corridas, para manter os prados.

Diz-se que estes foram instituidos com o objectivo de aperfeiçoar as raças cavallares, mas só tem aperfeiçoado a instituição do jogo, não servindo o cavallo inglez, em que pése affirmativas em contrario, para aperfeiçoar raça alguma, por ser um animal defeituoso em confronto com o cavallo arabe, que é o cavallo typo.

Eis aqui (mostrando) um tratado por mim adquirido em virtude de indicação do dr. Assis Brasil, a quem consultára relativamente á minha criação.

Expostos os fundamentos do meu parecer, cabe-me ainda dar uma explicação ao Congresso.

Nem eu como relator, nem nenhum dos membros da commissão pensou em impugnar a introducção de cavallos PURO SANGUE inglezes, nem siquer em não aconselhar essa intro-

ducção. O pensamento não discordante no seio da commissão foi que seria preferivel a adopção de um único typo, afim de evitar-se a anarchia que poderia irromper amanhã.

Houve, é certo, quem duvidou que o PURO SANGUE arabe prehenchesse todos os fins que temos em vista; mas não eu, que, muito ao contrario, entendo que elle, dispondo das precisas condições, attenderá a todas as nossas necessidades.

Vemos diariamente nesta cidade, bastante accidentada, atrellados aos carros de medicos e praça os cavallos crioulos vencendo ladeiras, resistindo a tudo.

Pois bem, na nossa fazenda introduzimos o cavallo PURO SANGUE inglez, para cruzar com as nossas eguas crioulas seleccionadas, na supposição de que os respectivos productos apresentassem as mesmas qualidades destas, mas a desillusão foi completa: o que se deu alli, como em muitas outras fazendas, foi um resultado desanimador, de modo a aconselhar o abandono da tentativa.

São de tal ordem os productos dessa cruza que os peães os recusam para os trabalhos de campo, havendo no seio da commissão um companheiro que foi testemunha occular de ter um peão se recusado a montar um desses animaes, pelo receio, disse elle, de ficar a pé!...

Na nossa fazenda ninguem quer montar nesses mestiços; os únicos aproveitados para os serviços de campo são os quarteirões. (*Cruzam-se muitos apartes*) nos quaes está melhor caracterisado o valor da nossa raça cavallar nacional. (*Continuam os apartes.*)

Não depende isso de trato a galpão. O trato que esses animaes têm é unicamente o que offerecem as pastagens naturaes. (*Continuam os apartes*).

Os Snrs. estão invertendo as minhas palavras!

Eu não estou dizendo que tenhamos de prompto o PURO SANGUE arabe para os serviços de campo, mas daqui ha annos chegaremos a esse resultado pelo consecutivo cruzamento, dispondo nós então de productos que manterão as mesmas qualidades do cavallo crioulo, que é voluntario, que é ardente, que vive á intemperie, resistindo a tudo valentemente, que dispõe, emfim, de qualidades que faltam em absoluto ao cavallo inglez, que só se recommenda pela grande velocidade, mas não é de utilidade, a não ser nos prados, para embasbacar a assistencia, como diz o tratadista de que me soccorri.

Penso, Snr. Presidente, ter justificado o meu parecer.

O SNR. A. M. FERNANDES NETTO: — Pedi a palavra para fazer ligeiras considerações.

Sou inteiramente solidario com a opinião do Snr. Dr. Eurico Santos, relativamente ao puro sangue inglez.

O ideal do criador riograndense deve ser o producto seleccionado do cavallo crioulo, que, possúe, como nenhum outro, todas as condições exigidas pelo nosso meio, ao passo que a cruza do cavallo inglez em nossos campos é um verdadeiro desastre.

Citarei em abono desse conceito, entre outros, o coronel Saturnino M. Velho, que, tendo começado as suas cruzas com animaes inglezes, abandonou-os posteriormente.

O SNR. OSCAR CANTEIRO: — Não apoiado. Tem colhido muito bons resultados.

O SNR. A. M. FERNANDES NETTO: — Com os productos creados a galpão, mas não com os animaes creados a campo, que são geralmente rachiticos.

Não se dá o mesmo, porém, com os productos da raça arabe. (*Cruzaram-se muitos apartes, estabelecendo dialogos.*)

Na raça crioula já se encontram animaes bem desenvolvidos, e, seleccionadas as nossas eguas para a cruza, é de esperar que attinjamos ao ideal.

Convicto de que conseguiremos tal objectivo com o cruzamento das nossas eguas com o puro sangue arabé, e de inteiro accôrdo, como disse, com a opinião do Dr. Eurico Santos, voto pelo parecer.

O SNR. OSCAR CANTEIRO: — Sei infelizmente que não me é possivel dar á discussão a latitude que ella comporta por approximar-se a hora de eu tomar o trem de Canôas.

Reconheço nos dois illustres oradores que me precederam, os illustres Snrs. Drs. Eurico Santos e A. M. Fernandes Netto, a competencia que me falta em assumptos desta natureza; sem embargo, permittam-me dizer-lhes que foram infelizes; que não encararam a questão pelo prisma que deviam encarar, collocando em ultimo plano o puro sangue inglez, o animal resistente por excellencia, e que, como nenhum outro, dispõe de qualidades recommendaveis. (*Continúam os apartes*).

Si formos a esperar por essa solução que os Snrs. tanto preconisam, melhor seria abandonar o aperfeiçoamento da industria cavallar e dedicarmo-nos de preferencia á criação

dos nossos bois *colombos,* productos dessa raça cruzada com a *caracú.*

Considero-me collocado no verdadeiro ponto de vista pratico, como é este Congresso; accedendo a pedidos de minha collaboração, aqui compareci e, apresentando a minha thése, fil-o na convicção de que apresentava uma thése pratica, tão pratica que foi aceita.

O SNR. E. SANTOS: — Aceitamol-a, mas divergimos nos conceitos.

O SNR. OSCAR CANTEIRO: — Propuz o puro sangue inglez por desejar não o animal sómente para corridas, mas o animal para sélla, para corridas de obstaculos, etc., e, para esses fins, nenhum como elle.

Foram estes, Snrs. Congressistas, os intuitos a que obedeceu a apresentação da minha thése.

O SNR. A. MOREIRA: — Snr. Presidente, pedi a palavra para expôr os motivos porque assignei com restricções o parecer apresentado pela commissão de que tenho a honra de fazer parte.

Não concordo *in totum* com a opinião do nobre relator, nem ainda com as de alguns dos membros da mesma commissão.

Esta, como as demais de que tem tratado este Congresso, é uma questão complexa; e assim sendo, não se póde dizer em absoluto que se deve adoptar esta ou aquella raça.

O Estado do Rio Grande do Sul, Snrs. Congressistas, está dividido em zonas e, pois, não podemos determinar um só typo de reproductores cavallares, bovinos e ovelhuns, como na agricultura tambem não podemos determinar uma mesma cultura para a zona norte e para a zona sul.

O SNR. EURICO SANTOS: — Tambem a Arabia está dividida em duas zonas e o único cavallo que ali existe é o arabe.

SNR. ALFREDO MOREIRA: — Consoante a pratica que tenho do assumpto, — direi que estou de accôrdo com o illustre relator da commissão —, que o reproductor que devemos de preferencia adoptar no Rio Grande é o Arabe; não condemnando, comtudo, qualquer outra raça. Não aconselho, no emtanto, em todos os campos, o cruzamento das eguas

crioulas com o reproductor inglez; isso, porque essa cruza em alguns lugares deu maus resultados.

Poderia accrescentar que, contrastando com esse facto, aproveitando ha annos em minha fazenda o reproductor inglez conhecido pelo nome de *Flôr de Liz,* colhi resultados muito bons; poderia dizer mesmo, especiaes.

Tenho mesmo uma parelha de cavallos, productos da cruza de *Flôr de Liz* com eguas crioulas, que melhor não se póde desejar. Elles ahi estão trabalhando diariamente, vencendo facilmente as nossas ladeiras, dando emfim provas da sua superioridade.

Não quero, porém, me alongar. Apezar de ser parlamentarista quero restringir o mais possivel as minhas observações.

Diante dessa affirmativa é possivel que se me objecte que, para o resultado por mim colhido, concorreu em parte a boa qualidade do campo.

E' possivel, mas, fosse essa ou outra a causa, o que é exacto é que eu tirei bons resultados, e, consequentemente, não posso ser em absoluto da opinião de que se não deva cruzar o puro sangue inglez com a egua crioula, porque os bons ou maus resultados desse cruzamento pódem depender de factores multiplos.

O SNR. EURICO SANTOS: — Mas também não a aconselha?

O SNR. ALFREDO MOREIRA: — Não posso aconselhal-a, a não ser em se tratando de campos bons.

O SNR. EURICO SANTOS: — A questão não é de campo, mas de reproductor.

Si fosse pelo campo o criterio da commissão seria outro.

O SNR. ALFREDO MOREIRA: — Resumindo, Snr. Presidente, sou de opinião que devemos de preferencia aperfeiçoar o nosso cavallo crioulo, o qual, não resta duvida, é um animal excellente, apresentando, como nenhum outro, todas as qualidades desejaveis para o serviço do campo, como para sélla e para o serviço de guerra, condição que deve constituir a nossa maior preoccupação, não só em bem da regeneração da raça cavallar, como, sobretudo, para não precisarmos recorrer aos nossos visinhos.

Eram assas as explicações que cumpria dar como justificativa da minha assignatura com restricções ao parecer formulado pela commissão de que tenho a honra de fazer parte.

O SNR. DR. JOAQUIM LUIZ OSORIO: — Manifesta-se de accôrdo com a memoria do Snr. Dr. G. Minssen, cujas conclusões sustenta longamente. Em abono de suas affirmativas lê diversos trechos do folheto do Dr. Assis Brasil — *Granja de Pedras Altas,* com relação ao *puro sangue corredor,* ao *arabe* e ao *Percheron,* folheto em que se encontram as razões da preferencia por essas raças, brilhantemente expostas. Não aceita a conclusão 2.ª do parecer da commissão de criação, por julgal-a incompleta e mesmo por desconhecer as preconisadas vantagens do Anglo-Normando; quanto á conclusão 3.ª do parecer, está de accôrdo.

O SNR. DR. EURICO SANTOS: — (*Pela ordem*) Sómente para dizer duas palavras vim á tribuna.

Vejo que o nobre collega que me precedeu, joven, como é, não está acostumado ás derrotas, e, em consequencia, auscultando a opinião do Congresso, operou uma reviravolta na sua opinião.

Começou pronunciando-se de accôrdo com a opinião do eminente Dr. Assis Brasil, que indicou o PURO SANGUE inglez para todos os misteres, e acabou fazendo excepções, esquecendo-se assim, de prompto, do quanto apologiára aquella opinião!...

O SNR. J. OSORIO: — Como assim?

O SNR. DR. EURICO SANTOS: — Esposando a opinião do Dr. Assis Brasil. Entretanto, este eminente patricio contradiz-se quando, segundo o que leu o nobre congressista, apresentando o PURO SANGUE inglez como o cavallo que com valentia resiste a tudo, diz em seguida que elle precisa de trato e cuidados especiaes.

Assim, a prevalecer a opinião do illustre collega, nós, que temos cavallos sóbrios, resistentes ás intemperies, vamos inocular nessa raça privilegiada um sangue que tem daquellas exigencias!...

Escudou-se ainda o Dr. Osorio na opinião do nosso collega Dr. Minssen; entretanto, disse-me este, apoiado na opinião de Santini, que á raça cavallar ingleza attribuia-se o desastre do exercito inglez na batalha de Balaclava.

Reconheço e proclamo a competencia do meu illustre amigo Dr. Assis Brasil em assumptos desta natureza, mas não posso estar de accôrdo com S. Ex. neste particular.

Feita esta rectificação, sento-me.

O SNR. EUCLYDES MOURA: — Noto uma certa incongruencia nas conclusões em discussão, porquanto, a meu ver, contrastam com as premissas estabelecidas.

Effectivamente, enaltece a commissão os cavallos arabe e anglo-normando, deixando em segundo plano o cavallo crioulo, isto é, faz uma ligeira referencia á raça cavallar indigena, quando o que é exacto é que nenhuma outra raça cavallar se approxima á nossa nesses serviços para que precisamos do cavallo!

Proponho, portanto, que se recommende a selecção, o aperfeiçoamento da raça crioula como o typo, que é o que mais attende ás nossas necessidades.

O SNR. DR. ALVARO PEREIRA: — Tinha muitas considerações a expender sobre o assumpto que se discute, mas, depois que ouvi a leitura do proficiente parecer emittido pelo Snr. Dr. Minssen, hei desistido desse proposito, por merecerem o meu assentimento ás conclusões desse parecer.

Considero o cavallo puro sangue inglez, como o considera o Dr. Eurico e outros Snrs. Congressistas, adaptavel apenas a corridas e a tracção de luxo, mas nunca como regenerador conveniente de qualquer outra raça cavallar.

O proprio Dr. Assis Brasil, cuja opinião foi invocada, fez, ao que me consta, a apologia do cavallo inglez como regenerador do sangue.

Quanto ao cavallo Percheron, estou de accôrdo que se o deve introduzir para, pelo cruzamento com a raça indigena, obtermos o animal de sélla e tracção leve e, pela segunda cruza, o animal de tracção pesada, destinado á lavoura.

Os argentinos tiveram para animal de sélla os mestiços *Orlof*, que serviram na guerra com o Paraguay...

O SNR. A. MOREIRA: — Mas eram tratados á alfafa.

O SNR. DR. ALVARO PEREIRA: — Os quaes, depois de longas experiencias foram considerados que não tinham resistencias para cavallos de guerra. Foram abandonados, começando-se então a fazer o cruzamento com o Percheron, e obtiveram resultados tão satisfactorios que o governo argentino,

remetteu para o exercito francez cerca de cem cavallos dessa raça.

O SNR. A. MASSOT: — Não seriam anglo-normandos?

O SNR. DR. A. PEREIRA — Não, Snr. Concluindo, Snr. Presidente, declaro que estou de perfeito accôrdo com o parecer do Snr. Dr. Minssen.

O SNR. CORONEL CARLOS CORREA: — A longa pratica que tenho da criação de animaes cavallares, o fructo das experiencias a que me venho dedicando desde os tempos em que pouco conhecidas eram no Rio Grande e Estado Oriental as raças finas, induzem-me a affirmar, sem receio de contestações, que o melhor cavallo para as nossas lides campeiras e outras é o cavallo crioulo. (*Apoiados.*)

Embóra convencido desta verdade, sabendo da introducção no Estado Oriental de reproductores inglezes e outras raças, procurei verificar os resultados obtidos dessas novas acquisições e constatei uma triste verdade:

Que os mais enthusiastas abandonaram desde logo o cruzamento das nossas eguas crioulas com o puro sangue inglez, porque os productos não offereciam a menor condição de resistencia. Estragam-se ao minimo esforço; ao passo que o cavallo crioulo, por pequeno que seja, resiste a tudo, e embóra deslocado, com uma perna quebrada, vae aonde deve ir.

Ora, si na Argentina, cujos campos são muito differentes dos nossos, os fazendeiros abandonaram para os serviços de campo os cavallos da raça ingleza, como se pretende introduzil-os entre nós?

Não, senhores; para attender ás nossas necessidades, aos serviços de campo e da lavoura, como para sélla, o unico adequado é o nosso cavallo crioulo cruzado com o arabe.

Antigamente, antes da introducção desses puro-sangue estrangeiros, nós tinhamos cavallos de corridas e como os melhores, puramente crioulos.

Conheci por outro lado, em diversas fazendas, tropilhas de trinta e mais cavallos de um só pello e de uma estampa como hoje não se encontra.

E' tão bom o nosso cavallo crioulo mestiçado com o arabe, que eu, com qualquer desses productos desafio o melhor puro sangue inglez.

Encostemos um e outro nos serviços de campo, que eu teria sempre garantida a minha montada, o que não succede com o cavallo inglez que, após qualquer esforço, fica imprestavel.

São estas as razões que me levam a affirmar que nenhuma outra raça cavallar se póde avantajar á nossa.

Temos um exemplo bem frisante do que succedeu na Coudelaria do Estado.

Tendo este feito acquisição de um puro sangue arabe e ao mesmo tempo de alguns puro-sangue inglezes, o que vimos foi que os productos arabes, si bem que não bastante desenvolvidos, atravessaram perfeitamente a estação invernosa, resistindo a tudo, ao passo que os inglezes morreram na sua maioria.

Nem cólhe o argumento adduzido dos resultados colhidos do puro-sangue inglez na fazenda do Snr. Augusto Pereira de Carvalho. De facto, elle conseguiu obter, por cruzamentos successivos, puro-sangue nacionaes; e ainda na ultima exposição pecuaria exhibiu um, mas obteve porque?

Unicamente pelas condições especiaes do seu campo, que eu conheço perfeitamente.

Em conclusão, Snr. Presidente, entendo que para cavallo de guerra devemos recommendar os descendentes dos puro-sangue arabes, e que para cavallos de luxo, para cavallos de corridas não devemos condemnar em absoluto o reproductor puro-sangue inglez.

Diz-se que este só serve para manter os prados; mas que tem isso, si os prados são pontos de reunião e constituem um dos divertimentos da predilecção dos nossos patricios?

Penso, portanto, que as conclusões mais aceitaveis são as apresentadas pelo Snr. Dr. Minssen, que, recommendando para a tracção o cavallo Percheron, esqueceu-se de recommendar tambêm o Bolonhez, que é um cavallo forte, rustico e adapta-se a qualquer campo, e pois, aceito as suas conclusões, com o accrescimo do cavallo Bolonhez.

Falla o Coronel Affonso Emilio Massot de accôrdo com as conclusões da thése do Dr. G. Minssen, propondo mais que se aconselhe para a tracção pesada o cavallo bolonhez. Nesse sentido envia a seguinte proposta:

"Proponho que o Congresso recommende para a tracção pesada o cavallo bolonhez."

Foi adiada a votação das conclusões, sendo ás 5 ½ horas da tarde encerrada a sessão.

Conclusões approvadas. — Gado cavallar.

1.º A raça cavallar nacional precisa ser aperfeiçoada.

2.º Para o fim especial de melhorar o nosso cavallo crioulo, o Congresso recommenda tão sómente, e como medida de cautela, o garanhão oriental, principalmente o arabe.

3.º Prefiram-se as raças *arabe* para sélla e guerra; o *inglez puro de corridas,* para corridas e serviços de luxo; o *Percheron* e *Bolonhez,* para o cavallo agricola e industrial.

4.º Mantenha o Estado o seu HARAS official e os municipios criadores as suas coudelarias regionaes, como bases seguras para methodizar as cruzas, não se empregando, porêm, os mestiços como garanhões.

Porto Alegre.

Além das opiniões manifestadas neste congresso em pról do cavallo crioulo, a *União dos Criadores,* participando da mesma idéa, tratou de congregar opiniões, e nesse sentido dirigiu-se a varias patentes do nosso Exercito, sendo a maioria das respostas favoraveis ao nosso cavallo.

Alguns opinaram pela conveniencia do cruzamento com o puro sangue de corrida, assim como com o anglo-arabe, em face do bom resultado obtido por este cruzamento no exercito francez.

Sobre a primeira opinião mais adiante diremos algo, ao tratar da criação de Saycan; sobre a segunda, temos a manifestar que seria plausivel o emprego de reproductores anglo-arabes, se nos dispuzessemos a fornecer cavallos para o exercito francez. O caso, porém, é diverso: necessitamos melhorar o nosso cavallo, para o nosso serviço, no meio em que actuamos.

Ninguem ignora a enorme differença que existe entre as praticas observadas nos exercitos europeus e as usadas nesta parte da America: Lá, ao mover-se qualquer unidade militar, fazem parte da ambulancia as respectivas rações para as praças e para os cavallos, que são cuidados sem faltar-lhes bôas forragens e tecto; entretanto, aqui, até agóra e por muito tempo, não dispomos de taes facilidades, sendo difficil e até mesmo impossivel, nas marchas de um a outro ponto, conduzir forragem para os cavallos. Nestes casos são utilisadas as pastagens naturaes dos prados.

Nos estabulos dos quarteis e nas cavallariças dos officiaes, alimentados com bôas forragens, offerecerão bello aspecto os productos do cruzamento do puro-sangue de corrida, do anglo-arabe, do percheron, bolonhez e de outras raças européas. Satisfarão a esthética e ao orgulho dos militares nas passeatas pelas ruas da cidade e em paradas; porém, o dia em que o governo necessite o serviço desses militares numa campanha, a belleza de taes cavallos, fóra dos commodos a que estão habituados, desapparecerá como a neve aos primeiros raios do sol.

Não pretendemos eximir o cavallo crioulo do caso que antecede: Mantidos estes no mesmo trato daquelles, se resentirão tambêm ao emprehender uma campanha, offerecendo em todo caso maior resistencia e mais facilidade para manter-se com os pastos naturaes; isto é: Tratando-se de cavallos cuidados a galpão; na hypothese de cavallos crioulos pertencentes a um regimento e que vivam a campo, apenas com uma ração de milho, estarão sempre aptos para qualquer marcha, sendo menos difficil a conducção de milho para racional-os.

Opinamos que a vaidade pela belleza dos cavallos grandes deve ser sacrificada ante a utilidade da resistencia que offerece o cavallo crioulo.

Sobre o cavallo anglo-arabe o senhor Dr. Augusto Fomm, no seu minucioso trabalho intitulado *O cavallo de guerra em S. Paulo,* inspirando-se no estrangeirismo, preconisa a adopção desse typo, não só com o proposito de melhorar os crioulos, como até mesmo de substituil-os completamente, creando uma nova raça, que elle denomina "anglo-arabe brasileira", composta de meio sangue de ambas as raças.

Na theoria será muito bello este problema; porém, no terreno da pratica julgamos que os resultados não corresponderão a espectativa:

Na criação de Saycan, como em todas as criações do Estado, os cavallos são criados a campo até a idade da doma; e, sem os cuidados que este cruzamento tem na França, terão aqui, naquellas condições, o mesmo desenvolvimento physico?

Nos inclinamos a crêr que não; e em todo caso isso constitúe um problema, cuja solução póde ser demonstrada pela criação de Saycan.

Combatemos a intervenção do cavallo inglez de corrida na nossa população equina, justamente pela falta de rusticidade e resistencia d'aquella raça. Estas qualidades são precisamente as caracteristicas do nosso cavallo crioulo, e sendo este elimi-

nado por completo, como aconselha o Dr. Fomm, todas as probabilidades são para que peoremos com a adopção do typo aconselhado e de cujo assumpto adiante nos occuparemos.

Da resistencia dos cavallos crioulos estamos convencidos por experiencia na vida de campo, no caso frequente das conducções de tropas para xarqueadas; marcha esta de oito, dez ou doze dias, e nas quaes os conductores levavam apenas tres cavallos; advertindo-se que o serviço fazia-se não só na marcha, durante o dia, como mesmo de noite, na ronda; e nos mesmos tres cavallos o individuo voltava ao ponto de partida; não dispondo, para alimental-os, de nada, além do pasto natural dos prados por onde passavam.

E poder-se-ha fazer o mesmo com os mestiços meio-sangue de corrida ou com os pretendidos anglo-arabes brasileiros?

Crêmos que não; em todo caso resta-nos a dúvida: sendo applicavel aqui o prudente axioma — "não devemos despresar o certo pelo duvidoso."

Não falta quem affirme que o cavallo crioulo não tem mérito, dado o seu pouco valôr em relação aos mestiços de raças estrangeiras.

Sobre este phenomeno actuam varios factores:

Em primeiro lugar o nosso Governo tem sido o primeiro a desprestigiar o cavallo crioulo, comprando cavallos mestiços no estrangeiro e fundando criações como a de Saycan, destinada a produzir "salada russa", na phrase de um intelligente criador argentino.

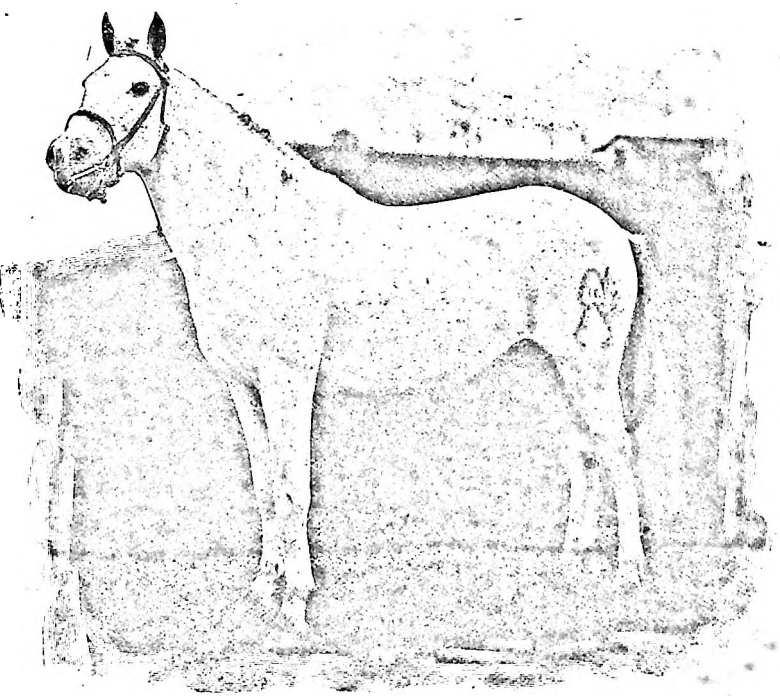
O bom preço obtido nos prados para productos de corrida tem sido por outra parte um estimulo para muitos criadores, que, desejando valorisar os seus productos, lançaram-se ao cruzamento daquella raça em suas manadas.

O gosto estrangeirista pela esthética, o orgulho, a satisfação da vaidade, exigiram o emprego de cavallos grandes, principalmente nas cidades, e este facto determinou o cruzamento desordenado de differentes raças, com o fim de augmentar o porte dos productos destinados ao commercio, valorisados mais ou menos em relação ao custo dos reproductores importados. Entre nós, criadores, utilisamos os crioulos de altura média, que preenchem devidamente as necessidades dos nossos trabalhos, e como os temos em abundancia, explica-se assim o seu pouco valôr em relação aos mestiços de outras raças.

Concordamos que os prados e os particulares utilisem nas cidades animaes de luxo; porém julgamos que o exercito não

se acha nas mesmas condições. Com relação aos primeiros, concordamos também com os criadores que cultivam aquellas raças, cujos productos offerecem-lhes melhor resultado commercialmente.

Entendemos que o exercito deve prescindir do luxo, utilisando cavallos apropriados ao serviço que delles se exige, na paz como na guerra, sendo nesta ultima justamente a sua



Garanhão crioulo 1,m50, producto da cabaña Ombú
Propriedade do Snr. Ricardo Hogg - B. Aires

applicação, pois que na paz qualquer matungo servirá para formar em paradas ou para passeios.

Julgamos poder-se melhorar a altura dos cavallos crioulos empregando-se garanhões d'esta raça que sejam de bôa estampa e cuja altura não seja inferior a 1m,46; pois que, apezar do que

se tem escripto sobre a degeneração da raça crioula, d'ella existem ainda bellos exemplares.

Temos noticia de que no municipio de Santa Victoria existem manadas que conservam a pureza da raça desde os tempos coloniaes; sendo esse o ponto indicado para obter-se reproductores, assim como no Rosario, Uruguayana e outros municipios.

No Uruguay seria facil obtel-os e, finalmente, se houvesse empenho neste sentido, na Argentina existem varios criadores que cultivam com esmero esta preciosa raça, podendo citar entre elles os Snrs. Diego Baudriz, Ricardo Hogg e outros; porém, mais conveniente julgamos que o Ministerio da Guerra modificasse o regulamento da altura, reduzindo-a a 1m,40.

Congresso em Santa Maria

No congresso realisado pela *União dos Criadores do Rio Grande do Sul*, em 24 de Maio de 1914, o illustrado coronel José de Assis Brasil apresentou a seguinte thése sobre o melhoramento do nosso cavallo:

"Exmo. Snr. Presidente do 3.º Congresso da *União dos Criadores do Rio Grande do Sul*.

Conclusões da VII thése relativa á defesa e reerguimento da raça cavallar crioula, apresentadas pelo abaixo assignado.

1.ª

A raça cavallar crioula é susceptivel de regeneração, porque é uma raça pura, bôa e antiga.

2.ª

Só o cavallo de puro-sangue arabe será capaz de operar essa transformação necessaria e urgente.

3.ª

O cavallo de guerra de que tanto carecemos, e que é ao mesmo tempo o cavallo mais proprio para todos os usos praticos, póde e deve surgir do cruzamento das nossas eguas crioulas escolhidas com o puro-sangue arabe oriental.

Santa Maria, 26 de Maio de 1914.

Tenente-Coronel *José de Assis Brasil.*

A commissão abaixo assignada, nomeada pela directoria da *União dos Criadores* para dar parecer sobre a thése — *Defesa e Reerguimento da Raça Cavallar Crioula,* apresentada pelo illustre Snr. tenente-coronel Dr. José Assis Brasil, é de parecer que o trabalho apresentado pelo distincto official é digno de ser tomado em consideração, estando a commissão solidaria com a bella exposição apresentada sobre tão importante assumpto.

João Baptista Chagas
Coronel *Eurico Andrade Neves*
Paulino Sá Dornelles."

Mediante o parecer que antecede a these foi plenamente approvada pelo Congresso.

Ninguem ousará affirmar que defendemos uma opinião isolada ao prestigiar o cavallo crioulo; convindo notar que neste Congresso composto de fazendeiros, conhecedores desta raça por experiencia, embora algum fosse criador da raça ingleza, nenhum ousou apresental-a como regeneradora do sangue crioulo, como erroneamente se julga.

Mencionamos agora os criadores reunidos em Santa Maria: São estes justamente os que melhor conhecem o verdadeiro mérito do cavallo crioulo; não se julgue que elles desconhecem as aptidões do cruzamento do puro-sangue, percheron e outras raças: por terem tentado esse pretendido melhoramento, ou por terem notado nas criações de seus visinhos aquellas tentativas, pelo geral desastradas.

O governo do Estado

A competente e já manifestada opinião de distinctos criadores, nesta capital, em pról do melhoramento do cavallo crioulo, opinião esta corroborada pela maior parte dos generaes e coroneis do exercito, consultados sobre este assumpto pela associação *União de Criadores,* e que foi plenamente confirmada por outro grupo de criadores, no Congresso de Santa Maria já referido, influiu favoravelmente no animo do Snr. Dr. A. A. Borges de Medeiros, muito digno Presidente do Estado, que, inspirado no mesmo ideal, concebeu a patriotica iniciativa de importar do Oriente 50 reproductores da nobre raça Arabe, para assegurar o melhoramento da nossa população equina.

De tal commettimento S.S. teve a feliz lembrança de incumbir ao illustrado Coronel Dr. José de Assis Brasil, pessôa de alta competencia, devido aos seus conhecimentos neste thema, e que, por conta do Estado, deveria partir para Europa no segundo semestre de 1914, sendo sua partida adiada devido a conflagração européa.

Este patriotico gesto do illustre presidente estadual impõe-se ao reconhecimento dos seus governados, principalmente aos que se dedicam á vida rural. Com tal emprehendimento S.S. dá uma inequivoca prova da sua bôa vontade em pról do nosso progresso pecuario, não sendo indifferente ás manifestações das justas aspirações da classe. Assim fazem tambem os governos argentino e uruguayo, que, além da preferente attenção que lhes merece a pecuaria, as disposições governamentaes inherentes a esse ramo são quasi sempre promulgadas depois de ouvir-se a opinião das associações ruraes.

Para nós, que empregamos esforços em favôr do desenvolvimento da nossa riquesa pecuaria, o acto do Snr. Dr. Borges de Medeiros é animador; estimulando-nos a continuar, na certeza de que não estamos sós e que não prégamos no deserto!

E' tempo já de libertar-nos do espirito de imitação, desprezando o que temos de bom, para aventurar-nos em commettimentos de resultados problematicos.

Temos consciencia da superioridade do nosso cavallo, sobretudo sóbrio e resistente, com altura média de 1m,40, ao passo que os exercitos europeus na maioria exigem para mais de 1m,50, e para o nosso exercito foi designado o limite de 1m,48.

Para conseguir productos com tal altura, foi mister recorrer á raças européas, infiltrando no sangue das nossas eguas a degeneração da vigorosa raça formada através de quatro séculos.

A Allemanha, que dispõe da parte da zona do primitivo cavallo grande, exige para o seu exercito a altura minima de 1m,46; e sobre este ponto convêm lembrar o antigo rifão, que, — "somos mais realistas que o proprio rei."

Para melhor evidenciar a conveniencia de conservar e melhorar o cavallo crioulo, vejamos o que succede em outros paizes desta parte da America.

Uruguay

Entre os nossos visinhos do Uruguay póde-se affirmar ser quasi unanime o reconhecimento da superioridade do cavallo crioulo sobre qualquer outra raça.

As guerras intestinas que infelizmente enlutaram aquelle paiz em varias épochas, e nas quaes os exercitos trilhavam a campanha em differentes direcções, conduzindo a cavallo até mesmo os infantes, e a duração de algumas das quaes foi de um e de dois annos, utilisando sempre o serviço dos mesmos cavallos, que, deixados por uma força, apenas melhoravam eram levados por outras; todos esses antecedentes, finalmente, fortaleceram a convicção pública da notavel resistencia e sobriedade da raça crioula.

Este paiz, ao que nos consta, ainda não regulou o typo de cavallo para o seu exercito, parecendo querer melhoral-o com o vigoroso concurso da raça arabe, dado o seguinte facto:

Na exposição pecuaria realisada em Setembro de 1915, na cidade do Salto, na qual fez acto de presença o seu digno presidente, Dr. Feliciano Viera, este inaugurou as compras adquirindo por conta do Estado um garanhão arabe pela somma de 800 pesos (3:360$000), e o qual destinou ao campo nacional, na costa do Arapey, onde aquartela o Regimento n. 10.

Este reproductor foi posto á disposição dos criadores visinhos daquella paragem, e o chefe militar da mesma região, o General Sebastian Buquet, conseguiu um numero de eguas seleccionadas, com o proposito de dar principio á fundação de uma cõudelaria nacional.

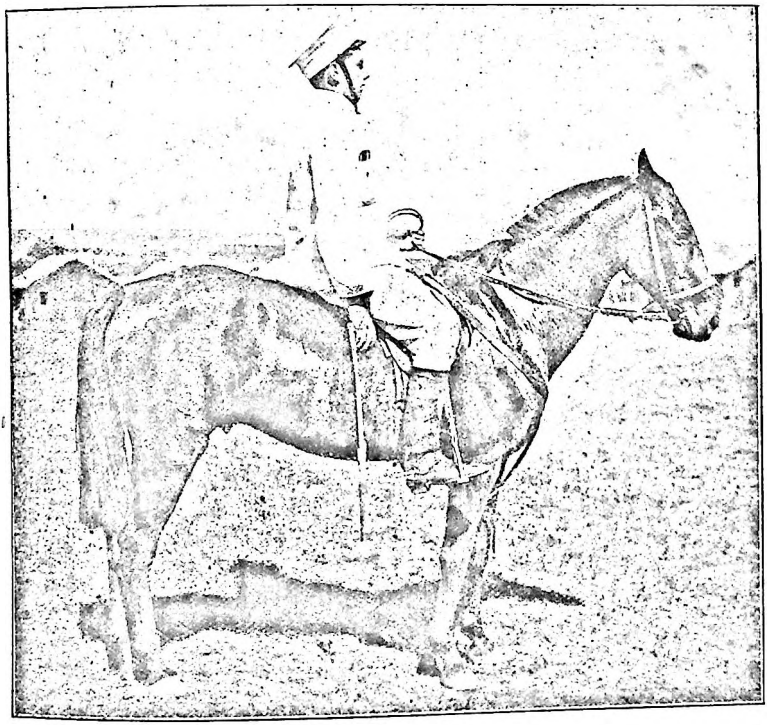
Em vista daquella compra, o vendedor, o Snr. Buxareu Oribe, teve a patriotica gentileza de offerecer de presente ao Estado outro dos seus garanhões arabes.

Consta que o governo deu principio a outra criação, utilisando eguas crioulas, em terreno proximo a Montevidéo.

Em Maio ou Abril de 1916 o referido General Buquet expôz á prova de resistencia varios cavallos crioulos e mestiços,

sendo a jornada de 80 kilometros, do quartel antes mencionado até á povoação de Belém e regresso ao ponto de partida.

Os cavallos levavam oitenta kilos de carga; o vencedor chegou tendo gasto 4 horas e 33 minutos.



Crioulo — 1,m46
Vencedor do *raid militar* uruguayo do Quartel de Arapey á Belem e regresso. Photographado ao chegar, antes de apear-se o Tenente Francisco J. Ros, que o cavalgava.

O segundo, nove minutos mais, sendo ambos crioulos.

A média de pouco menos de 3 ½ minutos por kilometro, durante 4 ½ horas, é muito bôa, e; para o serviço de um exercito, mais que sufficiente; entretanto, nenhum dos dois cavallos que chegaram primeiro tinha a altura de 1m,48.

Conhecemos tambêm com antecedencia a noticia de outra prova de resistencia, effectuada entre Montevidéo e a cidade de Durazno, de 200 kilometros mais ou menos.

Nesse concurso figurava um representante do sangue de corrida; não nos recordamos se era puro ou mestiço, havendo grande empenho em seu triumpho, pelo facto de o acompanhar em automovel um massagista, o qual em certos e determinados pontos fazia-lhe massagens; porém, a victoria coube a um crioulo.

Do livro — *O cavallo de guerra* — pelo medico veterinario José Z. Pollero, capitão do exercito uruguayo:

"As qualidades especiaes que possúe a mula fazem d'ella um excellente animal de guerra, e a veremos triumphar onde tem fracassado o cavallo. Sem dúvida alguma não reúne as condições deste ultimo para um serviço como o da cavallaria ligeira, porém, para a artilharia, transportes e para a infanteria montada, nos parece excellente. Não fallamos da artilharia de montanha, para a qual não ha nenhum elemento capaz de supprir a mula. Como animal de tracção a consideramos superior ao cavallo; é mais resistente, de mais poder e mais firmeza.

Para os transportes de guerra não ha cavallo que a supere. Foi ella quem fez esse serviço no exercito inglez na guerra do Transwall e foi quasi o único empregado pelos japonezes, quando em guerra com a Russia.

Lord Kitchener, ao assumir o commando dos exercitos das Indias, uma das primeiras coisas que dictou, foi a de abastecer abundantemente de mulas o seu exercito e, com esse objectivo, foram adquiridas umas 8.000 na Republica Argentina e 1.500 no Uruguay. A conquista da Argelia pelos francezes foi realizada mediante a organisação de columnas moveis, levando por único meio de transporte a mula. Em Madagascar foi tambêm este o elemento usado e com excellentes resultados. Na China, aonde concorreram cavallos de todos os paizes e dos quaes só os do paiz e algum que outro importado prestaram bons serviços, as mulas todas deram provas de sua aptidão para a guerra.

Para a infanteria montada, a titulo provisorio ou effectivo, com toda a equipagem ou a metade, a mula parece, para o nosso paiz, a montaria que se deve adoptar. A mula é capaz de transportar em igualdade de condições ou em peores que o

cavallo, mais peso que este, podendo neste caso levar cada regimento, batalhão ou companhia, maior quantidade de munição e facilitar assim seu aprovisionamento no combate. Como é animal muito manso, ha seguridade de conserval-o, deixando-o ao cuidado de poucos homens, emquanto que o cavallo facilmente se inquieta, se assusta e foge, requerendo, para vigial-o, pessoal muito mais numeroso.

Finalmente, para o serviço de guerra a mula apresenta a vantagem de ser sóbria, resistente, forte, agil, facil de carregar, montar e conduzir e mais economica, pelo seu pouco preço e sua alimentação."

"RAÇA DE GUERRA"

"Si até este momento temos feito silencio sobre o que se refere á raça que nos ha-de proporcionar os cavallos que necessitamos para a remonta do nosso exercito, é porque desejavamos tratar com alguma extensão este assumpto tão importante.

Conhecidos os caracteres que deve reunir o cavallo de armas e os differentes systemas que se pódem adoptar para sua acquisição, estudaremos agora qual a raça que melhor convêm, como productora de guerra, de accôrdo com os recursos culturaes de nosso sólo, com o nosso modo de combater e de vida.

A melhor raça de guerra é aquella que possa proporcionar no menor tempo possivel o maior numero de cavallos capazes de supportar as fadigas de uma campanha; a que melhor se adapte ao clima e ás condições topographicas do territorio e, finalmente, a que apresente mais vantagens economicas. Este conjuncto só póde se realisar com as raças proprias do paiz, e, quando este não conte com recursos hippicos sufficientes ou capazes, com as raças extrangeiras susceptiveis de uma facil acclimatação.

A raça cavallar que povôa o nosso territorio, si bem que não é originaria do mesmo, tem-se adaptado perfeitamente, por uma acclimatação de uns 400 annos, na qual só interveio a natureza e o accommodamento dos primeiros individuos importados. E, do mesmo modo que nós humanos, descendentes dos europêus que conquistaram e colonizaram este continente, temos absorvido os caracteres da raça indigena que povoava esta terra, ao ponto de fazel-a desapparecer, e nos temos accommodado, modificando os costumes de nossos antepassados, aos

quaes se lhes imprimiu um caracter particular, completamente distincto do que elles possuiam, as especies animaes, differentes da especie humana, tambêm se implantam, accomodam e modificam de accôrdo com as condições do novo meio em que se encontram.

Desta maneira os cavallos de origem hespanhola que Christovam Colombo importou para Haiti em 1493, Fernão Cortez e os seus para o Perú, Mexico e Florida, e Pedro Dias de Mendonça, para as comarcas do Prata, quando em 1535 fundou o porto de Santissima Trindade e a cidade de Santa Maria de Buenos Aires, se accommodaram ao ambiente da nova patria e, multiplicando-se, tem constituido um agrupamento dotado de caracteres particulares proprios, e que, com o nome commum de CAVALLO CRIOULO, é conhecido nos paizes americanos, principalmente no Sul.

O nosso cavallo descende de uma raça famosa, que gozou de grande renome e occupou o primeiro posto no mundo, antes de haver feito sua apparição o cavallo inglez de carreira: é do formoso andaluz, de quem deriva. Seu sangue é o mesmo que o do typo que Percival chamou "a perfeição que o mundo ignorava antes delles." Com effeito, o cavallo inglez é de origem oriental, formado pelo sangue arabe e berberisca; o andaluz, de sangue arabe primitivamente, soffreu tambêm, por causa dos feitos historicos que tiveram lugar na Peninsula Iberica, quando a invadiram os Mouros, a infusão do sangue berberisca. O cavallo inglez, dirigido especialmente com esmerados cuidados para os fins que guiaram sua formação, se transformou em raça e occupou um dos mais altos postos entre suas congeneres da especie equina. Porém, o filho da mais bella presença e qualidades exquisitas dos de sua época, nasceu em uma terra nova, muito fertil, porém abandonado a si mesmo, para viver e lutar em plena natureza. Assim perdeu sua linhagem, sua distincção, sua elegancia, a belleza esthética de seus progenitores, porém conservou e consolidou os mais interessantes caracteres que lhe poude legar a herança, para fazel-o um excellente animal de trabalho e de combate: sobriedade, rusticidade e um fundo inesgotavel.

Criado quasi em completa liberdade desde os tempos da conquista, tem-se reproduzido em numerosa quantidade, sem nenhuma mescla, no meio das immensas campinas, supportando as vicissitudes inherentes a um regimen no qual o homem só tem intervindo para exploral-o. "Como o arabe, disse Ch.

Barbier, ainda mais que elle, póde supportar a fome, a sêde, a insomnia e todas as miserias, desde que é sua vida natural, emquanto que no primeiro essa aptidão é especialmente o resultado da educação.

"Livre, come quando ha pasto, jejúa quando falta; nas épocas de grandes seccas percorre enormes distancias para encontrar um arroio ou uma lagôa, e supporta impunemente os rigores da intemperie.

"Domesticado, espera todo o dia, ensilhado, exposto ao sol, ao vento, á chuva, atado a um poste perto da habitação, aguardando que seu amo o necessite. E, á noite encontra ou não no campo o sufficiente para reparar suas forças depois de um dia de abstinencia e de fadiga sem piedade. Comprehender-se-ha que dura témpera dá ao cavallo platense essa educação quasi selvagem.

"Como temperamento é sobrio, robusto, de uma resistencia e de um fundo inesgotavel. Como força muscular, o fazem levar cargas fóra de proporção com seu tamanho. Como caracter possúe uma energia tranquilla, mantida apezar das privações; uma intelligencia maravilhosa, muita docilidade. Tem bom trote, solidez e velocidade. Nada lhe falta do que é necessario para que seja o *cavallo de guerra por excellencia.*"

Tal é o nosso cavallo descripto por um estrangeiro que o estudou, afim de introduzil-o na remonta do exercito francez, empreza que fracassou como a iniciada na Belgica, não por que carecesse das qualidades essenciaes que para esse serviço se requer, mas sim por falta de educação e preparação, que para aquelle meio era preciso possuisse.

Seu valor como cavallo de armas é conhecido entre nós e fóra daqui. Nas guerras pela independencia e em todas as nossas contendas civis, elle é o unico que tem sido utilisado; e o seu resultado tem sido mais que satisfactorio, surprehendente.

"Na sublevação dos *cipayos* a Inglaterra teve que remontar com urgencia as tropas de sua colonia. As circumstancias eram criticas. O triumpho dessa revolta a tinha ferido em pleno coração, e era mistér, a todo o transe, poder contar com os elementos de resistencia que ia oppôr-lhes.

"O fracasso, que seu amor proprio de criador acaba de soffrer, serviu-lhe de lição. A expedição da Criméa havia demonstrado cabalmente a inaptidão para supportar as miserias de uma campanha, de parte das raças heraldicas, que eram o seu orgulho, nascidas do sangue puro e que nos obstinamos

em considerar o supremo regenerador das nossas, sob o ponto de vista de remonta.

"Graças ao espirito pratico de seus consules e de seus viajantes, como a si mesma, a experiencia de seus innumeros *pioners* na America do Sul, estava tão bem informada a respeito das inestimaveis aptidões do cavallo platino, que não vacillou:

"Comprados antecipadamente por um agente local e concentrados no porto da Enseada, foram embarcados para as Indias uns dois mil cavallos, onde actuaram na grande e terrivel guerra da insurreição.

"Pergunte-se ao almirantado o que valem os serviços que tem prestado! (Barbier".)

Dos 550.000 cavallos que foram adquiridos pelo governo inglez para o theatro da guerra no sul da Africa, só os de origem americana foram os que deram bons resultados. Mais tarde alguns destes cavallos foram comprados em Capettown e Durban, para a remonta de um esquadrão de lanceiros portuguezes que desempenhou uma commissão de guerra em Zanzibar e Moçambique. E naquelle clima como si fôra o proprio, o cavallo crioulo demonstrou mais uma vez suas excellentes qualidades como animal soffrido e tão resistente, que é incomparavel para realisar grandes jornadas, ainda que rodeado das maiores privações.

Seu valor incontestavel como cavallo de guerra ainda o conserva; porém, o abandono em que se tem visto pelo commercio mais lucrativo de outras raças ou pelo amor ao exotico, que predomina em muitos casos, o tem feito desmerecer; e, o que é peor ainda, a implantação das raças estrangeiras o vae desalojando até que chegará o dia em que, se um novo rumo não se apresentar, haverá desapparecido, e com elle o nosso melhor cavallo.

Sua regeneração se impõe e temos que oriental-a por um dos caminhos que se apresentam: o cruzamento ou a selecção.

Qual é o que convêm mais? Analysemos.

O cruzamento é um methodo zootechnico cuja applicação apresenta algumas difficuldades. Consiste na absorpção de uma raça por outra chamada melhoradora, aproveitando-se para ella as condições de acclimatação em que se encontram as raças indigenas, com respeito as importadas. Seu fim é o melhoramento pela implantação dos caracteres da raça melhoradora. Mediante elle se vae rapido, porém também se vae ao azar. As forças hereditarias dos factores que entram em

jogo pódem oppôr-se, e a operação fracassar. A dosagem do sangue em zootechnia não é uma operação de laboratorio, é um effeito da pratica e da experimentação que requer dinheiro, tempo, dedicação e um tacto especialissimo, com o qual se nasce e que é melhor do que o que se póde adquirir.

A selecção é outro methodo que consiste no melhoramento de uma raça por si mesma, mediante cuidados particulares; a alimentação em primeiro lugar, acompanhando as fórmas e qualidades do typo eleito. E' um procedimento longo, porém, seguro e economico. Disse Leyder: "Conduz o criador por um caminho bem traçado a um destino certeiro; o cruzamento o leva, mas, por uma linha mal definida, ao azar do desconhecido."

CRUZAMENTO

O cavallo inglez de corrida, uma das mais interessantes criações zootechnicas, verdadeira preciosidade para o fim que foi criado, é, sem dúvida alguma, o candidato que conta com o maior numero de adeptos.

Não pretendemos discutir, nem pôr em dúvida o valor que possúe na especialisação que motivou sua criação; pelo contrario, o admiramos porque é a revelação do que póde alcançar o homem, applicando judiciosa e rasoavelmente os principios zootechnicos que a pratica e a experiencia scientifica têm sanccionado; porém, discutiremos seu valor como cavallo de guerra, que, como tal, é um fracasso. A Criméa, a India, o Transwaal e a China nos apresentam exemplos concludentes da sua falta de capacidade e de aptidões para supportar as vicissitudes de uma campanha.

A guerra do Oriente demonstrou que o cavallo inglez é um animal de luxo, e que essa é a sua especialidade, que nesse particular é capaz e nenhum outro se lhe avantaja, de uma grande velocidade, em uma carreira de poucos minutos, e que, si supporta a fadiga de uma caça ou de um serviço ordinario, comtanto que receba cuidados particulares e alimentação indispensavel á sua natureza exigente, em troca está provado pela experiencia que é mau cavallo de filla. "Apenas foram submettidos ao regimen da campanha pereceram". Os cavallos inglezes (escreviam de Criméa) se fundem em campanha, como a neve ao sol" (General Daumas.)

O Transwaal foi um cemiterio para os cavallos inglezes importados. O *Daily News* disse que apenas viviam seis semanas, em termo médio, depois de chegados a essas terras. Indubitavelmente que para essa mortandade excessiva contribuiram varios factores; a pouca idade de muitos delles e uma enfermidade exótica, a *dik-kop* ou *gall-ziekte*, que se faz sentir todos os annos naquellas comarcas, na época da maturação dos pastos, sobre os animaes importados e da qual se immunizaram os cavallos indigenas.

Dos 500.000 cavallos que em janeiro de 1901 foram comprados para o Sul da Africa e aos quaes aggregaram 50.000 entre cavallos e mulas (até março de 1902) adquiridos na America, foram estes ultimos que se sahiram bem e os únicos que resistiram á campanha.

Na insurreição da India e na campanha do Sudan a Inglaterra não utilisou os cavallos do continente.

Na China foram empregados os do exercito das Indias e alguns australianos de origem ingleza. Os ultimos fizeram parte da campanha rodeados de solicitos cuidados.

Alguns factos, sem dúvida, pareciam demonstrar que o cavallo inglez constitúe uma excellente montaria de officiaes para os reconhecimentos e outros serviços especiaes, nos quaes seria necessario percorrer em pouco tempo largas distancias. Não nos referimos a esses interessantes *raids* europeus dos quaes nos occuparemos noutra opportunidade. Tomaremos dois como exemplo: No Distanzrritt Vienna-Berlin-Vienna tomaram parte 92 cavallos (57 montados por austriacos e hungaros e 35 por allemães), destes morreram consecutivamente nessa carreira 22, (quasi 24 %) incluso o vencedor, um meio-sangue inglez, e o segundo um trakehit. No de Bruxellas-Ostende tomaram parte 36 cavallos, havendo chegado 29 á meta. Morreram do resultado dessa forçada prova 17 cavallos (pouco menos de 50 %), 7 em marcha, 4 na chegada e 6 nas cavallariças de Ostende.

Desses factos tiramos as seguintes conclusões: Esses cavallos foram preparados durante longo tempo para essa prova, com os maiores cuidados e uma alimentação em que fizeram entrar os elementos mais nutritivos e especificos, alguns para o trabalho muscular (ASSUCAR.) Durante a carreira foram equipados com o menor peso possivel; emfim, realisaram a prova em condições excepcionaes e num meio que lhes era favoravel em todo o sentido.

Se esses factores fossem despresados, se os transportassem a um meio contrario, poderia assegurar-se que não se alcançaria esse exito. Logo, si levarmos em conta que nas condições mais favoraveis, que de antemão se puderam preparar, houve sómente, como consequencia da marcha, em um caso 24 % e em outro 50 % de perdas sobre o total, a que cifra chegar-se-hia em campanha e em um meio como o nosso, bem distincto do europeu? Occorre perguntar agóra: Póde esse cavallo vir melhorar o nosso, quando este possúe qualidades especiaes que aquelle não tem?

A distincção e a elegancia são cousas secundarias, que para a guerra não se necessita. Sem reserva, nos atrevemos a dizer que o cavallo inglez de puro sangue não serve para cavallo de guerra, fóra de seu meio, nem para nós, nem para ninguem.

O arabe é o typo mais perfeito da belleza esthética e é o ideal mais bem acabado do cavallo de sella. De uma alçada médiana, leva unidos á um conjuncto de harmoniosas fórmas, de uma formosa silhueta, o vigor, a energia, o sangue e a nobreza. Tem contribuido com seu sangue para a creação e melhoramento das raças mais celebres. O *puro sangue* inglez, o andaluz, o tracknen e outros typos interessantes são seus descendentes directos. Nosso cavallo crioulo descende delle tambem, e em alguns individuos melhorados podemos ver caracteres reveladores do seu sangue.

Criado e educado desde o nascimento por um povo nómade e guerreiro que, por tradição, pelo culto á necessidade lhe dedica entranhavel carinho, tem conservado e confirmado, pelos esmerados cuidados que lhe prodigalisam, as mais bellas qualidades do corcel de guerra. A Inglaterra remonta suas cavallarias das Indias com estes cavallos; com elles os seus guerreiros tomaram parte na campanha contra a China, na tomada de Tiem-Tsin e de Pekim, que foram as mais penosas dessas guerras; e tanto aqui como no Sudan e no Egypto se tem comportado admiravelmente.

Tão reverentes qualidades o fazem merecer o mais alto conceito como reproductor de guerra. E' bem conhecido entre nós, porém, se deve considerar como um animal de luxo, pelo seu custo e cuidados particulares que requer.

O cavallo berberisco, variedade da raça formada por Sanson (Equus Africanus), não tem a belleza plastica do arabe, porém, é dotado de excellentes qualidades moraes que supe-

ram as do arabe. Diz a legenda deste povo que o rei Aaroum-el-Hais, tendo que combater, levou suas tropas montadas em cavallos berberiscos, pois, duvidava do triumpho levando cavallos arabes.

Na Criméa foram os que melhor supportaram as miserias da campanha; portaram-se muito bem no anno 70 (guerra franco-prussiana) e foram os melhores de todos levados pelos exercitos alliados para a China. Iam montadas nestes cavallos as forças francezas que formavam os esquadrões 5.º e 6.º de Caçadores da Africa.

Tem contribuido com o arabe, como diziamos, para a creação dos typos mais afamados que conhecemos, o puro sangue inglez de carreira em primeiro lugar.

O cavallo berberisco é um typo desconhecido entre nós e pensamos que não se trata de introduzil-o. Finalmente, poderiamos occupar-nos de outras raças, as pesadas, entre as quaes encontramos percherons, Shires, clydesdales, bolonhezes, belgas e outros typos muito interessantes, cujo cruzamento tem grande valôr sob o ponto de vista da industria e do commercio ou de outros serviços que não seja o da guerra em nosso paiz.

Como conclusão, ao que se refere ao cruzamento em geral, formulamos o seguinte:

Para o serviço de guerra não se poderá empregar o cruzamento como systema melhorador de nosso cavallo crioulo, emquanto a producção agricola do paiz não seja capaz de abastecer com folga as cavalhadas do exercito, da quantidade de forragens sufficientes para sua alimentação, tanto na paz como na guerra, e até que as vias de communicação não tenham alcançado a extensão e disseminação que permittam transportar com facilidade e rapidez os elementos, mediante os quaes se possa assegurar a vida e commodidade de uma classe de cavallos exigentes em alimentação e cuidados."

Até aqui o Dr. Polero, com cujas opiniões estamos de perfeito accôrdo.

Chile

Nada sabemos da organisação militar deste paiz com referencia ao cavallo de guerra. Apenas conhecemos uma conferencia sobre a materia, feita pelo engenheiro agronomo, o Snr. Coronel Pedro Morandé Vicuña no Club Militar de Santiago, no anno de 1915, e publicada pelo Ministerio da Guerra daquelle paiz.

O conferencista, depois de fazer uma grande apologia ao cavallo crioulo, ao tratar do cruzamento com o cavallo de corrida e com os de tracção-pesada, diz: (á pg. 10) "Quanto ao actual puro sangue (criado na Inglaterra) não lhe dou nenhum valôr militar; pois, tenho a absoluta segurança de que um animal que por muitas gerações se tem criado com excessivo cuidado e mimos, perde todas as condições de rusticidade, que deve ter primeiro que tudo um cavallo de guerra; e si se lhe exige um trabalho um pouco pesado e elle não é bem alimentado, a sua energia cahirá muito mais rapidamente que em qualquer outra variedade.

Os senhores pensarão que esta opinião é um exaggero de minha parte, mas facil me é provar que estou com a razão.

Ao actual puro-sangue se lhe exige um trabalho rigoroso e pesado antes dos dois annos, e, portanto, este esforço prematuro, não estando seus ossos e desenvolvimento bem formados, tem que soffrer as consequencias, e ao cabo de pouco tempo, por maior cuidado que se tenha, os seus tendões serão debeis ou creará sobre-cannas e adoecerá das articulações, ou dos cascos e esta debilidade no organismo se vae transmittindo.

A estatistica demonstra, e este é o melhor argumento, que apenas uns 5 % ficam uteis para correr depois de 6 annos, isto é: quando recêm o cavallo completou o seu desenvolvimento.

E para que um animal seja util ao exercito, sem que esteja desenvolvido, esta condição é absolutamente indispensavel; o de menos edade póde ser util na paz, porém o trabalho constante em uma campanha o inutilisaria muito mais depressa do que geralmente se pensa.

Porém não é só esta a transformação que tem soffrido o puro sangue desde o momento em que a selecção se fez para corridas de velocidade e não para sport. De forte, bem constituido, capaz de resistir ás inclemencias do tempo, condições que lhe davam grande valor militar, passou a ser pelo exclusivo cuidado com que se o cria e mantém, um animal débil, sem resistencia alguma e exposto a muitas enfermidades quando se lhe tira a capa ou se o mantem fóra das commodidades de uma bôa cama. Um puro sangue ou um mestiço muito avançado, em campanha, a meu juizo, não passa de um *chulo* (1) inutil. Isto não quer dizer que toda regra não tenha excepção.

E temos visto que a formaação de uma variedade se faz sempre sob um ponto de vista determinado e que o fructo se obtem depois de uma selecção muito prolixa e ao cabo de muitas gerações; e que si um dos encarregados da selecção se desvia do ponto de vista que se tem, o retrocesso se faz sentir immediatamente, e tem de se começar de novo.

Se desde principio os nossos criadores tivessem notado que as variedades de tracção são as que mais serviço prestam á agricultura, ao commercio e ao exercito, indubitavelmente teriam introduzido e fomentado algumas destas variedades. Porém, precisamente optaram pelas unicas que são completamente inuteis para estes serviços, como sejam as de tracção de luxo, a que pertencem os *Cleveland, Hakney* e *Iorckshire;* variedades que têm sido seleccionadas sob o ponto de vista único e exclusivo de puchar pelas cidades um elegante carro, tomando em consideração a moda da época.

A *Cleveland* foi a primeira variedade de tracção de luxo que se introduzio no paiz. Estes animaes são de grande desenvolvimento; aos dois annos têm uma altura de 1m,60, para chegar a 1m,70 e a 1m,78 ao completar o seu desenvolvimento. Quanto maiores tanto mais formosos eram considerados; tal era a moda.

Um animal a que artificialmente se dá um grande desenvolvimento e d'elle se exige um trabalho prematuro e exagerado aos 2 annos ou 2 ½, tem que ser necessariamente um animal débil.

E de facto, esta variedade aos 6 ou 7 annos perde toda a sua energia, sendo escasso o numero dos seus representantes

(1) *Chulo* em castelhano é synonymo de trivial, commum.

que a conservam depois dessa edade. Suas curvas, seus ossos, seus cascos são detestaveis; e apezar destes defeitos, reconhecidos por todo o mundo, foram estes cavallos os únicos que se importaram para o paiz durante muitos annos, e os únicos que tinham opção aos grandes premios dados nas exposições organisadas pela Sociedade Nacional de Agricultura.

Este foi o primeiro veneno que, sem o saber, introduziram os nossos advogados-agricultores na raça cavallar chilena.

Depois introduziram alguns animaes de tracção pesada, como o *Cleydesdale* e o *Percheron* francez grande, variedade de grande corpulencia, que, si bem é certo prestam muito bons serviços á agricultura, nas cidades e bons caminhos de alguns paizes europeus, para puchar ao passo grandes pesos, não são, entretanto, actualmente mais apropriados para as nossas necessidades. Estas variedades de tracção pesada mesclaram-nas com os mestiços *Cleveland* e com eguas chilenas.

No primeiro caso os fructos desta combinação foram animaes muito débeis e sem valôr algum; não eram nem uteis para o carro, por seus ares muito lentos, nem uteis para a tracção pesada, por serem muito débeis. (Devo recordar que toda a regra tem excepção).

Na cruza de tracção pesada com a egua chilena os resultados foram mais curiosos: os 80 a 90 % mal-pariam, porque, como é natural, não podiam manter em seu ventre um potrilho que quasi era tão grande como ella e os poucos que conseguiam nascer, tendo-se desenvolvido no estreito ventre de sua mãe em condições anormaes, anormaes tinham que ser as suas fórmas. E estes productos heterogeneos, cruzados sem obedecer á regra mais elementar de zootechnia, eram os que os nossos agricultores deixavam para mestiçar.

Logo se introduziram os *Iorckshire* e *Hackney*, que, como os *Cleveland*, pertencem ás variedades de tracção de luxo.

A moda tinha sido invertida; a grande altura foi substituida pela acção.

O *Hakney* tem effectivamente uma grande acção, porém é completamente artificial. Desde a idade de 6 mezes, e especialmente aos que são destinados a ser reproductores, se lhes põe ferraduras muito pesadas e este peso é o que os obriga a levantar as mãos e patas, dando-lhes a apparencia de animaes de grande temperamento e energia, quando na realidade estas condições desapparecem si se lhes tiram as ferraduras ou se os alimenta com uma ração corrente. Com esta acção

artificial e prematura, os tendões destes animaes, ao completarem o seu desenvolvimento, estão absolutamente debilitados, e esta debilidade, sendo hereditaria, se vae tornando mais sensivel em cada geração.

Esta variedade terá que desapparecer como desappareceu o *Cleveland*.

Afortunadamente o automovel desthronou completamente estas variedades de tracção de luxo, que, como antes disse, ao crial-as só se teve em vista arrastar pela rua um carro leve, segundo a moda da épocha, com animaes muito grandes e com outros de grande acção; porém nunca para que pudessem os puros ou mestiços prestar serviços uteis á agricultura, ao commercio e ao exercito.

Estas variedades de luxo têm sido o peor veneno que os nossos agricultores injectaram na variedade chilena.

Com o desenvolvimento absoluto do que é uma variedade ou raça, e os fins a que ella visa, não se contentaram em mesclar os de tracção de luxo com as variedades chilena, arabe, mestiços de carreira, com os *Claydesdale, Percheron*, anglo-normando, etc.; todos foram cruzados. E estes productos das combinações mais extravagantes e absurdas eram e são as que actualmente servem de reproductores na maioria dos nossos campos.

Que productos poderão sahir de taes reproductores?

Supponham os senhores que um licoreiro é substituido por um individuo que desconhece os licôres e as combinações que com estes se fazem. Como sahiriam os *cocktails?* muito máos, porém estes teriam compostura; ao passo que os *cocktails*, que desde muito vêm fabricando os nossos agricultores, não têm remedio e são muito peiores, porque a materia prima, ou sejam as mesclas, cada dia são mais extravagantes e por conseguinte de menor valôr."

Estamos de perfeito accôrdo com as asserções do Snr. Coronel Morandé Vicuña sobre a debilidade hereditaria dos cavallos de corrida; e, para confirmar essa opinião, repetimos o que não ha muito nos disse um medico veterinario que, conhecendo todos os cavallos que corriam no Prado desta capital, constatou que dos 250 parelheiros, apenas 20 achavam-se completamente sãos, ou seja 8 %.

Levando-se em conta que não se admittem no Prado cavallos com mais de 7 annos, póde-se julgar da fraqueza e da peculiar

insensibilidade desses animaes, que são justamente os que se utilizam como reproductores, *envenenando* a vigorosa raça crioula.

Notamos também que a raça equina chilena não se livrou da influencia extrangeirista, do gosto pela esthetica e pela vaidade de possuir o que não tinham, a despeito da indiscutivel bondade do cavallo crioulo; justamente o que succede entre nós.

Quanto ao emprego daquelles reproductores, para ampliar a estatura dos crioulos, como opina o Snr. Coronel Morande, consideramos um problema absolutamente complexo: A medicina utiliza determinadas dóses de venenos, porém infelizmente, nos methodos de cruzamento não dispomos de balança para determinar a quantidade que queremos conseguir. Procurando a altura apresenta-se o perigo de obter algumas das más condições do cavallo de corrida; e neste caso devemos conservar a nossa preciosa raça crioula.

Concordamos também com as suas opiniões sobre a inconveniencia do emprego das raças grandes para utilizar os seus productos nos serviços de guerra.

Argentina

Neste paiz, berço do melhoramento pecuario, e onde as raças bovina e ovina têm conseguido o maior desenvolvimento, o mesmo não tem succedido com a raça cavallar. Os pretensos progressos conseguidos pela maioria dos criadores, por meio de cruzamentos desordenados com raças extranhas, têm sido contestados, como já mencionamos, e apezar de possuir productos de bôa altura, resultantes daquelles cruzamentos, ainda não estão definitivamente determinados os typos destinados ao serviço do exercito; e isto o affirmamos por termos lido numa revista pecuaria daquelle paiz que o governo cogitava da nomeação de uma commissão para estudar o assumpto e dar o seu parecer.

O Dr. Lecler, que conceituamos autoridade na materia, no seu livro *Raças cavallares*, confirma aquella noticia, emittindo opiniões sobre o assumpto.

O illustrado argentino, apezar de mostrar-se partidario do cruzamento de raças extranhas, aconselha ao seu governo a adopção de tres typos de cavallos para o exercito.

Nas considerações em que baseia a sua opinião diz que o cavallo de guerra deve ser agil, resistente, sóbrio, sendo o ideal um cavallo que não comesse.

Deste ideal, sem dúvida alguma, o que mais se approxima é precisamente o nosso cavallo crioulo.

Para a cavallaria ligeira de vanguarda e descobertas o Dr. Lecler aconselha o cavallo de 370 ks. de peso, ligeiro, resistente, ou seja o verdadeiro cavallo crioulo.

Para a cavallaria em geral, o producto do cruzamento com o puro-sangue, com peso não superior a 450 ks.; e para tracção, o cruzamento de raças de tracção leve, cujo peso não passe de 500 kilos.

Convém notar a limitação do peso, principalmente dos ultimos, por ser demasiado sabido que o maior peso de um cavallo, se bem imprime-lhe mais força, diminúe-lhe a resistencia, e disto teve a prova o Estado-Maior argentino nas mano-

bras effectuadas na provincia de Entre Rios, no outono de 1914, que, se bem com a attenuante do tempo desfavoravel, muitos foram os casos em que os cavallos grandes não puderam puchar os canhões e ambulancias em terreno molhado.

Para a presente guerra foram transportados do Prata milhares de cavallos, tolerando-se a exigencia da altura, em face da urgente necessidade.

O capitão Plantade, que ha dois annos esteve nesta cidade, e actualmente na linha franceza, em carta dirigida a um amigo nosso, dizia ter visto nas linhas avançadas cavallos pequenos, que desempenhavam bem sua missão, semelhantes aos que aqui vira, e perguntava si tinhamos feito alguma remessa para a cavallaria franceza.

No citado livro (pg. 60) diz o Dr. Lecler, referindo-se ao cavallo crioulo:

Condições de sobriedade e de resistencia

A raça crioula é o resultado de uma selecção natural ao meio de um paiz aberto a todos os rigores climatologicos: verões ardentes, invernos rigorosos, escassez forrageira determinada por seccas de 6 a 8 mezes, seguidas de tempestades e innundações; é o resultado de uma criação semi-selvagem e de uma adaptação completa durante mais de tres e meio seculos (1535-1912).

Seu numero é todavia crescido, porém, abundam os defeituosos; com o bom que fica se poderá fazer surgir uma nova raça de sella e tiro leve, apta para muitos serviços praticos e sobre tudo para *nossas* necessidades militares.

Contrariamente a este perigo, durante discussões provocadas o anno passado (1911) a proposito dos cavallos mestiços deixados em França por nossos granadeiros, houve entre nós militares que, ao defender nossa producção cavallar mestiça, chegaram ao ponto de negar a existencia do cavallo crioulo. Tudo é *fantastico* — diziam, "*e sobre tudo o pretender resuscitar um* "soi-disant" — cavallo crioulo, que eu, em homenagem á tradições de outras épocas, declaro que na actualidade não conheço".

Citamos esta passagem sómente a titulo de mostrar até que ponto são estereis os exclusivismos. Em materia de raça cavallar crioula, como de outras, todos os extremos se tem tocado. Outros escriptores se têm limitado sómente a negar

que esta raça tenha merito algum, e a sustentar que sua completa absorpção pelo puro-sangue inglez ou pelo arabe resume o seu porvir.

E aqui, agora, uma antithese do que precede, é a opinião de um illustrado coronel do exercito. "O cavallo crioulo, que possuimos em grande numero, constitúe uma raça pura; sua valentia é proverbial e está consagrada por todos e em todas as partes. O cavallo crioulo está collocado em primeira linha entre todos os cavallos que temos, a tal extremo que os fazendeiros argentinos e extrangeiros o preferem quando querem a resistencia no campo ou no rodeio, viajar, jogar o pólo, etc."

Cremos que sempre tem sido equivocas essas discussões: a producção do cavallo é antes de tudo um commercio e, como este pede e paga melhor toda e qualquer outra raça de cavallos modernos, o crioulo, apesar de todos os seus méritos intrinsecos, foi deixado de lado. E' ao Estado a quem incumbe recolher o bom que ainda ha, conserval-o e melhoral-o, por diversos modos, inclusive a selecção simples, em previsão das necessidades militares exclusivamente nacionaes, e quem sabe si, uma vez melhorado e multiplicado, não seria capaz de adquirir um valor exportavel, ou para outra classe de applicações mais úteis e mais importantes que as que hoje desempenha.

Não se póde negar que entre a população crioula ha muito elemento sem valôr; porém, sempre é possivel encontrar entre ella elementos de grande mérito; ainda não é raro encontrar-se entre a população commum cavallos crioulos capazes de fazer jornadas de 20 a 30 leguas diarias, durante varios dias, e, este feito é bem conhecido de todos quantos têm tido occasião de viajar em nossas illimitadas planicies. Em nossas guerras civis a proeza tem sido repetida cem vezes; de prova de velocidade umas vezes e de potencialidade muscular outras, a sua historia está cheia.

"El año cuarenta y dos", assim é o titulo do livro do Snr. Frederico de la Barra — Nesta data fui testemunha de um acto equivalente a uma prova experimental. Derrotado o general Paz em Caaguassú, já ao anoitecer desse dia sangrento, as cavallarias correntinas fugiam com muita desordem; os vencidos eram sacrificados á medida que cahiam; o perigo era iminente, não restavam mais que dois caminhos: ou se deixar matar a lançaços, como se costumava então, ou arrojar-se á pantanosa lagôa que deu nome áquella acção de guerra. O Snr. de la Barra optou pelo segundo e se metteu nella com seu cavallo;

marchou toda a noite lutando com o pantano ou com as rêdes de aguapé; ás vezes o crioulo se afundava até o peito, porém, multiplicando suas forças vencia os obstaculos a saltos e, ao chegar o dia, e já proximo á costa opposta, o valente cavallo ficou alli, preso entre o lodo, porém, havia salvo o seu cavalleiro.

Na obra do coronel Manuel J. Olascoaga. *La conquista del Desierto,* observam-se tambem numerosos exemplos de provas de resistencia notaveis, dadas por cavallos crioulos isoladamente e em pelotões nas operações de descoberta sobre os indios já em derrota até os territorios de Neuquen e Rio-Negro.

O Snr. Carlos Guerrero, que tanto se tem distinguido, defendendo sempre o cavallo crioulo, tem relatado numerosos feitos concretos, que demonstram que ha cavallos crioulos capazes de demonstrar notaveis condições de fundo. Repetiremos algumas:

Em 1906, no hippodromo de Mercedes (S. Luiz) se realisou uma prova que consistia num premio ao cavallo que, á vontade do ginete, vencesse a maior distancia em duas horas. Disputaram 12 cavallos. A maior parte delles eram mestiços de carreira. O ganhador foi um crioulo, do engenheiro Abel Gutierrez, o qual venceu nas 2 horas 51.600 metros, com 95 kilogrammas de pezo, (430 metros por minuto). Percursos de 10 leguas em 2 horas são casos communs.

Em 1910, no dia 9 de Julho, se realisou uma prova de resistencia de 10 leguas, em Santa Fé — desde a Estação Alvarez até Rosario, ida e volta. Tratava-se de provar a resistencia de oito cavallos e eguas crioulas de propriedade do Snr. Angel Alvarez.

Correspondeu o primeiro premio ao Snr. Carlos Uranga, que percorreu o trajecto em 2 horas e 40; o segundo á egua montada pelo Snr. Mario Casa, em 2h,52'; o 3.º premio ao Snr. Eugenio Maguén, que chegou em 2h,47'.

Viagens de 25 e 30 leguas diarias cita muitas o Snr. Guerrero, e o caso de 94 leguas (470 kilometros) feitas em quatro dias, pelo engenheiro José M. Paz, chefe da Commissão de estudos, do Canal de Chole-Choel ao porto de Santo Antonio, é decisivo para demonstrar a resistencia dos cavallos crioulos. (Nesta expedição se contavam 3 cavallos por ginete e levavam peso de 100 a 105 kilos).

Não queremos insistir mais sobre os meritos do cavallo crioulo e sobre as altas conveniencias nacionaes que militam em

seu favôr, para que o Estado se preoccupe com sua conservação e melhora, porque ha occasiões em que certas defezas sabem ser contraproducentes, sobretudo si não provêm do extrangeiro.

E, a proposito, nada mais instructivo que a proeza realisada pelo Snr. Roberto Bahlcke, em Outubro de 1909, arriscando-se em uma prova de resistencia, entre Vienna e Berlim, com 4 cavallos levados da provincia de Cordova, e da qual, *O Sport* de Vienna deu a noticia da seguinte fórma:

"Em data de 7 de Novembro de 1909. Temos recebido uma série de interessantes e caracteristicos detalhes relativos á carreira de distancia deste anno; as juntas mais caracteristicas que tomaram parte eram sem dúvida os 4 poloponneys do FOUR IN HAND, guiadas pelo Snr. Roberto E. Bahlcke, com os quaes disputou a victoria entre os competidores de 1 e 2 cavallos. Esses animaes chegaram em Junho deste anno nas peores condições imaginaveis de Buenos Aires, a bordo de um vapor de carga, sem haverem tido cuidado algum durante a travessia até Hamburgo. Se haviam ferido sériamente durante a viagem... As probabilidades para esses cavallos, segundo a opinião de todos os entendidos, eram as peores, e desde um principio descontada a segurança do exito, apreciações muito equivocadas, como logo se viu; e hoje, depois da carreira, tem-se que reconhecer que esses cavallos demonstraram uma resistencia pouco commum, que todavia não foi apreciada sufficientemente. A não ter sido o Snr. Bahlcke um conhecedor consummado de cavallos, não haveria elegido esses animaes, cujas condições sobreexcellentes ficaram evidenciadas e não as diminue o feito que, por haver adoecido um da 3.ª etapa, teve que seguir a carreira até sua terminação com 3 cavallos, causa pela qual foi declarado fóra de concurso, não obstante haver empregado o *menor tempo* de todos os concurrentes.

Um dos tres cavallos tomou parte, no dia seguinte ao da chegada em Berlim, nas caçadas imperiaes de Döberitz, e foi adquirido pelo conde Hatzfeldt, quem mais tarde tambem comprou o rosilho e o baio-fouveiro, o mesmo que tinha adoecido durante a carreira. "Uma revista de Praga, accrescenta o Snr. R. Bahlcke, referindo-se aos 4 crioulos, dizia que haviam revelado tal resistencia e guapeza, que não pareciam de carne e osso, mas sim de ferro; o barão Oettingen, que dirige o Haras Trakehnen, cuja autoridade em questões hyppologas é reconhecida, ao dar-me as boas vindas por minha chegada a Berlim, me dizia que, si em lugar de cavallos houvesse trazido eguas, as

haveria comprado para destinal-as á cria em Trakehnen, (carta do Snr. R. Bahlcke ao presidente da *Liga Agraria*, Snr. Diego Baudrix.)

(Recommendamos esta ultima prova aos Snrs. da Commissão 11.ª da Conferencia Nacional de Pecuaria, da qual mais adiante nos occupamos.)

Por nossa parte nos reduzimos a desejar que o Estado escolha os melhores planteis de eguas e potrilhos que se possam conseguir no sul, centro e norte da Republica e constitúa com elles centros de criação e melhora da raça crioula, afim de que mais tarde possa offerecer uma base aos que desejam voltar sobre esta excellente fonte de reproducção equina, seja para continuar sua melhora por selecção ou para formar novos typos mediante a intervenção de outros, como por exemplo a dos mais *anglo-arabes*, francezes, com os quaes, opinamos, se chegaria á formação de um dos melhores typos de cavallaria ligeira aceitaveis para esse uso aqui e na Europa.

A melhora da raça cavallar crioula ha de redundar em beneficio de todos; á medida que se melhore os campos toda essa immensa quantidade de animaes de pouco valor desapparecerá para dar logar a uma população mais valiosa; é logico esperar que a população crioula diminúa progressivamente em numero para augmentar de valor.

Em uma guerra sul-americana póde prestar hoje mesmo excellentes serviços; póde levar-nos a toda parte, porque é leve, se alimenta de tudo e não adoece. Se contamos com mais de 3.000.000 de cavallos e potros, como não haviamos de achar sequer um milhão utilizavel; de 1.799.000 eguas crioulas que accusa o censo, algo bom se acharia, tudo isto sem contar com cerca de meio milhão de cavallos e potros mestiços. Como nossos inimigos estão muito longe de gosar de taes vantagens, consideramos que nossa situação, com respeito a meios de movimento, não se acha em estado afflictivo e que podemos, portanto, abordar com vagar, porém com firmeza, a melhora do nosso cavallo crioulo.

Nossas necessidades militares não estão nas mesmas condições que as das principaes potencias européas; no dia de uma guerra não teremos seguramente de montar nossas cavallarias em typos anglo-normandos, oldemburgueses, trackenen, puro-sangue inglez, excepção feita de chefes e officiaes, pelo prestigio da austeridade marcial.

Nossa raça crioula, melhorada por selecção ou melhoramentos adequados, bastaria para todas as necessidades; porém se nosso exercito ha de ser montado em tudo como os da Europa, como é a tendencia actual, e se a producção cavallar argentina ha de corresponder tambem ás necessidades dos exercitos e das industrias européas, não haverá mais remedio senão adoptar a orientação hoje dominante no velho mundo. Ter-se-ha que produzir o que nos pedem e não outra cousa — e havemos de empregar os mesmos ou analogos procedimentos de reproducção e criação que alli se empregam.

Venham então, pois, os anglo-normandos, os anglo-arabes, os hunters e todos dos quaes a Europa nos ha-de solicitar; mas, sem descuidar por isso da raça nacional.

Até aqui o Dr. Lecler, que, apesar de sua predilecção pelas raças européas, estamos de perfeito accôrdo com as suas manifestações com referencia á raça crioula.

Concordamos tambêm com a sua opinião, suggerindo ao Governo a conveniencia de cuidar com esmero a raça crioula, aproveitando o melhor que della existe actualmente.

Em identico sentido expressamos já ás nossas idéas em paginas anteriores, quando dissemos que o Governo nada devia esperar dos criadores, sobre o melhoramento da mencionada raça.

Notamos que na Argentina e no Chile, como entre nós, impera a corrente de opiniões favoraveis ao extrangeirismo, de cujo mal acha-se ainda livre o Uruguay, tendo em vista os actos officiaes tendentes á criação do cavallo de guerra.

Damos em seguida a opinião de escriptores europeus.

O cavallo crioulo argentino

Tratado de Zootechnia Geral e Especial, por A. Raphael Berbiela (pharmaceutico do Hospital Provincial de Zaragoza) e Santos Aran (Veterinario Inspector Municipal do Matadouro de Zaragoza).

Ainda hoje, que o progresso abre novos horizontes á vida no paiz, o cavallo crioulo presta importantes serviços, como resultante da disseminação do homem em um paiz extensissimo e pouco povoado, onde as distancias são enormes e onde o cavallo era o complemento do indio hontem, do gaúcho e do estancieiro hoje.

Maravilhosamente preenche o seu papel o modesto *mancarron*", (1) como se o chama depreciativamente. Vale poucos *pesos,* está ao alcance do mais pobre, alimenta-se com qualquer pasto que bróte rapidamente por toda a parte, e tem força, resistencia e velocidade bastante para supportar largas caminhadas. E' o cavallo crioulo um animal vantajoso; resiste á marchas extraordinarias, quasi sem alimento, como o cavallo das *steppes* russas ou do deserto; vence enormes distancias e grandes obstaculos, impulsionado pela vertigem da velocidade e da intrepidez propria dos póvos guerreiros e semi-selvagens. E' possivel que para a maioria dos argentinos passe despercebida esta virtude do cavallo crioulo, cujos esforços sob um sol ardente e conduzidos por excellentes cavalleiros constituem algo de typico; algo que denota a bravura de um povo com decisão para todos os emprehendimentos; para o épico e para o industrial; para o útil e para o *sport,* entendido de mil diversos modos.

Todo este sedimento de sangue e energia que fluctúa em todo o pampa está pedindo orientação adequada, para que de accôrdo com ella se alcance o melhoramento dos cavallos do paiz e se os possam exportar para todos os mercados do mundo, consoante a importancia da criação na Argentina. Durante muito tempo o aproveitamento do cavallo crioulo esteve em verdadeiro estado de anarchia economica.

Assim póde-se chamar a uma situação de facto, em que chegou a pensar-se, para melhoral-a, em adaptal-a á criação de animaes de carniceria hippica e em que já se tem explorado a crina, os ossos, a graxa e o sebo.

As estatisticas nos têm informado durante muitos annos que cada equino produz uns quatro *pesos* papel, valor de seu couro quasi que exclusivamente aproveitado. Para a utilisação tão sómente da carne, sebo, couros..., seria preferivel que a criação do cavallo crioulo cedesse suas pastagens ao ovino e ao bovino.

No caso contrario, reforçados seu aspecto e suas qualidades dynamicas e conquistados os mercados exteriores, a valorisação dos productos ganharia vantagens representadas por muitos milhões para o intercambio argentino.

O objecto merece todos os sacrificios.

---

(1) *Mancarron* é termo castelhano, que podemos traduzir por matungo.

Ainda opiniões de praticos

Até aqui os autores hespanhoes, como se viu, reconhecem o verdadeiro merito do cavallo crioulo, muito desconhecido e até negado entre nós.

Damos a seguir a opinião de um pratico, gaúcho bem conhecido pelas obras que tem publicado: Nos referimos ao Snr. João Cezimbra Jacques, que actualmente reside no Rio. Homem que viveu muito tempo na nossa campanha. Conhecemos o seu livro *Apontamentos para a historia do Rio Grande do Sul.*

Nessa obra elle revela-se perfeito conhecedor das lides campeiras, nas quaes igualmente nos criamos. Ha pouco alguem nos referiu uma proeza deste Snr.: Por occasião de umas eleições, achando-se elle em Bagé e havendo necessidade de uma communicação com outra cidade, distante 40 leguas, o major Cezimbra, encarregado dessa missão, num dia, a cavallo, venceu aquella distancia.

Pequenas notas

O cavalleiro gaúcho — A posição do cavalleiro gaúcho é a seguinte: P'ra montar em cavallo *arisco* pega com a mão esquerda no fiador do boçal ou boçalete, com a direita nas rédeas apoiadas sobre a cabeça do lombilho ou serigote, pucha o animal fazendo voltar para o seu lado, procura a "bôa volta"

e, com o pé esquerdo previamente no estribo, monta. Em animal manso, porém, pega as rédeas com a mão esquerda e, apoiando-a na cabeça do serigote, leva a direita á cabeça posterior do mesmo e, com o pé esquerdo no estribo, monta, afastando com rapidez a mão direita do logar em que estava. Feito isto, ordinariamente o cavalleiro senta-se no serigote, na parte mais baixa, com o corpo um tanto para traz, sem affectação, cabeça levantada, olhando em direcção ás orelhas do cavallo, peito avançado, de pernas cahidas naturalmente, sentando os pés nos estribos, mais para descançal-os do que para o equilibrio, o qual deve realisar independente delles.

Mas, quando tenha de montar em animal bravio, potro ou redomão, deve usar estribos curtos, de modo que as pontas dos pés fiquem ligeiramente para cima, como na alta escola.

Governo — Ordinariamente o cavalleiro pega as duas cannas das rédeas de unhas para cima; mas quando montado em cavallo arisco, ou quando tenha de pegar armas, laço, boleaderas ou qualquer objecto, deve pegar as rédeas de unhas para dentro, isto é: para o lado do peito.

Defeitos a corrigir — O cavalleiro não deve trazer cahida a mão desoccupada e sim um pouco para a frente; as pernas, a querer abril-as, devem estar mais abertas para os lados do que em direcção levadas parallelas ao pescoço do cavallo; e também é um defeito grave andar a fazer movimentos desordenados com o corpo.

Bons exercicios — Galopar em pé a cavallo, saltar obstaculos, pegar objectos no sólo ao galope, tocar com os pés no solo galopando, descer rampas deitando para traz o corpo, saltar de um pulo em pelo no dorso do cavallo, passar a nado no dorso do cavallo, laçar e bolear.

O cavallo de guerra — O cavallo de guerra deve ter no minimo 1m,40 de altura; deve ser reforçado, mas nunca demasiadamente grosso de modo a perder a elegancia.

"Do cavallo o corpo inscripto
Deve ser em um quadrado,
Comprimento igual á altura,
Para ser proporcionado.

E' o typo do cavallo
De carreira e de batalha
De resistencia e de alento
E não de fogo de palha."

Alferes *Alexandre Brandão.*

A melhor selecção para conseguir-se um typo de cavallo de guerra, nos parece, deve ser feita de animaes crioulos, si attendermos a resistencia que elles offerecem ás intemperies e nas longas viagens, com vantagem sobre os animaes de raça. O typo do cavallo do Quarahy é dos mais bellos do Rio Grande do Sul, tendo além deste facto os cascos mui resistentes. Assim, achamos que com pastores tirados das crias crioulas da dita zona com eguas escolhidas de outras zonas sul-rio-grandenses ou platinas, se poderá, sem andar a importar reproductores carissimos, conseguir muito nesse sentido.

Concluindo esta breve nota, devemos dizer que são tambêm dignos de attenção para tal fim os cavallos do municipio de Bagé, Jaguarão, D. Pedrito, Piratinym e outros, que no estricto limite desta nota não nos é dado mencionar."

(*Assumptos do Rio Grande,* pgs. 224 e 225.)

Estamos de perfeito accôrdo com o que antecede, a excepção de um pequeno engano que, sem dúvida, teve o major Cezimbra, referindo-se á maneira de segurar a rédea quando se faz uzo do laço. Neste caso a rédea deve ser tomada com a primeira indicação feita, ou seja, com as unhas para cima; esta posição facilita a sahida das rodilhas do laço, depositadas na mão esquerda, o que se tornaria muito difficil segurando a rédea de unhas para baixo ou contra o peito.

Salto, 27 de Setembro de 1915.

Sr. Delfino M. Riet. — Porto Alegre.

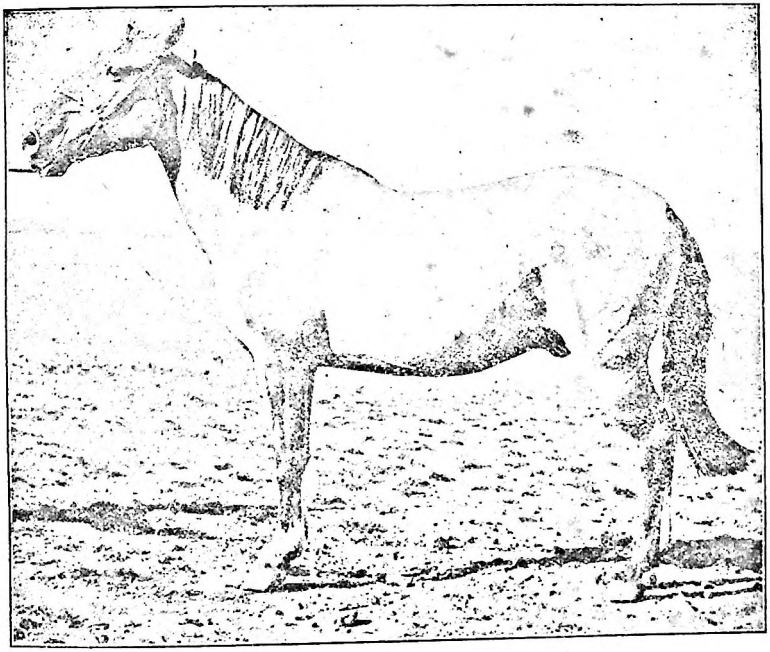
Estimado amigo.

Em meu poder sua carta de 16 do corrente.

CAVALLO CRIOULO. — Estou convencido de que é o melhor para os nossos serviços e mesmo para o exercito, devido

ás condições de resistencia e sobriedade, economia, docilidade de bocca e bom commodo.

Não fiz tal regalo e sim influi para que o Governo comprasse um arabe que havia na exposição e désse ao Regimento



Crioulo — 1,m44. Com a respeitavel idade de 22 annos
Propriedade do Coronel Antonio de Mattos Netto

de Arapey, afim de que os visinhos levassem eguas para serem cobertas, por uma pequena remuneração, e desse modo esse sangue se refundiria pelo paiz.

Patricio e amigo,

(a) *Antonio de Mattos Netto.*

Porto Alegre, 9 de Outubro de 1916.

Illustre am.º e Snr. D. M. Riet. — N/C.

Tenho presente vossa apreciada carta de 2 do corrente, contendo um questionario sobre o cavallo de guerra e o animal de tracção.

Comquanto me escasseie competencia para uma resposta satisfactoria, dar-vos-hei, todavia, minha opinião despretenciosa, oriunda de longa experiencia adquirida aqui e em S. Paulo.

O cavallo mais conveniente para o exercito, em tempo de guerra, é o nosso "crioulo", preferivel porque, além da sua rusticidade, resiste perfeitamente a largas marchas e não requer alimento especial para o seu sustento.

O animal mais útil no exercito, para tracção, é a mula "crioula", que offerece as mesmas condições de resistencia, rusticidade e custeio barato.

Quatro destes animaes, por exemplo, transportam com facilidade 1.500 kilos e cada um supporta, como carga, 150 ks.

Aproveito a opportunidade para reaffirmar-vos as seguranças de meu elevado apreço e distincta consideração.

(a) *Salvador Pinheiro.*

Jaguarão, 17 de Outubro de 1916.

Illm.º Snr. D. M. Riet. — Porto Alegre.

Retribúo seus cumprimentos.

De posse de vossa carta de 2 do corrente, na qual submetteis á minha opinião qual seja o melhor cavallo para o exercito em tempo de guerra e tambem qual o mais útil e conveniente para tracção.

Em resposta, emittindo a minha opinião, sou de parecer que o nosso cavallo CRIOULO é o mais conveniente para o serviço do exercito em tempo de guerra, quer para montaria, quer para tracção.

Aproveito o ensejo para retribuir-vos os meus protestos de alto apreço e elevada consideração, sou seu

Patricio Am.º Att.º

(a) *Gabriel Gonçalves da Silva.*

Camaquam, 10 de Novembro de 1916.

Exmo. Snr. D. M. Riet.

De posse de vossa apreciada carta, datada de 2 de Outubro p/p., depois de agradecer e retribuir vossos respeitosos cumprimentos, passo a responder os questionarios nella formulados:

Qual o cavallo que julga mais conveniente para o exercito em tempo de guerra?

— Qual o animal mais útil e mais conveniente no exercito, para a tracção?

Ao 1.º quesito respondo que julgo ser o nosso cavallo crioulo, por sua rusticidade e resistencia; ao 2.º, que julgo ser o nosso muar, o qual possúe qualidades notaveis de sobriedade e resistencia.

Julgando ter attendido a V. Ex.ª, respondendo ao vosso pedido, de accôrdo com a minha desvalorisada opinião, tenho a honrosa satisfação de despedir-me como vosso patricio e admirador que sou

J. A. Netto.

Illustre patricio Snr. D. M. Riet.

Saudações — Permitta que um obscuro admirador, rompendo o acanhamento que lhe é innato, venha trazer-lhe as suas felicitações as mais enthusiasticas pela campanha patriotica e digna que emprehendeu o illustre patricio em pról do nosso optimo animal crioulo que, infelizmente, está sendo victima dos nossos *perfumados* entendidos na materia de cavallo. Ha 14 annos venho estudando e observando as qualidades dos nossos crioulos e terminei concluindo que elle, para o nosso exercito, é o cavallo de guerra ideal. Faltam-lhe sómente o trato e uma selecção intelligente, para que tenhamos resolvido assumpto tão importante como é o da obtenção do cavallo militar. No Rio de Janeiro, de onde nos vem as idéas a respeito, imperam as theorias, sem nenhuma observação pratica ou experimental, sendo os competentes dalli, em grande numero aliás, vencidos pela *leva de jovens turcos*, acostumados mais aos torneios

bizarros dos concursos hippicos do que aos serviços reaes de cavallaria.

Tomo a liberdade de enviar-lhe um desalinhavado artigo que publiquei sobre o pseudonymo — *Minuano* — no jornal junto.

Patricio e admirador,

Minuano.
(Um official do exercito.)

Cruzamento

Como já dissemos, não podemos conseguir um exemplar do regulamento official relativo á criação de Saycan. Numa publicação que o então coronel Pires de Moraes fez, disse que o emprego do cavallo de corrida naquella fazenda éra com o proposito de elevar o porte do cavallo crioulo.

Este processo não é tão facil como parece á primeira vista, e o seu resultado, talvez problematico:

Para obter altura expõem-se ao risco de imprimir nos productos desse cruzamento varias das más condições inherentes ao puro-sangue de corrida.

Supponhamos que um caçador, notando a pouca altura de seus perdigueiros, fizesse cruzamento com galgos, qual seria o resultado?

Suppondo que conseguisse maior altura nos mestiços, é de crêr que estes perderiam a especialisação do olfacto, assim como o producto daquelle cruzamento perderia algumas das bôas condições do cavallo crioulo.

O cruzamento de que nos occupamos, com o único fim de obter maior altura, não é como o pintor que combina as tintas para dar a côr que deseja.

No cruzamento difuso é summamente difficil conservar e tanto mais conseguir que taes productos imprimam aos seus descendentes as suas caracteristicas.

Depois do primeiro cruzamento com eguas crioulas, obtendo-se mestiças meio-sangue, para continuar com os reproductores de puro-sangue, resultaria o cruzamento continuo, com tendencia ao desapparecimento da raça crioula.

Si as éguas meio-sangue fossem cruzadas com reproductores crioulos, a tendencia seria favoravel a esta raça, e utilisando os mestiços meio-sangue para reproductores, o que em zootech-

nia é pouco aconselhado, o resultado seria sempre duvidoso, porque a descendencia de um meio-sangue nem sempre herda as condições morphologicas. Suppondo a mistura de meio copo de vinho com outro meio de agua, repetida esta operação com os mesmos elementos, dará sempre a mesma côr; porém os productos de um meio-sangue pódem adquirir condições exclusivas paternas ou maternas.

Por outra parte, seria, sinão impossivel, muito difficil manter o cruzamento num meio ou quarto, como se queira.

Dechambre affirma que a chamada raça anglo-arabe, apezar de intelligentes esforços durante um seculo, ainda não está fixada; e o fazem na França com o proposito de conseguir um cavallo mediano, em muitos pontos de contacto com os nossos crioulos, faltando apenas um pouco na altura: Já que os possuimos, reconhecendo as suas excellentes qualidades, porque não os melhoramos por meio da selecção, antes de aventurar-nos a cruzamentos de resultado duvidoso?

O actual cruzamento usado na criação de Saycan, como dissemos, e que é de facil comprehensão, passado algum tempo, quando todas as eguas sejam de um quarto, tres oitavos e meio-sangue da raça de corrida, terão forçosamente de utilisar o methodo da consanguinidade, afim de conservar os caracteres adquiridos.

Um factor importante destruirá pouco a pouco o que se tiver conseguido em favôr da maior altura: Nos referimos á influencia mesologica.

Como se sabe, o nosso cavallo, de origem mais ou menos arabe, com quanto não soubessemos o porte que tinham quando foram importados a esta parte da America, sabemos entretanto na actualidade o estado em que se acha: embora não constituissem uma raça definida, quando foram importados; a sua reproducção durante quatro seculos no nosso meio garante-lhes a firmeza na transmissão de seus caracteres, dependendo sua altura das condições do terreno, clima, alimentação, etc.

Não é, pois, aventurado affirmar que taes factores se opponham á conservação da altura que se pretende dar aos mestiços.

Em palestra que tivemos ha poucos dias com o general Ildefonso Pires de Moraes Castro, soubemos que no regulamento da Fazenda do Saycan o conjuncto da fórma administrativa apenas determina a raça dos garanhões que deverão ser empregados: Crioulos, inglezes, arabes etc., e que S.S., se bem tivesse

utilizado os garanhões inglezes com o proposito de augmentar a estatura, por considerar conveniente, hoje não pensa da mesma maneira, em face do mau resultado obtido, participando, pois, da nossa opinião, optando pela selecção e intervenção unicamente do arabe.

Referindo-nos ao regulamento, achamos que é digno de censura determinar as raças que devem ser empregadas sem estabelecer o methodo a que devem sujeitar-se os directores daquelle estabelecimento, sem o qual os cruzamentos serão arbitrarios, ao juizo de cada director e que, não coincidindo, como é de humano, o resultado será sem dúvida desastroso.

Temos já o exemplo citado: O ex-director diz em seu ultimo relatorio que de 1904 a 1911 empregou os garanhões arabes para vigorisar a raça crioula e o inglez para augmentar o pórte; hoje não pensa da mesma maneira; ignoramos o criterio seguido pelo seu substituto, que bem poderá divergir; faltando saber se depois de 7 ou 8 annos pensará da mesma fórma; dados os resultados que obtenha. Isso faz crêr que o Ministerio da Guerra não possúe verdadeiro criterio sobre a materia e que, sendo esse um assumpto de vital interesse, que affecta um problema nacional, chamamos a attenção de quem corresponde, para que com a maior urgencia seja methodisado o cruzamento que deverá effectuar-se na criação do Saycan, que sem isso será a *salada russa* temperada ao capricho dos seus directores.

Dos particulares o Governo nada póde esperar. Sendo elle o primeiro a desprezar a nossa preciosa raça crioula, tal exemplo estimula a todos, como succede, a tentar cruzamentos com distinctas raças européas, sem ordem nem methodo, com o único propósito de obter um cavallo grande.

Actualmente o nosso serviço de campo, dada a mansidão do gado, pratica-se com a maior facilidade, podendo fazer-se com qualquer *matungão*, bolonhez, percheron, ou bretão; e assim é que podemos prescindir das excellentes condições do crioulo, na resistencia e rusticidade necessarias para o cavallo de guerra.

Ao Governo incumbe ordenar uma rigorosa selecção para conservar em sua pureza o nosso infatigavel auxiliar de quatro seculos;

Os nossos feis companheiros nas penas e nas alegrias, na vida militar, os que utilisamos nos enlutados feitos do Rincão, Sarandy e Ituzaingó, assim como os que conduziram as nossas legiões triumphantes a Cacero, Paysandú e ao Aquidaban;

prescindindo das inegualaveis condições que possuem, como merecido tributo ás nossas tradições, deveriamos conservar essa estimada raça, prestes a desapparecer, vencida pela poderosa onda extrangeirista, que inconscientes aceitamos, guiando-nos únicamente pelas praticas européas, sem apreciar devidamente o que temos e o que se tem passado entre nós, onde sobresahe a bôndade do cavallo crioulo.

Não somos contrarios aos prados, porém, julgamos que no cavallo de guerra não deve circular o sangue do de corrida; não concordamos com a opinião existente, de que o prado seja um estimulo para o melhoramento do nosso cavallo... Será para os que se dedicam á criação da respectiva raça. Isto trouxe a confusão. E' de lamentar-se que muitos criadores utilizem essa raça com o propósito de melhorar os seus cavallos quando, ao contrario, os inutilizam para os seus serviços.

Muitos são os exemplos que se têm visto dessa verdade: Tivemos um tio no departamento de Paysandú, no Uruguay (Delfino Riet) ha pouco fallecido em Montevidéo, fazendeiro, amante de corridas, que tinha a respectiva criação. Era homem alto e gordo, pesando de 110 a 115 kilos. Assistia os rodeios e os visinhos seus perguntavam porque andava em cavallos medianos, possuindo innumeros cavallos grandes e bonitos. A sua habitual resposta era: "Aquelles não pódem commigo; depois de duas ou tres horas, começam a retorcer-se e a affrouxar o lombo, parecendo estar para cahir, e estes, (os crioulos) conservam o lombo duro; galopo e ás vêzes corro; e elles mantêm-se firmes com o meu pezo".

Tambêm não participamos das idéas de alguns, que vêm nos prados uma immoralidade; nós os consideramos uma diversão de luxo, um passatempo, um centro de reunião social, geralmente apreciado.

Um abastado e progressista criador do municipio de Uruguayana, quando aqui esteve, em palestra intima entre varios collegas, na séde da *União dos Criadores,* ao responder varias perguntas sobre as suas criações, disse possuir *Hackney, Orloff,* e outros; perguntado se para o seu serviço utilisava taes raças, disse que para isso mantinha criação do cavallo crioulo em sua pureza; que os outros criava para negocio, contando com bôa clientela até mesmo no Rio, aonde os militares apreciavam taes productos, que para elle não tinham valor algum; justificando, com varios factos que narrou, a falta de resistencia desses bellos animaes em comparação aos crioulos.

Taes opiniões não devem ser desprezadas pelo Ministerio da Guerra.

Os criadores, principalmente os velhos, que na mocidade lutaram com grandes difficuldades, não dispondo das facilidades que existem hoje na vida pecuaria, são justamente os que sabem avaliar os méritos do cavallo crioulo. Acham-se tambem no mesmo caso os militares que conheceram praticamente a vida pecuaria e os que tomaram parte em campanhas militares.

O uniforme militar, a pósse de cavallos de corridas e o facto de frequentar os prados — a ninguem dão competencia, nem autoridade para julgar qual seja a raça mais conveniente para o cavallo de guerra.

Seremos talvez demasiado francos; roçaremos muitas susceptibilidades; porém, por mais dura que seja, é essa uma verdade indiscutivel.

Ha dois annos o digno director do Saycan trouxe do Rio um lóte de garanhões e eguas de raça ingleza; ha pouco trouxe nova remessa da mesma raça; não sabemos se taes resoluções foram proprias ou de ordem do Ministerio da Guerra. O que notamos é que de uma ou de outra parte existe predilecção pelo cruzamento continúo dos *pernilongos* delicados, que transmittirão debilidade aos futuros cavallos destinados á remonta do exercito.

Julgamos de urgente necessidade uma reforma no systema de criação na Fazenda do Saycan. Para elevar o porte poderia empregar-se, como já dissemos, garanhões crioulos de altura conveniente que, julgamos, existem no Estado; entretanto, offerecemos algumas photographias de bons exemplares de crioulos que satisfarão a exigencia do pórte, sem perigo de adquirir alguma das más condições do cavallo de corrida.

Como ficou dito, julgamos uma verdade dura e que a Nação deve conhecel-a; prescindindo da nossa modesta opinião, reunimos neste pequeno trabalho o que dizem os praticos, os conhecedores da campanha, os que conhecem os verdadeiros méritos da nossa producção.

O typo do cavallo de guerra, assim como para o serviço de tracção, constitúe um importante problema inherente á defeza nacional, que merece a preferente attenção dos Poderes Públicos, a quem compete determinal-os.

Opinamos que os directores do Saycan não devam ser os arbitros nesse importante e delicado assumpto.

Ainda sobre as opiniões do Dr. A. Fomm que, por varias transcripções que conhecemos de trabalhos seus, goza de particular reputação como autoridade na materia, passamos a demonstrar a inconsistencia da sua opinião ao aconselhar o anglo-arabe-brasileiro e a futura eliminação do cavallo crioulo.

Esta demonstração nos proporciona o proprio Dr. Fomm numa publicação sua contra o emprego dos garanhões Bretões nas coudelarias de S. Paulo. Nesse trabalho o autor, depois de mencionar em apoio das suas ideias as opiniões do capitão Courtois, L. le Simonoff, J. de Moerder e Sanson, baseado tambêm na de Geryot, escreve o que se segue:

"Que devemos concluir das transcripções feitas?

Que houve outrora na Bretanha tres variedades distinctas de cavallos que, se não primavam pela belleza e correcção de fórmas, eram, todavia, resistentes;

que essas variedades foram pouco a pouco desapparecendo, sendo raro encontrar hoje individuos della;

que na propria França não merecem ellas grande consideração, tanto que, em vez de procurar conserval-as pela selecção, a administração dos haras trata de melhoral-as pelo cruzamento com outras raças;

que dahi originou-se uma lastimavel mestiçagem confusa, cujos productos não são dotados de caracteristicos uniformes; que, finalmente, não existe fixidez nessa *soi-disant* raça hodierna da Bretanha, em nenhuma das suas variedades.

Não é preciso accrescentar mais nada para se ver que seguiremos caminho completamente errado se formos buscar nessa região da França os aperfeiçoadores da nossa decahida raça cavallar, pois claro é que não pódem transmittir qualidades aquelles que dellas carecem e as procuram haver de outros."

Convêm notar que aquelles autores mencionados negavam-lhe a existencia de raça definida, resultando unicamente mestiços que perderam as boas condições.

Com este complemento, para melhor comprehensão do leitor, analysemos o confronto das opiniões do Dr. Fomm.

Aconselha o emprego do anglo-arabe e condemna a adopção do cavallo Bretão, por ser mestiço, etc.

Se considera mestiços os ultimos, apezar da longa época em que elles já existem, com mais razão serão igualmente mestiços os anglo-arabes, cuja existencia data de época mais recente; em confirmação deste asserto.

Já citamos a competente opinião do zootechnista Dechambre; e o facto de que alguns hippologos tenham considerado o anglo-arabe como raça, não serve de base, porque outros e até mesmo zootechnistas reconhecem os bretões como raça.

De iguaes factores, os productos serão fatalmente identicos: Se não servem os bretões, tampouco os anglo-arabes, por ser condemnado em zootechnia o emprego de reproductores de meio-sangue quando se deseja aperfeiçoar uma raça, por não haver certeza na transmissão dos caracteres para a raça que se pretende melhorar.

Não póde ser citada a chamada raça de corrida, tratamento esse aliás convencional, tendo a seu favôr o longo espaço de dois seculos.

O Dr. Fomm conhecerá os nossos cavallos, vendo-os nas cidades e pela campanha, pela janella de um comboio, em suas viagens, ou de um automovel; porém, se tivesse que viajar a cavallo varios dias, fazendo jornadas de 60 a 80 kilometros, contando apenas com os recursos naturaes, estamos certos de que modificaria a sua opinião sobre a preferencia que dá aos anglo-arabes. Infelizmente, os que melhor conhecem as bondades do cavallo crioulo, na grande maioria, não conhecem rethorica e não sabem escrever com phrases bonitas, das quaes estão cheios muitos livros e revistas, repetindo mais ou menos o que outros têm escripto e sem conhecer praticamente o assumpto.

Coudelaria de Saycan

Achamos pouco acertada a escolha do lugar em que estabeleceu-se a criação nacional, tanto pela qualidade do terreno, como pela sua situação.

O rincão de Saycan, pouco ondulado, carece de abrigo natural nos rigôres do inverno; terreno macio, sem pedra, offerece um grave defeito para os animaes ali criados, ao serem transportados para outra especie de terreno. Com o molle do casco delicado, ao transitar por lugares de pedra ou terreno duro, soffrem, ficando em seguida estropiados e necessitando de ferradura.

E' por demais sabido que os cavallos criados em campos de pedra não necessitam esta operação; são ferrados por natureza, sendo a tendencia do casco imitar o da mula, chamado casco em pé; ao passo que nos criados em campos macios, a tendencia é de um casco achatado, com maior diametro; phenomeno este hereditario e que nas eguas de criação, na fazenda nacional, com o tempo tomará ainda maior desenvolvimento.

Sob o ponto de vista estratégico a situação é inconveniente, por achar-se a pouca distancia da fronteira, ficando exposta a um golpe de audacia de parte de um poder extranho.

Depois das manifestações feitas aqui no Rio Grande por congressos, conferencias e pela imprensa, em favor do melhoramento do cavallo crioulo, com a intervenção directa de reproductores arabes, causaram extranheza as duas remessas de garanhões e eguas da raça de corridas, trazidas do Rio pelo digno director de Saycan e por nós já mencionadas.

Por visinhos daquelle estabelecimento sabemos que na primavera de 1913, nasceram mil cento e tantos potrilhos; que na metade do inverno seguinte já tinha morrido a metade e julgavam que até a primavera seguinte restariam vivos apenas 300 e tantos.

Considerando-se que a primavera e verão de 1913 foram abundantes em chuvas; que houve fartura de pasto e que o inverno seguinte foi relativamente benigno, não resta outra justificação daquella mortandade, a não ser a fraqueza e debilidade de taes productos; e isso constitúe a prova mais evidente da falta de rusticidade dos productos do cavallo inglez.

Naquelle inverno só morreram potrilhos e éguas em campos que estavam summamente povoados e onde faltou o pasto; porém onde este não faltou os potrilhos crioulos não morreram; é, sem dúvida, que estes, habituados a viver em pello, comendo o pasto natural e bebendo agua, não extranharam, como os mestiços de Saycan, a falta de *flanella e de champagne*.

Deste triste facto damos noticia ao Dr. Augusto Fomm, sobre o que está reservado ao futuro do cavallo anglo-brasileiro, aconselhado por S.S. Deve notar-se que neste caso aquelles potrilhos deviam conter regular quantidade de sangue pelludo, e como amostra, bem se poderá julgar qual será o resultado, eliminando por completo o sangue pelludo ou crioulo.

O inverno passado tampouco foi auspicioso para aquelle estabelecimento; ao que sabemos, de mil potrilhos que existiam em 1915, até fins de Junho haviam morrido já 600 (seiscentos) e cuja mortandade continuaria em Agosto e parte de Setembro, não sendo de duvidar que, como no anno anterior, apenas sobrevivessem 300 (trezentos.)

Diante desse desastroso resultado póde-se julgar quanto custará ao Governo cada um destes cavallos, e facil será, pois, ao Ministerio da Guerra verificar.

Quanto a criação dos de tracção pesada, tampouco deixa de offerecer desastre: Além da morte de potrilhos consta ser frequente a morte de eguas na occasião do parto, phenomeno citado pelo coronel chileno.

Eis o funesto resultado do extrangeirismo, aconselhado pela gente da cidade, que por meio de livros e revistas conhecem mais o que se passa na Europa do que entre nós, nos centros de criação.

Desprezamos as indiscutiveis bondades do nosso cavallo, porque não attinge a altura dos importados e não tem o valor destes.

E' forte a influencia da novidade para os que se deixam dominar pelo extrangeirismo.

Existe também grande azafama sobre a imitação do modelo de arreios que usam as cavallarias européas, em relação ao tamanho de seus cavallos.

Para taes arreios é necessario procurar cavallo grande, porêm na falta destes, aquelles devem ser confeccionados em relação aos cavallos medianos.

Referimos uma prova de resistencia feita no Uruguay, com cavallos crioulos, cuja altura era inferior a 1m,48, levando de peso 80 kilos; e este será mais ou menos o peso dos nossos soldados, não sendo desde logo condição primordial a estatura dos cavallos e sim as qualidades de resistencia e sobriedade.

Tracção

O serviço de tracção nos exercitos europeus é feito por cavallos grandes; bolonhez, normando, frizão, percheron etc.; raças estas que ali existem como ponto de origem, nada havendo de extranho que sejam utilizados; entretanto, nós, que não os possuimos, tentamos crial-os; não sabemos si o fazemos por espirito de imitação tão sómente ou si em realidade existe conveniencia no cultivo de taes raças.

Numa cidade o serviço de taes animaes é na verdade satisfactorio, sendo methodico e desde que não lhe falte bôa e abundante alimentação; porém, si tal serviço for exigido fóra das commodidades habituaes, pela campanha, em transportes ou em viagens, será sem duvida deficiente.

Já mencionamos o fracasso dos cavallos que puchavam os canhões argentinos nas manobras em Entre-Rios, em parte attenuado pela abundante chuva cahida naquella época.

Temos noticia de que aqui no Estado uma companhia florestal que, para arrastar a madeira, substituiu os bois por cavallos percheron, trazidos da Argentina, teve que abandonal-os, por não preencherem as condições inherentes a tal serviço. Elles tinham na verdade muita força, porém que prompto se esgotava; eram delicados para os mosquitos e mutucas; facilmente emmagreciam, escasseando-lhes forragens em abundancia; e assim é que computando o seu elevado custo, assim como a manutenção, o serviço por elles prestado não compensava taes despezas, resultando, na parte economica, mais conveniente o emprego de bois ou de mulas, que custam menos e cuja alimentação é também mais barata.

Um senhor que algum tempo dirigiu um serviço de carroças na zona colonial, tendo utilisado mestiços de tracção pesada, cavallos crioulos e ultimamente mulas, affirmou-nos serem estas mais convenientes, tanto pela resistencia no trabalho, como pela economia na sua manutenção.

Das experiencias feitas em tal serviço, tirou a conclusão que a ração diaria para cinco daquelles mestiços alcançava per-

feitamente para oito cavallos crioulos e que a mesma ração alimentava dez mulas.

Comparando o custo dos primeiros, maior despeza no alimento e menos resistencia no trabalho, não ha dúvida que a mula é o animal indicado para o serviço de tracção, sob qualquer ponto de vista.

Segundo chronicas da penultima guerra balcánica, na batalha de Lulé Burgas, a victoria alcançada pelos bulgaros foi attribuida á presteza da sua artilharia em differentes pontos em que não puderam apparecer os canhões turcos, que eram puchados pelos cavallos de tracção pesada, sendo os dos búlgaros puchados por mulas.

Aqui no Brazil mais que em outra parte é bem conhecido o importante serviço destes hybridos, utilisados para transporte em todos os terrenos accidentados e cuja sobriedade e resistencia não são possuidas por nenhuma outra classe de animaes.

Opinamos que para o serviço do exercito deveriam ser utilisados estes animaes, havendo grande economia no custo e na manutenção, com maior aproveitamento de serviço, e sobretudo por ser producção nossa e perfeitamente aclimatada ao meio.

Dir-se-ha que tem pouca força; ao que diremos: augmente-se o número; se duas não pódem puchar um vehiculo, empreguem-se quatro ou seis. O número destas, para equivaler á força dos de tracção pesada, em relação ao seu custo, será sempre mais economico; principalmente tendo-se em conta a sua manutenção.

A criação de mulas, relativamente abundante aqui no Estado, tende a diminuir e talvez a extinguir-se, em face da tracção electrica; e, se o governo não resolver utilisal-as para o exercito, desapparecerá essa importante criação, utilisada hoje apenas no serviço de carroças.

Se nós não a tivessemos e soubessemos dos importantes serviços prestados por ellas em outros paizes, é muito provavel que então quizessemos utilisal-as, pagando-as por elevado preço, como succede actualmente com os productos da *salada russa*, preparada em Saycan.

O desprezo da nossa mula, como animal de tracção, é outro lamentavel exemplo da mania de desprezar o que temos de bom para utilisar o duvidoso ou o menos conveniente.

Sempre o extrangeirismo!!

O general Pires de Moraes Castro no seu ultimo relatorio, quando na direcção de Saycan, no mesmo sentido assim se exprime:

"Quanto ao cavallo de tracção para a guerra, ao lado de condições communs ao de sella e das especies que a tracção exige, a natureza e a topographia dos terrenos em que tenha elle de agir formam e formarão sempre factor de alto valor a attender-se na sua escolha ou preferencia.

E a observação ensina de modo inequivoco que em sobriedade e poder de resistencias — quer esta se refira á fadiga, quer aos agentes varios de destruição — o nosso muar é sem par.

Sem par é tambêm a resistencia dos seus cascos á acção damnificadora dos terrenos asperos, sendo que o seu reduzido pezo relativo e o reduzido volume das suas bases sobretudo o tornam mais apto para vencer com menor esforço os terrenos molles e atoladiços.

Estas, como aquellas condições, fallecem aos volumosos e pesados typos em destaque na Europa — o que é dizer que são e serão muitos os delles derivados: "onde a fome, a sêde, a inclemencia de climas e excesso de trabalho em acção simultanea matar um muar morrerão cem desses cavallos; igual numero delles, *despalmados, estacará* onde a aspereza do terreno inutilizar um muar para a marcha, e daquelles fará *estiva* o atoleiro que prender um destes."

Somos, por tudo isso que attende simultaneamente ás conveniencias do exercito e dos cofres nacionaes, partidarios do nosso muar como animal de tracção para a guerra, emquanto o nosso *meio* for o que é — tanto mais quanto é certo que a sua estatura é ampliavel pela selecção e intervenção do andaluz. E a nossa convicção a esse respeito não se enfraquece com a curta docilidade relativa de que tanto se o exproba porque a observação nos tem demonstrado que ha nisto demasiado exagero,

Da sua producção e melhoramento temos descurado porque a sua recente substituição por éguas na tracção da artilharia prova que a respeito a administração da guerra tem opinião contraria á nossa.

Será, estamos certos, de curta duração; a substituição data de menos de um anno e, apesar da quasi immobilidade dos corpos desta arma, mesmo em exercicios locaes e parciaes, talvez já não exista metade das eguas adquiridas."

Estamos de perfeito accôrdo com as manifestações que antecedem.

Hoje, que nos exercitos europeus tratam de supprimir o emprego dos cavallos grandes, chamados de tracção pesada, achamos singular que o nosso Estado-Maior, desprezando a reconhecida utilidade da mula para o serviço de tracção, dispuzesse a sua substituição por éguas e eguas grandes,, segundo ouvimos, tendo-se até trazido da Allemanha, suppomos, como modelo, correames para atrellar esses grandes quadrupedes.

Segundo affirma o Dr. Polero, como se terá visto, a mula foi empregada com vantagem para o serviço de tracção no Transvaall, na guerra Russo-Japoneza, na Insurreição das Indias, nas Conquistas da Argelia, em Madagascar e na China; agóra mesmo o governo italiano está utilisando varios milhares de mulas do nosso Estado.

Para o nosso serviço se pretende criar uma especie que não possuimos — os de tracção pesada; determinando-se a adopção de animaes desprezados por todos, — os de tracção pesada, — e que necessitamos ainda criar.

Na ultima acquisição de reproductores feita para a Fazenda do Saycan pelo seu digno director, o coronel Eurico de Andrade Neves, em Julho do anno passado, figuravam dois jumentos andaluzes, parecendo realisar-se o vaticinio do então coronel Pires de Moraes Castro; restando-nos ainda a dúvida se o emprego de taes reproductores seria ordenado pelo Ministerio da Guerra, ou si foi devido á resolução tomada pelo digno director. Seja como fôr, acertou o ex-director daquella criação.

Como prova damos a competente opinião de uma autoridade franceza, ante os ensinamentos da presente guerra.

As mulas na guerra moderna

Importancia dos serviços prestados por esses hybridos

Napoleão transpõe os Alpes montado em uma mula ⊛ A cônquista de Madagascar ⊛ O futuro da criação das mulas.

"Apesar do mérito reconhecido da mula e da estima real de suas qualidades, ter-se-hia difficilmente podido prever o papel desempenhado por este precioso auxiliar na guerra européa.

Uma das mais vivas surprezas deste gigantesco conflicto é, com effeito, o numero inesperado, enorme de mulas de guerra. Calculo haver na frente tantas ou talvez mais mulas do que cavallos.

Outr'ora os serviços das mulas e machos comprehendia sobretudo a tracção leve, a de luxo e os cargueiros.

Sob o ponto de vista militar as mulas serviam — com honra e zelo — em quatro formações combatentes: os batalhões alpinos, as baterias de montanha, a infanteria montada da Algeria e no serviço medico.

A guerra européa ia em breve multiplicar estes serviços. O emprego, comquanto tardio, mas depressa desenvolvido, e a generalização das secções de metralhadoras de infanteria exigiam numerosas mulas; a adopção dos carrinhos regulamentares necessitou por sua vez um contingente formidavel dellas.

O commando pôz, com effeito, em serviço carrinhos pequenos muito engenhosos de duas rodas, estaveis, leves, solidos, que prestam innumeros serviços. Creados para conduzir as caixas de cartuchos, estes carrinhos foram logo utilizados para as proprias metralhadoras e para maravilhosos canhões de trincheira, os nossos celebres "crapouillots". Esses carrinhos servem para o transporte de torpedos aereos, para o transporte do feno, da palha, das caixas, das cantinas e destes multiplos "impedimenta" (1) que toda tropa transporta comsigo. A importancia desses novos trens regimentaes fica sendo uma das caracteristicas da infanteria moderna.

Para ter uma idéa da importancia destes pequenos comboios deve-se saber que todo o regimento de infanteria dispõe hoje de 380 mulas ou cavallos, em lugar dos 20 ou 30 cavallos de officiaes de outr'ora.

E' assim que se modificou a physionomia secular da infanteria: Os infantes não marcham mais, são combatentes que se transportam para a luta na maior parte das vezes em automovel. O material de combate é transportado pelos carrinhos de mulas.

Além d'este serviço de infanteria as mulas têm sido utilizadas na tracção pesada. As unidades de transporte militar, as secções de parque comprehendem numerosas mulas, solidas,

(1) *Impedimenta* é um termo latino que significa os comboios de bagagens que retardam ou impedem a marcha de um exercito.

fortes, atreladas sós ou com cavallos ás carroças de parque e de transporte de ferragens.

*
* *

Não ha necessidade de repetir aqui as qualidades de rusticidade e de resistencia destes modestos servidores.

Na Algeria algumas mulas fazem "étapas" diarias de 80.100 e mesmo 150 kilometros. Uma pequena mula kabyla carrega facilmente 150 kilos de oleo e o dono de sobrecarga.

Os regimentos da Legião extrangeira na Algeria possuiam antes da guerra uma companhia montada (1) (118 mulas, 258 homens, 2 cavallos). Cada mula era destinada a dois homens. Durante a marcha os dois legionarios cavalgavam alternadamente sua montaria commum. A carga comportava 20 kilos de cevada, viveres de reserva, panno de barraca, etc., sejam 145 a 150 kilos.

Apesar de jornadas diarias de 50 kilometros com tempo variavel, em agosto, com 52 graus de calor ou em março, com frios de 16 graus, as mulas voltavam, após campanhas de oito a dez dias, indemnes, sãs e sem feridas.

Os carros dos generaes inspectores na Algeria são puchados por mulas que caminham á razão de 12 a 16 kilometros por hora em todos os terrenos.

Na guerra actual a resistencia da mula tem se affirmado de novo. A offensiva do Somme exigiu dos animaes de tracção um esforço consideravel e o caminho da victoria ficou juncado de cadaveres de cavallos, corajosos auxiliares que marcharam até o fim e cairam exgotados, anniquilados. Ora, eu jamais vi, por assim dizer, cadaveres de mulas abandonados para traz dos "bivouacs". Encontram-se na frente, segundo as utilizações, dois typos ordinarios: mula pesada e mula leve.

As segundas são destinadas aos carrinhos, aos canhões de trincheiras; as primeiras servem atreladas no serviço das estradas, nas secções de munições ou como portadoras de metralhadoras da infanteria. E' assim que durante as marchas reconhecem-se nossas finas mulas algerianas, tunisianas, nossas graciosas mulas do sudoéste, da Saboia ou nossas solidas e possantes mulas do Poitou, da Vendéa. Outros typos revelam

(1) Eis o judicioso conselho do Dr. Pollero ao seu Governo.

as importações da Hespanha, dos Estados Unidos, da America do Sul, etc.

Os mercados offerecidos á producção da mula tomaram um desenvolvimento consideravel e esta producção se apresentará depois da guerra como uma especulação das mais interessantes e remuneradoras.

*

* *

A utilização da mula em campanha data do fim do seculo 18. Foi com o auxilio das mulas que Napoleão poude transpor o Grande monte de São Bernardo. O material, as peças de artilharia fechadas em troncos de arvores excavadas foram arrastadas por estes pacientes auxiliares. As baterias privadas de mulas tiveram que empregar cem homens em cada peça em lugar de doze mulas.

Foi montado em uma mula e não em um cavallo fogoso, como erradamente pintou David, que o primeiro consul passou os Alpes.

Igualmente, foi graças á constituição das celebres "columnas moveis" de mulas que Bougeaud poude acabar a conquista da Algeria em 1847.

A conquista de Madagascar illustrou igualmente as qualidades da mula. Conhece-se a desillusão causada desde o começo pela ruptura dos carros Lefevre nas duras estradas da ilha onde todos os transportes se faziam a dorso do homem. Os cargueiros de mulas salvaram a situação, mas seu numero insufficiente obrigou a estabelecer com mil difficuldades e com perdas sensiveis uma estrada de rodagem de Majunga a Andriba.

Faltavam 200 kilometros para alcançar Tananarive. O general em chefe vendo chegar a estação das chuvas e verificando o labor terrivel, a mortalidade das tropas e as difficuldades de abastecimento, decidiu lançar sobre a capital da ilha uma columna ligeira e reduzida aos elementos indispensaveis. Graças ás 2.800 mulas cargueiras da columna, após dezoito dias de marcha e de combates, nossas tropas terminaram victoriosamente a campanha.

*

* *

A utilização intensiva da mula reduziu a nada as criticas que se faziam a seu caracter. Sabe-se que autores prevenidos affirmavam sua irascibilidade, sua teimosia, suas baldas.

Ora a doma apressada das mulas para os carrinhos, suas marchas sob o fogo não deram lugar a incidente algum. Com effeito a balda das mulas é devida a maior parte das vezes á inepcia ou á brutalidade dos conductores.

Durante a expedição de Madagascar as mulas da Argelia que se assignalaram por teimosia tinham sido reunidas ás pressas, mal alimentadas, mal cuidadas, e ao contrario as mulas que participaram da conquista da Tunisia, conduzidas por seus cuidadores indigenas mostraram uma mansidão exemplar. Em campanha, no Somme, em Verdun as mulas confirmaram esta impressão favoravel.

A mula póde, pois, reivindicar um altivo passado militar, mas seus admiradores os mais fanaticos não poderiam predizer uma tal generalização de seus serviços. A guerra européa fez resaltar as virtudes e as qualidades do precioso hybrido, mas ella causará, apezar de sua rusticidade, uma mortalidade sensivel e em todo o caso uma diminuição formidavel dos effectivos reservados ás nossas culturas. A agricultura deve se preoccupar desde já desta questão e nossos cultivadores devem preparar para as obras fecundas da paz um effectivo valoroso e precioso de machos e mulas".

P. Duffloth.

Este facto põe em evidencia a falta de bôa orientação que existe na Coudelaria de Saycan.

A pratica obtida nas guerras, que infelizmente temos mantido desde nossa independencia, é o sufficiente para formar um verdadeiro criterio sobre os cavallos de sella e tracção.

O que antecede, sobre a utilidade da mula para o serviço de guerra, deveria bastar para convencer as nossas pretensas autoridades sobre a materia; que determinaram o emprego de eguas grandes para este serviço.

A anglomania

Sobre as autoridades a que nos referimos é o caso de recordar a recente Conferencia Pecuaria realisada no Rio e na qual, ao tratar-se das théses sobre o cavallo de guerra, os *entendidos no assumpto* aconselharam exclusivamente o puro-sangue de corrida, como único capaz de melhorar o nosso cavallo crioulo, pretendendo justificar esta indicação com os seguintes argumentos, que provam a anglo-mania dominante:

"As maiores autoridades em hippologia, a experiencia dos institutos officiaes de instrucção militar na França, na Italia, na Allemanha, na Austria, a pratica adoptada nos Estados Unidos, as lições recebidas da Inglaterra, a grande mestra na criação e aperfeiçoamento das raças, os ensinamentos da actual guerra mundial não admittem outro reproductor senão o Englisch Thourougbred puro-sangue inglez, para criação do cavallo d'armas.

Jamais sahiu laureado nos penosissimos *raids* militares ou em concursos hippicos, animal que não fosse puro-sangue inglez ou que não possuisse nas veias notavel quantidade desse preciosissimo sangue.

Com razão exclama o general L'Hotte, Director da Escola de Saumur: "Le sang remplace presque tout, et rien ne remplace le sang."

De onde se conclue que: O melhor reproductor ou o único reproductor, para se conseguir a criação do cavallo d'armas, é o Englisch Thorougbred puro-sangue inglez."

Manifestaram participar das mesmas idéas os illustres deputados Snrs. Macedo Soares e Osorio, tendo apresentado á Camara um projecto e um substitutivo respectivamente, autorisando o Governo a importar grande numero de reproductores daquella raça e a derramar dinheiro a mão cheia nos prados e entre os criadores da privilegiada raça.

Julgamos inaceitaveis as justificações da commissão 11.ª com relação ás "autoridades e experiencias em differentes paizes da Europa e de Norte America. Com taes experiencias serão realmente autoridades nos respectivos paizes, porém de

nenhuma maneira o pódem ser para nós, cujo meio é completamente differente e, sem duvida, até mesmo desconhecido por taes autoridades.

Já dissemos que no centro da Europa, berço do cavallo grande, nada ha de extranho que utilizem taes cavallos de qualquer raça; porém entre nós, que possuimos o cavallo pequeno, dotado de excellentes condições, não é razoavel e nem patriotico substituil-o por uma raça exotica, inferior á nossa para a guerra e até mesmo contraria á influencia mesologica.

As provas reunidas neste folheto sobre este ponto consideramos de real valôr e de fontes mais competentes do que as das pretensas autoridades européas, applicadas ao nosso meio. (1)

Citamos numerosas opiniões de pessôas que conhecem o cavallo crioulo e o de corrida; ao passo que aquellas autoridades apenas conhecem o ultimo.

Citamos varios concursos de resistencia, nos quaes triumpharam cavallos crioulos, compromettendo aquella affirmação de que "Jamais sahiu laureado nos penosissimos *raids* militares, ou em concursos hippicos, animal que não fosse puro-sangue inglez."

Esta affirmação pecca pela base. Desde que na Europa não existe o nosso cavallo, as experiencias lá realisadas e nas quaes foi vencedor o puro-sangue, não justificam que elle seja superior ao nosso, para o serviço de guerra, no qual se necessitam resistencias e sobriedade.

Chamamos especialmente a attenção para o que transcrevemos do Dr. Polero, sobre o fracasso do cavallo inglez e seus mestiços na Argelia, Criméa, India, Transvaall, China e na guerra do Oriente.

Devido a taes fracassos "*a grande mestra na criação e aperfeiçoamento das raças*" não quiz utilizar cavallos inglezes nas campanhas da Insurreição da India e no Sudan: e sobre esse mesmo assumpto disse o mallogrado Lord Kitchener: "Não são os grandes cavallos que nos convêm. Seriam necessarios aos exercitos cavallos pequenos, modelos analogos aos *polo-poneis*, aos cavallos de Malta, etc."

E' realmente extranho que um general inglez, indiscutivel autoridade na materia, recusasse os puro-sangue e que os nossos

(1) A mór parte d'essas autoridades são mais commerciaes que outra cousa qualquer; e como tal tratam de fazer propaganda em favôr do lucrativo artigo de commercio que impingem ao mundo incauto e ignaro.

patricios pretendam utilizar esta raça para melhorar o nosso cavallo! Bem razão tinhas, pintor Apelles! Ne, sutor, ultra crepidam.

Pretenderão os Snrs. da Commissão 11.ª e os Snrs. deputados daquelles projectos desconhecer a autorisada competencia do general Kitchener?

Menos feliz foi a Commissão em citar os "ensinamentos da guerra actual", e, para proval-o, reproduzimos o que em *La Vie Agricole* publicou o professor Paul Diffloth, cuja autoridade na materia, julgamos, não ousarão pôr em duvida os Snrs. da Commissão e os illustrados deputados já citados.

Eil-o:

A victoria do cavallo pequeno na guerra

O cavallo de guerra ⁂ Serviços dos cavallos pequenos ⁂ Merito dos cavallos pequenos ⁂ A opinião de Kitchener ⁂ O futuro da creação de cavallos ⁂ As perdas diarias ⁂ Seis milhões de cavallos e mulas mortos de Agosto de 1914 até hoje.

"O CAVALLO DE GUERRA — Entre tantas concepções novas e principios inesperados, a guerra européa devia modificar completamente as idéas admittidas a respeito da utilisação do cavallo em campanha.

Sabe-se que a estrategia moderna vivia sobre este principio: o cavallo de cavallaria, de artilharia, para justificar seu emprego nos exercitos, deve possuir um certo talhe.

Os typos: grossa cavallaria, cavallaria de linha, cavallaria ligeira, artilharia, etc., se differenciavam por seu talhe, mas deviam ultrapassar um certo minimo.

O cavallo pequeno, o cob, o poney eram rigorosamente excluidos e póde-se dizer que a preoccupação essencial da criação franceza foi augmentar o talhe das raças cavallares pequenas, afim de poder apresentar cavallos ás remontas.

Esta questão de augmento de talhe se liga intimamente á utilização do puro-sangue nos cruzamentos. Questão delicada, espinhosa, onde se acham misturados os haras, as remontas, as sociedades de corridas, as subvenções, as questões politicas, a anglomania etc. Questão confusa e que não é facil esclarecer.

Um facto resulta, entretanto, palpavel, tangivel: Querendo augmentar rapidamente os typos de talhe pequeno com o auxilio de cruzamentos inconsiderados, comprometteu-se muitas vezes o futuro de raças reputadas e celebres.

E' assim que quasi desappareceram victimados pela tendencia aos grandes talhes — os nossos poneys do Medoc, os nossos rusticos *camargue* e tantos outros.

Eu sou grande partidario do puro-sangue, conheço bem seu valor como cavallo de armas, seu brio, sua tenacidade, sua resistencia, para duvidar de seu alto merito. Mas cruzar uma raça tão melhorada, tão refinada como o puro-sangue, com animaes rusticos, solidos, mas grosseiros e de uma resistencia reconhecida, era provocar revezes e sobrecarregar a creação com typos inharmonicos.

O meio imprime a toda producção animal ou vegetal uma influencia tal que, ir contra seus designios é uma empreza louca e temeraria.

A selecção tem sempre bom exito porque realiza a união do homem com a natureza; a alliança da intelligencia com as forças cosmicas; sempre arbitrarias e desharmonicas.

SERVIÇO DOS CAVALLOS PEQUENOS — Mas com o impulso assim communicado á nossa criação nenhuma reacção parecia possivel; os cavallos pequenos pareciam condemnados a um prompto desapparecimento.

E subitamente a guerra os procura, os utiliza e proclama por tôda a parte os seus serviços. Revelação inesperada!

O emprego dos cavallos pequenos foi determinado pela creação dos carrinhos regimentaes de duas rodas, vehiculos leves, estaveis, cujas vantagens e engenhosidade têm sido muito elogiadas.

E' digna de louvores esta orientação nova que permittirá a evolução, o aperfeiçoamento de nossas raças de talhe pequeno e remediará certamente a extensão dos cruzamentos inconsiderados, assegurando o futuro logico, sem perturbações extranhas de nossas raças cavallares.

MERITO DOS CAVALLOS PEQUENOS — O merito dos cavallos pequenos é incontestavel.

Os zootechnistas — gente de laboratorio — demonstraram ha muito que proporcionalmente ás unidades nutritivas absorvidas, a utilização dos pequenos cavallos é mais vantajosa que a dos grandes. Uma parte da ração ficando reservada para a manutenção, essa quantidade de principios alimenticios assim tirados do rendimento pratico é evidentemente maior no caso de um cavallo grande e de grande peso.

Os generaes — gente de guerra — têm por sua vez assignalado o valor incontestavel dos cavallos pequenos. Kitchener,

escrevia após a campanha do Sudan e do Transvaal: "Não são os grandes cavallos que nos convêm. Seriam necessarios aos exercitos cavallos pequenos, modelos analogos aos *polo-ponies*, aos cavallos de Malta, etc."

Todos conhecem a vivacidade, o brio dos poneys; os finlandezes são celebres na Russia por sua velocidade. Na frente do Somme os *barbes* de nossos soldados africanos têm feito maravilhas.

Tendo o unico obstaculo á utilização dos cavallos pequenos desapparecido, porque o novo serviço dos carrinhos exigirá um enorme contingente de taes animaes, nós veremos reflorescer em nosso paiz as raças celebres que sob seu pequeno formato contribuiram em parte para a gloria de nossa criação.

Imitando um tão bom exemplo, a equitação civil consentirá sem dúvida em abandonar o snobismo (1) do pseudo irlandez.

Antes da guerra, *gentleman-rider* não montaria em cavallo medindo menos de 1m,70. No bosque de Bolonha, para desfilar segundo o rythmo tradicional na avenida do *Bois*, eram necessarios immensos cavallos irlandezes, nascidos, entretanto, em França, mas estampilhados pelos vendedores com nomes bem britannicos.

E, no entretanto, os nossos anglo-arabes teriam fornecido aos cavalleiros mundanos incomparaveis montarias. Esperemos, pois, que comece a moda dos cavallos pequenos.

Serão novos e felizes mercados para a nossa producção cavallar. Assim poderão encher-se os vasios produzidos por esta guerra destruidora.

O FUTURO DA CRIAÇÃO DE CAVALLOS — Tem-se fallado pouco do numero de cavallos mortos em campanha, mas esse numero é immenso, consideravel. O jornal — *Animal World* — fazia lembrar recentemente que durante a guerra da successão 600 cavallos succumbiam cada dia. Durante a campanha do Transvaal a Inglaterra perdeu cerca de 15.000 cavallos, mas a guerra européa ultrapassará tudo isso.

Avaliam-se desse modo as perdas em 5.000 cavallos e mulas por dia, em todas as frentes, o que faz uma desapparição de perto de 5 milhões de equinos desde agosto de 1914.

Mas devem-se levar em conta as perdas formidaveis do começo da campanha, quando a guerra de movimento e as

---

(1) *Snobismo* é a admiração ficticia e tolla de tudo o que está em voga.

destruições da artilharia dizimavam esquadrões e baterias. Houve nessa época hecatombes incalculaveis de cavallos. Deve-se, pois, augmentar sensivelmente o numero de 5 milhões avaliado precedentemente e a perda de equinos não baixará de 6 milhões.

Póde-se ver que prejuizos gigantescos soffreu a producção cavallar do mundo.

Apezar do auxilio do Canadá, da Argentina, da Hespanha, etc., nossos effectivos ficaram consideravelmente reduzidos e a iniciativa dos productores francezes deverá se exercer em liberdade e com successo."

Para que bem se possa aquilatar do valor da opinião do nosso amigo Dr. Joaquim Osorio, reproduzimos em seguida uma entrevista concedida por S.S. a um redactor do *Jornal do Commercio* e o substitutivo ao projecto do seu collega Macedo Soares, apresentado á Camara:

O cavallo de guerra nacional

As decisões da Conferencia Nacional de Pecuaria

O que disse o deputado Joaquim Ozorio

"Em torno do momentoso problema da formação do typo nacional do cavallo de guerra dividiram-se as opiniões na Conferencia Nacional de Pecuaria que acaba de encerrar-se. Após animado debate ficou decidido que o puro-sangue arabe e o corredor inglez são necessarios para a formação do nosso cavallo de guerra, o primeiro como regenerador do sangue, o segundo para dar tamanho ao chamado cavallo crioulo. Como a referida conclusão seja objecto de apreciação principalmente nos centros hyppicos, é interessante ouvir o que diz o deputado Joaquim Luiz Osorio, que apresentou a emenda e a justificou na Conferencia Nacional de Pecuaria.

Disse-nos o representante do Rio Grande do Sul e da *Federação das Associações Ruraes* desse Estado no memoravel Congresso:

"A conclusão da Conferencia Nacional de Pecuaria foi acertada. O Arabe e o Corredor inglez são os elementos de cuja combinação com o crioulo ha-de resultar o typo nacional do cavallo d'armas.

O Arabe em hypothese alguma poderia ser excluido, quando delle provém o sangue regenerador por excellencia; quando delle procedem as mais notaveis raças existentes, inclusive o puro-sangue inglez. O Arabe, além do poder notavel de here-

ditariedade, reune os preciosos requisitos de rusticidade e sobriedade.

E' o cavallo nascido para a guerra, pelas suas qualidades naturaes e inexcediveis—de intelligencia, resistencia e coragem. Não seria possivel eliminar o corredor inglez, de cuja combinação com o arabe, sobre a superior base da egua crioula, obter-se-ha o typo almejado. Tal o nosso conceito.

— E é esse o conceito no Rio Grande do Sul? Lá o arabe é havido como indispensavel para a regeneração da raça cavallar crioula?

— E', com effeito. Em Pelotas, em 1908, no Congresso Agricola realizado nessa cidade, a par do corredor inglez era indicado o arabe para a obtenção do cavallo de guerra nacional; em Porto Alegre, em 1910, no Congresso Agricola effectuado nessa capital era aconselhada a preferencia do arabe para sella e guerra; e em Santa Maria, no Congresso de Criadores em 1914, levado a effeito nessa cidade, era indicado o arabe como capaz de operar a desejada regeneração da raça cavallar crioula.

— De modo que v. exc. agiu de accôrdo com o pensamento geral no seu Estado?

— Perfeitamente. Representante da *Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul*, não podia deixar de pugnar pelas conclusões das assembléas lá reunidas, tanto mais que os fundamentos que determinaram aquellas conclusões prevalecem e não foram destruidos. Essa foi tambem a attitude do presidente da *União dos Criadores do Rio Grande do Sul*, coronel Alfredo Moreira, que, presente á Conferencia Nacional de Pecuaria, assignou commigo a conclusão approvada.

— E como pensa a respeito o Dr. Assis Brasil? poderá dizer-nos?

— Com prazer. O Dr. Assis Brasil foi no Rio Grande do Sul o grande orientador no assumpto. Elle considera que o puro-sangue Corredor e o Arabe são indispensaveis para a formação do nosso cavallo militar, sobre a base do crioulo: o primeiro para dar um pouco mais de corpo; o segundo para transmittir principalmente sobriedade e rusticidade, a par da fixidez do typo. Tal qual sustentamos na Conferencia Nacional de Pecuaria.

— E os governos do Rio Grande do Sul e Federal estão nesse corrente?

— Sim. Nunca se cogitou de excluir o Arabe. Em 1894 o Dr. Assis Brasil trouxe do Nejde arabico tres Arabes authen-

ticos: *Malek*, *Uazir* e *Amir*. Este foi cedido á coudelaria do Estado; e antes de arrebentar a actual guerra, em julho de 1914, o governo do Estado se dispuzera a auxiliar a iniciativa da *União dos Criadores* sobre a importação do sangue-puro oriental, enviando em commissão especial ao Oriente o tenente-coronel Dr. José de Assis Brasil, concedendo favores aos criadores que quizessem aproveitar das vantagens do decreto estadual n. 1.393, de 26 de novembro de 1908.

O governo Federal mantém na Coudelaria de Saycan garanhões arabes e inglezes, concorrendo efficazmente para o preparo da remonta do exercito nacional.

O coronel Ildefonso Moraes Castro, director e fundador ha 9 annos da Coudelaria de Saycan, escrevia em 7 de maio de 1914: "E' o arabe o regenerador que se impõe ao nosso crioulo; mas, como elle é mediano, dahi a convenienica da intervenção de um ampliador da estatura — lugar que concedemos ao inglez. O nosso cavallo de guerra ha de ser derivado, como regenerador e base, do arabe; e do inglez de corridas, como ampliador da estatura. Nesses moldes tem sido o trabalho de Saycan desde 1904."

— Do exposto vê-se que V. Exc. não condemna o corredor inglez?

— Absolutamente não. Em discursos, na Assembléa dos Representantes do Rio Grande do Sul, em 1909, justificando o projecto que destinava o producto do imposto sobre *poules* para premios aos proprietarios de animaes de corridas, eu sustentei que conferir taes premios era, além de animar o mais apreciado genero de *sport*, proteger o desenvolvimento da criação cavallar.

Nunca partilhei da opinião de que o puro-sangue corredor só serve para o jogo das corridas; nem poderia fazel-o, porque não desconhecia, como não ignoro, a sua importante funcção na formação do cavallo militar noutros paizes. Assim, por exemplo, se o cavallo de armas da Allemanha descende do arabe, é tambem o producto da combinação pelo cruzamento com o puro-sangue corredor. Comprehende-se bem o meu pensamento: Não aconselhamos o emprego exclusivo do arabe; como o Dr. Assis Brasil, cuja experiencia nesse assumpto é larga, reconheço a necessidade de empregar o puro-sangue corredor, em combinação com o arabe e o chamado crioulo para a obtenção do typo nacional do cavallo de guerra.

— Mas não julga difficil obter reproductores puros arabes?

— De facto, a difficuldade é extraordinaria.

Mas, não poderia esse facto determinar a alteração da conclusão votada pela Conferencia Nacional de Pecuaria. Os congressos formulam conclusões de accôrdo com os dados scientificos, embora theoricas. Pela circumstancia de ser difficil a importação do puro-sangue oriental, não seria licito eliminal-o, já porque essa difficuldade não é insupperavel, já porque, inclusive em nosso paiz, encontram-se exemplares arabes de linda estirpe, e jamais seria possivel desaconselhar o reproductor cuja especialisação na regeneração das outras raças não tem rival."

Antes de reproduzirmos o substitutivo damos logar ao que publicou o Snr. Dr. Eurico de Oliveira Santos pelas columnas d'*A Federação*, logo que esta reproduziu a entrevista que antecede:

Cavallo de guerra

"Está novamente em fóco o magno problema da formação do nosso cavallo de guerra. O distincto e operoso deputado rio-grandense, Dr. Joaquim Luiz Ozorio, em entrevista concedida ao *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, e em defesa da emenda que apresentou na recente Conferencia Nacional de Pecuaria, emittiu opiniões sobre a formação do typo do nosso cavallo de guerra.

Embóra por indole avesso a discussões pela imprensa, vejo-me forçado a contestar o modo de pensar do eminente representante do Rio Grande, já porque parece-me não haver S.S. interpretado o pensar geral dos que aqui são dos mais habilitados a julgar no assumpto — os fazendeiros e diversos militares experimentados, — já porque tenho com enthusiasmo sincero emprestado a minha apoucada intelligencia e modesta observação em pról do relevante problema, óra em debate.

Permitta-nos, pois, S.S. que, para melhor exame do assumpto, respiguemos *pari passu* as diversas phases de sua entrevista.

Começa S.S. dizendo o que se segue:

"A conclusão da Conferencia Nacional de Pecuaria foi acertada. O Arabe e o Corredor inglez são os elementos de cuja combinação com o crioulo ha de resultar o typo nacional do cavallo d'armas.

O Arabe em hypothese alguma poderia ser excluido, quando delle provém o sangue regenerador por excellencia; quando delle procedem as mais notaveis raças existentes, inclu-

sive o puro-sangue inglez. O Arabe, além do poder notavel de hereditariedade, reune os preciosos requisitos de rusticidade e sobriedade.

E' o cavallo nascido para a guerra, pelas suas qualidades naturaes e inexcediveis — de intelligencia, resistencia e coragem. Não seria possivel eliminar o corredor inglez, de cuja combinação com o arabe, sobre a superior base da egua crioula, obter-se-ha o typo almejado. Tal o nosso conceito."

Como se vê, começa S.S. affirmando haver sido acertada a conclusão approvada pela Conferencia Nacional de Pecuaria, indicando como elementos formadores do typo nacional do cavallo de guerra — O Arabe e o Corredor inglez. Em seguida, como ainda se viu antes, S.S. diz que o Arabe "em hypothese alguma póde ser excluido", e o apresenta como o "sangue regenerador por excellencia", como o formador das mais notaveis raças, inclusive o *puro-sangue inglez* (o grypho é nosso); enaltece o seu potencial hereditario e põe em relevo os seus "preciosos requisitos de rusticidade e sobriedade". Mais adiante diz S.S.: "E' o cavallo nascido para a guerra, pelas suas qualidades *naturaes e inexcediveis de intelligencia, resistencia e coragem*" (o grypho é sempre nosso.)

Mas, no conceito de S.S., apezar de todas essas eminentes qualidades e virtudes do cavallo Arabe (sem particula de sangue do corredor inglez), entende S.S. que para a formação do typo nacional do cavallo de guerra é indispensavel a combinação chimica dos tres sangues: arabe, inglez e crioulo! E porque isso? No conceito de S.S. o Arabe dará as qualidades de rusticidade, intelligencia, resistencia e coragem; o Inglez a alçada ou estatura; finalmente a égua crioula, "a superior base" (?) Que pensará S.S. por superior base da égua crioula? Entendemos que sejam as mesmas qualidades do seu ancestral — Arabe — de que ella provém atravéz do Andaluz.

Assim sendo, aceitamos plenamente os conceitos do illustre deputado a respeito do cavallo Arabe e da nossa égua crioula e porque addicionar-lhes o sangue do corredor inglez? Sómente para dar ao producto da primeira alliança alçada ou estatura? Achamos que não procede essa intervenção, por varios motivos. Primeiro, de inteiro accôrdo com o Dr. Osorio, achamos que o Arabe é realmente, por todas as razões, o perfeito typo do cavallo de guerra, embora a sua alçada varie de 1m,40 a 1m,56, o que nos dá uma média de 1m,48. Segundo, porque, sendo a nossa égua crioula sua descendente em parte, e atravéz do

cavallo Andaluz em globo, nos parece mais curial procurar na alliança della (égua crioula) com o Arabe o melhoramento do typo nacional do cavallo de guerra.

O Dr. Osorio, solidario com a opinião de outros distinctos cultores do nosso aperfeiçoamento hippico, insiste pela necessidade da intervenção do corredor inglez para dar alçada ao desejado typo nacional.

Como dissemos antes, não vemos razão de ser nessa intervenção, pois que em primeiro logar, tendo em attenção a estatura mediana do soldado brasileiro, achamos que, com a sobrecarga do seu equipamento e armamento, com mais facilidade montará ou desmontará elle de um cavallo de 1m,48 que de uma *montanha* de 1m,60 ou 1m,65. Dirá S.S. que a média do nosso cavallo crioulo actual não attinge a 1m,48; é possivel.

No emtanto, apezar de não haver ainda chegado ao declinio da existencia, conheci nas fazendas do Rio Grande e vi nos hyppodromos desta capital, no tempo em que corriam cavallos crioulos, centenares de exemplares dessa admiravel raça que não baixavam de 1m,50. De facto, a cria do nosso cavallo vem sendo de longa data descurada por causas diversas, sendo a principal a repulsa de que era alvo quando se tratava da remonta do nosso exercito e mesmo de algumas forças dos Estados, o que o desvaloriza sobremodo como artigo de commercio.

Sendo o boi e o carneiro de maior rendimento economico, o fazendeiro rio-grandense diminuiu consideravelmente as suas manadas, limitando-as ao necessario para os seus serviços ruraes. Dahi resultou a necessidade de castrar o potrilho aos dous annos ou dous annos e meio, época da muda, e em seguida amansal-o. Deixou-o o fazendeiro, com o objectivo economico de criar em larga escala o cavallo, não podendo, pois, continuar perseverando na salutar pratica de nossos antepassados, que deixavam o potrilho crear-se em liberdade até os quatro annos, quando então eram castrados e no anno seguinte domados.

Nisso residia o segredo de possuirmos a cavalhada de conveniente alçada e solida compleição, com que foi em todos os tempos escripta a epopéa da nossa notavel cavallaria, que tinha no experimentado Garibaldi um competente e sincero admirador (1).

Esta palestra já vae longa, e como terei ainda que tratar da opinião de alguns profissionaes sobre o que tem sido a

(1) Todo o estancieiro sabe que castrando o animal muito novo elle não cresce; e o mesmo se dá com o boi.

introducção do corredor inglez em um ou outro dos exercitos europeus, faço ponto aqui.

O distincto patricio Dr. Joaquim Osorio fórma ao lado dos que defendem a alçada do cavallo de guerra, dos que se impressionam com o cavallo de parada, ou cavallo centimetro, na feliz denominação do competente capitão José Z. Polero, official e medico-veterinario do exercito uruguayo. Impressionados com a altura do cavallo de guerra, esquecem os defensores desse modelo que, sobre a calçada, devem primar as qualidades de fundo.

Entre nós, durante a guerra contra o Paraguay, ficou plenamente constatada a inferioridade dos cavallos correntinos e entre-rianos de grande alçada e volumosa massa, em confronto com os cavallos crioulos do Rio Grande do Sul e do Uruguay. O digno official de cavallaria, general João Menna Barreto, diz-nos que o exercito brasileiro penetrou no Paraguay com os seus regimentos montados em cavallos crioulos nossos; que esses cavallos soffreram grande mortandade em consequencia de ferimentos recebidos em combate e, sobretudo, por comerem uma erva commum nos banhados paraguayos, que produzia forte diarrhéa aos que a ella não estavam habituados. Disse-nos S.S. que na batalha de 24 de maio foram ainda uns cem cavalleiros montados em cavallos crioulos que decidiram de nossa victoria, em grande parte. Havendo necessidade de remontar o exercito fez-se larga acquisição de cavallos correntinos e entre-rianos que, ao fim de pouco tempo, embora tratados a milho, alfafa, farello, aveia, etc., não puderam supportar as agruras da vida de acampamento, e foram desapparecendo uns após outros. Eram cavallos pesados, de pouca mobilidade. Finalmente, assumindo o commando em chefe, o duque de Caxias providenciou para a nova remonta do exercito. Foram então adquiridas as cavalhadas no Rio Grande e Uruguay, e com esses cavallos terminou-se a campanha, sendo em S. Borja dissolvidos os regimentos que della voltavam.

Como preciosa informação, disse-nos S.S. que a cavallaria paraguaya era montada em cavallos de alçada inferior á nossa, e, no emtanto era tida na melhor conta pelos profissionaes da arma. Accrescentou que no interior daquella Republica, entre os regimentos paraguayos foram encontrados cavallos rio-grandenses que haviam sido arrebanhados quando foram invadidas as nossas fronteiras, e isso, annos após o inicio da guerra.

Como essa temos outras valiosas opiniões de officiaes nossos que tomaram parte naquella e n'outras guerras.

Reside entre nós ha largos annos, exercendo a profissão de tropeiro, o Snr. Arthur Green, inglez de nascimento. Ha pouco tempo encontramos esse cavalheiro na campanha, e no decorrer de uma palestra disse-nos o que se segue: "Em minha terra eu e meu irmão Luiz fomos sempre cuidadores de cavallos; tinhamos grande satisfação quando deparavamos com um cavallo da America do Sul ou da Africa; apreciavamos esses animaes pela sua rusticidade, docilidade e energia. Ao chegarmos ao Brasil ficámos admirados de ver certo enthusiasmo pela introducção do cavallo inglez nos serviços de campo. Tenho percorrido o Estado em todas as direcções, feito longas marchas e só posso dizer que o nosso cavallo é inegualavel. Terminou a palestra dizendo-nos (isto no mez de junho): estou montado desde ás 6 da manhã em cavallo crioulo, de campo, trabalhei todo o dia com descanso apenas de uma hora, apeei-me ás 7 da noite e amanhã vou fazer seis leguas para tomar o trem em Rio Pardo ao meio dia."

Essas opiniões são unanimes ou quasi unanimes aqui no Estado, entre os que têm occasião de pôr a prova as qualidades do nosso pequeno cavallo.

Não é passeando em Hyde Park ou no Bois de Boulogne, ou percorrendo as avenidas do Rio e Buenos Aires, nos *racers* inglezes ou seus mestiços, que se póde estabelecer criterio seguro para formação do typo do nosso cavallo de guerra. O esforçado defensor do nosso cavallo e competente profissional tenente-coronel José de Assis Brasil está prompto a demonstrar praticamente a superioridade do cavallo crioulo, em confronto com os mestiços inglezes.

Antes de tomarem uma directriz nesse magno problema os responsaveis pela remonta do nosso exercito deveriam aceitar o alvitre das provas praticas. Nem se appelle para os exercitos europeus; pois, lá mesmo já vae esmorecendo a chamada anglomania. Sinão vejamos: E' o illustre e abalisado zootechnista Snr. P. Diffloth, que em recente artigo na *Vie Agricole*, pede com insistencia aos poderes publicos francezes medidas protectoras das pequenas raças equinas do sul da França, pondo em relevo as notaveis qualidades desses cavallos. Antes, porém, de Diffloth, em época anterior a 1898, o Snr. E. Santini, antigo director da Escola de cavallaria e da remonta no 2.º regimento de caçadores da Africa, dizia cousas tão interessantes sobre o

assumpto de que nos occupamos, que não resistimos ao dever de transcrevel-as como fecho destes despretenciosos escriptos.

Entre outras cousas diz o citado auctor: "Que deve-se pedir ao cavallo? Velocidade e qualidades de fundo. Velocidade, para percorrer em um tempo dado a maior extensão possivel; fundo, para continuar este exercicio o maior tempo possivel.

E' preciso notar que nestes ultimos annos parece haver a intenção de inventar-se um cavallo especial, dotado de uma velocidade realmente vertiginosa, porém, absolutamente desprovido das mais elementares qualidades que ordinariamente possúe esse animal.

Chegou-se na actualidade a fazer-se cavallos que percorrem varios kilometros em um ou dous minutos, como uma locomotiva, e que é preciso depois repousar durante alguns dias, tratando-os como far-se-hia com uma bella mulher. São cavallos grandes, longos, magros, desgraciosos, desvirilhados, cavallos reproduzindo o typo do Apocalypse, *cavallos que bebem champagne e usam flanella* (o grypho é do autor.)

Que utilidade poderão ter esses animaes, e, sobretudo, porque ver-se a sua intervenção como aperfeiçoadora da raça equina? Esses animaes são simplesmente um instrumento de jogo particular. Assim como inventou-se o *crocket*, o *piquet*, o *nain jaune*, inventou-se o *cavallo de corrida*. Os antigos tinham tambem *corridas de cavallos*: mas não tinham *cavallos de corridas;* isso é uma invenção moderna que nada tem que ver com o melhoramento da raça. Com effeito, não existe um cavalleiro que tenha de fazer uma longa jornada, caminhando varias horas por dia, que queira montar nessa occasião um cavallo como o celebre "Gladiador" e tantos outros. Elle preferiria um pequeno cavallo de Tarbes, um normando ou um bretão. Introduziu-se no exercito cruzamentos inglezes: esses cavallos não puderam siquer supportar a vida de guarnição; era ella mui pezada para elles; as fluxões do peito, as colicas, as paralysias, os tornaram uns após outros inuteis para o serviço. Na Criméa morreram quasi todos."

Mais adiante, tratando da introducção do corredor inglez, como aperfeiçoador, e defendendo as raças francezas, diz ainda o Snr. Santini: "Elles (os camponios francezes) poderão, como antigamente, abandonar seus poldros ás influencias naturaes das pastagens e fazel-os alimentar-se desde a juventude? Onde estão, dizem elles, com o seu natural criterio, nessas

velhas raças tão bôas, perfeitas e bellas, que criavamos com simplicidade, sem *grooms* extrangeiros, sem esforços scientificos contra o nosso clima, sem alimentos especiaes, *sem flanellas, sem estufas, que não temos para nosso uso*, sem cuidados que não podemos dar, despezas pecuniarias acima de nossos recursos?" Ainda tratando do melhoramento diz o citado autor: "Entre a falta absoluta de cuidados e os processos ruinosos do methodo inglez, ha certamente um meio termo. Não seria melhor aperfeiçoar as nossas bôas raças por selecção, dando-lhes uma melhor alimentação e fazendo uma mais judiciosa escôlha de reproductores. O sportman, que traz a chibata em logar do sabre, terá certamente razão de apreciar diversamente esta questão; seu objectivo não é o mesmo. Mas nós, conscientemente, no interesse do Estado, que é o nosso, poderemos julgar do mesmo modo? Não deveremos compadecer-nos dos velhos e excellentes productos do nosso sólo? Elles eram sobrios, infatigaveis, habituados ás intemperies das estações; supportavam facilmente todas as agruras do acampamento e levavam os nossos antepassados ás mais duras campanhas.

Enganados pela exigencia do luxo, havemos destruído em nossa população equina as solidas qualidades, para substituil-as por qualidades brilhantes; substituimos o animal de campo, o animal de resistencia, o verdadeiro e bom cavallo, pelo cavallo de parada. Envenenamos nossas raças ligeiras do centro e do sul pelo *puro-sangue*, tal como o inventaram para os jogos do hippodromo. E' impossivel que os criadores destas regiões tenham bons resultados com estes productos criados em estrebarias com todos os mimos. O que elles precisam são de productos que possam servir para quaesquer obstaculos e para todas as circumstancias e climas. São os únicos que pódem-se criar economicamente e que pódem viver nas estacas dos acampamentos."

Ahi ficam essas suggestivas opiniões de um extrangeiro, competente profissional. Possam ellas fazer meditar convenientemente áquelles que insistem em introduzir entre nós methodos que estão sendo repudiados após os resultados de custosas experiencias. Agora, pedindo ao meu illustre amigo Dr. Osorio perdoar-me por haver contrariado o seu modo de vêr o assumpto, em obediencia tão sómente a arraigadas e sinceras convicções, dou a palavra aos mais competentes.

19 — 7 — 917.

Eurico de Oliveira Santos.

Apezar das manifestações do Dr. Osorio sobre a emenda apresentada na Conferencia Pecuaria, aconselhando a intervenção do garanhão arabe, para a formação do nosso cavallo de guerra, tal emenda parece não ter sido tomada em conta pela respectiva Commissão, cujas conclusões já reproduzimos, sendo favoraveis unicamente ao puro-sangue.

Como se viu, o Dr. Osorio revelou-se um ardoroso apologista da raça arabe para o cavallo de guerra e aos poucos dias converteu-se em defensor do puro-sangue, como se verá pelo seu substitutivo:

Parecer

"A criação do cavallo é problema que diz respeito á defesa de um paiz. No relatorio de 1916, do actual ministro da Guerra, leem-se estes conceitos:

"Como é sabido, um dos elementos essenciaes á defesa nacional por ser imprescindivel aos diversos serviços do exercito, é o cavallo; por isso, todas as nações procuram, mesmo com grandes sacrificios, garantir a remonta de seu exercito dentro do territorio nacional. A guerra actual nos dá um exemplo frisante de nações que vinham cuidando com todo carinho desse importante problema, verem esgotar-se os seus recursos cavallinos depois de um anno de campanha e serem obrigadas a comprar fóra do paiz o que encontram, e isso, por preços muito elevados. Ha já alguns annos que remontamos o nosso exercito; mas é preciso animar o criador, que vê no gado vaccum emprego mais remunerador de seu capital, e fornecer lhe os meios de poder elle apresentar productos melhorados, que possam obter melhor preço."

E no relatorio deste anno escreveu o marechal Caetano de Faria:

"O governo não póde ter a intenção de criar animaes para a remonta; isso seria possivel para o tempo de paz; mas, matando assim a industria particular, elle não acharia em tempo de guerra animaes sufficientes em numero e qualidade; o que lhe convém é contribuir para o desenvolvimento e melhoramento geral da raça cavallar do paiz, por meio de auxilio ao particular, fornecendo o reproductor e comprando o producto.

Tal o principio firmado na Conferencia Nacional de Pecuaria, reunida ultimamente nesta capital. E' com effeito,

chegado o momento de sahirmos do verdadeiro circulo vicioso em que temos vivido e ao qual se referia em preciosa publicação de 1908, "Granja de Pedras Altas", o Snr. Assis Brasil: "O Governo diz ao criador: "Não te compro cavallos porque não os crias."; e o criador diz ao Governo: "Não crio porque não me compras." Quem deve romper o circulo vicioso é o Governo, que é uma unidade; ao passo que os criadores são muitos." A remonta em poucos annos se normalizará si o poder público enveredar por esse caminho; temos disso plena convicção.

O projecto n. 105 determina que o Governo auxiliará a criação do cavallo puro-sangue por intermedio das sociedades de corridas hippicas do Districto Federal; entendemos que o Governo deve auxiliar a criação do cavallo, conferindo premios não só em pareos de corridas planas, mas tambem em concursos hippicos e nas exposições. E pensamos, sempre com a idéa dominante da criação e formação do cavallo typo remonta, que a instituição das feiras para a acquisição dos animaes destinados á remonta do exercito nacional se impõe, como medida pratica, que não poderia deixar de ser additada.

Opinamos igualmente pela inclusão de dispositivos autorizando a criação de postos officiaes de remonta nas regiões militares do paiz, delles desprovidas, para a selecção do cavallo de armas, para depositos de productos adquiridos e fornecimento de coberturas ás eguas pertencentes aos criadores particulares, serviços já realizados pela coudelaria nacional de Saycan, no Rio Grande do Sul.

Tratando-se de uma lei da União, entendemos que não seria possivel deixar de contemplar os Estados e nesse sentido tambêm completamos o projecto.

Os premios conferidos pelo projecto foram reduzidos aos constantes do art. 2.º do substitutivo que apresentamos, por nos parecerem estes sufficientes ao fim visado.

Relativamente á estação official de corridas, ás descargas para os cavallos ou eguas, ás tabellas de pesos, pontos sobre que legislou o Snr. deputado Macedo Soares, consideramos tratar-se de materia que as directorias das sociedades de corridas resolverão com mais competencia do que o Congresso Nacional, sendo que a estação official de corridas já está regulada nos codigos de corridas das respectivas sociedades do Districto Federal e por lei municipal.

Em todo o caso os programmas das corridas officiaes deverão ser submettidos á apreciação e julgamento do ministro da Agricultura que, melhor do que o Congresso Nacional, poderá regular as descargas para os animaes e tabellas de pesos, tudo de accôrdo com os interessados.

Tornamos bem clara a situação das sociedades de corridas do Districto Federal em face dos favores legaes; e, considerando que a interferencia governamental em materia de registros genealogicos de animaes de raça não deve ser directa, uma vez que a iniciativa particular se faz sentir a respeito, e mais que no Districto Federal existem Studs Books mantidos pelos Derby e Jockey Club, instituições ambas idoneas, opinamos pelas providencias constantes do art. 11 e §§ 1.º e 2.º do substitutivo que offerecemos, certos de que, em virtude do accôrdo a que se refere o § 1.º, em breve o Brasil terá no Districto Federal o Stud Book Central Brasileiro, como exigem os proprios interesses das mencionadas sociedades de corridas, que nada lucrarão com a dualidade actual desse serviço.

Justifica a nomeação de commissões de criadores, aliás suggerida pelo projecto, a necessidade do Governo fiscalizar um serviço a que empresta responsabilidade. Os concursos hippicos instituidos no Districto Federal pelo decreto do municipio n. 760, de 29 de janeiro de 1910, merecem ser auxiliados pela União, porque as provas constantes de corridas de obstaculos, de concursos de saltos e outras concorrem poderosamente para a formação do cavallo de armas. Consignamos dispositivo reconhecendo de utilidade pública as sociedades de corridas hippicas do Districto Federal e dos Estados que mantenham a necessaria idoneidade, que tenham adquirido personalidade juridica e se compromettam a apresentar relatorio annual dos resultados da criação do cavallo na região em que cada uma exerça sua actividade.

Deixamos de consagrar a isenção de impostos municipaes a que se referiu o projecto para só isentar de impostos federaes as referidas sociedades de corridas, por não ser licito á União invadir a acção tributaria dos Estados ou municipios.

A Camara dos Deputados faria obra útil approvando o substitutivo que apresentamos ao projecto n. 105, cujo pensamento de desenvolver a criação do cavallo nacional merece todo o louvor.

Tal o parecer da Commissão de Agricultura.

Substitutivo da commissão de Agricultura ao projecto n. 105, de 1917

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º — O Poder Executivo auxiliará a criação do cavallo nacional e a importação do cavallo puro-sangue, conferindo premios em pareos de corridas planas, em concursos hippicos, nas exposições, instituindo feiras para a acquisição dos animaes destinados á remonta do Exercito Nacional e mantendo postos de remonta para a selecção do cavallo militar, para depositos dos productos adquiridos e fornecimento de coberturas ás eguas pertencentes aos criadores particulares.

Art. 2.º — No Districto Federal o Poder Executivo distribuirá os premios adeante especificados, por intermedio das sociedades de corridas que se propuzerem a distribuir annualmente, com os proprios recursos e para animaes nacionaes, dez premios, pelo menos, de cinco contos de réis cada um: I — Oito premios reservados aos animaes nacionaes da turma de dous annos, na distancia de mil metros e premio de cinco contos de réis a cada um, sendo successivamente eliminados da inscripção os vencedores de cada pareo; II — Um, reservado aos animaes nacionaes de quatro annos, na distancia de tres mil metros e premio de quinze contos de réis: III — Um, reservado aos animaes extrangeiros de dous annos, disputados na milha, e premio de dez contos de réis; IV — Um, reservado aos animaes extrangeiros de tres a sete annos, importados no anno, na distancia de dous mil e quatrocentos metros e premio de quinze contos de réis; V — Um, reservado aos animaes da turma de dois annos, de vinte contos de réis, que será disputado na milha pelos animaes collocados em 1.º, 2.º e 3.º logares nas provas classicas a que se refere a alinea I do presente artigo.

Art. 3.º — Dos premios conferidos na presente lei serão deduzidos 10 % destinados ao criador do animal nacional vencedor, sendo que no pareo de que trata a alinea V do artigo 2.º será reservado ao criador do animal vencedor o premio especial de cinco contos de réis. A importancia total das inscripções em cada pareo official será reservada para premios aos animaes collocados em 2.º e 3.º logares, na proporção regulada pelo Codigo de Corridas da respectiva sociedade.

Art. 4.º — Os premios concedidos pela presente lei serão conferidos em pareos disputados alternativamente nas sociedades de corridas do Districto Federal, e, na hypothese de em uma unica sociedade, a totalidade dos premios será nesta distribuida.

S D C C

Art. 5.º — Para que possam ter logar os pareos de animaes extrangeiros será preciso que se inscrevam pelo menos oito animaes. Nesses pareos poderão concorrer os animaes nacionaes da mesma idade, sendo que no pareo dos animaes importados no anno poderão correr os importados no semestre anterior, desde que não tenham ainda disputado premios.

Art. 6.º — Os pareos officiaes creados pela presente lei serão annuaes e realizar-se-hão sempre que fôr possivel nas datas nacionaes, tendo a denominação destas. Os grandes premios a que se referem as alineas II, III, IV e V terão respectivamente as denominações de grandes premios *Independencia, Importação, Liberdade* e *Presidente da Republica.*

Art. 7.º — O Poder Executivo conferirá ás sociedades de corridas dos Estados que se propuzerem a distribuir annualmente, com os proprios recursos, seis premios, pelo menos, de cinco conto de réis cada um, para animaes nacionaes, os seguintes premios: I — *Taça dos Productos;* II — *Taça Nacional.*

Paragrapho único: Os referidos premios serão distribuidos em pareos que terão logar annualmente, sempre que fôr possivel em datas nacionaes, o primeiro na milha, o segundo na distancia de dous mil e quatrocentos metros, devendo ambos ser disputados entre os animaes collocados em 1.º, 2.º e 3.º logares nas provas classicas a que se refere o artigo antecedente.

Art. 8.º — As taças a que se refere o artigo anterior, serão de prata e levarão a devida inscripção.

Art. 9.º — Serão consideradas instituições de utilidade pública e isentas dos impostos federaes as sociedades de corridas hippicas do Districto Federal e dos Estados que mantiverem a necessaria idoneidade, que tenham adquirido personalidade juridica e se compromettam a apresentar relatorio annual dos resultados dos pareos disputados em suas pistas e do desenvolvimento da criação cavallar na região em que cada uma exercite sua actividade.

Art. 10 — Os programmas das sociedades de corridas do Districto Federal e dos Estados em que forem incluidos os pareos officiaes creados pela presente lei, nessa parte, serão submettidos ao juizo e julgamento do Ministro da Agricultura.

Art. 11 — O Poder Executivo reconhecerá como officiaes, para o fim de provarem a origem e descendencia dos animaes inscriptos, os Stud-Books (1) mantidos pelas sociedades de cor-

(1) *Stud-Books* é termo inglez e significa — registro dos cavallos puro-sangue.

ridas do Districto Federal e dos Estados, desde que taes instituições revelem a precisa idoneidade e mantenham os referidos registros devidamente organizados. O director dos ditos registros genealogicos ficará responsavel, como official de fé pública nessa parte, pela exactidão dos assentamentos, certificado e certidões expedidos.

§ 1.º Para a fiscalização dos serviços de inscripção e dos registros nomeará commissões de tres criadores no Districto Federal e nos Estados, com funcções gratuitas, ás quaes incumbirá remetter annualmente, como aos directores dos referidos registros, relatorio do movimento dos mesmos e suas necessidades ao Ministerio da Agricultura.

§ 2.º No caso das sociedades de corridas do Districto Federal entrarem em accôrdo para a manutenção exclusiva a cargo de uma dellas do Stud Book Central Brasileiro, ficará supprimido o referido registro genealogico de reproductores puro-sangue de corridas actualmente a cargo da Directoria Geral de Agricultura da Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, Industria e Commercio, na fórma do decreto n. 11.425, de 13 de janeiro de 1915, devendo o mesmo Stud Book Central Brasileiro ser reconhecido como official para todo o Brasil, para os effeitos do disposto no presente artigo 11.

Art. 12 — O Poder Executivo auxiliará a Prefeitura do Districto Federal na realização dos concursos hippicos por ella instituidos pelo decreto n. 760, de 29 de janeiro de 1910.

§ 1.º Os auxilios serão consistentes em premios pecuniarios ou objectos de arte até á quantia de dez contos de réis, os quaes deverão ser distribuidos annualmente pelos seguintes torneios: corridas de obstaculos, concursos de saltos (altura e largura), prova de animal corajoso, percurso de campanha e campeonato de cavallo de armas.

§ 2.º Os premios serão fixados pelo Ministerio da Guerra, poderão ser disputados por militares ou civis e serão concedidos nos referidos torneios por intermedio de uma commissão de officiaes especialmente nomeada pelo Ministro.

Art. 13 — O Poder Executivo auxiliará as associações de pecuaria nos Estados que instituirem concursos hippicos conferindo premios pecuniarios ou em objectos de arte até cinco contos de réis, por anno, em cada Estado, nos torneios a que se refere o § 1.º do art. 12, e nos termos do § 2.º, devendo os programmas das referidas provas ser submettidos ao julgamento do Ministro da Guerra.

Art. 14 — O Poder Executivo promoverá e organizará annualmente no Districto Federal e nos Estados, feiras destinadas á acquisição de cavallos para a remonta do Exercito Nacional.

§ 1.º Essas feiras effectuar-se-hão em épocas apropriadas e serão préviamente annunciadas por editaes publicados no Districto Federal e nos Estados. Dos referidos editaes constarão quaes as localidades, dias e horas de compra, o numero de animaes de cada especie (sella, tracção ou carga) que o Governo Federal pretende adquirir, a tabella de preços, proporcional ao gráo de seleccionamento dos productos e as condições a que devem satisfazer os animaes para a compra.

§ 2.º Os animaes necessarios á remonta do Exercito serão adquiridos nessas feiras por commissões de officiaes nomeados pelo Ministro da Guerra e de que farão parte veterinarios, como peritos.

Art. 15 — O Poder Executivo fica autorizado a conferir por intermedio do Ministro da Guerra, nos certamens de pecuaria promovidos pelas sociedades de corridas ou associações ruraes do paiz que organizarem a secção especial de cavallos typo remonta do Exercito, — premios pecuniarios ou honorificos, que poderão variar de um a cinco contos de réis, aos criadores dos melhores productos exhibidos e que provarem haver criado mais de 30 animaes no anno, typo remonta e aptos á reproducção. Taes premios annualmente não deverão exceder de vinte contos de réis..

Art. 16 — O Poder Executivo concederá nas estradas de ferro da União e de navegação transporte gratuito e apropriado para os productos equinos que se destinarem ás exposições annuaes realizadas pelas sociedades de criação a que se refere o artigo anterior, além dos favores constantes das leis e regulamentos em vigor para a importação de reproductores puro-sangue.

Art. 17 — O Poder Executivo só adquirirá nos paizes estrangeiros os animaes necessarios ao serviço militar, quando não tenham accorrido ás feiras productos nacionaes em numero sufficiente e nas condições estipuladas.

Art. 18 — O Poder Executivo manterá a Coudelaria Nacional de Saycan para a selecção do cavallo de armas, deposito de remonta e fornecimento de cobertura ás éguas de criadores particulares. Para esse effeito terá effectivo de reproductores puro-sangue para sella e tracção.

§ 1.º Esses reproductores, na época apropriada do anno, estarão á disposição das éguas cujas coberturas forem requisitadas e forem julgadas aptas para a producção do cavallo de armas. As coberturas serão gratuitas, mas correrá por conta do particular a despeza com a alimentação das éguas.

§ 2.º O criador que aproveitar, para o serviço de suas éguas, da monta gratuita deverá participar á coudelaria o nascimento dos productos, para o conveniente registro, sob pena de ficar privado de apresentar novas éguas á cobertura.

Art. 19 — Afim de attender ao serviço de remonta em outras regiões do paiz, o Poder Executivo fica autorizado a crear novos depositos de remonta, para os effeitos do artigo antecedente.

Art. 20 — As administrações da Coudelaria Nacional de Saycan e postos de remonta manterão livros de Stud Book e de registros dos reproductores effectivos dos estabelecimentos, das éguas padreadas e dos productos adquiridos para a remonta.

Art. 21 — O Poder Executivo regulamentará a presente lei, ficando autorizado a abrir os créditos extraordinarios para a sua execução no caso do Congresso Nacional não dotar os orçamentos da Agricultura ou da Guerra com as verbas indispensaveis para os serviços de que ella faz o objecto.

Art. 22 — Revogam-se as disposições em contrario. — Sala das Commisssões, 20 de Julho de 1917. — *Joaquim Osorio*, relator."

Estamos de perfeito accórdo com a maior parte das considerações contidas no parecer que antecede o celebre substitutivo, principalmente com a opinião do Snr. Ministro da Guerra, affirmando que o Governo não deve criar cavallos para a remonta, e sim, os criadores.

Como se terá visto nos artigos do substitutivo, S.S. declara-se um fervoroso apologista do puro-sangue.

Os seus ardores pelo arabe, manifestados na emenda da Conferencia e na entrevista do *Jornal do Commercio*, dissiparam-se como se dissipariam os futuros cavallos de guerra *seleccionados* pelas disposições contidas em seu contra-projecto, na primeira campanha que tivessemos, se, infelizmente, o Governo sanccionasse tal projecto.

Segundo affirmação sua, como se viu, a opinião dominante no Rio Grande é favoravel ao arabe.

S.S. concordava com esta ideia, entretanto, no projecto de substituição declarou-se partidario do puro-sangue!

Deixamos ao criterio dos leitores os commentarios que surgem da comparação das duas opiniões do Snr. deputado, não podendo, porém, deixar de chamar a attenção sobre o artigo 18, quando diz: "... manterá a Coudelaria Nacional de Saycan para a selecção do cavallo de armas. O puro-sangue para a sélla e tracção!"

O ponto de admiração é nosso, e julgamos que tal affirmação dispensa argumentos contrarios, em vista de ser aconselhado o puro-sangue para tracção!!!

Temos, infelizmente, um máo criterio sobre a apreciação do cavallo e do serviço que delle se necessita.

Como já dissemos, a gente de cidade habituada a ver nos carros, nos passeios e nos prados, cavallos de grande estampa, olham com despreso para o precioso cavallo crioulo.

Sobre o mesmo assumpto, não ha muito, o jornal *A Noticia*, do Rio, escreveu o seguinte:

„O nosso futuro cavallo de guerra

A Republica Argentina tem procurado resolver o problema pecuario em todas as suas faces. O seu gado vaccum, tanto o de córte como o de leite, occupa um dos primeiros logares do mundo. O seu gado lanigero só é inferior ao da Australia.

Na producção e aperfeiçoamento do cavallo de guerra, a nossa valorosa irmã platina tem tido um surto admiravel, sendo hoje uma das maiores fontes de remonta dos exercitos europeus, etc., etc."

Em contrario á ultima affirmação que antecede, citamos o desastroso fracasso dos bellos mestiços argentinos que constituia o orgulho do 1.º regimento, na campanha do Paraná, contra as forças de Gomercindo, e para confirmar este facto transcrevo uma publicação feita em *La Nacion*, de Buenos Aires, por um illustrado criador argentino, a proposito do fracasso que teve na França um lote escolhido de cavallos mestiços inglezes, mandado de presente pelo Governo argentino ao daquelle paiz.

Eila :

As vantagens do cavallo crioulo

Inconfundivel com o mestiço ⊛ Na Inglaterra paga-se 500 libras por um animal crioulo puro ⊛ Um pólo-Ponny famoso

Os cavallos que foram offertados á França não eram crioulos e sim mestiços, mestiços o que seria difficil dizer, pois succede em muitos casos que são o producto das mais caprichosas e variadas cruzas e mesclas; ha estancieiros que botam *garanhões* de diversas raças em suas manadas.

Os juizos desfavoraveis emittidos na França contra essa *salada russa* que se mandou daqui, não são muito errados na parte referente á sobriedade e resistencia; não necessitamos que nos digam o que a cada momento vemos aqui e, como prova, só citarei um dos tantos casos que commosco se dá, da falta de resistencia das *saladas russas*.

O anno passado, em plena sêcca, e por conseguinte, com os caminhos em excellente estado, o estado-maior do Exercito mandou uma pequena carroça muito leve, carregada com um peso total de 400 kilos, mais ou menos, á Pontevedra, povoado distante umas oito leguas desta capital; a carrocinha era puchada por tres grandes cavallos que, seguramente, se consideravam aptos para o serviço de guerra, excuso dizer que esses cavallos eram mantidos a grão, e, não obstante isso e serem mestiços, os cavallos se *aplastaram* (1) antes de effectuar as oito leguas; o carroceiro *conscripto* ia tendo a maior consideração com os brutos, dando-lhes muito descanço no caminho e em uma das paradas lhes deu uma ração de milho. E' de imaginar-se a utilidade que teriam esses cavallos no caso de uma longa campanha, onde possivelmente seria difficil dar-lhes ração e tel-os sempre ferrados. Com o cavallo crioulo me atrevo a levar o mesmo carro de Buenos Aires á Pontevedra no dia, e chegar com os cavallos frescos; — isto faria com cavallos sem ferraduras, mantidos a campo e que nunca haviam comido milho.

Respeito a mansidão, na grande maioria dos casos, menos "brioso" que os cavallos que usam os exercitos europeus, pela simples razão que da fórma como se doma o crioulo se lhes tira o brio; com os cavallos domados á européa não se póde

(1) *Aplastar* é termo castelhano, que significa — reduzir-se a uma plasta, desmanchar-se, desfazer-se. Em caso identico, nós dizemos de outra pessôa: — Está com o rosto desfeito.

galopar com as rédeas soltas, como fazemos com o crioulo, e contados são os cavallos crioulos que se encabritam e corcoveiam depois de estarem domados: a espora e o modo brutal, como se amansa no geral, fazem-lhes perder esse habito para sempre.

E' verdade que o costume que se tem na maioria das nossas grandes fazendas do encerrar as tropilhas em curral e laçar o cavallo que se vae ensilhar, faz com que os cavallos se tornem difficeis para pegar á mão; o contrario succede com os cavallos de tropilha dos tropeiros que, tendo maneado a "madrinha", facilmente pegam qualquer cavallo de sua tropilha sem laçal-o e em qualquer parte.

Também o mau costume de uma grande parte dos nossos peães de campo, de castigar pela cabeça com o freio, ao desensilhar, com o fim de fazer retirar o cavallo ou que se vá com a tropilha, faz com que muitos animaes dêm muito trabalho para pegar sem auxilio do laço.

Porém, este inconveniente nunca póde se apresentar no exercito francez ou aqui, pois que, os cavallos não estão soltos a campo e sim em estrebarias, ou atados com buçal.

Ignoro como foram amansados esses animaes que offertamos á França, porém supponho que não podiam apresentar nenhum dos inconvenientes annotados, pois que, repito, não eram nem crioulos, nem mantidos a campo e é facil que tenham sido mais bem ensinados á européa, posto que, se governavam a quatro rédeas e estavam amestrados em exercicios de *volteio;* assim é que o motivo que dá *La Nacion,* de que não eram mansos, porque aqui pastavam em vastas extensões de campo, é ridiculo; também diz o artigo, ali não se conhece o potro crioulo, etc., isto é absurdo, porque os cavallos que se mandaram não eram crioulos e sim mestiços, muito longe do crioulo.

Demais, os cavallos domados a européa conservam mais brio e encabritam com mais frequencia, e se si lhes affrouxam as rédeas para galopar, como se faz com o crioulo, disparam. O cavallo crioulo domado á gaúcha é muito mais docil e manejavel; a prova está em que os inglezes o preferem para jogar o pólo, e na provincia de Santa-Fé, aonde se jogava ha muitos annos, se procurava a bons preços cavallos crioulos puros que houvessem trabalhado nos rodeios, porque eram muito guapos, doceis e obedeciam com assombrosa rapidez á rédea e á pressão dos joelhos e inclinações do corpo do ginete; os jogadores de pólo asseguravam que os mestiços educados á européa ou

crioula, não podiam avantajal-os. O antigo encarregado do *haras Las Rosas*, de Mr. Remis, hoje director do *haras* São Jacintho, do Snr. Ungué, comprou um cavallo crioulo tordilho, de origem das serras de Cordova e que exportado para a Inglaterra chegou a ser um dos mais famosos pólo-ponnys, e foi vendido a um inglez por 500 libras esterlinas; este typo de cavallo deviamos presentear á França, com elles não haveria fracasso possivel.

E' tambem um erro crêr que o cavallo crioulo é demasiadamente pequeno; ao contrario, não é inconveniente, visto que os nossos soldados são mais de estatura baixa, e, não sendo cavallos girafas, lhes é mais commodo subir e nos casos de apuros de guerra pódem saltar, coisa difficil de fazer nos cavallos mestiços tão altos; demais, todos os cavallos crioulos não são pequenos, ha grandes tambêm, porém, não se deve esquecer que a variabilidade é uma tendencia commum dos animaes e, si o cavallo crioulo não tem melhorado em tamanho, se deve só ao grande descuido dos nossos criadores que nunca se deram ao trabalho de fazer uma selecção e muitos só costumam castrar os melhores potros para sélla e mandar suas éguas mais lindas para as graxeiras, é logico que com este systema a cria não havia adeantado em presença e em altura.

Aqui nesta provincia, um dos poucos que têm tido o patriotismo de criar fazenda cavallar por selecção entre o crioulo puro, é o Snr. Diego Baudrix, conhecido historiador da raça.

Hoje podemos admirar o exito dos cavallos crioulos puros melhorados por Baudrix; elles se confundem com o *hunter* e o *arabe*, sendo mais resistentes que o primeiro e tão formosos como o segundo.

Ninguem poderá dizer que o cavallo crioulo puro não é um animal excepcional na resistencia ás fadigas do trabalho e insuperavel para nossos trabalhos ruraes, por sua sobriedade, rusticidade e sua applicação, servindo para sella e para tracção, puchando um carro, carroça ou arado, e para o exercito o considero superior a essas *saladas* que hemos visto premiar-se nos concursos que se abrem para cavallos de guerra.

Nas exposições se conservam classes para petiços, porém, se esquecem de dar um logarsinho para o cavallo crioulo que tão meritorios serviços tem prestado ao paiz; e agora se trata de defender o cavallo mestiço, attribuindo-lhe os meritos do cavallo crioulo, que tão injustamente muitos depreciam.

Ricardo Hogg.

Consideramos pobre, desluzida e até mesmo inaceitavel a justificação da 11.ª Commissão, que aconselha o puro-sangue, baseada nas autoridades européas.

A guiar-nos por este criterio revelariamos a nossa incompetencia e incapacidade para apreciarmos ás bellas qualidades do cavallo que possuimos, submettendo-nos incondicionalmente á opinião de pessôas extranhas ao assumpto e que não o conhecem.

Pelas experiencias colhidas nas differentes guerras que infelizmente temos mantido, assim como nos serviços pecuarios, no tempo dos campos abertos e gado bravio, sabemos que o cavallo crioulo de 1m,40 facilmente resiste ao peso de 100 kilos em jornadas regulares.

Em casos identicos o puro-sangue e seus mestiços difficilmente supportariam aquelle peso; com a aggravante de que estes necessitam melhor e mais abundante alimentação.

Para que se julgue a falta de fundamento dos que preferem o puro-sangue para o serviço de guerra, damos em seguida a opinião de um tenente do exercito e que foi por nós contestada:

A creação do nosso cavallo de guerra

Uma palestra com o tenente Heitor Gonçalves

O tenente Heitor Mendes Gonçalves é, apesar de moço ainda, um dos officiaes de cavallaria do nosso exercito mais em evidencia na sua classe. Figura saliente ao lado de Potyguara, na luta do Contestado, o tenente Heitor é um dedicado á sua arma.

Chegado ha pouco de Uruguayana, onde serviu no 8.º regimento de cavallaria, que foi do commando do coronel Tasso Fragoso, um dos nossos companheiros julgou occasião apropriada para ouvil-o sobre um assumpto palpitante: O cavallo para a remonta do nosso exercito.

E' este um dos pontos capitaes, pois, nos encontramos em situação difficil para provermos em animaes as nossas armas montadas.

Basta dizer que no Rio de Janeiro, para a completa organização da 3.ª divisão do exercito, são precisos nada mais nada menos de onze mil animaes, e só temos mil e poucos.

D'ahi a importancia do assumpto, que é preciso ser tratado quanto antes.

E' assim que o tenente Heitor nos disse que actualmente muito preoccupa os criadores do Rio Grande do Sul a escolha de um typo de cavallo que convenha ao exercito.

Duas correntes se estabeleceram para resolver a questão: uma de adeptos do reproductor arabe e outra, do inglez.

Sua opinião é a do ultimo, porque só o puro-sangue inglez será capaz de regenerar a nossa raça cavallar, nos dando o cavallo de guerra que, além de satisfazer as condições de sobriedade, velocidade e outras mais conhecidas, não precisa de estampa, pois é facil de imaginar a figura ridicula que faz o soldado montado, embora de estatura mediana, que é de 1m,45, com os pés quasi arrastando no terreno e levando ainda, cavalleiro e cavallo, complicados equipamentos.

E' assim que ao arabe falta esta qualidade indispensavel, a estampa; e, na cruza com os animaes crioulos, o producto é necessariamente de altura tal que não satisfaz ás necessidades do exercito.

Ainda mais, este cavallo tem o esqueleto fraco e sómente no paiz de origem encontra os elementos indispensaveis que convém á sua ossatura e por ahi vê-se o atrophiamento da raça entre nós.

O puro-sangue inglez cruzado com animaes crioulos seleccionados nos dará um producto em tudo semelhante ao anglo-arabe (o typo ideal do cavallo de sélla) pois nossos animaes crioulos descendem do ultimo.

Disse-nos ainda o tenente Heitor que mais de uma vez se tem manifestado a criadores do Rio Grande sobre suas idéas, que são sinceras e resultado dos estudos que tem feito sobre esse assumpto e que entre elles, alguns bastante intelligentes já possuem admiraveis productos do puro-sangue inglez.

Discipulo de Lima Mendes, official de cavallaria do exercito, que é diplomado pela Escola de Equitação de Hanover, vencedor de diversas provas hippicas desta capital e S. Paulo, vem de fundar na prospera cidade fronteiriça de Uruguayana, no quartel do 8.º regimento, uma escola de equitação em que emprega o methodo de dominar e adestrar o cavallo ao envez dos processos gaúchos, incontestavelmente heroicos e que se assentam perfeitamente em suas montadas, porém violentamente.

Produziu a principio má impressão e foi assim que nas primeiras vezes que usou do trote alçado, foi vaiado pelos garotos, que o suppunham *maturrango* (individuo que anda mal a

cavallo) e só depois de realisar as primeiras provas públicas começou a ser olhado como cavalleiro.

Hoje dirige uma escola que conta os melhores elementos daquella sociedade, assim como collegas seus que têm lucrado muito, principalmente no que se refere a equitação do exterior (caçadas, saltos em obstaculos, etc.)

Cousa notavel, nos diz o tenente Heitor, foram os civis que legaram ao regimento o picadeiro que lá existe e que tantos serviços vem prestando á tropa ali destacada.

E' assim que no correr das lições, ao exigirem provas caracteristicas de suas montadas, sentem a necessidade da creação de um typo de cavallo que satisfaça melhor as exigencias de equitação e que, como qualidades predominantes, possúa estampa, velocidade e aptidão para o salto; um cavallo em tudo differente do nosso crioulo; e esse será então o cavallo typo para o nosso exercito, isto é, será o nosso cavallo de guerra."

E assim nos tinha o tenente Heitor dado informações sobre um problema que é o da remonta do exercito.

Sob o titulo acima, *A Razão*, do Rio, em sua edição de 18 de Junho findo, publicou a opinião externada sobre o assumpto pelo Snr. tenente Heitor Mendes Gonçalves, discipulo de Lima Mendes, official de cavallaria do exercito, diplomado pela Escola de Equitação de Hanover, e vencedor de varias provas hippicas naquella capital e em S. Paulo.

Disse o referido official, em palestra que teve com a redacção daquella folha, o seguinte:

"Que actualmente muito preoccupa os criadores do Rio Grande do Sul a escolha de um typo de cavallo que convenha ao exercito;

"Que duas correntes se estabeleceram para resolver a questão: Uma de adeptos do reproductor arabe, e outra, do inglez;

"Que a sua opinião é o do ultimo, porque só o puro-sangue inglez será capaz de regenerar a nossa raça cavallar, dando-nos o cavallo de guerra, que, além de satisfazer as condições de sobriedade, velocidade e outras mais conhecidas, não precisa de estampa, pois, é facil de imaginar a figura ridicula que faz o soldado montado, embóra de estatura mediana, que é de 1m.45, com os pés quasi arrastando no terreno e levando ainda, cavalleiro e cavallos, complicados equipamentos."

Um mestre de equitação diplomado por Hanover e tenente do exercito tem o dever de conhecer em seus minimos detalhes os valiosos ensinamentos inherentes á sua classe e profissão.

Desses ensinamentos parece, entretanto, esquecido o illustre tenente, vencedor de diversas provas hippicas, ao externar as suas opiniões acima transcriptas.

De facto, na opinião unanime dos tratadistas, o cavallo inglez é um animal delicado, exigente na alimentação e conforto.

Por cima da opinião dessas autoridades incontestes, que isto affirmam, passa, porém, o Snr. tenente Heitor, em *trote alçado*, e vem de público attribuir condição de sobriedade ao cavallo inglez, quando essa qualidade e a de resistencia são reconhecidas como caracteristicas do cavallo crioulo.

Ainda sobre a estatura de 1m,45, que considera ridicula, cumpre lembrar a justa fama de que goza a tradicional cavallaria cossaca, servida por cavallos de estatura talvez inferior, que são aliás montados por soldados de estatura muito superior á dos nossos.

Ninguem ha, entretanto, que considere ridiculo o agigantado soldado cossaco, pelo facto de montar um cavallo de mediana estatura.

Para o serviço do exercito as condições essenciaes do cavallo são a sobriedade, a resistencia, a rusticidade e a relativa velocidade, condições estas perfeitamente preenchidas pelo cavallo crioulo.

A estampa, a belleza simplesmente são condições secundarias, que em caso algum devem ser preferidas pelas anteriormente enumeradas, que são essenciaes.

Si o cavallo para a remonta do exercito houvesse de ser utilizado unicamente nos prados, na exhibição do trote alçado, (o tal que foi vaiado pelos garotos de Uruguayana, segundo refere em sua palestra o entrevistado d'*A Razão*), nos saltos de barreiras e fossos, etc., andaria talvez acertadamente o tenente Mendes dando preferencia ao cavallo inglez.

Mas, *ne, sutor, ultra crepidam*. — Preferir para o exercito o cavallo inglez ao cavallo crioulo é cousa que não se justifica á luz dos factos e de innumeras experiencias.

Relembraremos a proposito ao tenente Heitor que, quando as forças revolucionarias desse Estado seguiram para o de Paraná em 1893, e que ao seu encalço foram os corpos de cavallaria estacionados no Rio, montados nos mestiços argentinos de *correcta estampa*, estes, no fim de tres dias de marcha quedavam-se em grupos, extenuados, sem prestimo algum; facto que obrigou o governo a comprar naquella zona os nossos

cavallos crioulos, com os quaes, apesar da *estatura ridicula*, se fez toda a campanha.

O mesmo deu-se em Canudos.

Ao illustre professor de equitação relembrarei ainda os desastres do cavallo inglez nas campanhas da Criméa, da India, do Egypto, do Transvaall e da China; desastres que obrigaram a Inglaterra a utilizar os mestiços arabes e berberiscos nas insurreições da India e Sudan.

E' realmente de lamentar que um tenente do nosso exercito, esquecendo tão memoraveis insuccessos, venha agora aconselhar a adopção de um cavallo *fragil*, evidentemente incapaz de supportar o rude trote das campanhas, reconhecidamente imprestavel para o serviço do exercito.

Affirma ainda o professor de equitação diplomado por Hanover que "o cavallo arabe tem o esqueleto fraco."

Entretanto, é com o cavallo de corrida, cuja fragilidade é por todos reconhecida, que pretende melhorar o nosso crioulo! Lamentavel incoherencia, para não dizer outra cousa.

Vem a pello recordar: Ha dois annos que um medico veterinario, que esteve ao serviço do Prado desta capital, affirmou-nos que dos 250 cavallos naquella época existentes, apenas 20 se achavam perfeitamente sãos; isto, tratando-se de animaes de idade não superior a seis annos:

Esse phenomeno é já previsto pelo regulamento dos prados, que não admitte animaes de idade superior a 7 annos, porque dessa data em diante ordinariamente se tornam ovados, macetas, sentidos do dorso ou das cadeiras.

Entretanto, os cavallos arabes, como os nossos crioulos, sem os cuidados e a alimentação de que aquelles precisam, prestam geralmente serviços por espaço de 20 annos e mais.

Felizmente chega-nos agora a grata noticia de que o illustre Dr. Macedo Soares apresentou á Camara um projecto de protecção ao cavallo de puro sangue nacional, que julgamos não poderá deixar de ser o cavallo crioulo.

Oxalá que dessa preferencia plenamente justificavel não seja desviado, cedendo á opinião contraria de pretensos sabedores, inflados de balofa vaidade.

Terminando, não podemos deixar de observar ao tenente e professor de equitação Mendes Gonçalves que a sua pretenção de ensinar os rio-grandenses a montar a cavallo semelha-se algo ao ingenuo proposito do beato que tentava ensinar o padre-nosso ao vigario de sua freguezia.

D. M. Riet.

A remonta do exercito

Do tenente Heitor Mendes Gonçalves, official de cavallaria do nosso exercito, recebemos a seguinte carta:

"Snr. redactor — Em a edição de 18 do corrente do vosso conceituado jornal, um senhor que, de Porto Alegre se assigna sob o nome de D. M. Riet, contesta a ligeira e despretenciosa palestra que sobre o cavallo de guerra entretive com um dos vossos companheiros de redacção.

Defendo as idéas que externei, embora o meu voluntario detractor as tivesse deturpado para, sobre suas ruinas, erguer o pelourinho em que pretendeu expôr-me á execração do exercito.

Em attenção aos immerecidos conceitos que sobre mim emittistes, recomponho alguns tópicos daquella palestra, que, por nimia gentileza, déstes então á publicidade.

O Snr. D. M. Diz: "Preferir para o exercito o cavallo inglez ao crioulo é coisa que não se justifica á luz dos factos e da experiencia, etc."

Ora, eu não prefiro para o exercito nem o crioulo, nem o inglez, mas, o producto resultante da cruza deste com aquelle, isto é, o meio-sangue inglez — um cavallo que reuna a sobriedade, a resistencia, rusticidade e docilidade do crioulo, á velocidade, intelligencia, nobreza e estampa do inglez.

D. M. confunde João Germano com genero humano.

Logo adeante, para mostrar a vantagem em ossificação do arabe sobre o inglez, em nosso clima, serve-se D. M. dos innumeros e inevitaveis accidentes a que estão expostos animaes novos, lançados nas rudes provas de um prado, ao envez de observar os productos do arabe de espinha dorsal recurvada e aprumos defeituosos, em nossos campos de criação ou melhor em exposições pecuarias havidas entre nós.

Confunde altura média $1^{m},45$ de homem a que me referi, com altura do cavallo e por fim, faz ironia sobre a equitação que adopto.

Póde continuar a fazel-a, pois, ligo-lhe a mesma importancia que dispensei aos garotos de Uruguayana.

E julgando-me, com as considerações que venho de fazer, desobrigado de tratar novamente deste assumpto, vos agradeço a publicação desta, hypothecando mais uma vez os meus protestos de alta estima e consideração."

(D'"A Razão" de 30 — 7 — 917.)

A remonta do exercito

CARTA ABERTA

Senhor director d'*A Razão* — Grato pela gentileza com que inseristes o meu artigo de analyse ás opiniões do senhor tenente Heitor, manifestadas acerca da remonta do exercito, venho insistir sobre o mesmo assumpto, sem o intuito, entretanto, de manter polemica com o galhardo tenente picador, discipulo de Lima Mendes, official de cavallaria do exercito, diplomado pela Escola de Equitação de Hanover, vencedor de varias provas hippicas no Rio e S. Paulo, etc., no qual, apezar de tantos titulos, não reconheço competencia, nem autoridade, sobre o magno assumpto controvertido.

Tomei parte na discussão deste thema principalmente por consideral-o um problema nacional de summa importancia, para solução do qual a orientação predominante nessa capital não me parece vir ao encontro do provimento das nossas necessidades para conveniente defesa nacional, tendo em vista as conclusões votadas na conferencia realizada ultimamente pela benemerita Sociedade Nacional de Agricultura, aconselhando o pretenso melhoramento do nosso cavallo pela intervenção do puro-sangue de corrida.

Contrariando essa corrente de idéas, que talvez possa julgar acertada a rectificação proposta pelo senhor Heitor, é que insisto em demonstrar a inconsistencia de sua opinião e de todos os que o acompanham.

Diz o tenente Heitor: "prefiro o meio-sangue inglez — um cavallo que reuna a sobriedade, resistencia, rusticidade e docilidade do crioulo á velocidade, intelligencia, nobreza e estampa do inglez."

Para demonstrar a ingenuidade que evidencia tal preferencia, basta observar que, mesmo em theoria, o producto de um cruzamento representa por metades os caracteristicos morphologicos, moraes, especiaes, etc., de seus progenitores.

No caso, portanto, o producto de um puro-sangue inglez com égua pelluda herdará muito provavelmente metade da velocidade, exigencia no trato e debilidade ossea do primeiro, bem como metade apenas das innumeras condições de bondade reconhecidas na raça crioula.

No estado em que se acha ainda o estudo da zootechnia

é absolutamente impossivel conseguir-se que um producto zootechnico apresente sómente as boas qualidades dos seus factores, com exclusão das más.

E' certo que o pintor, por exemplo, com a fusão de duas tintas de côres diversas em determinadas proporções, póde obter uma terceira de matiz invariavelmente uniforme.

Nas misturas de sangue, porém, a experiencia demonstra justamente o contrario; o producto dellas poucas vezes é uniforme.

Nos cruzamentos notam-se com frequencia productos que apresentam grande semelhança com o factor paterno, outros que se approximam mais do factor materno, outros ainda que se afastam dos caracteres dos progenitores para revestirem os de remotos antepassados, como nos casos de atavismo.

Os cavallos oriundos do cruzamento considerado pódem, portanto, apresentar os caracteres do puro-sangue inglez, ou os do crioulo, ou ainda se afastarem de ambos, reproduzindo a feição do cavallo andaluz ou de outro antepassado mais remoto.

Como se vê, não é facil, nem mesmo possivel obter homogeneidade nos mestiços.

Por outro lado, é tambem impossivel conseguir-se cavallos mestiços para abastecer a remonta do exercito em determinado espaço de tempo.

Actualmente possuimos éguas crioulas das quaes conseguimos mestiços com o emprego do puro-sangue.

Mas não devemos esquecer que as filhas de taes éguas não poderão ser cruzadas com o reproductor crioulo, nem com o puro-sangue: — o primeiro, além de ser escasso, dado o desprestigio com que se pretende condemnal-o, produziria provavelmente crias com 3/4 de sangue crioulo, o que não satisfaria a anglomania dominante; o segundo se approximaria do puro-sangue de corrida, que é tambem condemnado pelo articulista, além de ser logico suppôr que, com o emprego desse criterio, em duas ou tres gerações desapparecerão por completo as eguas crioulas e que faremos da criação equina uma *salada russa* ou mistura de grelos, destituida de condições capazes de nos darem as excellentes qaulidades que caracterizam o nosso inegualavel cavallo crioulo.

Tal pratica nos levaria á reproducção forçada dos mestiços entre si, methodo pouco aconselhado em zootechnia, por ser o mestiço um producto degenerado, que não possúe caracteres proprios ou fixos para transmittil-os aos seus descendentes.

Admittindo que a criação por esse methodo pudesse dar bom resultado, o que seria muito problematico, outro factor inevitavel destruiria por completo o objectivo almejado pelos amantes do extrangeirismo: as influencias mesologicas actuariam sobre taes productos, convertendo-os mais ou menos ao typo do cavallo crioulo, degenerado, quiçá, pelas más qualidades herdadas do puro-sangue.

A remonta do exercito é um problema muito importante, cuja resolução não póde ser feita a *trote alçado*: demanda ponderação e criterio superiores.

Para resolver esse problema os poderes publicos devem inspirar-se no passado, na fundação da nossa nacionalidade, estudando o importante papel representado pelo cavallo crioulo, comparando-o com o puro-sangue — animal fraco, delicado, exigente para conservar o seu bello aspecto.

O governo não se deve deixar arrastar pela corrente de falsa opinião formada pelos amantes dos prados, generaes de salão, officiaes de cidade, picadores, vencedores de provas hippicas e extrangeiros, que, sem os indispensaveis conhecimentos praticos do nosso meio, condemnam inconscientemente o nosso incomparavel cavallo crioulo.

Na guerra, nação mal montada é nação derrotada, diz o brocardo popular.

Não nos exponha o governo a possiveis derrotas, utilizando para a remonta do nosso exercito o imprestavel mestiço inglez (1).

Porto Alegre, 23 de Agosto de 1917.

D. M. Rict.

Convêm notar que este ultimo artigo foi publicado em occasião em que achava-se aqui o Snr. tenente Heitor Gonçalves de passagem para Uruguayana.

N'aquella cidade um orgão da imprensa reproduziu o nosso escripto, e independente disto remettemos ao Snr. tenente, pelo Correio, um numero d'*A Federação* que o continha.

O seu silencio sobre o assumpto autorisa-nos a suppôr que lhe fáltaram argumentos para oppôr ás nossas considerações.

(1) Não é desdouro desfazer um passo errado.
Peccato confessato è mezzo perdonato.

Outro apologista do puro-sangue

De uma carta do Snr. major José Candido da Silva Muricy ao tenente Armando Jorge, publicada no *Jornal do Commercio* do Rio, extrahimos o que segue:

. . . . . .

"Passemos agora ás mais sérias de tuas perguntas, as que se referem ao cavallo de armas.

Desculpa-me se tenho me alongado demasiado, mas infelizmente alguma cousa de importante tenho ainda a te dizer, peço-te paciencia, pois, vou agora tratar da parte mais importante, a meu ver, da questão.

Todos os Estados da União possuem uma raça de cavallos, oriunda, mas degenerada, dos cavallos andaluzes e arabes, introduzidos pelos hespanhoes e portuguezes aqui no Brasil nos tempos coloniaes. Abandonados aos proprios instinctos, em um paiz cujo clima era completamente differente de seu paiz de origem, mudado por completo o systema alimentar, sua aclimação e conservação só se fizeram com perda de algumas qualidades especificas, o que era natural. Hoje a sua pequenez quasi os torna incommodos para montaria, comquanto alguns ainda apresentem fórmas bem regulares, lembrando em tudo seu ascendente asiatico. De uma rusticidade extraordinaria, admiravel, esses animaes de uma energia e sobriedade a toda a prova, resistem a todas as especies de trabalhos e a todas as privações.

Sua criação nas fazendas não obedece a regras, ella é feita em plena liberdade, atirados ao Deus dará, nas extensas campanhas do Paraná e Rio Grande. Naquelle ás vezes as fortes geadas torram os pastos, amadurecem as macegas, deixando-as sem principios nutritivos, de modo que esses animaes geralmente perdem nos invernos o pouco que adquiriram nos curtos verões, só se lhes dando como unico tratamento, na entrada do verão, um pouco de sal e uns bocados de verde, feitos a fogo num pedaço de campo de velha macega. Assim, sem hygiene, pouco alimentados, sem o minimo cuidado principalmente sem selecção em manadas ou lotes constituidos pelo rebotalho das eguas das producções anteriores, que por seus defeitos não puderam ser vendidas para as xarqueadas ou para outras applicações, tendo á sua frente, como padriador, um rachitico aleijão, um degenerado, que ninguem quiz e que, não servindo para mais nada, foi, por desprezo, condemnado ao nobre fim da

propagação da especie; como enjeitados pelas campanhas e assim errantes, quasi sempre descarnados e sempre abandonados, vagueiam por essas extensas campanhas, acossados pelas chuvas e pelo terrivel minuano, supportando pacientemente todas as especies de intemperies e privações.

Para a formação que se pretende fazer, de um typo de cavallo brasileiro, naturalmente nós, os imitadores eternos, havemos de importar da Europa ou do Rio da Prata as raças que forem julgadas poderem servir para isso.

Agora pergunto eu: Que raça poderemos nós importar, dessas artificiaes, que venham em pouco tempo adquirir essa aclimação perfeita, de ha seculos, do nosso pelludo?

Que raça poderemos nós importar, que possúa tantas qualidades bôas, necessarias, com sobriedade, resistencia, vivacidade, mansidão, valentia, rusticidade e sobretudo essa extraordinaria facil adaptação a todos os misteres? Faz-se do pelludo o que se quer, e tanto se o vê debaixo dos arreios do gaúcho nas campanhas do Rio Grande, auxiliando-o nas lides pacificas das fazendas, ou como seu companheiro, seu amigo, sua principal arma, nas lutas do Paraguay e nas civis, que tanto ensanguentaram os Estados do Sul, como se vê atrelado á carruagens, nos varaes das carroças ou nos braços de um arado, ajudando o colono a preparar o sólo de onde ha de sahir a substancia para ambos, ou debaixo das cangalhas, supportando o peso dos fardos de algodão, em longas jornadas, sob o sol de fogo do norte, muitas vezes sem beber e sem comer, e infatigavel, como se fôra de aço, debaixo da sélla do vaqueiro nos catingaes.

Que raça, portanto, melhor do que essa poderemos nós importar para o fim que desejamos?

Falta-lhe tamanho e velocidade? Dê-se-lhe com o puro-sangue. Não precisamos mais do que selecção, façamos uma escolha conscienciosa, tiremos dessas manadas o que nellas houver ainda de melhor e preparemos, por meio da cruza com o puro-sangue, a base do nosso typo futuro. Quanto á dynamisação necessaria do sangue, para chegar-se ao gráo de proporcionalidade com que devem entrar os componentes para a formação do que deve circular nas veias do referido typo, só a experiencia, baseada no racionalismo da cruza, criação e selecção, é que poderá nos ensinar.

Já tive occasião, e você com certeza tambem já teve, de ver cavallos, desses pelludos arrancados a essa vida errante e

miseravel e collocados em uma estrebaria, com alimentação abundante e todo o conforto, fazerem, em pouco tempo, tal mudança, que se tornaram completamente differentes, até desconhecidos, o que quer dizer que o defeito está na falta de selecção e de alimentação e, por consequencia, na falta de cuidado ou de competencia dos nossos criadores.

Por diversas vezes designado para fazer parte de commissões encarregadas da compra de cavallos para a remonta do exercito, tive occasião de, percorrendo quasi todas as fazendas e localidades do Paraná, onde os poderia encontrar em condições, examinar e medir 3.000 a 4.000 cavallos, encontrando uns 400, se tanto, nas condições exigidas pelo Governo. Não quer isso dizer que não eram bons os outros, pelo contrario, eram excellentes para sélla, na sua grande maioria; sómente não tinham a altura exigida pelos editaes, pois, eram de (1m,44) um metro e quarenta e quatro centimetros para baixo, quando o exigido era (1m,45) um metro e quarenta e cinco para cima, e a prova de sua bondade teve o Governo do Estado, comprando-os para a sua policia, onde deram excellentes cavallos de sélla.

Os 400 bons cavallos comprados por terem de (1m,45) um metro e quarenta e cinco centimetros para cima, eram sem excepção meios quartos, e alguns, oitavos de sangue de cavallo inglez de corrida com os nossos pelludos. E quem mais do que você conhece a excellencia desse cruzamento, tendo visto a cavalhada do Paraná e possuindo, como possues, dous cavallos nas condições do Mahdi e do Yalú? O que nos falta, pois, para termos o nosso cavallo brasileiro aperfeiçoado? Falta-nos em primeiro lugar formar pastagens e criar a forragem tambêm brasileira, com plantas já ha muito aclimatadas no nosso paiz e com as indigenas de nascimento expontaneo nos variados climas dos nossos Estados.

Em segundo lugar, abandonar a rotina e modificar os systemas de criação e alimentação até hoje seguidos, por um modo mais racional.

Em treceiro lugar, fazer a necessaria selecção na producção obtida.

Não nos devemos preoccupar com a producção de cavallos grandes, não temos couraceiros no nosso exercito, e a média da estatura do nosso soldado é pequena. Além de que o cavallo pequeno adapta-se mais ao solo de conformação variada da nossa America e é, sem contestação, mais sóbrio, mais rustico

e mais vivo do que o cavallo grande, e o proloquio popular "cavallo grande, besta de páo", parece querer provar isso.

Não pense você que quando eu fallo em cavallo pequeno me quero referir aos poneys e pequiras; não, refiro-me aos cavallos de 1m,44 a 1m,50, só descendo um centimetro da medida estabelecida pelo Governo, que é 1m,45, differença igual á espessura de uma ferradura.

Como já tive occasião de dizer acima, a cathegoria dos animaes de sélla comprehende os de passeio, os de corrida, os de caça e os de armas. Pois bem, o cavallo de armas, a meu ver, será o que possuir a maioria das boas qualidades das outras tres, porque a somma dellas levaria á utopia de um typo ideal, absoluto, em um meio onde em absoluto só existe a relatividade. Assim, o typo ideal deveria ser o que possuisse as seguintes qualidades: Ser robusto, symetrico, equilibrado, com a musculatura necessaria para supportar grandes pesos e com elles, se preciso fôr, saltar obstaculos, ter um galope desenvolvido e de grande velocidade, bastante energia e vivacidade nos movimentos, resistencia para as grandes galopadas durante muito tempo e sem alimentar-se, ser muito manso, obediente e valente, ter bastante sobriedade, rusticidade, intelligencia.

Pelo que fica dito, póde-se sem esforço concluir que não existe e nunca existirá raça exclusiva de cavallo de armas, poder-se-ha, talvez, formar uma, que possa fornecer em maior numero cavallos nessas condições, como acontece com o puro-sangue inglez, com referencia ao cavallo para corridas.

Entretanto, todas as raças mais ou menos leves pódem fornecer cavallos de armas, e elle tanto póde ser o puro-sangue como um seu mestiço; suas qualidades é que o tornarão apto para o fim e não sua raça ou quantidade de sangue.

Difficil, como já o dissemos, é, portanto, a determinação *a priori*, precizamente, das raças que devem cooperar para a formação desse typo, e só pela pratica das tentativas racionaes, pelo estudo de resultados é que conseguiremos approximar-nos desse *desideratum*.

Em França, na Allemanha e em outros paizes, em que se tornou notavel o desenvolvimento da raça cavallar, o melhoramento delle foi devido, ora ao cavallo arabe, ora ao cavallo inglez de puro-sangue, em alternadas tentativas de formação de typos reunindo as propriedades de ambas. Hoje a tendencia geral é para o aproveitamento do puro-sangue inglez, como agente remodelador, por ser considerado como o mais perfeito

e mais puro do que o puro-sangue arabe actual. Como sabes, o puro-sangue não é mais do que o proprio arabe aperfeiçoado pelos inglezes, esses extraordinarios criadores, de cujas mãos as raças saem remodeladas como se fossem de cêra, e isso, devido á tendencia intelligente com que durante seculos mantêm os seus estudos e pacientes experiencias.

Incontestavelmente os melhores e mais puros arabes introduzidos na Europa foram Godolphim, Arabiam, Darley Arabiam e Boyerley-Turk, conhecidos até hoje por sua extraordinaria descendencia. Estes cavallos tinham as fórmas alongadas como os puro-sangue de corrida, principalmente Godolphim Arabiam, que era do grupo dos Seglawi-Dgedran e fôra mandado de presente a Luiz XIV, de França, pelo Imperador de Marrocos, não chegando ás mãos daquelle por ter-se extraviado em caminho. Foi por um acaso que mais tarde cahia nas mãos de Lord Godolphim, que o encontrou puchando uma pipa de agua em Pariz.

Pois bem, esses cavallos, que a historia registra como os mais celebres, foram os formadores da actual raça ingleza de puro-sangue; essa raça que conseguiu chegar até nós, por um perfeito trabalho de conservação, a que os inglezes dedicaram todos os seus esforços e todos os seus cuidados, e que foi introduzida em França, tem sido por parte dos francezes objecto da mais assidua e esmerada conservação. Por meio de uma gymnastica funccional, methodicamente organizada e applicada, ajudada por uma alimentação systematica, intensamente forte, conseguiram dotal-o com uma musculatura de aço, elevar-lhe o porte, alongar-lhe as fórmas, tirando-lhes o primitivo arredondado, dando-lhe embora andares menos harmoniosos, mais asperos, conservando, porém, a energia, o vigor, assim como a apparencia nobre e distincta do cavallo arabe, seu formador. Assim é que as paletas obliquaram, o peito tornou-se relativamente estreito, mas, em compensação, profundo, de modo a dar maior capacidade á funcção respiratoria dos pulmões; a garupa elevou-se e tornou-se mais inclinada e o apparelho locomotor mais forte e resistente, se bem que de membros mais alongados e de apparencia mais delicada. Assim constituido, com essa amplitude do apparelho respiratorio, correspondendo á vivacidade de movimentos e ás exigencias da energia adquirida pelo apparelho locomotor, é o puro-sangue uma delicada machina, dotada pelos seus criadores com grande força, extraordinaria velocidade e grande resistencia. Pois bêm, na minha fraca

opinião ha de ser dessa machina que havemos de tirar o cavallo de que precisamos. Como chegaremos a esse resultado? Eis o difficil da questão!

Bem sabes que ha por ahi quem se bata pela adopção do cavallo arabe, que dizem puro, para agente melhorador da nossa raça cavallina e criador da raça que nos deverá fornecer em maior numero os cavallos que, por suas qualidades, chamamos de armas.

Dizem elles que o cavallo puro-sangue não é mais do que um producto do arabe e assim mesmo formado só para corridas, possuindo até qualidades detestaveis, que não o recommendam como cavallo de confiança para outros mistéres, e que, portanto, é aquelle e não este que devemos escolher.

Não preciza de muito esforço para mostrar a inanidade desses e de outros similares argumentos. Ninguem ignora que nove decimos das raças cavallinas do Universo contam em suas veias sangue de cavallo asiatico e nem que o puro-sangue não é mais do que o arabe, mas o arabe aperfeiçoado por uma cuidadosa e intelligente selecção, durante seculos, com um cruzamento intensivo, isto é, com o que nós chamamos cruzamentos por dentro, perpetrando-se para isso verdadeiros incestos, o que aliás tem sido muito seguido para o aperfeiçoamento e fixação de todas as raças de animaes, ao passo que o cavallo arabe ha seculos vem abastardando-se no proprio deserto. E uma das provas disso, é a facilidade com que as autoridades, outr'ora tão ciosas dos seus Kokla Koklani e Seglawi-Dgedram, que as lendas e a historia vão ver nascer nos haras do fabuloso Rei Salomão, hoje deixam sahir verdadeiras enxurradas de *Koklanis* e *Seglawi-Dgedrams,* com que os negociantes de animaes enchem os mercados da Europa e os da America. Os Beduinos, vendo a grande procura dos seus cavallos, pelos extrangeiros, pela ganancia de um commercio vantajoso, trataram de augmentar-lhe a producção, fazendo para isso o maior numero de cruzas que podiam entre os seus cavallos de raça nobre e os das raças inferiores. E assim mesmo, esses beduinos, manhosos como verdadeiros Siganos, conhecem de longe os extrangeiros que com elles vão negociar e dão-se mutuamente — avisos de Kabila a Kabila procurando tirar o maior proveito possivel, impingindo-lhes o que tem de peior.

Assim é que os peiores animaes, bem lavados, bem penteados, e enfeitados, são amarrados ás portas das barracas da Kabila, para mais attrahirem a attenção dos compradores, fin-

gindo animaes finos. Descoberto o embuste mais tarde, o unico recurso é leval-os e vendel-os a quem mais der. Diz Calieb Pachá Caiath que talvez, nem por acaso, mesmo no Lyrir, ou no centro do deserto onde se encontram os melhores cavallos, encontrem-se já do puro-sangue. A grande Russia propriamente dita possúe uma raça chamada de Streletzk, formada de productos de cavallos arabes comprados na Syria e conservados em toda a sua pureza. Pois bem, os cavallos dessa celebre raça de puro-sangue arabe, como sempre aconteceu e ha de acontecer em outros paizes que tentaram e ainda tentam conservar em toda a sua pureza essa raça, devido ao clima, muito differente do seu paiz de origem, á alimentação e aos systemas de criação e de exercicios, apresentam taes modificações que, segundo diz Diffloth, os proprios arabes os consideram como moughrif, isto é, meio-sangue, como são tambêm considerados, segundo o mesmo autor, 90 % dos animaes provenientes de diversas partes da Arabia, podendo-se affirmar que, dos 10 % restantes, mais de nove decimas partes são ainda puro-sangue de origem secundaria.

Na Russia, esses animaes, apezar de ainda conservarem uma certa nobreza nas fórmas e nos andares, perderam na delicadeza harmonica do conjunto, que se tornou mais grosso e tornaram-se o esqueleto mais reforçado, os andares menos ageis e mais asperos, a energia, a sobriedade, e a rusticidade menos desenvolvidas.

Na França, segundo o mesmo autor, "o arabe criado em França não possúe senão de modo incompleto o verdadeiro typo oriental; elle não tem nem a cabeça quadrada, nem a garupa muito horizontal, nem o porte soberbo da cauda, a harmonia perfeita do talhe pequeno, e o maximo de qualidades transmissiveis de resistencia e de rusticidade, e conclue do seguinte modo:

O garanhão arabe não corresponde mais ás necessidades modernas; muito pequeno e pouco veloz, elle pouco serviço presta ao commercio e ás remontas. Demais, suas qualidades diminuiram muito fóra dos climas seccos. Empregado directamente como garanhão, elle diminúe o talhe, encurta e arredonda as fórmas e as andaduras." E' esta tambêm a opinião de Comminges, autoridade na materia.

O conde de La Gondie, em seu livro — *Le Cheval et son Chevalier* — diz, tratando das cruzas com o cavallo arabe, que depois de varias tentativas chegou-se á conclusão de que o cavallo

arabe actual só produz resultados mediocres. Com o proprio cavallo arabe de Napoleão I foram feitas diversas tentativas, que não foram coroadas de bom exito. Nesse mesmo livro vem publicada a celebre carta de um criador inglez, que creio já foi por você transcripta em um jornal desta capital e que mostra o resultado das seguintes tentativas, feitas com os seguintes productos:

1.º Do cavallo inglez com égua arabe.
2.º Do cavallo arabe com égua ingleza.
3.º Dos mesmos, criados na Inglaterra pelo systema inglez.
4.º Dos mesmos, criados na Asia pelo systema arabe.
5.º Producto de puro-sangue arabe, criado na Inglaterra.
6.º Producto de puro-sangue inglez, criado na Asia do mesmo modo por que são criados os cavallos arabes.

Só este ultimo foi que deu resultado satisfactorio, pois, posto a provas com outros productos o cavallo do paiz venceu-os com a maxima facilidade em todas as provas a que foram sujeitos.

Já fui partidario decidido do cavallo arabe para melhorador da nossa raça cavallar e até cheguei, como sabes, a publicar uma série de artigos em um dos jornaes do Paraná, e não tenho acanhamento de dizer, com idéas completamente antagonistas ás que agora nesta carta expendo. Não sei se justifiquei cabalmente a minha actual preferencia; se não o consegui peço-te que leves em conta daquelle defeito de que fallei no começo; da incompetencia sobre o assumpto.

Como sabes, a expressão generica "cavallo de armas", tanto se póde referir ao cavallo de sélla como ao de tracção, para a nossa artilharia e outras viaturas de campanha, tendo uma significação mais grave e de muito mais importancia, com referencia a esta ultima applicação.

Com a tactica moderna, de accôrdo com os melhoramentos extraordinarios adquiridos pelo nosso armamento de guerra em geral, a acção da artilharia deve ser a mais rapida possivel, quer na sequencia dos tiros, que será conseguida com o systema de tiro rápido dos canhões modernos de campanha, quer nos seus movimentos e evoluções, por meio de atrelagens rapidas e possantes.

Apezar de ser artilharia de campanha, com o titulo de ligeira, o seu peso de 1.463 kilos não é para qualquer cavallo arrastar nos nossos terrenos muitissimo dobrados e com fortissimas declividades. Precizamos, portanto, de cavallos de

massa e força proporcionaes ao peso que têm de puxar, ao mesmo tempo que de relativa leveza, para a rapidez dos movimentos.

O cavallo de tracção, além da conformação physica, que deve ser forte, deve tambêm ser sóbrio, rustico, resistente, tenaz no puxar, valente e fiel.

Precizamos de um cavallo relativamente pesado, um meio termo entre os pesados carroceiros normandos, os bolonhezes e os nossos leves pelludos, até hoje cruelmente usados nesse penoso serviço, para elles.

Esse cavallo, no meu fraco entender, creio que o poderemos conseguir com o Percheron Postle, cruzado com Anglo-Pelludo, ou cavallo brasileiro, de cuja formação já tratei acima, ou, com o cavallo Russo Orloff, do qual já vi excellentes productos obtidos em Ponta Grossa, no Paraná, pelo fazendeiro Antonio Alves Brandão, com um cavallo dessa raça, vindo de São Paulo, e com éguas pelludas e anglo-pelludas.

Terminando: Para se poder chegar a um resultado satisfactorio, sou de opinião que é preciso banir por completo a idéa da criação official, pois, já temos visto como tem sido contraproducente esse systema de criação, tentado por alguns governadores de Estados e pelo proprio Governo Federal.

E' ao criador particular que deve ser commettida essa incumbencia, auxiliado sim pelo Governo, com todos os meios de que possa dispôr.

Desde que os criadores tenham sahida para seus productos, e isso só se dará forçosamente desde que elles caprichem e produzam bons animaes; desde que o Governo se torne um consumidor garantido dos cavallos necessarios para a remonta do exercito, comprando-os por preços remuneradores, não ha motivo para se temer o fracasso do emprehendimento da criação do cavallo nacional.

J. C. S. Muricy."

(Do *Jornal do Commercio*, do Rio)

Commentarios

Nos detemos a commentar a opinião que antecede, como já fizemos com a do bizarro tenente, Snr. Heitor Mendes, por serem elles os propagandistas do puro-sangue, em brilhantes artigos na imprensa do Rio; e principalmente o Snr. Muricy,

que para responder ao Snr. tenente Armando Jorge, occupa nada menos de seis columnas do *Jornal do Commercio*.

Sendo o Snr. Armando Jorge considerado como autoridade, posto que figurasse na Commissão da Conferencia, para dar parecer sobre o cavallo de guerra, julgamos que igualmente o seja o distincto militar cuja opinião passamos a analyzar.

Como dissemos, arvorados estes Snrs. em autoridades na materia, e manifestando-se pela imprensa, quiçá, tambêm influindo na opinião daquelles Snrs. deputados dos celebres projectos, as suas opiniões carecem de consistencia, como passamos a demonstrar..

Entremos no assumpto:

O Snr. Muricy condemna o cavallo crioulo, incommodo para a montaria, devido a sua pouca altura."

A' excepção de cavallos de altura inferior a 1m,30 e finos de corpo, não ha duvida que a montaria em taes exemplares altura, o cavalleiro não soffrerá o menor incommodo para montar.

Sem termos sido domadores, e a despeito da affirmação daquelle tenente do tróte alçado, julgamos saber andar a cavallo, e embora tenhamos a altura de 1m,75, andavamos commodamente em cavallos de 1m,40.

Tal affirmação teria logar para cavalleiros de altura approximada de 2m,00.

Num regimento da Brigada, nesta capital, a estatura média das praças que a compõe, é de 1m,65, que adapta-se perfeitamente á montaria em cavallos de 1m,40. Que diga o Snr. major Muricy e todos os partidarios do puro-sangue, que figura fariam taes soldados, cavalgando *bestas de pau* de 1m,70 de altura?

Ridicula, seguramente, e com grande incommodo.

"Os criadores, devido á sua incompetencia, utilizam, para reproductores, rachiticos aleijões; uns degenerados que ninguem quiz e que, não servindo para mais nada, foram, por despreso, condemnados ao nobre fim da propagação da especie."

Esta affirmação é absolutamente destituida de verdade. Se S.S. tal affirmasse com relação á criação bovina, até o ultimo quarto do seculo passado, estaria com a razão: porêm, referindo-se á criação equina, S.S. mostra desconhecer por completo a tradicção rio-grandense, contida em varios volumes da historia.

Desde a metade do seculo XVIII os descendentes dos

assorianos, *casacs* ou *ilheus*, tinham grande affeição ás carreiras em linha recta, cujo uso existe até hoje na campanha.

Constituia o orgulho dos criadores o possuir bons e bellos cavallos, tanto para montal-os em occasiões de serviço nos rodeios como nos dias de passeio.

Para satisfazer esta vaidade não é admissivel aquella affirmação com referencia aos reproductores.

Para os criadores a marca propria era e até hoje continúa sendo, além do comprovante de propriedade, um symbolo de orgulho, como os brazões dos nobres o era na idade média.

Quando descobria-se um parelheiro bom, que ganhasse muitas carreiras, a sua fama estendia-se a outros municipios; e taes factos enchiam de satisfacção e gloria o dono da marca daquelle parelheiro.

Os seus potros alcançavam preços mais elevados, não faltando outros criadores, até de grande distancia, que bem pagassem reproductores daquella cria.

Até o seculo passado os criadores rio-grandenses usavam luxo nos seus arreios, empregando prata e até mesmo ouro.

Não é crivel que elles, conhecedores da belleza esthetica do nosso cavallo, se sujeitassem a adornar com *aperos* (1) de luxo os productos *daquelles alcijões*.

S.S. propõe o puro-sangue para imprimir velocidade e altura, repetindo o que já muitos têm dito e de cujo ponto já nos occupamos em paginas anteriores.

O articulista menciona o proloquio: "Cavallo grande, besta de pau."

Nisto estamos de perfeito accôrdo, como já o dissemos.

Permittirá o Snr. Major que, neste caso, façamos notar a sua contradição: condemna a pouca altura dos crioulos; propõe a intervenção do puro-sangue para remediar tal defeito e ao mesmo tempo considera o cavallo grande como *besta de pau*.

Sabido é que com o methodo do cruzamento continuo, empregando o puro-sangue, os productos da quinta ou sexta geração adquirirão a altura média de 1m,60, verdadeiras *bestas de pau!*

"E' o puro-sangue uma delicada machina, dotada pelos seus criadores de grande força, extraordinaria velocidade, grande resistencia e que tem musculatura de aço."

(1) *Aperos* é termo castelhano muito usado em todo o Rio Grande do Sul, e significa o conjuncto de tudo quanto contribúe para enfeitar com luxo o ajaezamento de um cavallo.

O único facto de ser uma delicada machina é o sufficiente para ser essa raça a menos indicada para o cavallo de guerra, destinado a supportar os rigores de uma campanha.

Sendo, no paiz de origem, machinas delicadas, qual o resultado do seu emprego no nosso meio de criação, completamente differente?

A razão o diz: Um verdadeiro fracasso!

Sobre a velocidade em pouca distancia o puro-sangue não leva muita vantagem ao crioulo; este é mais rapido para encetar a carreira, faltando-lhe a resistencia para sustental-a durante alguns minutos, e consistindo tão sómente n'isto a proclamada resistencia do puro-sangue.

Quanto "a musculatura de aço", já citamos a narração de um medico veterinario, que dos duzentos e cincoenta parelheiros que frequentavam o prado desta cidade, apenas vinte achavam-se completamente sãos!

S.S. declara haver sido propagandista do arabe e que não tem acanhamento em manifestar-se com ideias antagonicas, considerando facil a demonstração do engano em que se achava quando preferia o arabe para melhorar o nosso cavallo. Notamos, entretanto, serem summamente fracos os argumentos utilizados para deprimir o cavallo arabe:

"E uma das provas disso é a facilidade com que as autoridades, outr'ora tão ciqsas dos seus *Kokla Koklani* e *Seglawi-Dgedram,* que as lendas e a historia vão ver nascer nos haras do fabuloso Rei Salomão, hoje deixam sair verdadeiras enxurradas de *Koklanis* e *Seglawi-Dgedrans,* com que os negociantes de animaes enchem os mercados da Europa e os da America."

O que antecede, nada prova sobre a inferioridade do arabe: Os povos, como os paizes, modificam os seus costumes e leis com o decurso do tempo; phenomeno este conhecido universalmente.

Em determinada época havia effectivamente a referida difficuldade para a exportação de cavallos arabes, porém, a modificação de tal costume ou lei, facilitando a sahida, nada prova quanto a pretensa inferioridade.

Durante varios seculos a Hespanha prohibiu a exportação de carneiros merinos; esta prohibição foi abolida e de toda a parte choveram os compradores: *verdadeiras enxurradas* de merinos foram exportadas, a ponto tal que os hespanhóes ficaram sem essa preciosa raça.

Até hoje ninguem teve a peregrina ideia de deprimir a raça merina, devido a este facto, e ella conserva ainda a sua superioridade em fineza de lã.

O abastardamento, devido as differentes cruzas effectuadas na Arabia, tampouco procede, e, pelo contrario, taes cruzamentos deveriam recommendar a qualidade dos productos, pois que o methodo consanguineo ou cruzamento por dentro, effectuado por profanos em zootechnia, forçosamente daria um resultado desastroso.

Finalmente, as provas contidas na tal carta do inglez terão muito de certo, porém, devemos concordar em que ha algo de inverosimil.

A titulo de que já provou alguem a cria do puro-sangue na Arabia?

A supposição de que fosse para commercio não é aceitavel, tratando-se de povoações quasi nomades e pobres.

A satisfação de um capricho ou curiosidade tampouco é admissivel.

Conhecemos os exoticos caprichos dos inglezes em novellas, porém, na vida real elles são raros.

Achamos francamente raro o desencontro de opiniões entre o articulista e o professor Diffloth, por elle citado: quando S.S. no Paraná defendia o arabe pela imprensa, (segundo sua citação) aquelle autor era propagandista do puro-sangue e desfazia no Arabe; entretanto, agora S.S. é partidario do puro-sangue, e o mencionado autor, em face dos ensinamentos da guerra actual, revela-se ardoroso apologista do cavallo pequeno, indicando e aconselhando ao seu paiz a conveniencia de criar essa raça.

Em taes evoluções qual estará com a verdade?

Nos inclinamos em favor de Diffloth, porque não achamos consistencia nas opiniões do Snr. major Muricy.

Não se julgue que alimentamos a vaidosa pretenção de autoridade na materia; longe de nós semelhante ideia e, se nos aventuramos a esta affirmação, é justamente autorisados por S.S. no seguinte:

Foi partidario do arabe, e actualmente, do puro-sangue; entretanto, accrescenta:

"Difficil como já o dissemos é, portanto, a determinação, a *priori*, precizamente, das raças que devem cooperar para a formação desse typo, e só pela pratica das tentativas racionaes,

pelo estudo de resultados, é que conseguiremos approximar-nos desse *desideratum.*"

Esta affirmação descortina a pouca solidez da preferencia actual de S.S. pelo puro-sangue.

Qual a *pratica de tentativa racional,* e o *estudo de resultado* que pódem ter maior valor do que conhecemos em referencia á indiscutivel superioridade do cavallo crioulo, posta á prova desde a época colonial até a campanha de 93?

S.S. bem o diz, somos "eternos imitadores" e, para não afastar-se de tal norma, se inspira nos autores europeus que desconhecem o nosso meio, esquecendo lastimavelmente as paginas da nossa historia, cheias de ensinamentos para caracterisar o typo do nosso cavallo de guerra.

S.S., na carta que commentamos, talvez sem querer, proclamou as qualidades essenciaes do crioulo, como nenhum outro útil para o serviço de guerra.

Aos poucos dias depois de havermos escripto as notas que antecedem, em varios impressos que recebemos do Rio nos informamos da poderosa influencia que existe em favor do puro sangue, sendo summamente raro e até inexplicavel o que deu-se na Conferencia 11.ª e que, se não estamos mal informados pelos documentos que possuimos, forçoso é admittir que nella se agiu de má fé.

Vejamos:

— Segundo os referidos impressos sobre o thema — *Cavallo de guerra* —, foram apresentados apenas quatro trabalhos: do coronel José de Assis Brasil, do Snr. Hans Janssen, do tenente Barros Fournier e do major Muricy.

As théses dos dois primeiros eram baseadas na apologia da raça arabe, aconselhando-a para o melhoramento do nosso cavallo. A do tenente Fournier, depois de varias considerações sobre as qualidades que deve possuir o cavallo de guerra, termina sem dar preferencia a nenhuma raça, aconselhando a experiencia de differentes cruzamentos, para optar-se pelo que dér melhor resultado.

Outro evolucionista!

Ha tres ou quatro annos, pelas columnas d'*O Diario,* desta capital, refutamos uma série de artigos publicados na revista *A Lavoura,* pelo Snr. tenente Fournier. Então S.S. manifestava-se apologista do cavallo *Hunter,* cujo emprego aconselhava para a formação do nosso cavallo de guerra.

Não sabemos se sobre tal mudança de opinião poderemos attribuir-nos a vaidade de havel-o convencido ou se S.S. desilludido, pela affirmação de alguem entre nós, cujo nome no momento não recordamos, de que a raça *Hunter* em realidade não existe, abandonou por completo os seus enthusiasmos por essa raça.

Dizem que evoluir é progredir e neste terreno acha-se o Snr. tenente Fournier.

Não conhecemos o trabalho do Snr. major J. C. da S. Muricy, porém, a julgar pelas suas opiniões, que extensamente commentamos, publicadas ha tres annos, S.S. parece achar-se ao lado do seu collega tenente Fournier.

E' dizer:

Foi apologista do arabe, ha tres annos voltou-se para o puro-sangue, porém, como o seu collega, aconselhava o resultado da experiencia.

De qualquer maneira a sua opinião não representa valôr algum, como já o demonstramos. Admittindo que S.S., prescindindo daquella ideia da experiencia, se, no seu trabalho, fez unicamente a apologia do puro-sangue, a Commissão 11.ª não andou acertada nas suas conclusões, decidindo-se em favôr de uma única opinião, tendo em opposição, além dos outros tres trabalhos apresentados, a emenda, também contraria, apresentada pelos nossos amigos, Snrs. Dr. Osorio e Alfredo Moreira.

O Governo possue consultores technicos, em todos os ramos do saber humano para utilizar os seus conhecimentos quando se apresentam as respectivas necessidades; entretanto, para a formação do cavallo de guerra, importante problema da defesa nacional, se despresa a autorisada opinião dos competentes, aos quaes já nos referimos, e indevidamente desempenham esse papel a gente da cidade, os amantes dos prados, os perfumados officiaes de salão, picadores, etc., etc.

Os Snrs. deputados terão competencia para resolver esse magno assumpto?

No principio deste seculo uma revista critica de Buenos Aires, com o proposito de censurar a incompetencia de um ministro argentino da pasta da agricultura, noticiou que achando-se este de passeio na quinta de um amigo e, tendo ouvido ponderar o exquisito sabôr de um pecego, na occasião de colhel-o, quiz certificar-se d'isso e dirigiu-se á Quinta. Examinou entre as arvores uma que supportasse o seu peso; subiu

e não poude realizar o seu proposito, porque achava-se trepado numa larangeira!

Os nossos deputados, senadores e ministros, gente de cidade, de familias accommodadas, que, na maioria, nem siquer conhecem a campanha; advogados, engenheiros e medicos, não sendo aventurado suppôr que alguns destes Snrs. talvez distingam um cavallo de um boi, só pela falta de guampas no primeiro. Entretanto, a maioria discute sobre a excellencia de tal ou qual raça, pelos conhecimentos obtidos nos livros europeus.

Não é racional pretender que os engenheiros, medicos e advogados saibam qual a raça equina que melhor prehenche as necessidades da guerra, não havendo logar algum para censura sobre este facto.

O que de nenhuma maneira procede é que taes Snrs., só pelo elevado cargo que occupam, se julguem entendidos na materia, propondo leis sem consultarem aos competentes.

Não se julgue que queremos surprehender com este modesto trabalho aos defensores do puro-sangue; propositalmente reproduzimos artigos publicados n'*A Federação*, combatendo taes opiniões.

Os Snrs. deputados rio-grandenses recebem este jornal e, até o presente, nenhum contestou a nossa propaganda contraria.

Para realçar uma vez mais o que viemos affirmando, reproduzimos em parte o que publicamos no mesmo jornal com referencia a outro substitutivo apresentado á Camara pelo Snr. Dr. Nabuco de Gouvêa, sobre o mesmo assumpto:

O cavallo de guerra

Na Conferencia Pecuaria realisada em Maio ultimo, no Rio, a commissão destinada a dar parecer sobre o typo do cavallo de guerra, baseada na opinião das autoridades européas sobre o assumpto, aconselhou o exclusivo emprego do garanhão puro-sangue de corrida.

A dita commissão nem ao menos dignou-se commentar o importante trabalho que em tal sentido apresentou o nosso illustrado e competente conterraneo, o Snr. coronel José de Assis Brasil, no qual S.S. manifestou-se completamente contrario á intervenção dessa raça, para o melhoramento do nosso cavallo.

Já combatemos pela imprensa o projecto e o substitutivo, apresentado á Camara pelos deputados Snrs. Macedo Soares e Osorio.

Agora temos conhecimento da intervenção do nosso representante, Snr. Nabuco de Gouvêa, com outro substitutivo, cuja essencia não conhecemos e que, a julgar pelas suas manifestações, parece tambem navegar nas mesmas aguas dos seus collegas, dado o seu empenho em occupar a attenção da Camara com a leitura do relatorio de uma pretensa autoridade, na qual esta fez o historico da criação equina na França, desde a época de Luiz XIII.

O tal Snr. Conde do Haras, como as autoridades citadas pela commissão da Conferencia Pecuaria á que já nos referimos, serão na realidade autoridades nos seus respectivos paizes, porém, não no nosso, onde as condições mesologicas são diametralmente oppostas: a Europa utiliza o methodo de criação intensivo, ao passo que nós ainda por muito tempo continuaremos com o extensivo.

Quem desconhece as excellentes condições do cavallo crioulo para a guerra, não póde nem deve ser considerado autoridade sobre a materia entre nós.

Teriam aceitação taes autoridades se nos propuzessemos a criar cavallos para os exercitos europeus; porém, sendo para o nosso uso, as autoridades neste caso devemos ser nós mesmos: Na classe militar, os velhos que fizeram parte das campanhas do Uruguay e do Paraguay; os que actuaram na campanha federalista em 1893; os velhos criadores da época em que existia gado bravio, quando os campos não eram cercados, e, com mais segurança ahi estão as paginas da nossa historia, desde as excursões dos valorosos bandeirantes até a memoravel campanha dos farrapos.

Os cavallos puro-sangue inglezes ou os mestiços prehencheriam as exigencias de taes campanhas?

Affirmamos que não, por ser impossivel em taes épochas satisfazer as exigencias dessa raça.

Que a referida Commissão da Conferencia e os Snrs. deputados Macedo Soares e Osorio, que talvez nunca tivessem a opportunidade de conhecer as excellentes condições do cavallo crioulo, dêm preferencia ao puro-sangue é de alguma fórma toleravel; porém o illustre Dr. Nabuco de Gouvêa, que, nas suas repetidas excursões profissionaes ao longo da nossa fronteira, de Asseguá a Santa Rosa, percorrendo Carpintaria, Rivera e S.

Eugenio, utilizou, sem duvida, o cavallo crioulo, deveria conhecer os seus méritos.

Castiços e crioulos eram os vigorosos quadrupedes que transportaram as hostes de Gomercindo do municipio de Uruguayana até a fronteira de S. Paulo, que regressaram a Carovy e que contra-marcharam até Paraná, emigrando para a Argentina, cujas forças eram seguidas de perto pelos defensores do governo, também montando o infatigavel crioulo.

Taes factos fornecem elementos para uma autorisada opinião sobre a raça conveniente para o nosso cavallo de guerra.

Não importa que lhes falte estampa, desde que possuam as condições de primeira necessidade: resistencia e sobriedade.

O Dr. Nabuco de Gouvêa cita o facto dos cavallos de um regimento de Bagé serem "fracos, mal nutridos e incapazes de um dia de marcha."

Isto nada prova contra a raça crioula, desde que o commandante de tal regimento descuidava a alimentação dos seus cavallos.

Diminúa-se a ração dos puro-sangue e constatem-se os effeitos desse phenomeno: serão, sem duvida, mais notaveis que nos crioulos.

Passemos agora a commentar a autoridade mencionada pelo illustre deputado Snr. Nabuco de Gouvêa: o Snr. Conde do Haras Paulista.

Como dissemos, ignoramos a opinião do illustrado deputado; conhecemos, entretanto, a da autoridade por elle citada.

Esta aconselha o anglo-arabe para a formação do cavallo de sélla e o bretão para o de tracção; e sobre o puro-sangue de corrida S.S. diz o seguinte:

"Ainda é cedo de mais, a meu parecer, para empregar o puro-sangue inglez, delicado de mais, demasiado nervoso, demasiado artificial para alliar-se convenientemente aos sangues tão diversos, tão misturados e tantas vezes tão degenerados, que foram espalhados a torto e a direito nos animaes nacionaes, com os quaes, 99 em cem, não dá sinão productos descosidos, pernilongos, mal arranjados, que lembram a aranha, e, por conseguinte, faltos dessa solidez de bases sem a qual não existe resistencia, desde que se peça ao cavallo um pouco de velocidade sob um peso recalcante, o que é papel diario do cavallo de guerra."

Comquanto não concordemos com a sua preferencia pelo anglo-arabe e bretão, estamos de perfeito accôrdo com as apre-

ciações que antecedem sobre o puro-sangue e folgamos em registral-as, tanto mais por ser o seu autor citado como autoridade.

Que dirão sobre taes apreciações os Snrs. da Commissão, os deputados Drs. Macedo Soares e Osorio, assim como os destros picadores, Snrs. Armando Jorge, Lima Mendes e o galhardo tenente do trote alçado?

Consoante taes apreciações manifesta-se tambem o professor Paul du Flôth que, baseado nos ensinamentos da presente guerra, exhalta a conveniencia de cavallos pequenos nas linhas de fogo e aconselha a criação desse typo na França.

O general Kitchener, indiscutivel autoridade sobre o assumpto, nas campanhas da Insurreição da India e no Sudan, não quiz utilizar cavallos inglezes, nem seus mestiços, devido aos repetidos fracassos destes em campanhas anteriores.

Ante taes antecedentes, francamente admiramos que dois ou tres deputados queiram optar pela descendencia dos aristocratas puro-sangue para a remonta do nosso exercito, descendencia que tem sido imprestavel para a guerra na Europa, Asia, Africa e muito mais entre nós, onde as grandes distancias dão á cavallaria um papel muito mais importante que na Europa; fazendo as vezes de estradas de ferro.

O puro-sangue é um animal de luxo. Em épochas normaes o Governo poderia satisfazer a proposta dos Snrs. Macedo Soares e Osorio, dispendendo avultada somma para importar reproductores desta raça e esparramar dinheiro nos prados e entre os criadores da mesma, para gaudio dos apreciadores de corrida.

Taes factos não se justificariam; porém, tantas cousas se têm feito que se não devem fazer, que uma mais bem poderia passar.

O caso, entretanto, é diverso.

No momento critico que atravessa a nossa Patria, como bem observa o preclaro Snr. presidente da Republica, faz-se mister a maior parcimonia possivel nas despezas públicas e privadas.

Não tem logar aquelle desperdicio e parece, pelas razões expostas, uma inutilidade.

Já mencionamos a apologia do cavallo pequeno para o serviço de guerra, feita por duas indiscutiveis autoridades: o general Kitchener e o professor Du Flôth.

Já combatemos pela imprensa o projecto e o substitutivo apresentados á Camara pelos deputados Snrs. Macedo Soares e Osorio.

Agora temos conhecimento da intervenção do nosso representante, o Snr. Nabuco de Gouvêa, com outro substitutivo, cuja essencia não conhecemos e que, a julgar pelas suas manifestações, parece também navegar nas mesmas aguas dos seus collegas, dado o seu empenho em occupar a attenção da Camara com a leitura do relatorio de uma pretensa autoridade, no qual esta fez o historico da criação equina na França desde a época de Luiz XIII.

O tal Snr. Conde do Haras, como as autoridades citadas pela commissão da Conferencia Pecuaria á que já nos referimos, serão em realidade autoridades nos seus respectivos paizes, porém, não no nosso, onde as condições mesologicas são diametralmente oppostas: a Europa utiliza o methodo de criação intensivo, ao passo que nós ainda por muito tempo continuaremos com o extensivo.

Quem desconhece as excellentes condições do cavallo crioulo para a guerra não póde, nem deve ser considerado autoridade sobre a materia entre nós.

Teriam aceitação taes autoridades se nos propuzessemos a criar cavallos para os exercitos europeus; porém, sendo para o nosso uso, as autoridades neste caso devemos ser nós mesmos: Na classe militar, os velhos que fizeram parte das campanhas do Uruguay e do Paraguay; os que actuaram na campanha federalista em 1893; os velhos criadores da época em que existia gado bravio, quando os campos não eram cercados, e, com mais segurança, ahi estão as paginas da nossa historia, desde as excursões dos valorosos bandeirantes até a memoravel campanha dos farrapos.

Os cavallos puro-sangue inglezes ou mestiços prehencheriam as exigencias de taes campanhas?

Affirmamos que não, por ser impossivel em taes épochas satisfazer ás exigencias dessa raça.

Que a referida Commissão da Conferencia e os Snrs. deputados Macedo Soares e Osorio, que talvez nunca tivessem a opportunidade de conhecer as excellentes condições do cavallo crioulo, dêm preferencia ao puro-sangue é, de alguma fórma, toleravel; porém o illustre Dr. Nabuco de Gouvêa, que, nas suas repetidas excursões profissionaes ao longo da nossa fronteira,

de Asseguá a Santa Rosa, percorrendo Carpintaria, Rivera e S. Eugenio, utilizou, sem duvida, o cavallo crioulo, deveria conhecer os seus méritos.

Castiços e crioulos eram os vigorosos quadrupedes que transportaram as hostes de Gomercindo do municipio de Uruguayana até a fronteira de S. Paulo, que regressaram a Carovy e que contra-marcharam até Paraná, emigrando para a Argentina, cujas forças eram seguidas de perto pelos defensores do governo, tambem montando o infatigavel crioulo.

Taes factos fornecem elementos para uma autorisada opinião sobre a raça conveniente para o nosso cavallo de guerra.

Não importa que lhes falte estampa, desde que possuam as condições de primeira necessidade: resistencia e sobriedade.

O Dr. Nabuco de Gouvêa cita o facto dos cavallos de um regimento de Bagé serem "fracos, mal nutridos e incapazes de um dia de marcha."

Isto nada prova contra a raça crioula, uma vez que o commandante de tal regimento descuidava a alimentação dos seus cavallos.

Diminúa-se a ração dos puro-sangue e constatem-se os effeitos desse phenomeno; serão sem duvida mais notaveis que nos crioulos.

Passemos agora a commentar a autoridade mencionada pelo illustre deputado Snr. Nabuco de Gouvêa: o Snr. Conde do Haras Paulista.

Como dissemos, ignoramos a opinião do illustrado deputado; conhecemos, entretanto, a da autoridade por elle citada.

Esta aconselha o anglo-arabe para a formação do cavallo de sélla e o bretão para o de tracção; e sobre o puro-sangue de corrida S.S. diz o seguinte:

"Ainda é cedo de mais, a meu parecer, para empregar o puro-sangue inglez, delicado de mais, demasiado nervoso, demasiado artificial para alliar-se convenientemente aos sangues tão diversos, tão misturados e tantas vezes tão degenerados, que foram espalhados a torto e a direito nos animaes nacionaes, com os quaes 99 em cem não dão sinão productos descosidos, pernilongos, mal arranjados, que lembram a aranha, e, por conseguinte, faltos dessa solidez de bases, sem a qual não existe resistencia, desde que se peça ao cavallo um pouco de velocidade sob um peso recalcante, o que constitue o papel diario do cavallo de guerra."

Comquanto não concordemos com a sua preferencia pelo anglo-arabe e bretão, estamos de perfeito accôrdo com as apreciações que antecedem sobre o puro-sangue e folgamos em registral-as, tanto mais por ser o seu autor citado como autoridade.

Que dirão sobre taes apreciações os Snrs. da Commissão, os deputados Drs. Macedo Soares e Osorio, assim como os destros picadores, Snrs. Armando Jorge, Lima Mendes e o galhardo tenente do trote alçado?

Consoante taes apreciações manifesta-se tambêm o professor Paul du Flôth que, baseado nos ensinamentos da presente guerra, exhalta a conveniencia de cavallos pequenos nas linhas de fogo e aconselha a criação desse typo na França.

O general Kitchener, indiscutivel autoridade sobre o assumpto, nas campanhas da Insurreição da India e no Sudam, não quiz utilizar cavallos inglezes, nem seus mestiços, devido aos repetidos fracassos destes em campanhas anteriores.

Ante taes antecedentes, francamente admiramos que dois ou tres deputados queiram optar pela descendencia dos aristocratas puro-sangue para a remonta do nosso exercito, descendencia que tem sido imprestavel para a guerra na Europa, Asia, Africa e muito mais entre nós.

O puro-sangue é um animal de luxo. Em épochas normaes o Governo poderia satisfazer a proposta dos Snrs. Macedo Soares e Osorio, dispendendo avultada somma para importar reproductores desta raça e esparramar dinheiro nos prados e entre os criadores da mesma, para gaudio dos apreciadores de corrida.

Taes factos não se justificariam; porém, tantas cousas se têm feito que se não devem fazer, que uma mais bem poderia passar.

O caso, entretanto, é diverso.

No momento critico que atravessa a nossa Patria, como bem observa o preclaro Snr. presidente da Republica, faz-se mister a maior parcimonia possivel nas despezas públicas e privadas.

Não tem logar aquelle desperdicio e parece, pelas razões expostas, uma inutilidade.

Já mencionamos a apologia do cavallo pequeno para o serviço de guerra, feita por duas indiscutiveis autoridades: o general Kitchener e o professor Du Flôth.

Prescindindo de outras que participam da mesma opinião, assim como do que conhecemos com referencia ás bondades do cavallo crioulo, limitar-nos-hemos a commentar a opinião do Snr. Conde director do Haras de Pindamonhangaba, citado pelo Dr. Nabuco de Gouvêa como autoridade na materia.

S.S., ao tratar do arabe, diz o que segue:

"O arabe, que é um maravilhoso regenerador do sangue, não dá aos seus productos, obtidos com as nossas éguas um esqueleto de amplidão e volume sufficientes para fazer delles um animal bastante forte; para, em uma palavra, fazer delles um animal commercial."

Quanto ao commercio estamos de perfeito accôrdo com o Snr. Conde, havendo na actualidade grande maioria na preferencia pelo cavallo grande, cujo exemplo é dado pelo Governo, que, para a remonta, exige uma altura superior á média dos cavallos crioulos.

Isso apenas quanto ao commercio, pois que, francamente, não sabemos qual a causa de semelhante exigencia a não ser o espirito de imitação.

Na Allemanha, berço do cavallo grande, a altura regulamentar para a remonta é de 1m,46; entretanto, nós, que possuimos o cavallo pequeno, exigimos 1m,48.

Para satisfazer esta exigencia se utiliza o puro-sangue, a despeito da sua inutilidade para cavallo de guerra. Neste serviço de nada valem a corpulencia e a maxima velocidade no espaço de alguns minutos, desde que lhe falte a qualidade de fundo, que é a principal.

O cavallo crioulo de 1m,40, supporta com facilidade o pezo de 100 kilos em jornadas regulares, nas quaes difficilmente um puro-sangue ou mestiço supportaria aquelle peso, notando-se que estes necessitam melhor e mais abundante alimentação.

Pelo que antecede, perguntamos se não haveria conveniencia em modificar o regulamento da altura, reduzindo-a a 1m,40?

Sobre o cavallo crioulo diz ainda o Snr. Conde:

"Direi emfim que a raça indigena (crioula), tal como é, possue qualidades admiraveis de resistencia, cuja prova mais tangivel está em que ella poude resistir sem ser degenerada "em excesso" a uma alimentação deploravel, aos maus tratos, aos cruzamentos mais heterogeneos, a consanguinidade a todo o transe e a reproducção prematura."

Como se vê, S.S., apesar de extrangeiro, admira a qualidade de resistencia do nosso cavallo, condição esta que parece

desconhecerem os nossos patricios, que pretendem substituil-o pelo puro-sangue.

Que o bom gosto dominante, a vaidade pela esthética e o enthusiasmo pelos prados dêm preferencia ao puro-sangue, nada ha de extranho, desde que os interessados criem e mantenham á sua custa esses animaes de luxo; porém, o que admira é que o Governo mantenha essa criação, como succede na Coudelaria de Saycan, onde, a julgar pelas repetidas remessas de garanhões desta raça, enviados do Rio para este estabelecimento, parece haver o proposito de purifical-a.

Entendemos que este estabelecimento deveria fornecer cavallos para o serviço de guerra, no qual serão inuteis os descendentes de puro-sangue e, para proval-o, basta consultar o fracasso desta raça na Argelia, Criméa, India, Transvaal, China e na Guerra do Oriente.

Apesar destes numerosos desastres, os Snrs. da referida commissão aconselharam o puro-sangue para a formação do nosso cavallo de guerra, submettendo-se á opinião das autoridades européas.

Que valôr terão para nós estas autoridades ante taes fracassos? Nenhuma absolutamente.

Fraca e desluzida consideramos a incondicional submissão a taes autoridades. Com tal facto damos prova da nossa incompetencia, mostrando-nos incapazes de apreciar as boas qualidades do cavallo que possuimos, e guiando-nos pela opinião de pessôas que não o conhecem.

Si a criação de Saycan tem por fim produzir cavallos para o serviço de guerra, julgamos que nella deve utilizar-se unicamente garanhões crioulos. *D. M. Riet.*

Deixamos de combater a opinião do Snr. Conde, aconselhando o anglo-arabe para sélla e o bretão para tracção, por havel-o já feito ao commentar as ideias do Dr. Fomm.

Convêm, porém, notar que esta autoridade, igualmente partidaria do anglo-arabe, declarava-se contraria ao emprego do bretão para tracção, affirmando que desta raça existem unicamente mestiços, e que estes não deveriam ser utilizados para o cruzamento.

Esta divergencia de opinião sobre o mesmo ponto nos dá uma ideia do credito que pódem merecer essas pretensas autoridades.

Os zootechnistas de meia tigela julgam muito facil conse-

guir bons productos do cruzamento do puro-sangue com a égua pelluda ou crioula, porque, segundo elles, o primeiro amplia o volume e a segunda fornece as qualidades de fundo e sobriedade.

A guiar-nos por este especioso criterio, o importante problema da remonta estaria resolvido em pouco tempo, conseguindo-se um producto com a elevação de *bestas de pau*, a velocidade constante do puro-sangue e a resistencia e rusticidade do crioulo.

Conseguir-se-hia tal maravilha desde que fosse permittido obter tal aspiração, e que os interessados no momento da cópula fizessem observar ao puro-sangue: "Você vae reproduzir a especie, porém, imprima unicamente aos seus descendentes a superioridade da carreira. Ao bretão, bolonhez, percheron, normando, etc., diriam: Você será pae, porém, que seu filho herde únicamente a sua condição de *besta de pau;* pois, quanto a sobriedade, resistencia, etc., ficam ao cargo da progenitora!

Pelo que viemos commentando não se julgue que desconhecemos autoridades entre nós; zootechnistas de verdade nós os temos —, modestos, porém, profissionaes de escolas de nomeada, que, infelizmente, não figuram na Camara, não frequentam prados e salões, nem escrevem longos artigos nos jornaes do Rio; pois, como o temos sobejamente demonstrado, impera ainda livremente sobre todos os ramos da actividade humana o inveterado e intenso culto da incompetencia.

Como prova do que acima affirmamos basta observar a desordenada invasão de medicos humanos no serviço veterinario instituido pelo Ministerio da Agricultura.

Facil é julgar a insufficiencia de taes profissionaes nos casos em que se tornam necessarios e indispensaveis os conhecimentos veterinarios.

O inverso dar-se-hia se o Ministerio da Guerra tivesse a peregrina ideia de empregar veterinarios para a assistencia nas enfermarias militares.

Damos em seguida a judiciosa opinião de um zootechnista de verdade:

Melhoramento do cavallo crioulo

O magno problema do melhoramento do cavallo crioulo comporta ainda uma solução, além das muitas que tem tido: a solução zootechnica...

E sendo esta justamente a que mais interessa os criadores que são zootechnistas praticos, della vou occupar-me nas seguintes considerações.

Em plena luz do seculo XX, neste paiz predestinado, em que tudo avança e evolue vertiginosamente, não se explica o descaso que se têm votado a esse animal, que, indispensavel ao criador para os trabalhos da estancia, poderia noutras condições constituir um importante ramo accessorio de producção zootechnica.

A consecução desse desideratum, porém, demanda conhecimentos especiaes da Zootechnia, que não pódem ser adivinhados pelos leigos, como o são na sua maior parte os que entre nós se têm occupado do assumpto.

Quero consignar aqui a razão esmagadora dessa verdade, que confirma aliás o pensar de E. Faguet, attribuindo á divisão do trabalho o extraordinario aperfeiçoamento das sociedades modernas.

Deixando de parte a doutrina estulta e inocua dos leigos, que através de prelecções oraes e escriptas se contentam apenas em exibir emphaticamente ao público o fructo de suas vagas e inconcludentes leituras, tomarei de mira a acção perniciosa daquelles que, prevalecendo-se da posição que occupam, impõem ao paiz a dura prova de sua incompetencia; tal é o caso do famoso e recente projecto sobre o melhoramento do cavallo nacional.

Esse projecto que se distingue pela completa inobservancia da Zootechnia, visa o melhoramento do cavallo crioulo *que se cria extensivamente,* por intermedio do cruzamento com o puro-sangue inglez, que é um *producto especialisado por meio das gymnasticas funccionaes dos systemas nervoso, respiratorio, locomotor e cutaneo,* e só poderá influir no augmento do abastardamento e da degeneração daquelle precioso animal.

Isto posto, volto á minha reflexão.

Em artigos antecedentemente publicados nesta Revista demonstrei que o methodo generativo da selecção progressiva é o mais zootechnicamente indicado para o melhoramento do cavallo crioulo rio-grandense.

Este methodo conjunctamente com o melhoramento de suas condições hygienicas, em geral, regenerará em poucos annos a nossa producção equina, fazendo-lhe perder os pessimos caracteres adquiridos em consequencia dos cruzamentos desordenados a que tem sido submettida e ao despreso que se lhe tem

tributado, e, readquirir as suas primitivas conformação e energia.

Sómente leigos e profissionaes curtos de entendimento ou movidos por especiosa politica de interesse poderão contrapôr o cruzamento á selecção, para o melhoramento dos nossos equinos.

O criador precisa, pois, saber distinguir o joio do trigo, e não se deixar suggestionar pelo ataviado palanfrorio destas duas castas de inimigos nem sempre gratuitos.

E' facto que o methodo generativo da selecção não consiste apenas na simples escolha de reproductores.

Essa escolha deve ser acompanhada de outras praticas complementares, entre as quaes distinguiremos as mais importantes: o estudo e caracterisação da raça a ser melhorada, a creação de seu registro genealogico, a diffusão de instrucções aos criadores, a instituição de concursos a premios, etc., etc.

A selecção destituida das praticas citadas, não constitúe methodo generativo.

E' uma rudimentalissima noção que parece desconhecerem os notados adivinhos de Zootechnia: ao menos transparece do que dizem e escrevem que, para elles, a pratica do methodo em questão consiste apenas na escolha de reproductores...

Qualquer que seja a natureza do connubio zootechnico, sempre subentende a escolha: Cruzamento, hybridação, consanguinidade e selecção deixariam de ser methodos generativos se lhes faltasse a indispensavel condição da escolha prévia do macho, da femea ou de ambos simultaneamente.

Outra noção zootechnica não menos rudimentar, ignorada pelos partidarios do cruzamento, que ainda se refere a accepção do vocabulo selecção, e que muito depõe contra a sua pseudo autoridade no assumpto, consiste na pretendida inexistencia actual do cavallo crioulo de sangue puro, que elles allegam como um dos dois mais poderosos motivos justificativos de sua opção por aquelle methodo.

E' aliás um motivo que muitissimo tem sido explorado impunemente em nosso paiz, maximé com relação á raça bovina Caracú, cujo melhoramento por intermedio da selecção, porém, já constitue empolgante realidade, para desforço da sciencia mascavada.

Apezar do falso e infundado daquella pretenção, não careço dessa base para demonstrar meu asserto.

Darei de barato, no momento, que não exista no Estado um único cavallo crioulo puro.

Que prova esse facto contra a selecção?

Nada, absolutamente *nada contra* e, muito, muitissimo *em favôr*: *é justamente* por intermedio da selecção progressiva que se conseguem purificar as raças, eliminando os caracteres que lhe são extranhos!

Confirma-se, pois, plenamente, o que affirmei em meu artigo anterior: O problema do melhoramento de nossa producção equina demanda conhecimentos zootechnicos especiaes e não póde ser convenientemente solucionado por quem os não possue.

E' uma verdade que devia ser bem conhecida dos nossos governantes, para se não deixarem suggestionar pela impressiva traça daquelles cujo talento não lhes permitte serem professos senão em especialidades extranhas ás de seus pergaminhos...

Notei em meu artigo anterior que a pretendida impureza da raça cavallar crioula, contrariamente ao que pensam os Snrs. *Zootechnistas por intuição,* constitue um bom motivo para o seu melhoramento por meio do methodo generativo da selecção.

Não têm sido elles mais felizes nas outras duas razões em que fundam sua predilecção pelo cruzamento: a reducção da altura e a diminuta velocidade do cavallo crioulo.

Ninguem ousaria negar ser o cavallo crioulo geralmente baixo e pouco veloz.

Ambos esses defeitos, porém, poderão ser rapidamente corrigidos por intermedio de uma rigorosa selecção.

E' verdade que mais rapidamente se poderiam conseguir aquellas qualidades pelo cruzamento.

A vantagem, porêm, seria infinitesimal em confronto com os inconvenientes que acarreta este methodo generativo.

Falta-nos mercado seguro para a nossa producção equina; só excepcionalmente poderão dar lucro a introdução e a manutenção de garanhões exoticos.

E' um ponto esse de primacial importancia, comquanto geralmente descurado pelos nossos *zootechnistas,* que se têm deixado suggestionar pela impressiva palavra *remonta* e ainda não reflectiram sobre a tacanhez deste consumo do cavallo.

Nada mais absurdo do que substituir, a peso de ouro, a nossa preciosa raça cavallar crioula por uma população equina decadente, fraca, hecterogenea, em continua transição, e que, pela adaptação ao ambiente, ainda um dia voltará a ser mais ou menos o que é actualmente aquella raça.

(Da revista *A Estancia.*) Dr. *Danton J. de Seixas.*

A nossa perfeita conformidade com as opiniões do Dr. Seixas afastará de nós a supposição de que, desconhecendo a sciencia, damos rédea solta ás criticas que campeiam nestas paginas. A opinião deste profissional confirma plenamente a nossa opinião, manifestada pela imprensa, combatendo os pseudo zootechnistas que se esforçam por substituir a nossa raça cavallar americana pelo puro-sangue inglez de corrida:

Como se vê, o abastardamento do nosso cavallo, divulgado pela trombeta dos apologistas do puro-sangue, attribuindo-lhe a peregrina virtude de poder melhorar a nossa raça equina, segundo a opinião de um profissional, o dito abastardamento, repetimos, procede justamente do abuso que se tem commettido com o emprego desta raça.

Os partidarios do puro-sangue têm levado ao extremo a degeneração do cavallo crioulo, não faltando mesmo quem negue a sua existencia, como succede na Argentina, segundo affirma o Dr. Manoel Lecler. — Não ha muito na nossa sala de trabalhos, na *União dos Criadores,* alguem manifestou esta ideia, que foi logo contestada por um companheiro nosso; e, tendo insistido ainda o mesmo Snr., affirmando que desde muito tempo não via um cavallo crioulo, o nosso companheiro convidou-o para chegarem ambos á saccada, afim de mostrar-lhe cavallos crioulos; e nesse momento casualmente passava uma carroça puchada por dois representantes desta raça.

A pessôa em questão pretendeu negar, affirmando que eram dois degenerados. E' precisamente o que succede á gente da cidade, que, habituada a contemplar as *bestas de pau* bem cuidadas, gordas e luzentes, não repara nos pobres cavallos crioulos, mal alimentados e dos quaes se exige serviço muito superior ás suas forças e muito mais pesado do que o que dão ás bellas parelhas de mestiços.

Estas parelhas, que lisongeiam a vaidade dos seus possuidores e que enchem a vista dos seus admiradores, custam muito dinheiro e, como objectos de luxo, são tratadas com todo o esmero em bôas cavallariças, não escasseando-lhes alimentação de primeira ordem.

O jornaleiro, porém, que tem uma carroça e que, com sacrificio comprou dois cavallos crioulos a baixo preço, e que com o fructo dos carretos tem que sustentar uma familia, pelo geral descuida a manutenção dos seus matungos: Elles trabalham na cidade durante o dia e ao anoitecer são levados a um

pequeno potreiro ou cercado, quasi sempre rapado. Essa é a verdadeira causa do máo aspecto do pobre cavallo crioulo, mal alimentado e abarrotado de serviço; e essa é tambem a explicação com que pretendem justificar a falsa e proclamada degeneração que lhe attribúem.

Para destruir por completo a ideia do desapparecimento do cavallo crioulo, que alguns suppõem abastardado e em franca degeneração, consignamos o que nos referiu o Snr. coronel Emilio Massot, digno Commandante da Brigada Estadual, com referencia aos cavallos desta unidade militar:

"Os cavallos da Brigada são crioulos em sua maioria. Na compra não houve exigencia da altura que, na maioria delles, oscillava entre 1m,40 e 1m,45.

Estes cavallos, com o trato a que se acham submettidos, melhoraram sensivelmente na altura, tendo-se conseguido uma média approximada a 1m,48."

O que antecede demonstra o quanto é possivel melhorar o cavallo crioulo, com vantagem economica para os poderes públicos.

O major Muricy, cuja opinião combatemos, affirmou que no Paraná os cavallos crioulos durante o inverno mantinham-se de macega secca; facto este que influiu na falta do desenvolvimento morphologico. Affirmou tambêm que, por falta de altura, deixou de comprar grande numero, que foi adquirido para a policia daquelle Estado e em cujo serviço deram excellente resultado.

Com taes affirmações este distincto militar confirma plenamente as nossas opiniões.

Até a metade do seculo passado, em parte da Argentina, do Uruguay e aqui no Rio Grande o cavallo vivia em estado selvagem.

Até 1866 assim o conhecemos no Departamento de Paysandú, entre os arroios Queguay e Dayman.

Estes animaes viviam em quadrilhas ou manadas dominadas por um pastor (garanhão).

Para occupar este posto eram necessarias certas condições de superioridade sobre os seus rivaes.

Em taes concursos, como se sabe, triumphava a força bruta, sendo vencedor o que dispunha de maior corpulencia, phenomeno este assaz conhecido na luta pela vida, na selecção natural.

As manadas, como já dissemos, ou éguas *baguaes* (1), como eram chamadas, habitavam exclusivamente os pontos mais elevados das coxilhas e baixavam ás canhadas únicamente para beber; regressando em seguida para os pontos elevados, onde pastavam. Esta circumstancia obedecia sem dúvida ao instincto de conservação, para não serem tomadas de surpresa; tendo nas alturas a facilidade de perceber á maior distancia a presença de ginetes. As éguas *baguaes*, como o gado alçado, não despresavam o menor indicio da presença do homem.

Uma avestruz ou um veado correndo, o grito do quero-quero e o do *tajan* constituiam, para elles, não só o toque de sentido, como até mesmo o de alerta.

Ante qualquer destes annuncios, bovinos e equinos erguiam a cabeça, procurando perceber ou descobrir a causa de qualquer daquelles alarmes; as éguas principalmente levantavam a cabeça a tal altura que, ao primeiro golpe de vista e á distancia de um a dois kilometros, representavam homens a cavallo. Nessa posição de vigilancia collocavam-se quasi em linha, pois que todas escolhiam uma posição á frente, para poderem divulgar o ginete que dellas se approximava. A' proporção que aquelle se acercava ellas bufavam e, á distancia de 100 metros, mais ou menos, tratavam de fugir ao trote, a galope ou de corrida, segundo os movimentos do ginete, sendo o pastor sempre o ultimo a fugir, como para proteger-lhes a retaguarda, na retirada.

Outra particularidade distinguia as éguas dos bovinos selvagens: No momento da fuga, ante a presença de ginetes, estes corriam indistinctamente por coxilhas, canhadas e serros, conservando mais ou menos a mesma direcção; ao passo que as éguas sempre fugiam pelo alto das coxilhas e em sentido contrario á corrente da sangue ou arroio mais proximo. Julgamos também, por este facto, terem ellas maior desenvolvimento no instincto de conservação. Se corressem pela coxilha a baixo, prompto encontrariam uma sanga, cujo passo lhes serviria de obstaculo, permittindo que os seus perseguidores se acercassem, ao passo que, correndo coxilha acima, poderiam livremente correr dezenas de leguas sem passar nenhuma sanga.

Devido a esta conhecida particularidade das éguas *baguaes*, os antigos povoadores do Departamento de Artigas, entre os arroios Quarahy, Arapehy, Guaró e Uruguay, reuniam-se annualmente no centro mais ou menos desta zona, na coxilha de

(1) *Bagual* é termo castelhano, que significa chucro ou arisco.

S. Rosa, sobre uma das pontas da sanga Caneleiras, onde existia e até hoje existe ainda um matinho conhecido pelo nome de *Isla de Cabellos*. Por experiencia conheciam que, por effeito de qualquer movimento nos campos para o lado de S. Rosa, as éguas *baguaes* corriam, como indicamos, por differentes coxilhas que entroncavam na coxilha geral, sendo commum divisar-se junto ao mencionado matinho enorme incorporação de éguas, que passavam pela coxilha principal.

Então reuniam-se os visinhos em numero nunca inferior a 200 e traziam suas manadas mansas, que deixavam n'uma baixada proxima á coxilha.

Sahiam de noite os batedores e, já combinados com os moradores dos lados de Santa Rosa, pela manhã davam principio á batida, como em parada de rodeio, com cachorros e gritos.

A eguada em seguida se agrupava em direcção ao citado matinho e, ao chegarem os primeiros grupos, os batedores levavam para a altura, como *sinuelo*, as manadas das mansas. O que então se passava constituia um dos maiores prazeres do gaúcho, que então levava dous ou tres pares de boleaderas. Ao estreitar-se o circo formado pelos ginetes, o cavallo selvagem, ante o perigo imminente que se lhe antolhava, e impellido pelo instincto de conservação, investia para o lado do maior claro; então os gaúchos punham em prova a sua habilidade no manejo das boleaderas; tendo motivo de justo orgulho o que, á maior distancia, boleava o fugitivo.

Consistia em atirar as boleaderas, depois de rebolear-as, dando-lhes um geito particular ao soltal-as, de modo que as tres pedras se separavam umas das outras e apresentavam a fórma de um triangulo, cujos lados, entre as duas bolas maiores, cahiam justamente sobre as pernas do *bagual* e, devido á força que levavam estas pedras enrolavam-se nas pernas trazeiras do animal e cada vez se enredavam mais á medida que elle escouceava.

O fim daquella corrida era tosar as éguas *baguaes*, operação que faziam, laçando uma por uma. Depositavam o cabello junto ao matinho, dando assim origem ao actual nome de *Ilha de Cabellos*, nome este dado tambêm a uma estação da Estrada de Ferro, onde existe um nucleo de povoação. Os *baguaes* conservavam-se gordos inverno e verão; summamente delgados, a proposito para resistir ás grandes corridas.

De taes garanhões teriamos, sem dúvida, o cavallo ideal para o serviço de guerra.

A incompetencia em acção

Consumatum est.

Nutriamos a esperança de que o Governo não approvasse o inopportuno projecto do deputado, Snr. Macedo Soares, concedendo prodigos favôres ao cavallo de corrida. Ao que sabemos, embora não houvesse discussão sobre este assumpto, á ultima hora foi elle incluido na lei do orçamento, autorisando o Governo a auxiliar a importação e criação do cavallo puro-sangue, por intermedio das sociedades de corridas da capital, dando em premios nas corridas a *frioleira* de 225:000$000.

Extranhamos sobremaneira que o Snr. Presidente da Republica tivesse sanccionado semelhante lei. Não ha muito S. Exc., na sua patriotica exhortação, nos aconselhava parcimonia nas nossas despesas, em face da anormalidade que atravessamos.

Como já tivemos occasião de demonstrar nestas paginas, o *puro-sangue* é um cavallo de luxo, destinado a satisfazer a vaidade dos amadores de corridas; luxo este do qual o Governo deveria abster-se, devendo ser o primeiro a pôr em pratica o seu patriotico apello.

Não sabemos quanto custará aos cofres publicos o auxilio para as importações; entretanto, calculamos sem exaggero que ella não possa ser inferior a 225:000$000, que, addicionados aos 225:000$000 já notados, prefazem a bagatella de..... 450:000$000.

Qual a utilidade dessa enorme despeza?

Qual a conveniencia pública em que os prados possuam grande numero de parelheiros?

Nenhuma; absolutamente nenhuma.

Essa lei em nada favorece á nossa situação; e se ella tem por escopo o melhoramento do nosso cavallo de guerra, o caso é ainda mais grave, porque, além de inopportuna, é antipatriotica. O puro-sangue, como já dissemos, que fracassou na Criméa, no Egypto, na India, no Transvaal e que fracassará

certamente em qualquer parte onde for utilisado, não conduzirá os nossos soldados á victoria. O seu único e exclusivo fim, mediante um anticipado preparo, é conduzir um jockey cujo peso não exceda de 60 kilos, em virtiginosa carreira, durante alguns minutos.

O Governo labora num lamentavel engano se julga conveniente a intervenção desta raça para a producção do nosso cavallo de guerra. Se elle continuar inspirando-se na incompetente opinião dos apreciadores dos prados e dos officiaes de salão, que desconhecem os rigores de uma campanha, será o único responsavel de futuros desastres, reduzindo a nossa remonta ao puro-sangue.

Os governos europeus, a quem querem imitar os pseudo-entendidos que figuraram na Conferencia do Rio, ao tratar do magno assumpto da remonta, o fazem de maneira muito diversa. Este assumpto depende do Ministerio da Guerra; este nomeia uma commissão de verdadeiros entendidos na materia, na qual sempre figura um veterinario, e ella apresenta o seu parecer.

Entretanto, qual foi entre nós a intervenção do Snr. Ministro da Guerra?

Não o sabemos. Ao que consta, o Snr. Macedo Soares, official reformado de marinha e jornalista, é quem se arvora em entendido, apresentando um projecto inopportuno e impatriotico.

O que se diria se um velho militar de cavallaria ou um criador apresentasse ao Governo qualquer projecto de reforma da nossa marinha?

Eis, na inversa, o que se dá com o alludido projecto convertido em lei.

Na sancção desta lei notamos com pesar a preponderancia da incompetencia.

Isto dizemos sem exageração, e para proval-o recordaremos que ha pouco mais de um anno um Snr. ministro do actual Governo teve a peregrina ideia de recommendar a todos os presidentes de Estado a conveniencia de prohibir a matança de vaccas antes da idade de 10 annos. Semelhante absurdo só póde ser ideiado por quem desconhece por completo a vida da pecuaria: Não se póde designar em absoluto a lotação que póde conter determinada area de campo, pois que, depende de varios factores.

Os proprietarios que possuem a lotação conveniente, submettidos a tal prohibição, no espaço de dois ou tres annos

veriam definhar a sua criação, devido ao excessivo numero; falhariam os engordes, perturbando sensivelmente a boa marcha do estabelecimento.

Comprehendemos que aquelle Ministro pretendia, com tal medida, velar pelo patrimonio pecuario, fazendo-o multiplicar-se, sem consultar a conveniencia dos criadores; sem ter em conta que o interesse do Governo é indirecto, ao passo que o dos criadores é directo.

A pretenção de um profano em assumptos de pecuaria, de conhecer mais que os criadores o interesse destes, constitue outra prova da incompetencia em acção, sendo bem conhecido o adagio: "Mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio!"

Além das difficuldades que tal prohibição acarretaria aos criadores, ella representa tambem um attentado contra o direito de propriedade, garantido pela Constituição.

Por outra parte, aquella medida produziria no extrangeiro má impressão.

Necessitamos capitaes extrangeiros, porém, a simples noticia de que restringimos e limitamos o direito de propriedade, será sem dúvida um obstaculo para que affluam os capitaes extrangeiros.

O nosso Governo estadual, tendo em conta sem dúvida as considerações que antecedem, não seguiu aquelle conselho; entretanto, constou que varios Estados irmãos o puzeram em pratica.

Do Estado de Minas, que aceitou aquelle conselho, já surgiram pela imprensa queixas contra essa medida, e o mesmo succederá nos outros Estados com o decorrer do tempo, e só então reconhecer-se-ha o dominio da incompetencia.

A Conferencia effectuada o anno passado no Rio offereceu tambem varias provas em favôr do que affirmamos.

Já citamos o que se deu com as quatro théses sobre o cavallo de guerra, das quaes unicamente uma foi favoravel ao puro-sangue; e apesar de uma emenda em favôr do arabe, que foi approvada, a Commissão deu preferencia exclusivamente ao puro-sangue corredor.

Um profissional rio-grandense apresentou um bello trabalho sobre zootechnia, que, julgado por profanos, foi posto de lado, triumphando mais uma vez a incompetencia.

Com o titulo — *Raças Bovinas de Córte* remettemos tambêm um modesto trabalho que obteve unanime aceitação por

parte da respectiva Commissão, que o julgou de *real valôr;* entretanto, modificou ao seu gosto as nossas conclusões, inutilizando quasi por completo aquelle trabalho, como o demonstramos em commentarios publicados.

Dada a honrosa classificação de tal trabalho, não podemos attribuir á má vontade contra nós, e sim ás extravagancias da incompetencia.

Com referencia ao cavallo de guerra *estava escripto.* Os competentes da respectiva Commissão naquella Conferencia, bem relacionados no Rio, utilizaram sem dúvida os bons serviços do jornalista, Snr. Macedo Soares, que na Camara entrou no assumpto como Pilatos no credo.

Julgamos que os presidentes da Republica não são obrigados a conhecer qual a raça mais conveniente para a producção do cavallo de guerra; o mesmo, entretanto, não succede com os Ministros da Guerra, que devem sabel-o por si ou pelas commissões de que já nos occupamos, sendo imprescindivel a intervenção deste Ministerio em taes assumptos.

Diz-se que o actual Ministro desta pasta é um devotado apreciador dos prados, facto este que de nenhuma maneira justifica a sua inacção neste importante problema da defesa nacional.

De nenhuma maneira se deve confundir o luxo com o util e o superfluo com o necessario.

Já citamos a desordem que existe na criação de Saycan, por falta de orientação zootechnica que servisse de guia aos directores daquelle estabelecimento nacional, e, como prova, reproduzimos do ultimo relatorio do então coronel Ildefonso Pires de Moraes Castro, apresentado em Janeiro de 1912 — os trechos seguintes:

"Na extincta invernada encontrámos e recebemos em Fevereiro de 1903 — 1 velho e exhaurido garanhão mestiço, de filiação desconhecida, já imprestavel para reproducção, e 38 crioulos..."

"Esta cifra, sem peso aos cofres públicos, foi crescendo annualmente, de modo que a 31 de Dezembro de 1910 era de *garanhões* — 1 inglez e 2 arabes puros, 1 russo-irlandez, 1 inglez 7/8, 1 arabe-irlandez 3/4, 5 inglezes 3/4, 5 arabes, 16 inglezes 1/2 sangue e 112 crioulos..."

"A carga actual (Janeiro 912) é de: *garanhões* — 1 arabe e 1 inglez puros, 1 russo-irlandez, 1 inglez 7/8, 5 inglezes 3/4,

1 arabe-irlandez ¾, 16 inglezes e 5 arabes ½ sangue, 15 arabes e 1 inglez ¼ de sangue, 119 crioulos e 5.866 éguas crioulas..."

No mesmo sentido vejamos o que contém o ultimo relatorio do coronel Eurico de Andrade Neves, de Janeiro de 1918:

"Possúe actualmente esta coudelaria 42 reproductores, sendo 24 machos e 18 femeas. Estão distribuidos em 15 garanhões inglezes, 3 anglo-arabes, 2 arabes, 2 bolonhezes, 2 jumentos andaluzes, 13 éguas inglezas e 5 anglo-arabes, todos *pur-sang*.

Nascidos em 1914, — cinco —, sendo 2 machos e 3 femeas; em 1915, seis, sendo 2 machos e 4 femeas; em 1916, 8, sendo 4 machos e 4 femeas; em 1917, seis, sendo 3 machos e 3 femeas e um total de 25, todos estabulados para perfeito e completo desenvolvimento."

Como se vê, o coronel Pires de Moraes Castro, ao assumir a direcção da Fazenda Nacional em 1903, diz que existiam 38 garanhões crioulos, e apesar da crença que então o dominava, julgando necessaria a intervenção do arabe para vigorisar a raça crioula e do puro-sangue para amplial-a, procurou augmentar o numero daquelles reproductores, tendo deixado em 1912 — 119 garanhões crioulos.

Este facto destróe a mistificação dos extrangeiristas, que affirmam ter-se extinguido a raça crioula.

Notr-se-ha tambêm que em 1912 existiam naquella coudelaria 166 garanhões de varias raças. Logico é suppôr que daquella data até 1918 o numero de éguas tinha augmentado consideravelmente; entretanto, segundo o ultimo reltorio do coronel Andrade Neves, apenas existem 59 reproductores, inclusos 35 mestiços, cujo numero achamos summamente reduzido.

Como se viu, neste relatorio não consta a existencia de um só garanhão crioulo, o que autorisa a suppôr que o Director julgou inconveniente a intervenção de taes garanhões para a producção do cavallo de guerra!

Em troca augmentou consideravelmente o numero dos puro-sangue.

Nesta capital tivemos occasião de travar relações com o distincto general Eurico de Andrade Neves, tendo apreciado a franqueza do seu caracter e a sua amabilidade, que o fazem sympathico desde a primeira vista. Somos gratos á sua deferente attenção; deixando, porém, de parte os sentimentos inspirados pelo amigo, passamos a commentar os actos de um funccionario público, e tanto mais que, devido a sua recente promoção, foi removido daquelle cargo.

Já mencionamos a *salada russa* da Fazenda Nacional, preparada ao gosto e capricho dos seus directores; e o prova a simples leitura do pouco que transcrevemos daquelles dois relatorios.

O primeiro director tinha por base a reproducção da raça crioula, dado o diminuto numero dos puro-sangue.

O segundo dedicou-se de cheio a esta raça e não sabemos se o tenente-coronel Ignacio do Espirito Santo Cardozo, actual director, fará dos puro-sangue o mesmo que fez o coronel Andrade Neves dos 119 crioulos.

Pelas ideias que viemos defendendo conceituamos um crime de lesa-defesa nacional a suppressão dos garanhões crioulos, feita pelo coronel Andrade Neves, sendo elle irresponsavel, dada a falta de um regulamento official baseado nas regras da zootechnia. Sendo, como se diz, que os cruzamentos se effectuam segundo o criterio de cada director, é o caso de parodiar a Christo: "Perdoai-os Senhor; elles são irresponsaveis!"

O único responsavel é sem duvida o Ministerio da Guerra, que se bem possa ser desempenhado por um civil, que não é obrigado a conhecer as qualidades do cavallo de guerra, deveria contar com uma Commissão de technicos, para dar o seu parecer quando fosse exigido.

No que estamos commentando reconhecemos com pesar o effeito da incompetencia e, para que não se julgue exageração de nossa parte, transcrevemos o que nesse sentido contém os dois regulamentos officiaes de Saycan que felizmente pudemos conseguir á custa de ingente sacrificio.

No primeiro, de Julho de 1904, art. 1.º:

"A Coudelaria e Fazenda Nacional de Saycan, estabelecida no conjuncto dos lotes de terras que formam a actual Invernada de Saycan, tem por fim a criação de animaes cavallares e muares, proprios para remontas do Exercito e a producção das forragens e grãos necessarios á alimentação dos ditos animaes."

Eis o único que consta neste regulamento, referente á criação, concedendo aos directores carta branca para remecher a *salada russa* ao seu gosto.

A incompetencia manejada por qualquer subalterno é de facil correcção, substituindo-o por um competente; porém, sendo exgrimida desde as elevadas espheras officiaes, ella se alastra, se estende e se avoluma entre os subalternos, vigorisando-se, porque, mesmo entre os ultimos, embora competentes, elles acompanham essa impetuosa onda, para não cahirem em desagrado, para não faltarem á disciplina e por outros motivos que facil-

mente se comprehendem. Deste convencionalismo da incompetencia destacou-se como uma excepção o nosso Estado, no referido caso da matança de vaccas. E' mister que o paiz reconheça o descaso do Ministerio da Guerra sobre o magno problema da remonta, uma das principaes bases da defesa nacional.

Vejamos o segundo regulamento, criado em 1909. No art. 3.º, tratando dos fins dos depositos, na alinea *d*, diz o seguinte:

"O trato dos garanhões que o Governo entregar a cada deposito para auxiliar o melhoramento da raça cavallar da zona."

Segundo esta disposição se entende que é o Governo o encarregado da compra de garanhões.

"Art. 21. — A não ser os animaes de puro-sangue destinados a garanhões, os cavallos que o deposito adquirir deverão ter sido castrados."

Queremos suppôr que, em cumprimento ao artigo que antecede, o coronel Andrade Neves tenha feito castrar os 119 garanhões crioulos que recebeu em 1912.

Se assim succedeu, S.S. teve um grave engano: O garanhão crioulo é tão puro sangue desta raça, como o póde ser o de corrida, o arabe e o de qualquer outra raça respectivamente.

"Art. 23. — Os garanhões serão adquiridos no paiz ou no extrangeiro e da fórma que o Governo julgar mais conveniente: Os destinados a produzir o cavallo de sélla serão arabes, anglo-arabes ou puro-sangue de corrida; devendo tambêm adquirir-se reproductores de typo leve para tracção."

Eis o que contêm esses regulamentos sobre os reproductores.

Commentemos:

Como se vê, entre as raças escolhidas para a producção do cavallo de sélla figura o anglo-arabe, cuja classificação como raça, é ainda objecto de discussão entre os entendidos. Alguns a consideram como tal, sendo isso negado por outros.

A tal respeito já citamos a autorisada opinião do professor Dechambre, que não aceita o anglo-arabe como raça; que é simplesmente um mestiço. Prescindindo, porém, desta questão e cingindo-nos ao que succede em Saycan, onde, segundo o relatorio deste anno, existem 3 garanhões anglo-arabes, julgamos que estes são simplesmente mestiços; productos de éguas de puro-sangue de corrida com garanhões arabes, pois, não consta que o Governo tivesse importado garanhões da chamada raça anglo-arabe. Neste caso ainda se poderia admittir que taes garanhões possuissem caracteres proprios de uma raça, se descendessem

directamente dos *sementaes* que existem na França; porêm, os fabricados em Saycan, por mais que se queira sophismar, não deixam de ser mestiços de arabe com inglez; e neste sentido observa-se uma notavel contradição sobre as disposições deste ultimo artigo com as contidas no artigo 21, em que os garanhões devem ser de puro sangue.

Segundo o mesmo relatorio, são utilisados para reproducção, além dos garanhões de corrida, arabes e anglo-arabes, 35 mestiços, sem explicação de raças, que suppomos sejam filhos dos de corrida com éguas crioulas. O emprego destes mestiços tambêm infringe o art. 21.

Além deste attentado contra o regulamento, resulta tambem outro mais grave contra as regras da zootechnia.

Como já dissemos, o mestiço é um degenerado; não possue caracteres de raça determinada. Utilizado como reproductor, a sua descendencia possuirá indistinctamente os caracteres paternos ou os maternos, podendo tambêm, desviar-se de ambos e adquirindo as extravagantes fórmas atavicas citadas pelo Snr. Conde, director do Haras paulista: "Animaes mal arranjados, descozidos, pernilongos, lembrando a aranha."

Segundo o art. 23, o Governo devia adquirir garanhões *de typo leve para tracção*. Pelo relatorio consta existirem em Saycan 2 reproductores bolonheses. Se o Governo considera estes cavallos *elephantes* na categoria do *typo-leve*, forçoso será convencer-nos mais uma vez da *incompetencia em acção*. Queremos, porém, suppôr que assim não seja; admittindo que o Governo os considere de tracção pesada; mas teremos de reconhecer que neste caso elle se revella retardatario sobre este ponto. E' por demais conhecido o geral desprestigio em que tem cahido as raças grandes para o serviço de tracção, pelos motivos que já citamos.

Consta tambêm do ultimo relatorio a existencia de 2 jumentos andaluzes, adquiridos pelo Governo. De accôrdo com o regulamento, como se viu, o Governo devia adquirir *garanhões de typo leve para tracção*, e parece haver mudado de opinião, por ter comprado 2 de tracção pesada.

Alêm disto, comprou tambêm os dois jumentos, dos quaes não cogita o regulamento.

De taes factos se conclue que o Governo, que tem o dever de velar pelo cumprimento das suas disposições, foi o primeiro a violar o Regulamento que estamos commentando. Se no pequeno espaço de quatro ou seis annos o Governo attenta

contra as disposições daquelle regulamento, facilmente se comprehende que elle não o considera conveniente.

Esta reflexão obriga-nos a reconhecer ou ao menos a suppôr que na organisação daquelle regulamento imperou a *incompetencia*.

Possuimos jumentos que produzem as nossas excellentes mulas, superiores a todas as raças cavallares para tracção; porém, custam pouco, em relação aos importados. Ignoramos se tal circumstancia determinou o Governo a preferil-os, pois, ao que sabemos e pelo que temos ouvido, as mulas grandes não possuem a qualidade de fundo das *nossas mulinhas* e são menos rusticas.

Segundo o ultimo relatorio, com a existencia de 4.000 éguas de ventre, na primavera de 1917, até 1.º de Janeiro deste anno nasceram apenas 600 potrilhos, ou seja, 15 %. Isto é admiravel e estupendo!

Nos bons campos da fronteira a nossa criação de éguas crioulas, no systema que uzamos de manadas soltas á vontade, dá uma producção annual de 90 % mais ou menos. No centro do Estado a porcentagem é menor, influindo a qualidade do campo, sendo o minimo de 50 a 60 %.

Para criar com a producção minima de 15 %, unicamente o fará o Governo; pois que os particulares já a teriam abandonado por ser um negocio ruinoso.

Accresce ainda, sobre aquelle raro phenomeno, que os 600 potrilhos estão condemnados ao fatal tributo de vida do engorde das sangue sugas e dos rigores do inverno. Já citamos a referencia de que houve um anno em que nasceram 1.100 potrilhos, e na primavera seguinte (1915), apenas existiam 300; advertindo-se que aquelle inverno não foi rigoroso. Não queremos tomar por base esta enorme mortandade, e julgamos não exagerar attribuindo-lhes uma mortandade de 50 % até a idade de tres annos.

Nesta hypothese o Governo terá, para a remonta em 1921, sómente 150 cavallos, como producção das 4.000 éguas do anno passado.

Taes considerações reforçam o nosso decidido applauso ás conclusões votadas na Conferencia de 13 de Maio, que "o Governo não deve criar cavallos." Os que a Coudelaria de Saycan produz, além de não servirem para a remonta, dada a intervenção do sangue de corrida, são em numero reduzido e summamente caros, como se poderá julgar.

Selecção

Como já dissemos, julgamos exagerado o que ultimamente se tem dito sobre a degeneração do cavallo crioulo. Não concordamos com os que attribuem esse facto ao abuso da consanguinidade na producção.

Sobre este ponto representa quasi uma excepção uma natural condição do cavallo: Nesta criação, tanto no estado selvagem como mesmo no domestico, quando os campos não eram cercados, como dissemos, viviam em familia; é dizer — de 10 a 50 éguas, dominadas por um garanhão. Quando as crias attingiam mais ou menos a idade de dois annos o garanhão as expulsava da manada, indistinctamente, tanto os machos como as femeas, que, em reunião de outras igualmente expulsas, davam logar á formação de novas manadas, dirigidas por garanhões que triumphavam pelo direito do mais forte ou seja, pela selecção natural.

Apparentemente varios factores têm influido na modificação do porte do nosso cavallo. Em primeiro logar a qualidade do campo onde elles são criados. Nos terrenos arenosos, em que as pastagens são fracas, os vaccuns, como os cavallares, pouco se desenvolvem, apresentando reducção de porte.

O habito de castrar o potrilho antes de dois annos e domal-o aos dois e meio ou tres, influe poderosamente contra o natural desenvolvimento, mesmo nos campos bons e, finalmente, o pouco cuidado que merecem as éguas crioulas, dando-se a preferencia das melhores e mais abundantes pastagens para os bovinos, com frequencia, aquellas soffrem a falta de pasto sufficiente para a sua alimentação.

Como se vê, essas condições desfavoraveis pódem ser corrigidas.

No primeiro caso conviria a criação semi-intensiva, o que até hoje julgamos não se tenha effectuado com a raça crioula.

Ninguem desconhece a importancia primordial da bôa alimentação, ponto este indispensavel em zootechnia.

Se a raça crioula, criada ao abandono como até aqui, tem produzido cavallos de cuja bondade já nos occupamos, logico é suppôr que, se d'ora avante lhe prestarmos os cuidados concedidos aos puro-sangue, os seus productos muito lucrarão no pórte. Em confirmação deste asserto já referimos a experiencia do coronel Affonso Emilio Massot, feita com os cavallos da Brigada Militar.

Em favôr do methodo de selecção para o melhoramento do nosso cavallo temos, sobretudo, a influencia do meio, que seria contraria a qualquer cruzamento.

O longo espaço de quatro seculos imprimiu ao cavallo iberico os caracteres de uma raça definida.

O abastardamento das nossas éguas, motivado pelos cruzamentos desordenados, desappareceria em poucas gerações com o emprego continuo de garanhões crioulos que, felizmente ainda possuimos em numero sufficiente para refazer a raça.

Para combater opiniões adversas affirmamos que a selecção natural, com as condições mesologicas, são o meio mais vigoroso e resistente.

Esta era exercida até a metade do seculo passado; portanto, os caracteres adquiridos em sessenta annos ou seja em tres gerações, pódem ser facilmente corrigidos.

Os particulares não se dedicarão certamente á seleccionar o cavallo crioulo, dada a sua actual desvalorisação e tanto mais que, com a transformação effectuada na vida pecuaria não o necessitamos como outr'ora.

O Governo, que precisa de romonta para o exercito, é a quem incumbe valorisar o cavallo crioulo, ordenando a sua selecção nas coudelarias do Estado.

Se o Governo modificasse o regulamento da altura exigida e pagasse por cavallos de 1m,44, 1m,42 ou mesmo 1m,40, o mesmo preço que actualmente paga pelos de 1m,48, seria isso um estimulo para que os criadores se dedicassem á selecção artificial.

Concordariamos com o melhoramento pelo emprego de garanhões arabes, apesar de consideral-os menos rusticos que os nossos; porém, a difficuldade de conseguil-os, bem como o seu elevado custo, são dous factores que se devem levar muito em conta, e, ante estas poderosas difficuldades, o único recurso, se

bem que lento, porém seguro, é o methodo da selecção, cujo benefico resultado será talvez apresentado com o importante auxilio da alimentação intensiva para os garanhões e para as éguas durante o inverno.

Por iniciativa do Ministerio da Guerra julgamos que o Governo deveria nomear uma Commissão, não de apreciadores dos prados e sim de entendidos ou praticos, para classificar zootechnicamente o cavallo crioulo em todos os seus detalhes, e isso serviria de norma aos criadores, na escolha dos reproductores.

Essa caracterisação torna-se tambêm indispensavel nas criações nacionaes, para evitar o emprego de máos reproductores, sob o ponto de vista scientifico, que bem póde escapar á analyse dos directores das coudelarias militares, que, apesar da bôa vontade, desconhecem na maioria as condições scientificas do bom cavallo.

A Coudelaria de Saycan, dotada de pessoal technico, poderia encarregar-se da selecção do cavallo crioulo, com dedicado esmero, e dentro de algum tempo facilitar a venda de garanhões aos criadores.

Desta maneira teriamos em pouco tempo abundancia de cavallos para a remonta, relativamente baratos e bons, em vez dos cavallos inferiores e caros que actualmente está fabricando a Coudelaria.

Não falta quem ainda aconselhe os productos de Saycan, repetindo o theorico processo: "O arabe para vigorisar e o puro-sangue para ampliar"; entretanto, ao que sabemos, existe em Saycan grande numero de garanhões inglezes puro-sangue; ao passo que existe apenas um único arabe, em avançada idade; e isto demonstra a nullidade do concurso do sangue oriental nesta criação

Não somos contrarios á criação do puro-sangue para o fim a que elle é destinado, constituindo um animal de luxo; mas opinamos que esta criação deve ser mantida pelos particulares, pelos apreciadores dos prados. Julgamos haver demonstrado a inferioridade do puro-sangue e seus mestiços para o serviço de guerra, em comparação aos crioulos.

Com tal convicção julgamos de urgente necessidade a immediata retirada dos garanhões puro-sangue das criações nacionaes.

Reproductores arabes

Ultimamente soubemos que o Snr. Hans Jansen trouxe para a estancia do Snr. Theodoro Saibro, proxima á estação S. Sebastião, dois garanhões e dez éguas da raça arabe. Estes animaes pertenciam á Coudelaria que aquelle Snr. estabeleceu em Minas, em 1914, e que haviam sido importados da Hungria naquelle mesmo anno.

Em face das difficuldades que se oppõem á compra de reproductores desta raça no paiz de origem, a mencionada importação representa um importante concurso para a criação equina do Estado.

Embora poucos, com as boas pastagens do campo onde estão e amenidade do clima, se multiplicarão e, dentro de quatro ou seis annos, tanto o Governo como os particulares, que se interessem por esta raça, poderão adquirir reproductores puros, nascidos no nosso sólo.

O Snr. Hans Jansen, pessôa competente em assumptos de criação, dedicará preferente attenção a esse ramo, garantindo a pureza dos seus productos.

Auguramos o melhor resultado ao emprehendimento deste Snr., que concorrerá poderosamente para o melhoramento do nosso cavallo crioulo, uma das principaes bases da defesa nacional.

Desde fins do seculo passado já possuiamos regular numero de mestiços do puro-sangue arabe; entretanto, para o serviço de guerra, têm sido utilisados únicamente os crioulos, apesar dos innumeros defeitos que lhes attribuem os *turfistas*.

Reacção favoravel

A associação rio-grandense *União dos Criadores,* com séde nesta capital, no proposito de estimular a criação da raça cavallar crioula, offereceu premios aos representantes desta raça nas exposições effectuadas em S. Victoria, Cruz Alta e na ultima effectuada nesta cidade.

Na exposição que devia effectuar-se a 15 de Novembro ultimo em Bagé, adiada em consequencia da secca reinante, consta que dois criadores offereceram premios de 500 e 300$ para os melhores representantes da raça crioula.

Ha quatro ou cinco annos importantes criadores argentinos, apologistas da raça crioula, lamentavam pela imprensa que nas exposições de Palérmo não tivessem figurado até então representantes desta raça.

A dita lacuna foi devidamente prehenchida; pois, ha tres annos estes vigorosos quadrupedes fizeram acto de presença naquellas importantes festas do trabalho.

Na ultima exposição realizada no Salto foram expostos tres ou quatro garanhões crioulos, tendo o melhor alcançado o preço de 200 pesos uruguayos, ou sejam 800 e tantos mil réis da nossa moéda.

Sabemos que o nosso mestre em pecuaria, o illustre Dr. Assis Brasil, adquiriu no Uruguay um garanhão crioulo destinado á sua Coudelaria, fundada ha pouco no municipio de Uruguayana.

A imprensa noticiou que o abastado criador do Estado, o Snr. Januario Chagas, vendeu 250 cavallos tordilhos a uma commissão franceza, que os enviará ao seu paiz. O preço foi de 200$ e, segundo nos affirmam, eram essencialmente crioulos.

Reproduzimos o que publicou a revista *A Estancia,* no numero de Agosto do anno proximo passado:

Sobre o cavallo crioulo

A imprensa rural uruguaya transcreve, seguida de elogiosas apreciações, a memoria que abaixo reproduzimos, sobre o cavallo crioulo, apresentada pelo nosso illustre amigo, o Snr. coronel Delfino M. Riet, digno vice-presidente em exercicio da *União dos Criadores*, no 5.º Congresso Rural Nacional recentemente realisado na visinha Republica.

A MEMORIA

Senhores Congressistas.

Distante embora de vossa bella terra, vivo sempre com ella na imaginação e, para prova, envio-vos este modesto trabalho, que traduz a minha bôa vontade de coparticipar das vossas patrioticas aspirações.

Apreciando o notavel desenvolvimento exhibido pela pecuaria uruguaya, forçoso me é reconhecer que, emquanto as raças bovinas e ovinas têm evidenciado lisongeiro melhoramento, em consequencia dos carinhosos cuidados que lhes tem sido dispensados, nada se tem feito em beneficio dos equinos, o que aliás é explicavel, especialmente quando se evoca a falta de mercado remunerador de que se resente esse ramo de producção zootechnica.

Por outro lado, a paixão pelas corridas, enaltecendo o merecimento do puro-sangue inglez, emprestou-lhe sobre as qualidades inherentes á sua especialidade, o papel de regenerador, com cujo rotulo penetrou em varias fazendas, nas quaes tem apenas diffundido a bastardia e a degeneração no nosso valente cavallo crioulo que, ultimamente, tambem está sendo victima da maníaca predilecção pelos cavallos grandes.

Reputo absolutamente necessarias e urgentes medidas severas, não só no sentido de impedir o desapparecimento como no de melhorar esse precioso animal, que apresenta qualidades verdadeiramente excepcionaes.

Elle foi sempre o nosso inseparavel companheiro atravez de todas as vicissitudes por que temos passado: na alegria, na dôr, na fartura, nas privações, na paz e na guerra.

Os serviços prestados pelo cavallo crioulo a toda America do Sul são verdadeiramente inestimaveis: Elle tem sido um dos mais importantes factores de nosso progresso.

Pretender melhoral-o por meio do puro-sangue inglez

é um verdadeiro contrasenso. O puro-sangue inglez, fóra da altura e da sua especialidade para desenvolver velocidade... durante poucos minutos, nada mais apresenta que o recommende.

Para os paizes sul americanos o puro-sangue inglez é inservivel tanto no tempo de paz como no de guerra: Elle apresenta uma extrema delicadeza, o que aliás explica cabalmente a falta de resistencia que o caracterisa.

Ambas essas particularidades, que individualisam o puro-sangue inglez, deram origem a que alguem, com grande propriedade o definisse como um animal *aristocrata que veste flanella e toma champagne*.

E' um animal incapaz de supportar grandes pesos; pessimo de trote e de galope; emfim, inutil entre nós, a não ser para carreiras.

O cavallo crioulo, cuja bondade, herdada do arabe, seria demasiado encarecer num Congresso de criadores, não só tem a perder com acquisição desse sangue, como tambem com o de qualquer outra raça das que têm sido apontadas com o fim de elevar-lhe a estatura.

Para provar que é falsa a base dos que pretendem este ultimo pseudo melhoramento, com o fim de ser o nosso cavallo crioulo utilisado pelo exercito, citarei o seguinte:

O notavel zootechnista francez, professor P. Du Floth, em brilhante artigo publicado na *Vie Agricole*, baseado na observação da grande guerra que ensanguenta o occidente, manifesta-se contrario á preferencia dos cavallos grandes e aconselha a cria e o emprego, no exercito, dos cavallos de estatura média.

A constatação de Du Floth, de resto, para nós, não representa uma novidade: São conhecidos os desastrosos resultados do emprego dos mestiços argentinos na França e no Brasil, resultados que suscitaram dos criadores da Argentina a publicação de um opusculo defendendo o cavallo crioulo e incriminando, como a principal causa daquelles insuccessos, a infusão de sangue inglez nos animaes exportados.

Essas considerações, senhores Congressistas, levam-me a estabelecer as seguintes conclusões, que submetto á vossa apreciação:

1.º Exhortar os criadores a conservarem pura a sua raça cavallar crioula, e a procurarem melhoral-a por meio da selecção, tendo em vista especialmente o augmento da altura.

2.º Providenciar para que em todas as exposições-feiras que se realizarem na Republica haja uma secção especial para o cavallo crioulo, com direito a premio.

3.º Solicitar dos poderes publicos medidas de protecção á criação do cavallo crioulo, na fórma que julgarem mais conveniente.

O Congresso votou textualmente as conclusões acima, motivo pelo qual felicitamos aquelle nosso infatigavel companheiro de trabalhos.

Damos a seguir dois artigos publicados num importante jornal de Montevidéo, transcrevendo-os no proprio idioma:

El caballo criollo

En nuestra campaña jamás se han desconocido las cualidades de resistencia y cómodo andar que distinguen al caballo criollo; más atraidos los criadores por lo novedoso, pagado sólo por la vista y la efimera y poco útil condición de ligereza, han venido cruzándolo con el caballo inglés; sólo valiente en la carrera, siempre que el tiro no sea largo...

El caballo criollo no desmiente su descendencia del árabe y sólo requeriria algun cuidado y seleccion para formar planteles.

Porque tacharlo por poco tamaño?

El notable profesor francés P. Du Floth, en brillante artículo publicado en la *Vie Agricole*, basado en observación de la gran guerra, manifiéstase contrario a la preferencia de los caballos grandes y aconseja la cria y empleo en el ejército de caballos de estatura mediana.

Alguien con mucho acierto ha dicho que el caballo puro inglés es animal aristócrata, que viste franela y toma champan.

Con qué probabilidades de éxito podrá esperarse que el caballo puro ó el mestizo se adapte a la vida y trabajo en nuestras cuchillas, teniendo a veces ya exceso, ya escaséz de pastos, sufriendo siempre los rigores del clima?

Dejemonos de modas impuestas quiza por la vanidad y busquemos por la selección y cuidados, en plena y agreste naturaleza, el mejoramiento de nuestro infatigable caballo criollo.

En el Brasil

Mejoramiento de la raza caballar

Juzgamos que nuestros lectores apreciarán el siguiente estudio y proyecto sobre la raza caballar debido al teniente coronel José de Assis Brasil y prestigiado por la *Sociedad Nacional de Agricultura.*

1.º Nuestra preciosa raza caballar criolla es susceptible de regeneracion, esto és, puede llegar a tener, como ya tuvo, 1m,48 a 1m,55 de altura; y asimismo mejorar sus buenas cualidades físicas y morales.

2.º Sólo el caballo árabe oriundo, debe de ser empleado para esa regeneracion; en su falta absoluta, el pura-sangre berbere; si faltare este, el pura-sangre árabe ó el berbere criado fuera de su patria respectiva; finalmente, a faltar estos, el pura sangre anglo-árabe, en la cual predomine la sangre de este último.

3.º La regeneracion debe ser hecha por los criadores particulares, orientados por el gobierno y representados por el Ministerio de la Guerra.

4.º Sólo cuando la produccion particular del caballo de guerra no bastare ó no sirviere para su fin, el gobierno debe organizar y tener criaderos, cabañas.

5.º El gobierno después de dictar decreto considerando el caballo arma de guerra, debe publicar minuciosas instrucciones para la organizacion de las cabañas particulares, de modo que estas puedan producir lo que precisa el gobierno.

Además se insinúa que el gobierno auxilie, para proveer a los particulares de reproductores; facilitar por medio de sus representantes su venta a naciones extranjeras; después de hecha la remonta del ejército, por los cuales se obligará a pagar pesos 150.00 oro.

La Mañana.

Como se vê no primeiro escripto, as opiniões do articulista coincidem perfeitamente com as nossas, confirmando o que já dissemos quando nos referimos ao Uruguay.

Quanto ao segundo, não foi pequena a nossa surpreza sobre o tópico "prestigiado pela Sociedade Nacional de Agricultura." Ao que sabemos, como já o referimos pela chronica das discussões e das theses votadas na Conferencia promovida

pela dita Sociedade em Maio ultimo, o importante estudo do Snr. tenente-coronel Dr. José de Assis Brasil parece ter sido posto de lado.

A não ser que estejamos enganados sobre este ponto, o que não nos parece, é raro o que se observa: No extrangeiro se reconhece o mérito do trabalho de um gaúcho; entretanto, os nossos patricios, os pseudo entendidos que compunham a respectiva Commissão, nem sequer mencionaram o dito trabalho; sem dúvida porque não aconselhava o puro-sangue, cuja raça era por todos preferida.

Ainda uma nova noticia do *Correio do Povo*:

"*Compra de cavallos e muares* — Pessôa chegada a Santa Maria, da região serrana, informou a uma folha daquella cidade que ultimamente se têm realizado ali importantes compras de animaes cavallares e muares, tratando-se, ao que parece, de agentes dos paizes em guerra, visto o bom preço que estão offerecendo e a pressa com que fazem seguir os animaes para Paraná e S. Paulo.

Sómente de dois fazendeiros foram compradas 600 cabeças ao preço de 200$000 cada uma."

Sobre taes noticias poderão os nossos anglo-maniacos dizer que, ante a rigorosa exigencia da guerra actual os exercitos europeus vêm-se obrigados a empregar qualquer classe de cavallos.

A tal observação retorquimos nós com a competente opinião do professor Du Floth, já que os nossos *entendidos na materia* formularam a sua opinião baseando-se nas autoridades européas.

O Dr. Joaquim Luiz Osorio

Tendo tido a distincta honra de receber uma carta do Illm.º Snr. Dr. Joaquim Luiz Osorio, referente a uma parte deste modesto trabalho, cumpro o dever de reproduzil-a na integra, consignando ao mesmo tempo o meu desvanecimento, pela nimia gentileza e superior cavalheirismo desse distincto patricio.

Eis a carta:

"Pelotas, 15 de Fevereiro de 1918.

Illm.º Snr. D. M. Rict — Porto Alegre.

Attenciosas saudações.

De regresso a este Estado em Janeiro deste anno, li vossos escriptos n'*A Federação* e *Correio do Povo*, sob o titulo — *O cavallo de guerra*, nos quaes fizestes acerba critica á minha orientação na Conferencia Nacional de Pecuaria, realisada no Rio de Janeiro em Maio do anno passado e na Camara Fedederal, a proposito do momentoso assumpto.

Preparava-me para responder a essa critica, quando em minha viagem deste mez a essa capital, em entrevista que me solicitastes, tive ensejo de verificar que esses escriptos nasceram de deficientes e falhas informações por vós colhidas. Venho, por isso, conhecedor que fui de vossas intenções para commigo, esclarecer-vos sobre o que se passou o anno transacto na Con-

ferencia Nacional de Pecuaria e na Camara Federal sobre o cavallo de guerra, questão que tanto preoccupa e muito justamente o vosso superior espirito e devotamento aos problemas agricolas, pastoris e economicos do Rio Grande do Sul.

I

Na Conferencia Nacional de Pecuaria a 11.ª Commissão formulou a seguinte conclusão: "O melhor reproductor ou o único reproductor, para se conseguir a criação do cavallo d'armas, é o English Thorougbred, puro-sangue inglez.

Em sessão plena, ao ser posta em debate tal conclusão, impugnei-a fortemente, sob estes fundamentos: Do Arabe provém o sangue regenerador por excellencia; delle provém as mais notaveis raças existentes, inclusive o puro-sangue inglez. Além do poder notavel de hereditariedade, reune o Arabe os preciosos requisitos de rusticidade e sobriedade. E' o cavallo nascido para a guerra, pelas suas qualidades naturaes inexcediveis de intelligencia, resistencia e coragem". E, formulei conclusão substitutiva á da 11.ª Commissão, que deixo de vos enviar em todos os seus termos por não ter guardado cópia, mas na qual indicava o Arabe como o regenerador do sangue por excellencia, para transmittir principalmente sobriedade e rusticidade. E' verdade que n'essa conclusão, approvada pela Conferencia Nacional de Pecuaria, figura o Corredor Inglez, mas, como n'ella está expresso, para dar tamanho ao chamado cavallo crioulo.

Como vêdes, devido a interferencia de minha palavra deixou de triumphar o puro-sangue inglez aconselhado pela Commissão technica da Conferencia como o melhor ou o único reproductor para a obtenção do cavallo d'armas, para triumphar o Arabe, indicado em minha conclusão substitutiva como o typo por excellencia.

Poderei ser censurado por ter dado ao Corredor Inglez o logar de ampliador de estatura do nosso cavallo crioulo? N'este caso, terei errado com o meu mestre n'este assumpto, o Dr. J. F. de Assis Brasil que, considera o Arabe e o Corredor Inglez como elementos para a formação do nosso cavallo militar, sob a base do crioulo; o Arabe, para transmittir principalmente sobriedade e rusticidade, a par da fixidez do typo; o

Corredor Inglez, para dar um pouco mais de corpo; terei errado com o depoimento que tinha em vista do coronel Ildefonso Moraes Castro, fundador e director 9 annos da Coudelaria de Saycan que, em 1914 escrevia: "O nosso cavallo de guerra ha de ser derivado como base do Arabe, como regenerador, e do inglez de corridas, como ampliador de estatura."

II

Na Camara Federal nenhuma iniciativa tive de favores ao Corredor Inglez. O projecto que nesse sentido alli surgiu foi apresentado pelo Snr. deputado Macedo Soares. Membro da Commissão de Agricultura; tendo me sido distribuido para relatar o referido projecto, ao mesmo apresentei substitutivo completo, visando a remonta do Exercito Nacional. Não exclui desse substitutivo, é exacto, a parte referente a premios em pareos de corrida, primeiramente, porque se tratava de animar apreciado genero de *sport,* em toda a parte incentivado; em segundo logar porque não desconhecia a importante funcção do corredor inglez na formação do cavallo militar n'outros paizes. Assim, v. g. se o cavallo d'armas da Allemanha descende do Arabe, é tambem o producto da combinação pelo cruzamento com o puro-sangue corredor.

Accresce que, durante nove annos, com negocio de criação na estancia do "Liscano", municipio do Arroio Grande, n'este Estado, tive ensejo de observar a cavalhada d'esse estabelecimento, excellente, afamada como especial para serviço de campo, pela qualidade e resistencia. Nas exposições de Pelotas as tropilhas enviadas foram sempre classificadas com o primeiro premio. Ainda hoje no meu campo de criação "Sarandy", municipio do Rio Grande, os cavallos que tenho são desses e inexcediveis no serviço do campo. Pois bem: corre-lhes nas veias o sangue do corredor inglez "Flor de Lys", de propriedade do coronel Alfredo Gonçalves Moreira, que poderá confirmar minha affirmativa, pois foi quem introduziu esse reproductor no "Liscano" ao tempo em que explorava directamente aquella fazenda.

Prestados estes esclarecmientos, creio que julgareis minha acção com mais justiça, verificando que, ao envez de inimigo do Arabe, foi devido á minha interferencia no debate na men-

cionada Conferencia Nacional de Pecuaria que triumphou o *sangue do deserto* como o reproductor aconselhavel para operar a desejada regeneração da raça cavallar crioula.

Tenho consciencia de haver representado a opinião do Rio Grande do Sul na Conferencia Nacional de Pecuaria, onde compareci como delegado da "Federação das Associações Ruraes" deste Estado; que, no assumpto mantive inteira identidade de vistas com a "União dos Criadores", representada pelo seu Presidente, o illustre amigo coronel Alfredo Gonçalves Moreira.

Aceitae os protestos de meu melhor apreço e admiração.

Joaquim Luiz Osorio."

Não desejando absolutamente commentar essa delicada missiva, deixamos aos leitores o trabalho de confrontal-a com os documentos já exhibidos e de julgarem da nossa deficiencia e infundabilidade de observação.

O Dr. Eduardo Cotrin

A Federação de sexta-feira ultima reproduziu um artigo do Snr. Dr. Cotrin, com o titulo — *O problema pecuario no Rio Grande do Sul* — no qual S.S., referindo-se á controversia renhida, que assistiu na 1.ª Conferencia Pecuaria, sobre a raça mais conveniente para a formação do nosso cavallo d'armas, declara-se partidario da ingleza, porém, propõe a chamada raça anglo-arabe para satisfazer as opiniões em questão.

Admiramos, francamente, as opiniões do articulista: Em primeiro logar a sua preferencia pela raça ingleza, para a formação do cavallo de guerra e logo em seguida a indicação do anglo-arabe, como candidato de conciliação.

Julgamos que a defesa nacional não deve depender de resoluções conciliatorias, para a formação do cavallo de guerra.

Considerando-se o cavallo inglez como o mais conveniente, pelas razões emittidas pelo Dr. Cotrin, elle deveria ser preferido e de nenhuma maneira outra qualquer raça, para satisfazer as opiniões oppostas, como succede em politica com os candidatos de conciliação.

Habituados a apreciar as judiciosas opiniões do Dr. Eduardo Cotrin, contidas no seu importante livro — *A Fazenda Moderna* —, extranhamos as suas manifestações sobre o cavallo de guerra e, dada a importancia deste magno assumpto, nos consideramos no dever de objectar aos fundamentos das suas opiniões.

No principio, ao formular a sua pergunta, affirma que o cavallo puro-sangue inglez está acclimatado aqui. Julgamos assaz aventurada tal affirmação; e mais adiante, em contradição a isto, aggrega: "Objecta-se ao cavallo inglez de ser muito artificial, como se qualquer animal, por mais antiga que seja a origem, não participasse das *modificações que o meio determina*". (o grypho é nosso.)

Este importante e fatal phenomeno se oppõe e se opporá á acclimatação do puro-sangue no nosso paiz.

Na verdade elle existe, porém, a sua conservação é como a da planta exotica que exige estufa.

O Dr. Assis Brasil effectivamente os produz, com os cuidados que elles tinham no paiz de origem.

Não tem conta as tentativas fracassadas, pretendendo criar a campo os productos do puro-sangue, e muito extranhamos que o Dr. Cotrin as ignore. De taes tentativas o resultado immediato foi a perda de volume, imprimida pela acção mesologica, e além disso, completamente as condições de sua especialidade.

Estes phenomenos para ninguem constituem novidade aqui no Rio Grande, e provam a falta de acclimatação do puro-sangue.

Allega o Dr. Cotrin: "o arabe não produz cavallos de 1m,53 de altura. Não sabemos qual a necessidade dessa altura. Nas compras para a remonta, aqui no Estado, se exige 1m,48; o major Muricy, referindo uma compra que effectuou no Paraná, por ordem do governo, diz que a altura regulamentar é de 1m,45, e o regulamento de Saycan institue 1m,46 para cavallos de 3 annos.

Na Allemanha, onde existem os "cavallos elephantes", a altura minima para a remonta, é de 1m,46. E' extranho que no nosso paiz, que possue o cavallo pequeno, o Dr. Cotrin pretenda a altura de 1m,53.

E accrescenta: "o puro-sangue possue qualidades de fundo." Sim, as possue, assim como o cavallo de tracção, assim como ellas são imprescindiveis para o cavallo de guerra. Parece que o Dr. Cotrin confundiu lamentavelmente esta qualidade; o fundo, no cavallo de corrida, só póde ser comparado com os de outros competidores, isto é, a capacidade de manter a velocidade na carreira em maior espaço de tempo; entretanto, o fundo do cavallo de guerra é a sua resistencia ao trote ou galope, durante vários dias, marchando indistinctamente de dia ou de noite, com pouco repouso.

Desta qualidade carece por completo o puro-sangue, cujo fundo consiste numa carreira durante alguns minutos.

Como se vê, a qualidade de fundo deste cavallo de nada serve para o cavallo de guerra.

As considerações que antecedem são applicaveis tambêm ao anglo-arabe, aconselhado pelo illustre articulista para cavallo de guerra.

Para este serviço temos o nosso insubstituivel cavallo crioulo, ponderado pelos europeus e despresado pelos dirigentes do nosso paiz, que esquecem as suas excellentes condições, e cuja prova se acha nas paginas da nossa historia; nas marchas da nossa cavallaria em tempo de guerra, a qual foi considerada por Garibaldi como a primeira do mundo.

Se comprehende que nesta affirmação tem grande parte a incomparavel resistencia do cavallo crioulo que, além da sua superioridade, é tambem mais economico.

D. M. Riet.

(Do jornal *A Federação*, de 21 de Fevereiro de 1918.)

Conclusão

Aos Poderes Públicos, a quem especialmente dedicamos este modesto trabalho, recommendamos a competente e autorisada opinião dos profissionaes uruguayo, chileno e argentino, Drs. José Pollero, Pedro Morandê Vicuña e Manoel Leclér.

Estes Snrs., além de possuirem um titulo universitario, sendo os dois primeiros militares, todos elles conhecem perfeitamente as bôas qualidades do cavallo crioulo, assim como as do puro-sangue de corrida.

Esta indispensavel condição os habilita, como verdadeiras autoridades, sobre a escolha do typo de cavallo conveniente para o serviço de guerra; e taes opiniões de maneira alguma devem ser confundidas com as nossas pretensas autoridades, diplomadas nos prados, nos torneios hippicos, nos salões, cafés, praças, etc: Nos referimos aos Snrs. membros da 11.ª Commissão, na Conferencia effectuada em maio do anno passado, que tiveram a infeliz ideia de recommendar ao Governo o puro-sangue de corrida como regenerador da nossa povoação equina e com cujo elemento se pretende obter a remonta para o nosso exercito.

Por mais que tenhamos já tratado deste assumpto, desejamos ainda frisar a incompatibilidade que existe entre a especialidade do cavallo de corrida e a que deve ter o cavallo crioulo, que de nenhuma maneira pódem harmonisar-se. Já citamos o descabellado propósito de quem, confiado na enorme qualidade de fundo da mula para tracção, pretendesse disputar nos prados a velocidade e resistencia do corredor inglez. Este de nenhuma maneira poderá disputar as respectivas qualidades de fundo da mula no serviço de tracção e do puro-sangue crioulo no serviço de guerra.

O futuro cavallo de guerra nada aproveitará dos favôres que o Governo acaba de conceder ao cavallo de corrida, enchen-

do os prados de garanhões de subido preço e repartindo prodigamente premios em dinheiro *a torto e a direito*.

A relação que existe entre o cavallo de corrida e o de guerra bem se póde comparar com aquelle conhecido problema arithmetico: "Se um vapôr de 4.000 toneladas e com a força de 1.200 H. P. anda 20 nós por hora, qual será o nome do seu commandante?"

Para que não se julgue que exageramos, citaremos o que nesse sentido refere o distincto zootechnista Dechambre, que sem dúvida está incluido no número das autoridades européas citadas pelos Snrs. da Conferencia citada, naquella *monumental* exposição.

Tratado de zootechnia, de P. Dechambre, volume II, pg. 584, com o titulo — Corridas —

"As carreiras planas, as carreiras de obstaculos e as carreiras ao trote, atrelado em vehiculo ou montado, se verificam em um grande número de hippodromos (em 1909 — 975 reuniões em 434 hippodromos) e recebem importantes subvenções, que emanam do Estado, das sociedades hippicas, dos departamentos e das cidades, das companhias e dos caminhos de ferro, etc.

Sobre as carreiras planas á galope rege a Sociedade de Fomento para a melhora das raças cavallares de França. As carreiras de obstaculos dependem dos regulamentos da Sociedade geral dos Steeple-chasés.

A Sociedade para a melhora do cavallo francez de meio-sangue occupa-se especialmente das carreiras ao trote."

Eis o único que este autor menciona sobre corridas, e tratando do melhoramento do cavallo francez nem se quér menciona os velozes corredores.

Do que antecede se comprehende que a taes provas de resistencia não são submettidos os corredores, como equivocadamente parecem julgar os Snrs. da *Commissão*.

No citado livro, pg. 583, tratando de concursos e de premios em dinheiro, tampouco se refere aos corredores: os primeiros são, na maioria, de éguas bôas reproductoras, e os segundos são destinados aos possuidores das melhores éguas e aos productos que tenham pelo menos ¼ de sangue arabe e puramente nacionaes.

Para demonstrar acabadamente a falta de consistencia contida na extrangeirista exposição apresentada pela mencionada commissão, transcrevemos o que no mesmo sentido refere o prof. Du Floth, no seu livro "Zootechnie — Races chevalines", pg. 20 e seguintes. Livro este publicado em 1916.

Influencia das corridas

Póde-se perguntar si estas instituições correspondem a seu objectivo real: pôr em evidencia os melhores cavallos de cada geração e designar os mais aptos para melhorar a população cavallar do nosso paiz. Este fim seria attingido si as provas do hippodromo estivessem mais em harmonia com os esforços que devem fazer os cavallos de cavallaria em pleno campo, e é duvidoso que assim seja.

Todas as criticas feitas contra a remonta das nossas coudelarias visavam a grande altura, a ligeireza de certos garanhões, que, apezar de terem feito uma porção de corridas das mais brilhantes, estavam abondonados pelos criadores. Os interessados reclamavam cavallos reforçados, baixos, dando a impressão da força e da resistencia, mais que a aptidão e a velocidade. Preferia-se o modelo, que póde todavia ser enganador, á qualidade demonstrada pela prova; pois que, salvo excepções, as provas realizadas em nossos campos de corridas não passam de provas de velocidade.

E' preciso não esquecer que os nossos cavallos de cavallaria devem carregar de 120 a 130 kilos e fazer grandes etapas nos tres passos. Não são evidentemente estas qualidades que são necessarias para triumphar no hippodromo.

Constata-se mesmo uma progressão no modo de allivio das cargas e diminuição dos percursos. As raras corridas que subsistiam ao programma da SOCIEDADE D'ENCORAJAMENTO (premio Rainbow, premio do CADRAN, premio do Gladiateur) nunca reuniam mais que um infimo numero de concurrentes. Demais os vencedores d'estas provas pertencem todos a algumas familias reputadas por sua resistencia. Este facto mostra o que se podia esperar d'uma modificação prudente, mas perseverante, do caracter das provas do hippodromo, cuja dotação deveria ser calculada de maneira a obrigar os

proprietarios a produzir cavallos de FORÇA de preferencia aos cavallos de velocidade (Visconde Martin du Nord).

Não haveria lugar de aggravar a severidade das provas reservadas aos cavallos novos que merecem attenção, mas podia-se judiciosamente crear provas longas, severas e largamente dotadas para os cavallos de 4 ou 5 annos.

As corridas de obstaculos poderiam tambem preencher esta funcção e dar excellentes garanhões de cruza, correspondendo ás concepções da Sociedade de encorajamento da creação do cavallo de guerra. Infelizmente a admissão dos cavallos castrados na maior parte das provas tem como resultado tirar á reproducção os melhores potros d'esta especialidade.

As corridas a trote soffrem a mesma evolução lamentavel. Destinadas a principio a seleccionar cavallos de tracção, effectuadas em percursos raramente menores de 4.000 metros, approximavam-se mais a corridas communs e resultavam na producção de trotadores quasi de sangue, de muito bôa qualidade, excellentes para dar outros trotadores de hippodromo, mas, menos qualificados para fornecer em sua descendencia bons cavallos de sélla ou de serviço. Fóra das regiões de criação do cavallo de corrida os garanhões de qualidade eram muitas vezes desprezados em proveito de outros mais communs, mas correspondendo melhor ao typo de collocação facil e utilisação certa (GOBERTT, O cavallo de Corrida, 1910, 1 vol. 87).

A administração das coudelarias deveria seguir os resultados das compras da remonta do exercito em nossos departamentos, pois que pretende não ter outro fim senão o abastecimento d'estas remontas. O numero de cavallos adquiridos para a remonta do exercito nos departamentos variava (em 1914), por cabeça de garanhão de sangue, tendo feito a monta, de 0 para a Saboia a 16 para o "Tarn-et-Garonne" e 22 para o Calvados.

Em uma quarentena de departamento o numero de cavallos adquiridos para o exercito era, senão igual, ao menos inferior ao numero de cavallos de sangue que ahi faziam a monta. Estes garanhões não effectuavam sinão um numero de coberturas insufficiente e seus productos rejeitados pelos officiaes da remonta se mostravam defeituosos e difficilmente utilisaveis para a agricultura.

Na transcripção que antecede se terá notado a inutilidade da façanha de corredores de prados, para a producção do cavallo de guerra.

Chamamos a preferente attenção para os productos de uma quarentena de departamentos, filhos de puro-sangue, recusados pelos officiaes e que não serviam para a agricultura. Tal facto justifica plenamente o que affirmamos sobre a inutilidade do puro-sangue corredor e de seus productos para o serviço da cavallaria e de tracção.

No artigo publicado pelo nosso amigo Dr. Eurico de Oliveira Santos, n'*A Federação* e que aqui reproduzimos, elle mencionou a opinião do Snr. Santini, auctor daquella celebre affirmação: "O puro-sangue é um animal aristocrata, que veste flanella e toma champanhe."

Referimos a opinião do zootechnista Dechambre e do prof. Du Floth.

Este, como se viu, menciona, no mesmo sentido, as opiniões do Visconde Martin du Nort e Gobertt.

Como se vê, o puro-sangue como factor para o cavallo de guerra é combatido por cinco francezes e cuja autoridade julgamos que os Snrs. da Commissão não ousarão desconhecer.

Do que antecede facilmente se deprehende que a Commissão não esteve acertada na sua exposição: Santini éra militar; Du Floth e Dechambre são inegaveis autoridades, não só na França como até mesmo no extrangeiro; portanto, as suas opiniões deviam estar incluidas nas "maiores autoridades em hippologia, a experiencia dos institutos officiaes de instrucção militar, na França."

Si assim foi, a Commissão uzou de parcialidade silenciando taes opiniões; e se dellas prescindiu, comprometteu sériamente a sua affirmação ao referir-se *ás maiores autoridades,* etc.

Resumindo o que consignamos neste folheto, chegamos á seguinte conclusão:

A Inglaterra, reconhecida como mestra na perfeição da criação equina, no seu paiz não tinha cavallaria; para os seus soldados, nas suas colonias, ella utiliza os respectivos cavallos indigenas, não tendo até o presente a peregrina pretenção de melhoral-os com o concurso do seu veloz puro-sangue, e tampouco tem empregado estes nas suas guerras, a excepção da actual, que talvez o fizesse em falta de outros.

A França, ao que sabemos, desde tempos escolheu o anglo-arabe como reproductor para o cavallo de guerra; entretanto,

o nosso governo, mais realista que a propria mestra, pretende melhorar o nosso incomparavel cavallo com o concurso do veloz corredor.

Em tal sentido derrama-se dinheiro, adquirindo garanhões cujo preço oscilla entre 10 e 20 contos, para produzir um cavallo imprestavel, delicado e exigente. Os garanhões crioulos custam de 200 a 300 mil réis; produzem cavallos de provada excellencia para o serviço de guerra, rusticos e sóbrios. Na criação do corredor inglez, segundo os relatorios da criação de Saycan, a sua reproducção é apenas de 15 a 20 por cem éguas de ventre. Os crioulos reproduzem de 80 a 90 %.

Ha quem affirme, em defesa do puro-sangue, que não se quer este para o serviço de guerra, e sim os mestiços, os meio-sangue. A isto arguimos existir engano: a criação nova naquella Coudelaria é actualmente pelo menos de meio-sangue inglez.

Continuando a *tambôr batente* o enthusiasmo por esta raça e utilizando a nova importação de garanhões, resultantes da Lei Macedo Soares, os productos de taes garanhões na dita Fazenda serão já de ¾ e ⅞. Continuando dito enthusiasmo em mais duas ou tres gerações, os cavallos para a remonta, fornecidos por aquella criação, serão $^{15}/_{16}$, $^{31}/_{32}$, ou seja, inglezes puros por cruzamento.

Prescindindo da nossa humilde opinião, se o conjuncto de opiniões reunidas neste trabalho não têm mérito, para que os Poderes Públicos meditem sériamente sobre este magno problema; se os cavallos inglezes, imprestaveis para o serviço de guerra em paizes mais adiantados, devem ser utilizados aqui; e, finalmente, se nos esforçamos em vão, se perdemos o tempo inutilmente compilando o que aqui consignamos, resta-nos ao menos a satisfação do dever cumprido, ao emprehender este modesto trabalho, com a ideia, quiçá pretenciosa, no único interesse de servir ao Paiz.

Para terminar commentamos ainda duas opiniões externadas no *Diario do Interior*, de Santa Maria:

Uma, da propria redacção, e a outra, de um Snr. Theophilo de Azevedo, e para cujo effeito reproduzimos a primeira, tanto mais por conter ella o texto da Lei de protecção ao puro-sangue

A criação do cavallo

Já está convertido em lei do paiz e, portanto, em pleno vigor, o projecto apresentado em fins do anno passado pelo deputado Snr. Macedo Soares, visando proteger a criação cavallar nacional.

E' bem o caso de dar parabens á "elevage" indigena que recebe com esse auxilio um poderoso incentivo capaz de elevar a pecuaria á culminancia que lhe cabe como factor economico de alta valia.

Pelo que estabelece a lei, serão distribuidos em premios 225:000$000 no exercicio corrente, nesta capital e nos Estados criadores, e não é difficil imaginar o alcance incalculavel que essa importante somma terá no progredimento do hippismo no Brasil.

Da lei n. 3.554, de 6 do corrente, fixando a despeza geral da Republica para 1918, transportamos para estas columnas os dispositivos referentes ao assumpto.

Art. 101 — O governo auxiliará a creação nacional e a importação do cavallo puro-sangue por intermedio das sociedades de corridas hippicas da capital da Republica e dos Estados criadores, incumbindo á Commissão Central dos Criadores a fiscalização desse auxilio, que correrá por conta da alinea X da verba 1.ª do respectivo orçamento.

Art. 102 — Só poderão distribuir os premios instituidos na capital da Republica as sociedades que organizarem provas classicas ou grandes premios destinados a animaes nacionaes com a dotação total minima de 60 contos aos vencedores em primeiro lugar, mantendo os programmas de todas as suas reuniões ordinarias ou extraordinarias, pelo menos dois pareos destinados a animaes nacionaes independentemente das provas classicas ou grandes premios constantes dos mesmos programmas.

Art. 103 — Serão reservados aos animaes nacionaes da turma de dois annos oito premios de cinco contos na distancia de 1.000 metros, sendo successivamente eliminados da inscripção os vencedores em primeiro lugar em qualquer dos prados da Capital.

Paragrapho 1.º — Serão deduzidos desses premios 10 % destinados ao criador do animal vencedor.

Paragrapho 2.º — As entradas e inscripções dessas provas

e de um modo geral de todas as provas custeadas pelo Ministerio da Agricultura, serão integralmente reservadas aos premios dos animaes segundo e terceiro collocados na proporção de 2 para 1.

Art. 104 — Um grande premio de 25 contos denominado *Taça dos Productos*, será disputado na milha pelos animaes collocados em 1.º, 2.º e 3.º lugares nas provas eliminatorias referidas no artigo 109.

Paragrapho único — Um premio especial de cinco contos será reservado ao criador do animal vencedor da *Taça dos Productos*.

Art. 105 — Um grande premio de quinze contos denominado *Presidente da Republica* será destinado aos animaes nacionaes de quatro annos na época de inscripção na distancia de 3.000 metros.

Art. 106 — Um grande premio de 10 contos denominado *Importação* será proporcionado aos animaes extrangeiros de dois annos, podendo concorrer os nacionaes da mesma edade na época de inscripção, com descarga de peso.

Art. 107 — Um grande premio de 20 contos, denominado *Taça Nacional* será destinado aos animaes extrangeiros que não tenham corrido em annos anteriores. A distancia será de 2.400 metros, pesos proporcionaes á edade, só podendo concorrer animaes de tres a seis annos. Os nacionaes poderão se inscrever com uma descarga de tres a cinco kilos para cavallos e éguas respectivamente.

Art. 108 — Duas provas classicas no valor de cinco contos cada uma serão reservadas ás éguas de qualquer edade importadas no anno ou no segundo semestre de cada anno anterior, não tendo corrido senão na estação sportiva em que forem as provas disputadas. Estes pareos serão corridos na milha com pesos proporcionaes á edade, podendo concorrer as éguas nacionaes com uma descarga de tres kilos.

Art. 109 — Cada uma das sociedades hippicas beneficiadas com os premios previstos nestas disposições legaes designará um delegado para funccionar na Commissão Central de Criadores do Cavallo Puro-Sangue, de que tambem fará parte um representante respectivo de cada governo de Estado creador de puro-sangue, que terá séde na capital da Republica, será presidida por um representante especial, nomeado pelo Ministerio da Agricultura.

Paragrapho 1.º — Compete a essa commisão, que funccio-

nará graciosamente, organizar e fiscalizar o "stud-book" nacional com o subsidio dos "stud-books" actualmente existentes, procedendo á inscripção official de todos os animaes de puro-sangue nacionaes e extrangeiros.

Paragrapho 2.º — Os veterinarios do Ministerio da Agricultura devem prestar, quando requisitado pela Commissão Central dos Criadores, o seu concurso aos trabalhos de verificação e fiscalização do "stud-book" nacional.

Paragrapho 3.º — Compete mais á Criação Central dos Criadores do Cavallo Puro-Sangue fiscalizar a distribuição e applicação dos premios officiaes, decidindo de accôrdo com as directorias das sociedades hippicas todos os detalhes relativos á execução desta lei.

Art. 110 — A Commissão Central dos Criadores do Cavallo Puro-Sangue organizará annualmente uma lista das éguas importadas e premiará com 12 a 8 contos os importadores, segundo um programma que organizará annualmente de accôrdo com as necessidades da criação nacional.

Art. 111 — O Poder Executivo conferirá ás sociedades de corridas dos Estados que se propuzerem a distribuir annualmente com os proprios recursos tres premios pelo menos de tres contos de réis cada um, para animaes nacionaes, dois grandes premios denominados: *Taça dos Productos* e *Taça Nacional*, no valor de dez contos de réis cada um.

Paragrapho único — Com esses premios, que não pódem exceder de vinte contos para cada Estado, fica o governo autorizado a dispender até cem contos de réis por anno.

RESUMO DOS PREMIOS:

Oito provas eliminatorias na distancia de 1.000 metros, a 5:000$000	40:000$000
Taça dos Productos	25:000$000
Premio especial ao criador do vencedor	5:000$000
G. P. Presidente da Republica	15:000$000
G. P. Importação	10:000$000
Taça Nacional	20:000$000
Dois grandes premios para éguas de qualquer edade, a 5:000$000	10:000$000
Dez premios de dez contos para os Estados criadores	100:000$000
Total	225:000$000

Já mencionamos a opinião dominante entre a gente de cidade, habituada a ver a bella estampa das raças européas puchando carro, em passeio ou nos prados, cavallos estes bem alimentados e cuidados com esmero, não havendo nada a extranhar que a opinião de um jornalista seja favoravel ao puro-sangue de corrida.

As autorisadas opiniões em contrario, contidas neste folheto, julgamos mais que sufficientes para destruir a opinião de um jornalista, que, publicando a respectiva Lei, justifica as nossas affirmações sobre a prodigalidade com que o Governo esparrama inutilmente o dinheiro da Nação para um fim unicamente de luxo, ou seja, o prazer dos prados.

Como julgamos haver demonstrado, a protecção ao hippismo nada tem que ver com o melhoramento do nosso cavallo de guerra. Ao proteger o luxo á custa dos cofres publicos, o illustre Presidente desvia-se em absoluto do seu patriotico appello, aconselhando parcimonia nas despesas.

Já combatemos a opinião do Snr. major Muricy, que, pretendendo defender o puro-sangue de corrida, o classificou de *machina delicada*, extendendo-se em grande apologia ao cavallo crioulo e demonstrando até que elle é susceptivel de grande melhoramento pelo processo da selecção; alimentando-os devidamente, como se faz com os *delicados* puro-sangue de corrida e seus descendentes. No mesmo estylo o Snr. Theophilo de Azevedo com o proposito de ponderar a raça de corrida, nos offerece a melhor prova contra a mesma raça, como adiante o demonstraremos.

S.S. pondera a criação do puro-sangue na Argentina, confundindo lamentavelmente a especialisação do puro-sangue; pois, nada demonstrou para provar que este paiz tem bom cavallo de guerra. Além do que reproduzimos do Dr. Leclér, do Snr. Ricardo Hogg e de varios, reproduzimos o que, no mesmo sentido acaba de publicar o competente criador argentino, Snr. Carlos Guerrero, um opusculo intitulado — *Prover es Gobernar* — pag. 47:

"O util e resistente cavallo crioulo, cheio de admiraveis condições para a guerra e para a defesa nacional, quasi que tem desapparecido do territorio argentino, pelo abandono que delle tem feito os fazendeiros, e porque os ministros da guerra nada têm feito para estimular a sua conservação, melhorar a selecção ou para substituil-o com vantagem por outra variedade

de raça superior, no caso que esta já exista no paiz formada por algum criador.

Por este motivo, triste e vergonhoso é reconhecer e declarar que carece o Exercito Argentino da bôa qualidade de cavallos que necessita para seu serviço e para as funcções da guerra, neste paiz onde tanto se blasona dos progressos, alguns incertos, da sua gadaria e onde se pagam preços fabulosos por reproductores de corrida.

Problema é este de verdadeiro interesse nacional e cuja acertada e conveniente solução deve preoccupar tanto os criadores argentinos como aos legisladores nacionaes; pois, nelle vão envolvidos não só os interesses da gadaria, como também os da defesa nacional."

Como se vê, corremos parelhos com os nossos amigos argentinos sobre o problema da remonta e sobre este facto chamamos a attenção dos Snrs. redactores d'*A Noticia*, do Rio, que, como o Snr. Theophilo de Azevedo, julgam erroneamente a Argentina em melhores condições sobre o cavallo de guerra:

Damos em seguida o artigo deste Snr., contido no *Diario do Interior*, de Santa Maria, do dia 5 de março, e em seguimento, o que lhe contestamos pelas columnas d'*A Federação*, no dia 8 do mesmo mez:

A criação do puro-sangue

Por proposta do illustre deputado Macedo Soares, resolveu o Congresso habilitar o governo a favorecer, no corrente exercicio, a importação e a criação nacional do cavallo puro-sangue.

Para esse fim instituiu diversos e valiosos premios pecuniarios e creou uma commissão especial, constituida pelos criadores dos animaes daquella nobre raça e pelos delegados dos governadores dos Estados, onde se faz a criação do thoroughbreed, sob a presidencia do representante da Agricultura.

A essa commissão incumbe, além da tarefa de fiscalizar a applicação e distribuição dos premios instituidos, a de organisar o Stud-Book Nacional do Puro-Sangue, registo esse até aqui mantido pelas sociedades hippicas.

Ninguem póde sériamente contestar a utilidade e opportunidade dessas medidas no actual momento, em que o governo

tão preoccúpado se mostra com a efficiencia do apparelhamento militar do paiz.

Effectivamente, os esforços até aqui dispendidos e a obra já realisada estariam diminuidas em seus effeitos se, ao lado da conscripção e do preparo do material bellico tambem não se cogitasse da producção do cavallo de guerra.

Tanto quanto o canhão e o fusil, o cavallo é arma de combate.

Naturalmente a sua importancia tende a diminuir, e mesmo a desapparecer, á medida que se aperfeiçoarem os meios mechanicos de locomoção.

Entretanto, no momento, ainda é preponderante.

Ora, no consenso dos melhores technicos, para o cruzamento com as éguas indigenas e para a consequente producção do meio-sangue sadio, forte, energico, intelligente e veloz, tal como se requer no serviço das armas, o genitor por excellencia adequado é o "race horse".

Logo, animar a producção do puro-sangue é, em ultima analyse, cooperar para a producção do cavallo de guerra, e por esse modo, prover a necessidade da defesa nacional.

A intervenção do Estado no assumpto é, pois, inatacavel e inspirada em moveis superiores.

No Brasil a criação do puro-sangue está longe de ter a importancia a que attingiu na Argentina.

Os productos dos haras platinos, como é sabido, têm figurado com brilho nos prados europeus.

Aliás, os criadores argentinos não medem sacrificios para elevar o nivel da criação no paiz.

Varios longos premios de Long-Champ e d'Epson foram importados pela Argentina e adquiridos por preços fabulosos.

Os nossos visinhos occupam, dentre os paizes criadores do puro-sangue, o terceiro logar, tendo deslocado os Estados Unidos, depois que nessa Republica se prohibiu o jogo nas corridas.

Entre nós, póde-se dizer que aquella industria constitue ainda sport de luxo, praticado por um reduzido numero de abastados patricios domiciliados no Districto Federal e nos Estados de S. Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Isso se explica pelo facto de ser o thoroog-breed um animal aristocrata e exigente e, por isso mesmo, cara e difficil sua criação e *entrainement*.

Lord Rosebery, ex-primeiro ministro inglez e proprietario

de um dos mais importantes *studs* da Grã-Bretanha, disse que a criação do puro-sangue era tão custosa e insegura que os exitos comparados ás decepções estavam na proporção de um para cem.

Os governos de quasi todos os paizes do continente europeu achavam-se constantemente preoccupados em elevar o nivel da producção do corredor inglez para o effeito da melhora das raças equinas.

Em França, o assumpto está deferido á competencia de uma commissão especial — a administração dos haras, subordinada ao Ministerio da Agricultura.

Mantem tal serviço mais ou menos nos moldes adoptados pela França, Allemanha, a Russia e a Italia.

Nesses paizes, ao lado da direcção dos haras, acha-se o Conselho Superior organisado mais ou menos nos moldes da nossa Commissão Central de Criadores encarregada de fiscalizar o Stud-Book e a inspirar e aconselhar a administração sobre tudo quanto se relacione com o melhoramento das raças equinas.

A Directoria de Industria Pastoril, a qual entre nós se acha affecto este serviço, não lhe tem podido dar a attenção que o mesmo requer.

Nada ha a extranhar no caso, porquanto lhe compete enfrentar e resolver o complexo problema do refinamento do gado de todas as especies disseminado pela vastidão do territorio, da defesa sanitaria de tão numeroso rebanho.

A logica e a experiencia estão aconselhando a divisão do trabalho e a especialisação de funcções.

O governo terá forçosamente de crear um departamento especial para o fomento da producção no paiz.

Desse novo departamento, está destinada a ser autorisada conselheira a Commissão Central de Criadores do Cavallo Puro-Sangue, em bôa hora instituida pela vigente Lei da despesa.

A sua creação foi acolhida com sympathias por quantos entre nós, por dilettantismo ou dever de officio, se interessam pelo progresso do hippismo.

E' possivel que, com a intervenção poderosa do governo, uma nova éra de franca prosperidade se abra á criação nacional do puro-sangue e que por outros Estados, além daquelles acima enumerados se dilate a area geographica da sua producção.

Precisamos nos libertar da tutela extrangeira em materia de acquisição de bons reproductores e o meio para chegarmos a esse resultado é crial-os aqui.

Meus votos são para que alguma coisa de pratico e util resulte para o paiz da execução das medidas votadas pelo Congresso no intuito de fomentar a producção do puro-sangue entre nós.

Theophilo de Azevedo.

A criação do puro-sangue

Com o titulo acima o Snr. Theophilo de Azevedo publicou no *Diario do Interior*, de Santa Maria, do dia 5 do corrente, uma apologia á criação do puro-sangue de corrida, julgando-a necessaria para a defesa nacional.

Para desfazer o castello do seu idealismo, sobre a conveniencia nacional a criação do corredor inglez, bastam as proprias affirmações do articulista, como passamos a demonstrar:

Referindo-se ao pouco exito da criação do puro-sangue, entre nós, diz: :Isso se explica pelo facto de ser o thoroughbread úm animal aristocrata e exigente e, por isso mesmo, cara e difficil sua criação e *entrainement*. Lord Rosebery, ex-primeiro ministro inglez e proprietario de um dos mais importantes *studs* da Grã-Bretanha, disse que a criação do puro-sangue era tão custosa e insegura que os exitos, comparados ás decepções, estavam na proporção de um para cem."

Todos sabem que o cavallo de guerra deve ser sóbrio e rustico e que deve possuir em alta escala a qualidade de fundo. Um animal *aristocrata e exigente*, que equivale a *delicado*, de nenhuma maneira poderá offerecer productos que possuam as qualidades exigidas para o serviço de guerra.

O que disse Lord Rosebery, destróe por completo e inutiliza toda e qualquer tentativa da criação da raça de corrida entre nós, o que, aliás, é justificado pelas centenas de fracassos e decepções dos criadores do Estado dos quaes apenas dous ou tres têm conseguido productos de mérito.

Sendo real que no paiz de origem a criação do puro-sangue é insegura, sendo a proporção dos exitos apenas de 1 %, será, sem duvida, temeridade e inutil esforço procurar conseguir taes exitos no nosso meio, completamente differente. Tal ideia equivale a pretender que a corrente dos rios se volte para as alturas, o que é simplesmente um impossivel.

Accresce ainda mais que o projecto do Snr Macedo Soares, ainda que indirectamente e impropriamente se refira ao cavallo de guerra, tem por fim favorecer os prados e amantes de corridas. No mesmo sentido o articulista menciona os exitos da criação na Argentina, que, diz, tem produzido excellentes corredores; porém, é necessario não *confundir as pulgas com os piolhos*. A Argentina, apezar dos seus progressos na pecuaria e de variados cruzamentos na raça equina, ainda não conseguiu o desejado typo de cavallo de guerra, a não ser o insubstituivel puro-sangue-crioulo. A prova desta affirmação está no fracasso dos bellos mestiços que o nosso governo comprou naquelle paiz, assim como do escolhido lote que o governo argentino mandou de presente ao governo de França.

O puro-sangue de corrida é um animal especializado através de dois seculos, para o único fim de corridas; a sua qualidade de fundo consiste em conservar, na maior distancia, a sua velocidade durante alguns minutos. Este fundo é completamente inapplicavel ao cavallo de guerra. A mula, por exemplo, é o animal dotado de maior fundo para o serviço de tracção, entretanto seria ridiculo e irrisorio que alguem pretendesse utilizar este grande fundo para disputar nos prados a velocidade dos corredores por excellencia: *cada macaco em seu galho*.

Diz o articulista: "Ninguem póde sériamente contestar a utilidade e opportunidade dessas medidas no actual momento", etc. Estas medidas são a importação de garanhões caros e o derramamento do dinheiro da Nação, á mão cheia, nos prados e nas criações da raça exotica!

Concordamos com o articulista, naquillo de não se poder contestar sériamente etc. e, terminamos com a seguinte anecdota, originaria de Santa Maria:

Um camponez, surtindo-se em uma casa de negocio, perguntou se tinha cartucho ou bomba de dynamite para matar peixe. O commerciante, com a maior seriedade, respondeu:

— Não, senhor; porém temos cachimbos.

D. M. Riet.

Damos, finalmente, a opinião de um illustrado criador uruguayo, a qual teve o merito de ser traduzida especialmente para o importante Almanak do Snr. Alfredo Ferreira Rodri-

gues, correspondente ao anno de 1907, que, por casualidade descobrimos nestes dias, lamentando não tel-a incluido no capitulo referente ao Uruguay. A dita opinião confirma o que expressamos em referencia a que nada tem que ver a especialização do cavallo de corrida com a que deve ter o cavallo para o serviço das estancias, que é identico ao de guerra.

Convém notar que o Snr. Young é descendente de inglez; entretanto, manifesta-se contrario á perniciosa anglo-mania que domina os dirigentes do nosso paiz.

Este Snr. conhece o cavallo crioulo e o puro-sangue de corrida, dispondo de sufficiente base para emittir opinião de mais valor do que a proclamada pela Commissão 11.ª e do que as autoridades européas, que desconhecem por completo o cavallo crioulo e as suas bondades.

Eil-a:

A nossa cavalhada

"O sopro do progresso que enfuna hoje o nosso paiz, fazendo prever um aureo futuro, exige a fundação de muitas novas industrias, necessita o melhoramento dos elementos crioulos, com o auxilio dos quaes conta hoje o nosso sólo.

Porém se a sciencia, a experiencia e a prudencia são, em todos os casos semelhantes, qualidades tão indispensaveis, podemos dizer que o são ainda muito mais quando se trata de renovar os elementos de trabalho de um paiz.

E', pois, muito facil equivocar-se, e creio que é o que tem succedido desde que os cavallos inglezes de carreira estão sendo introduzidos em nossos campos.

Estes equideos formam uma variedade da raça asiatica, communmente chamada raça arabe.

O cavallo inglez de carreira corre muito ligeiro, ninguem o ignora, porém todo o mundo deve saber que, tirando-lhe essa funcção especial, não dá nem póde dar jamais um bom resultado.

Estes animaes só servem para correr um curto espaço em muito pouco tempo. Têm uma funcção especial e não pódem ter outras bôas simultaneamente.

Quem quizer empregar uma mesma ferramenta para varios trabalhos distinctos, não poderá fazel-os bem. Uma torquez serve

para arrancar pregos, porém, desejando-se martellar com ella, não poderá comparar-se nunca a um bom martello.

Os criadores inglezes têm conseguido activar a marcha de seus cavallos por meio de um exercicio graduado; os tem ido aperfeiçoando progressivamente pelos alimentos, pela educação e pela selecção mais escrupulosa para a reproducção. Tem o corpo mais comprido do que o do typo puro da raça, menos flexivel, seus movimentos são menos elegantes, seu femur se tem desviado, e essa alteração se tem tornado hereditaria; a direcção do femur, sendo menos obliqua, encomprida as coxas e, portanto, o passo do animal.

Não só movem os membros com mais ligeireza que os demais cavallos, como tambem em cada passo ganham um certo trecho.

A ligeireza tem sido, por conseguinte, augmentada, porém o fundo, a força de resistencia para a fadiga, tem diminuido consideravelmente.

Hoje os cavallos inglezes correm uma curta distancia, levam pouco peso e a somma de dinheiro que se aposta nelles é muito grande. Ha tres seculos esses cavallos corriam em condições completamente oppostas: corriam muito espaço, levavam muito peso e a somma de dinheiro apostada era pequena. Actualmente a maior parte destes animaes são truncados, nullos, debeis e de uma susceptibilidade nervosa excessiva.

Primeiramente estes animaes não serviam para correr; mais tarde o enthusiasmo foi tal, que os criadores, julgando-os aptos para varios usos, os cruzaram com muitas outras raças de equideos e isto foi a perda, o destroço de muitas cavalhadas.

Os cavallos limosinos, variedade da raça asiatica, eram muito bons animaes de andar; quando os parelheiros inglezes invadiram essa região franceza, pouco a pouco se alteraram de tal maneira os animaes limosinos, que os criadores abandonaram por completo essa industria.

Os productos que obtinham eram exemplares mal refundidos, de fórmas disparatadas, as partes pouco solidas, largas patas com articulações debeis, não podendo resistir a nenhum trabalho sério.

O mesmo succedeu com a cavalhada de Tarbes e com os antigos cavallos normandos; poderia citar muitos exemplos para provar a veracidade do que menciono.

O mesmo desastre nos succederá, se não protegermos por todos os meios possiveis a excellente cavalhada crioula que

possuimos. Excellente, porque corresponde completamente aos trabalhos que se fazem todos os dias nos campos.

Em nosso paiz precisamos de cavallos muito resistentes á fadiga e que andem ligeiro. Para os afazeres que o gado occasiona constantemente, nossos cavallos são immelhoraveis; uma pessôa corre nelles o gado durante muitas horas. Póde nelles fazer uma viagem de 15 a 16 leguas em um dia. Qual é o cavallo europeu que póde fazer o mesmo? Nenhum.

A modificação de nossos cavallos deve inquietar-nos tanto mais quanto que, para o cruzamento com os parelheiros inglezes, se escolhem justamente as mais bonitas éguas crioulas.

A nossa raça cavallar descende em linha recta dos cavallos andaluzes, que os primeiros conquistadores hespanhóes transportaram para a America. Estes ultimos animaes são e serão sempre os que darão melhor resultado em um paiz quente como o nosso; porque, vindo para esta região da America, esses cavallos se acham mais ou menos nas mesmas condições climatologicas que em sua area geographica originaria.

Em logar de ter que gastar uma parte mais ou menos consideravel de seus esforços em luctas contra as condições naturaes, como succede forçosamente com animaes de paizes frios, trazidos para aqui, estas, ao contrario, os secundam. Um animal posto em outro clima soffre pelas novas proporções de humidade, de luz, de calor, de pressão do ar que o rodeiam e o envolvem por todos os lados.

Todo o ser vivente necessita uma certa somma de calor; se esta é mais do que a necessaria, todas as funcções do animal se perturbam, diz Claude Bernard.

Uma luz viva activa as perdas da economia. Os animaes que vão de uma zona quente para uma fria morrem de tisica. Quanto á pressão, a mudança se torna muito mais sensivel: o animal nascido em um paiz plano não póde viver em um paiz montanhoso, sem morrer antes de tempo. O organismo, sahindo de suas aptitudes normaes e não podendo dobrar-se, quebra-se.

Isto succede quando as condições do clima são muito differentes; se a differença é pequena, o accommodamento póde fazer-se pouco a pouco.

Até hoje não se conhece um só exemplo de uma raça que se haja aclimado em uma região submettida a condições climatologicas muito diversas da sua propria area geographica.

Um animal collocado em um clima muito distincto do seu, trabalha para viver, em logar de viver para trabalhar. E demais, para terminar, as carreiras que se estabelecem em nosso paiz não são um feito de luxo, e muito menos de utilidade, senão uma instituição de jogo; por conseguinte, todo o verdadeiro patriota deve combatel-as.

Carlos Young (Montevidéo)

FIM